

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**JOSELAINÉ CAROLINE DA SILVA SANTOS**

**AFROCONSUMO:**  
práticas socioculturais da negritude

PORTO ALEGRE

2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**JOSELAINÉ CAROLINE DA SILVA SANTOS**

**AFROCONSUMO:** práticas socioculturais da negritude

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor (a) em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Nilda A. Jacks

PORTO ALEGRE

2023

### CIP - Catalogação na Publicação

Caroline, Joselaine  
Afroconsumo: práticas culturais da negritude /  
Joselaine Caroline. -- 2023.  
293 f.  
Orientador: Nilda Apararecida Jacks.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e  
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação,  
Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Afroconsumo. 2. Bordas midiáticas. 3. Consumo  
cultural. 4. Negritude. 5. Cultura negra. I. Jacks,  
Nilda Apararecida, orient. II. Título.

JOSELAINÉ CAROLINE DA SILVA SANTOS

**AFROCONSUMO: PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS DA NEGRITUDE**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor (a) em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 01/09/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Nilda A. Jacks – UFRGS**  
**Orientadora**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Lourdes Ana Pereira Silva – UNICEUMA**  
**Membro Externo**

---

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ceíça Ferreira (Conceição de Maria Ferreira da Silva) – UEG**  
**Membro Externo**

---

**Prof. Dr. Deivison Moacir Cezar de Campos – PUCRS**  
**Membro Externo**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Ana Carolina Damboriarena Escosteguy – UFRGS**  
**Membro Interno**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Laura Hastenpflug Wottrich Cougo – UFRGS**  
**Suplente**

*Para todas as mulheres negras,  
em especial à minha avó Rita,  
à minha mãe, Darlene,  
e à minha filha Linnea.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus orixás por me guiarem nesta jornada, sem eles eu não teria chegado até aqui.

À Linnea, minha filha, a razão do meu viver. Obrigada por compreender minhas ausências, obrigada por assistir às aulas e palestras comigo durante a pandemia e por me incentivar do teu jeitinho. Tu és minha fonte de amor e energia inesgotável. Em ti eu encontro forças para ser a minha melhor versão todos os dias.

À minha mãe, Darlene e aos Denis que sempre me apoiaram e acreditaram em mim quando nem eu mesma acreditei. Obrigada por me escutarem, me incentivarem e me animarem. Chego hoje aqui por causa do apoio e amor que vocês me deram e valores que vocês me ensinaram.

Ao meu pai, Karl, a pessoa que me inspirou, me apoiou, me fortaleceu e me oportunizou experiências maravilhosas, que me direcionou, me aconselhou e esteve presente sempre, mesmo que de longe. Jag älskar dej, Pappa!

Ao Julian, que embarcou nessa jornada comigo e me incentivou de todas as formas possíveis. Obrigada por todos os questionamentos, discussões, apontamentos e diálogos. Sem tua escuta, teu carinho, amor e companheirismo eu não teria chegado até aqui.

À Nilda Jacks, que me ensinou o significado de excelência, que me ensinou muito mais do que pesquisa, me ensinou a lidar com pessoas. Não tenho nem palavras para agradecer ao acolhimento, à insistência e à paciência.

À Priscila por ter feito minha inscrição no doutorado, por não ter soltado a minha mão em nenhum momento da minha vida. Obrigada por estar presente. Aos meus familiares por me apoiarem, principalmente à Deise, a maior afroconsumidora que conheço, e ao Denílson que emprestou sua genialidade para ajudar a problematizar a pesquisa.

Aos amigos, Enéias Brum, Muriel Felten e Tarcízio Macedo pelo apoio, questionamentos e incentivos. Obrigada por estarem comigo durante esta trajetória. À Valesca de Deus, por ser uma amiga que eu nem sabia que precisava. Ao Maurício Dornelles pelos debates e ao Wagner Machado pela acolhida. Ao Guilherme Libardi, Mirella Almeida, Luiz Castro e Isaías Fuel por serem grandes colegas. À Juliana Saul, uma grande amiga, que está comigo nesta caminhada acadêmica desde o mestrado.

À família Ferreira, em especial à Dona Carmem e Seu Vitor, por me apoiarem nesta jornada e por serem, em muitos momentos, mais que rede de apoio durante esta trajetória.

Ao coletivo Mães Pretas, por tudo. Palavras não são suficientes para agradecer a importância de vocês na minha vida e nesta pesquisa. Eu sou porque nós somos!

Aos diversos amigos e amigas que estiveram junto comigo durante essa caminhada. E, por fim, agradeço a todos e todas que vieram antes de mim, aos que cruzaram o meu caminho durante esta jornada, vocês contribuíram para que eu chegasse até aqui.

À CAPES, pelo financiamento desta pesquisa.

*Exu matou um pássaro ontem,  
com uma pedra que só jogou hoje.*

*Ditado iorubá*

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender as dinâmicas e motivações que levam jovens e adultos negros(as) às práticas de afroconsumo, assim como os reflexos nas configurações socioculturais da negritude, a fim de construir a definição do fenômeno do afroconsumo no âmbito cultural e midiático. Com base na noção de consumo cultural de García-Canclini (1995; 1997), foram realizadas abordagens e reflexões acerca das práticas de consumo de pessoas negras no âmbito da cidadania, identidade e cultura negra. Em uma abordagem qualitativa, utilizamos a técnica de relatos de vida para coletar os dados empíricos, que foram sistematizados através dos softwares Nvivo e Iramuteq. Os resultados revelam que as práticas de consumo de sujeitos que privilegiam as premissas identitárias da negritude durante suas atividades alcançam o âmbito sociocultural do consumo, e com isso dão forma à prática de afroconsumo. Em paralelo, através das observações sobre as práticas dos indivíduos e articulação com os inúmeros atravessamentos comunicacionais que envolvem a mídia, o discurso e o consumo midiático, constatou-se que, na atualidade, muitas práticas de afroconsumo têm sido popularizadas através das bordas midiáticas – importante conceito proposto aqui, que trata sobre o espaço comunicacional que compreende debates, disputas e atividades das instituições e participação de atores sociais diversos, enquanto estratégia efetiva de enfrentamento às lógicas do racismo na sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Afroconsumo. Bordas Midiáticas. Consumo Cultural. Negritude. Cultura Negra.

## ABSTRACT

The aim of the thesis herein is to understand the dynamics and motivations that lead black young adults and adults to black consumption practices, as well as the reflexes in negritude social and cultural setup, in order to build the definition of the black consumption practice within a cultural and mediatic scope. Based in the cultural consumption perspective of García-Canclini (1995; 1997), approaches and reflections have been made regarding black people consumption practices concerning citizenship, identity, and black culture. The life reports technique has been used in a qualitative approach in order to collect empirical data that have been systematized using Nvivo and Iramuteq softwares. The results show that the consumption practices of subjects that entitle identity premises of the negritude during their activities reach the social and cultural scope of consumption, which comprise the black consumption practice. Concurrently, the proposition of the mediatic boundaries concept has been developed through reflections on media, discourse, and mediatic consumption, the counterhegemonic communicational space comprised by debates, disputes, and activities from institutions and social actors that are outside the mediatic agenda. Thus, the development of the black consumption theory is therefore presented as an effective strategy to face the logic of racism in Brazilian society.

**Keywords:** Afroconsumption. Media Borders. Cultural Consumption. Blackness. Black Culture.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Imagem de uma postagem da página do Facebook Geledés Instituto da Mulher Negra .....	68
<b>Figura 2</b> – Imagem de postagem da página do Facebook Blogueiras Negras .....	69
<b>Figura 3</b> – Imagem da reportagem do jornal Gaúcha ZH (online) .....	69
<b>Figura 4</b> – Ruth de Souza na novela Passos do Vento (Rede Globo, 1968) .....	96
<b>Figura 5</b> – Henrique Alves de Mesquita .....	106
<b>Figura 6</b> – Maria Auxiliadora .....	114
<b>Figura 7</b> – capa do disco de vinil <i>Cuban Soul</i> , de Cassiano .....	123
<b>Figura 8</b> – Jovelina Pérola Negra .....	133
<b>Figura 9</b> – Elizeth Cardoso .....	140
<b>Figura 10</b> – Patápio Silva .....	149
<b>Figura 11</b> – capa LP Jamelão, de Jamelão .....	155
<b>Figura 12</b> – capa do vinil O samba é Elza Soares (1961) .....	162
<b>Figura 13</b> – Zózimo Bulbul .....	169
<b>Figura 14</b> – Carimbo comemorativo lançado em Homenagem ao Sesquicentenário de nascimento de Maria Firmina dos Reis .....	178
<b>Figura 15</b> – Wilson Tibério .....	185
<b>Figura 16</b> – Análise de Similitude classe alta .....	194
<b>Figura 17</b> – Análise de Similitude classe média .....	204
<b>Figura 18</b> – Análise de Similitude classe baixa .....	214
<b>Figura 19</b> – Análise de Similitude comparativa .....	224

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Mapeamento de teses e dissertações sobre afroempreendedorismo .....	43
<b>Tabela 2</b> – Coocorrências de palavras classe alta .....	195
<b>Tabela 3</b> – Coocorrências de palavras classe média .....	205
<b>Tabela 4</b> – Coocorrências de palavras classe baixa .....	215

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Perfis dos interlocutores .....	84
<b>Quadro 2</b> – Coleta de dados .....	89
<b>Quadro 3</b> – Categorias de análise por classe e raça .....	91
<b>Quadro 4</b> – Termos utilizados para exploração no <i>Nvivo</i> .....	92
<b>Quadro 5</b> – Práticas socioculturais dos interlocutores .....	94
<b>Quadro 6</b> – Práticas socioculturais Ruth de Souza .....	104
<b>Quadro 7</b> – Práticas socioculturais Henrique Alves de Mesquita .....	112
<b>Quadro 8</b> – Práticas socioculturais de Maria Auxiliadora .....	121
<b>Quadro 9</b> – Práticas socioculturais de Cassiano .....	130
<b>Quadro 10</b> – Práticas socioculturais de Jovelina Pérola Negra .....	137
<b>Quadro 11</b> – Práticas socioculturais de Elizeth Cardoso .....	146
<b>Quadro 12</b> – Práticas socioculturais de Patápio Silva .....	153
<b>Quadro 13</b> – Práticas socioculturais de Jamelão .....	160
<b>Quadro 14</b> – Práticas socioculturais de Elza Soares .....	166
<b>Quadro 15</b> – Práticas socioculturais de Zózimo Bulbul .....	175
<b>Quadro 16</b> – Práticas socioculturais de Maria Firmina .....	182
<b>Quadro 17</b> – Práticas socioculturais de Wilson Tibério .....	190

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Autodeclaração racial dos interlocutores .....	231
<b>Gráfico 2</b> – Consumo de conteúdos e produtos com reflexões de raça .....	233
<b>Gráfico 3</b> – Motivação para seguir perfis de temática negra nas redes sociais .....	235
<b>Gráfico 4</b> – Temas frequentes buscados nas redes sociais .....	237
<b>Gráfico 5</b> – Práticas interacionais nas redes sociais .....	238
<b>Gráfico 6</b> – Museus .....	240
<b>Gráfico 7</b> – Filmes com temáticas negras .....	241
<b>Gráfico 8</b> – Influência familiar no consumo musical .....	244
<b>Gráfico 9</b> – Religião .....	247

## **PREFÁCIO**

*Acredito que a primeira coisa que deve ser escurecida nesta pesquisa, é que ela não me pertence, ou sequer foi realizada apenas por mim. Essa pesquisa é fruto de uma caminhada em diálogo com orixás, ancestrais e pessoas negras que vieram muito antes de mim, e, também com pessoas que têm em comum um propósito de vida, a igualdade.*

*Para além disso, essa investigação foi pensada com diversas pessoas negras e não-negras, doutores, mestres, graduados, amigos, pensadores e profissionais de diferentes áreas que se dispuseram a pensar junto comigo, que me questionaram, que tensionaram o tema, que concordaram e que discordaram. E, é exatamente por isso que afirmo e atesto que, essa pesquisa não me pertence, arrisco a dizer que a sua articulação é de minha autoria, mas que as ideias são de toda a comunidade negra brasileira.*

*Esse estudo é resultado de uma luta coletiva de diversos sujeitos que conscientemente, ou não, colaboram para que o movimento negro continue vivo em diferentes espaços e cenários. Portanto, meu primeiro movimento precisa e será de agradecimento a todos aqueles que são verdadeiramente antirracistas e que compreendem que a ciência é um importante pilar de desenvolvimento da sociedade, e que, através dela é possível mudar vidas.*

*Posto isso, alerto que alguns momentos dessa tese serão desenvolvidos em primeira pessoa, muito questionada por mim mesma e provavelmente por muitos pesquisadores. Contudo, faço isso pois tenho três objetivos neste movimento: o primeiro porque eu sou parte da comunidade que investigo, segundo porque busco fazer uso de um vocabulário objetivo e acessível buscando construir uma ponte de diálogo e reflexão com sujeitos diversos, com acadêmicos e não-acadêmicos e percebo que histórias orais tornam a leitura mais dinâmica e atraente, e por fim, porque essa tese também é uma escrevivência. Por fim, é válido ressaltar que nenhuma das informações contidas apresentadas são fruto da minha opinião, ou do senso comum. Antes de qualquer coisa, o que está sendo apresentado aqui são os dados oriundos de uma pesquisa científica.*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>1. ENTRE PARADIGMAS E INSURGÊNCIAS: a reflexividade da pesquisa no processo de produção de conhecimento</b> .....	23
<b>2. AFROCONSUMO: considerações iniciais</b> .....	28
2.1. Apontamentos sobre consumo, mercado e ascensão social .....	31
<b>3. CONSUMO CULTURAL: especificidades e interdisciplinaridade</b> .....	36
<b>4. A PREMISSA DO AFROCONSUMO</b> .....	45
4.1. Lapidando o fenômeno: diálogo e perspectivas .....	45
4.2. Afroempreendedorismo: estado da arte .....	48
4.3. Afroempreendedorismo: um movimento intrínseco ao afroconsumo .....	54
<b>5. CULTURA E IDENTIDADE: uma ponte entre a negritude e o afroconsumo</b> .....	58
5.1. Afroconsumo: uma prática de cidadania .....	58
5.2. Usos e sentidos do prefixo afro .....	61
5.3. A influência do movimento negro nas práticas culturais da negritude brasileira .....	66
<b>6. CONSUMO MIDIÁTICO: A CAMINHO DAS BORDAS</b> .....	73
6.1. Bordas midiáticas: a negritude nas bordas da mídia ou a descoberta do afroconsumo .....	75
6.2. O discurso nas bordas .....	78
6.3. Outras bordas e abordagens: considerações sobre práticas no ambiente em rede .....	83
<b>7. ESTRATÉGIA METODOLÓGICA</b> .....	87
7.1. Relatos de vida: reflexões sobre a técnica .....	87
7.2. Preto e dinheiro são palavras rivais: interlocutores da pesquisa .....	91
7.3. Relatos de vida na prática: percurso e exploração de métodos, técnicas em articulação com a abordagem teórico-metodológica .....	95
7.4. Percurso metodológico: construindo um caminho para o afroconsumo .....	98
7.5. Procedimentos e instrumentos metodológicos de análise dos relatos .....	102
<b>8. RELATOS DE VIDA: explorando as práticas da negritude</b> .....	103
8.1. Ruth de Souza: a fotógrafa .....	104
8.1.1. Por trás das lentes: as complexidades do ser negro .....	108
8.2. Henrique Alves de Mesquita: o oficial militar .....	114
8.2.1. Não enxergo cor entre as pessoas, mas vejo racismo: labirintos identitários .....	117
8.3. Maria Auxiliadora: a médica .....	122
8.3.1. Da tristeza para Porto Alegre: processos sociais e individualidade .....	126
8.4. Cassiano: o advogado .....	131
8.4.1. O plano de ascensão: atravessamentos socio-identitários .....	135
8.5. Jovelina: a pedagoga .....	141
8.5.1. Cultivando e fortalecendo raízes: identidade e território .....	143

8.6. Elizeth Cardoso: a advogada .....	148
8.6.1.O despertar da consciência negra: a compreensão da identidade .....	152
8.7. Patápio Silva: o gestor .....	157
8.7.1.Do catolicismo à umbanda, do samba ao hip-hop: ampliando olhares .....	159
8.8. Jamelão: o engenheiro .....	163
8.8.1. A descoberta da negritude: práticas e vivências .....	165
8.9. Elza Soares: a publicitária .....	170
8.9.1. Negritude em contestação: os reflexos da miscigenação racial .....	171
8.10. Zózimo, 27 anos: o cineasta .....	177
8.10.1. Enquadrando a realidade: embates identitários .....	180
8.11. Maria Firmina dos Reis: a técnica de enfermagem .....	186
8.11.1. Entre ser e não ver: a (in)visibilidade da identidade negra .....	188
8.12. Wilson Tibério: o estudante .....	193
8.12.1. Administrando mudanças: relações sociais .....	195
<b>9. DESVENDANDO SENTIDOS: análise dos relatos .....</b>	<b>201</b>
9.1. O enredo da negritude: nuances, atravessamentos e interpretações .....	229
9.2. Desdobramentos do consumo cultural da negritude .....	237
9.3. Quando me tornei negro: conflitos identitários .....	238
9.4. Negritude em rede: identificando consumidores negros .....	240
9.5. Leitura, museus e filmes de “negão”: atividades culturais populares e acessíveis .....	247
9.6. Arte negra: práticas culturais e sociabilidade .....	251
9.7. Prática religiosas: consumo e ritual .....	254
9.8. Afroconsumo: considerações finais .....	256
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>261</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>264</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>274</b>

## INTRODUÇÃO

A semente dessa pesquisa foi plantada durante o congresso da Intercom em Belém do Pará, no grupo de trabalho de Teorias da Comunicação, em que fui apresentar um artigo refletindo sobre epistemologias dos processos sociais da negritude. Ainda bastante crua e de forma imatura eu já queria entender as práticas culturais da negritude no ambiente virtual e nas relações sociais.

Após a relatoria do texto, realizada pela professora Roseli Fígaro, ela fez a seguinte pergunta: a sociedade já reconhece a existência do racismo, já identificamos muitos mecanismos e desdobramentos, mas e agora, o que a gente faz com isso? Lembro que nesta época eu estava buscando um objeto de pesquisa que me permitisse investigar as práticas culturais da negritude, sem necessariamente abordar os dolorosos processos e heranças do período escravagista. Voltei para a casa pensando no que fazer com aquela pergunta, no que fazer com o racismo. Hoje percebo que continuo sem respostas, contudo encontrei na investigação sobre o afroconsumo a motivação necessária para não deixar de acreditar que mesmo em meio a todas as adversidades e complexidades dos processos sociais, talvez um dia eu possa usufruir da experiência de viver sem medo de ser alvo de preconceitos em qualquer situação, ambiente ou instituição apenas por conta da cor da minha pele.

Na observação das práticas culturais da negritude observei que havia um crescimento considerável acerca de conteúdos e discursos da negritude. Com todo o desconhecimento que eu tinha acerca da história dos meus antepassados, aos poucos comecei a compreender que muitas das dores, anseios e crenças que eu tinha não eram oriundas do meu próprio ser e da minha existência, e sim reflexos e resultados do sistema e do discurso racista que eu consumi a minha vida inteira.

A partir daí minha curiosidade de investigadora e minha busca pessoal por respostas e entendimentos acerca da minha subjetividade foram me levando a autores que eu nunca tinha ouvido falar em mais de 30 anos de existência. Eu me questionava “*como eu fiz uma graduação e um mestrado nos campos das Ciências Humanas e Sociais e nunca tinha discutido raça em sala de aula, ou sequer lido qualquer um destes textos e refletido sobre isso?*” Eu, que nunca tive dúvidas da minha raça, estava entendendo apenas naquele momento os significados e significantes da negritude.

Como você verá ao longo da investigação eu faço bastante perguntas, e muitas delas não terão respostas porque nós, negros e negras, ainda estamos em processo de construção e

descobertas, assim como todos os seres humanos. Todavia o nosso processo parece estar atrasado desde 1888, ou até mesmo antes.

O despertar da consciência é um movimento lento e bastante doloroso, tendo em vista que é preciso enfrentar nossas próprias convicções, abandonar territórios confortáveis, desconstruir valores, ideologias e opiniões que julgávamos como corretas. Mas todo esse esforço vale a pena, pois não há nada como repousar a alma inquieta do negro que acreditou por tantos anos que o simples ato de existir era um problema, que teve que lidar com a negação do seu próprio eu e corpo, por vezes até da família.

Para mim, a compreensão disso só foi possível a partir da leitura de autores e autoras negras como Sueli Carneiro, Lélia Gonzales, Abdias do Nascimento, Evaristo Conceição, Muniz Sodré, Cida Bento, Nilma Lino Gomes, Petrônio Domingues, Kabengele Munanga, Stuart Hall, entre muitos outros cientistas sociais negros, brasileiros e estrangeiros, cujas pesquisas e textos não estavam inseridos durante a minha formação, e por vezes nem mesmo nas livrarias. A partir da descoberta desses autores, passei a buscar novas referências e consumir produtos culturais e midiáticos que dialogassem com as minhas experiências, e percebi que não estava realizando esse movimento sozinha.

Ao refletir sobre raça, práticas de consumo e recepção, encontrei no campo da Comunicação possibilidades frutíferas para o desenvolvimento de uma pesquisa que se debruce na análise dos fenômenos que circundam as práticas de consumo de pessoas negras. Na investigação dos processos, produtos, discursos, campos sociais e históricos da comunidade negra, vi que o afroconsumo, uma prática realizada por pessoas negras, era um tema bastante debatido e mencionado na comunidade negra, mas não com esse nome. Até porque historicamente tudo aquilo que é relacionado à negritude esteve silenciado, não é mesmo? E foi a partir desse olhar, dessas reflexões que nasceu essa pesquisa.

Mas o que é afroconsumo? Quais são as imbricações do afroconsumo? Quais são os campos que dialogam com o tema? Como afroconsumir na prática? Quais são as dimensões e responsabilidades da pesquisa no processo de investigação de um fenômeno sociocultural que envolve práticas culturais? Será que o afroconsumo é uma noção, um conceito ou uma teoria? Ou nada disso? Será que o afroconsumo pode ser um tema esvaziado nas redes sociais? Ou pode se tornar parte de um discurso radical? Ou mercadológico? Por que o afroconsumo não foi pesquisado antes? Será que o afroconsumo é a chave para alguma mudança nos processos sociais da comunidade negra?

São perguntas ambiciosas e ousadas, porém essas, e muitas outras, têm acompanhado todo o processo e as reflexões que me acompanharam durante a realização desta pesquisa. Ao

longo do percurso teórico-metodológico perceberemos que não responderei todas elas, contudo, trago esses questionamentos, que surgiram durante a investigação, para justificar alguns os movimentos, e principalmente as escolhas.

O afroconsumo, de acordo com pesquisa realizada pela empresa de consultoria ETNUS (2016), é um movimento que surge das experiências diretas ou indiretas, conscientes ou não, dos afrodescendentes no ato de consumo. A formulação apresentada pela pesquisa de mercado, traz apanhados históricos e argumenta que o fenômeno surge das necessidades sociais ou identitárias, assim como da mudança comportamental de pessoas negras, sendo assim, uma forma de luta e empoderamento que resulta em novos nichos de mercado direcionados.

A partir dessa descoberta, minhas inquietudes acerca do tema, que já eram diversas, passaram a ser acadêmicas e sociais, e a pesquisa mercadológica da ETNUS (2016) confirmou a existência do fenômeno. E, ao começar a pesquisar o termo afroconsumo descobri que, no campo acadêmico o tema apresenta rara literatura.

No levantamento do estado da arte realizado no catálogo de teses e dissertações da Capes a palavra-chave “afroconsumo” apresentou apenas um resultado. No campo acadêmico, Gustavo Carneiro (2017), em sua dissertação de mestrado *Corporeidade, consumo e identidades políticas: estratégias de empoderamento feminino negro realizadas pelo coletivo das pretas na cidade de Vitória/ES* (2017), diz que, na visão do coletivo Das Pretas, investigado pelo autor, o afroconsumo ou consumo negro é uma forma de economia criativa que visa o empoderamento econômico dos afrodescendentes. A prática também ocorre como uma forma de autonomia financeira e emocional aos produtores e consumidores negros através de trocas simbólicas. Em suma, o autor constatou que nessa prática de consumo “[...] há mais que a oferta de um produto, há uma ação política inserida, onde levasse [leve] em consideração um setor da sociedade que é desprezado pelo mercado” (CARNEIRO, 2017, p. 116).

A partir da pesquisa de Carneiro foi possível constatar que a negritude tem afirmado a necessidade de localizar as pessoas negras no centro da cultura e das ações de suas comunidades, e que esses movimentos têm fomentado e impactado diversos setores da sociedade. Pensando nessa abordagem, e nos aproximando da visão de consumo cultural, Nestor García Canclini nos ajuda a refletir sobre as mudanças nas maneiras de consumir. Assim como o autor, pensamos que o exercício de cidadania em conexão com o consumo “conduz a uma defesa da existência, [...] de uma cidadania cultural, e também de uma cidadania racial” (GARCÍA-CANCLINI, 1995, p. 24).

García-Canclini concorda e reforça a afirmação de Mary Douglas e Baron Isherwood de que o consumo serve para pensar. Nesse âmbito, o autor aponta que a dimensão simbólica dos

produtos irá prevalecer sobre os valores de uso e troca. Sendo assim, o afroconsumo, no âmbito cultural pode ser pensado a partir do modelo de Canclini, pelo fato de que a prática constitui um sistema de significados construídos e compreendidos tanto para as pessoas negras, quanto para os outros grupos, e reside no cenário de objetivação do desejo de igualdade e de superação do racismo na sociedade.

Ao estabelecermos a prática de afroconsumo no campo de consumo cultural, seguindo a corrente de pensamento de García Canclini, o que nos interessa aqui se encontra em torno das interações socioculturais dos bens e objetos simbólicos, assim como dos efeitos e da produção de significados. Sendo assim, o tema deste projeto trata das práticas de afroconsumo cultural e midiático por pessoas negras, e para construir um caminho que nos leve à compreensão do fenômeno do afroconsumo, assim como à série de questionamentos que foram realizados durante a exploração do objeto, estabeleceu-se a pergunta central desta investigação: *como se configuram as práticas de consumo cultural e midiático entre jovens e adultos negros(as)?*

O objetivo geral desta pesquisa é compreender as dinâmicas e motivações que levam jovens e adultos negros(as) às práticas de afroconsumo, assim como os reflexos nas configurações socioculturais da negritude, a fim de construir a definição da prática de afroconsumo no âmbito cultural. Por conseguinte, os objetivos específicos são:

- a) descrever (investigar) as práticas de afroconsumo cultural e midiático;
- b) investigar se os elementos identitários e socioculturais influenciam a prática de afroconsumo;
- c) identificar os elementos socioculturais e políticos que marcam e constituem as práticas de consumo cultural e midiático de pessoas negras.

Para responder à pergunta de pesquisa, iremos apresentar aportes teóricos que nos ajudam a compreender os principais fatores que permeiam e se entrecruzam na prática de afroconsumo. Baseando-se no fato de que o nível teórico apresenta informações que visam realizar a ligação entre os contextos que constroem o objeto, a prova e a descoberta, o intuito é construir um referencial para adequar os modelos teóricos ao objeto empírico de investigação (LOPES, 2014).

A partir da pergunta de pesquisa passei a buscar exemplos, referenciais teóricos e construir diálogos em cenários diversos. E, em conversas informais percebi que muitos sujeitos negros, assim como eu, também buscam privilegiar o consumo e aquisição de bens e produtos de produtores negros (as), sejam eles vendedores ambulantes, autônomos(as), prestadores de serviços, entre outros. Com essa observação fui em busca da compreensão dessas práticas gestadas no seio familiar a fim de verificar se isso era algo realmente passado de geração para

geração ou se era um movimento contemporâneo. E, ainda que não seja regra foi possível verificar a existência de um movimento de fortalecimento, apoio e estímulo aos trabalhadores, gestores e empreendedores negros, e que isso é uma constante na vida dos sujeitos negros em diásporas em países como o Brasil.

No processo de construção do projeto de pesquisa surgiram muitos questionamentos sobre as possibilidades do tema para além do âmbito acadêmico, e um dos pontos mais sensíveis residia no desenvolvimento de uma investigação que dialogasse de forma real e honesta com a população negra brasileira. É por este motivo que o primeiro capítulo apresenta algumas reflexões e posicionamentos acerca de paradigmas das Ciências Sociais popularmente relacionados à negritude na atualidade, no âmbito teórico-epistemológico. As reflexões sobre os possíveis caminhos e afiliações epistemológicas e paradigmáticas se justificam por conta das diferentes configurações e realidades da negritude brasileira.

O posicionamento adotado reside no respeito e na compreensão da diversidade, das diferenças e alteridades dos atores sociais, uma vez que uma das minhas maiores preocupações sempre foi o cuidado em não praticar nenhum tipo de exclusão social, cultural, política, entre outros. Isso porque acredito que a produção científica deve ser útil para a sociedade, e tal pesquisa, se mal interpretada, no atual cenário político polarizado, pode resultar em grandes danos pessoais e coletivos. A partir dessa visão tomei o devido cuidado para evitar interpretações errôneas, radicais e extremas.

O segundo capítulo *Afroconsumo: considerações iniciais* apresentará apontamentos e elementos importantes como a definição de afroconsumo em uma perspectiva sociocultural, como ponto de partida para pensarmos a prática. A definição de afroconsumo serve para compreensão acerca dos pontos de ancoragem da prática, e em paralelo mostra que mesmo atravessada pelo campo econômico, a atividade não se resume à ele.

O capítulo *Consumo cultural: especificidades e interdisciplinaridade*, dá início às articulações e diálogos possíveis entre o afroconsumo e à noção de consumo cultural de García-Canclini (1995; 1997). A possibilidade de pensar o afroconsumo a partir de uma perspectiva sociocultural possibilitou a entrada e abordagem ao campo, assim como possibilitou a compreensão da amplitude de diferentes campos que se interrelacionam durante a atividade. E através da articulação das seis racionalidades de consumo desenvolvidas pelo autor, como veremos, foi possível realizar uma aproximação ao fenômeno.

Em paralelo, busquei dialogar com os campos que se articulam durante a prática de consumo cultural. O capítulo intitulado *A premissa do afroconsumo*, através do levantamento de teses e dissertações do movimento de afroempreendedorismo nos últimos 5 anos, apresenta

as diferenças e similaridades das configurações da atividade realizada por empreendedores negros e o fenômeno do afroconsumo, revelando a necessidade de diálogo e aproximação entre agentes de diferentes posições existentes durante as práticas.

No quinto capítulo, *Cultura e identidade: uma ponte entre a negritude e o afroconsumo* trago reflexões sobre as associações entre consumo e cidadania, além dos usos e sentidos dos vocábulos identitários da negritude. Em paralelo, a partir das fases culturais do Movimento Negro busco compreender como as práticas culturais da negritude se associam e são influenciadas por discursos e posicionamentos diversos, que ora produzem sentidos positivos, ora negativos nos atores sociais.

Já no sexto capítulo, *Consumo midiático: a caminho das bordas*, foram empreendidos esforços para pensar as configurações do espaço comunicacional constituído por debates, disputas e atividades das instituições e atores sociais que se encontram fora da agenda da mídia. Sendo assim, através da proposição das bordas midiáticas, mostro como são articulados alguns dos discursos que podem motivar os sujeitos para as práticas de afroconsumo.

O sétimo capítulo apresentará as estratégias metodológicas utilizadas para realização desta pesquisa, realizada através do método de história oral, como as escolhas e alguns dos desafios enfrentados durante a investigação. O oitavo capítulo, *Relatos de vida: explorando as práticas da negritude*, apresenta os relatos de vida dos 12 interlocutores que aceitaram participar da pesquisa. Através dos relatos de vida dos sujeitos, desenvolvi um quadro comparativo que apresenta suas práticas no passado e no presente. Com o intuito de verificar se houve as mudanças nas práticas socioculturais da negritude constata-se que nem todo negro realiza o afroconsumo.

No nono capítulo, *Desvendando sentidos: análise dos relatos*, busquei apreender os sentidos das práticas socioculturais dos sujeitos a partir de seus relatos, através de uma análise de conteúdo, e constatamos que os negros de classes sociais diferentes consomem e operam de formas distintas na sociedade. Em paralelo, neste capítulo iremos abordar os desdobramentos do consumo cultural para a negritude, assim como os conflitos identitários e as atividades culturais populares.

Todavia, antes de adentrarmos o objeto é necessário trazer algumas orientações importantes para compreensão da pesquisa. O afroconsumo não é uma discussão nova, muitos autores já debateram o tema anteriormente sob diferentes enfoques, contudo, a articulação entre consumo e negritude apresentada aqui reside no esforço em pensar o objeto a partir das práticas culturais de pessoas negras. Ou seja, pensaremos o consumo pelo âmbito da cultura, e a aproximação da noção de consumo cultural de Néstor García-Canclini nos ajuda a pensar essa

atividade dentro de uma perspectiva sociocultural. Portanto, como veremos ao longo da pesquisa, ainda que diferentes campos e temas atravessem as configurações das práticas dos indivíduos, cabe ressaltar que o enfoque da pesquisa é sobre consumo.

O consumo é uma atividade de extrema complexidade, pois ele mobiliza diversos campos e é articulado a partir das experiências individuais de cada um, e com isso ele demanda de instrumentos de diferentes campos para que possamos apreender e compreender suas configurações, e muitas das dificuldades de compreensão do consumo residem no seu caráter subjetivo. Entretanto, o campo da cultura também apresenta um alto grau de relevância na produção e desenvolvimento da prática, e é sob o prisma da cultura que iremos olhar para o fenômeno do afroconsumo.

Em paralelo, dentre as orientações para a pesquisa, saliento que essa investigação parte da perspectiva da cultura negra, sendo assim, as pessoas negras se encontram no centro da narrativa, portanto em um movimento necessário dentro do campo das Ciências Sociais, o enfoque se dá acerca da agência e da localização das narrativas negras. Deste modo é relevante pontuar que, esta não é uma pesquisa sobre classe e raça. Ainda que a classe seja articulada em diversos momentos, por conta das escolhas acerca dos procedimentos teórico-metodológicos, da própria configuração do objeto e do contexto social do negro brasileiro, vale frisar que “no âmbito sociocultural e econômico, raça e classe são indissociáveis no Brasil” (Caroline; Brum, 2020), portanto, é fundamental estabelecer aqui, na introdução que esta é uma pesquisa de raça., e a classe é um dos elementos constituintes deste dispositivo analítico.

## **1. ENTRE PARADIGMAS E INSURGÊNCIAS: a reflexividade da pesquisa no processo de produção de conhecimento**

A trajetória de todo e qualquer sujeito é individual, mas dentro de uma perspectiva social, a experiência também se dá no âmbito coletivo. Através da observação e escuta de diversas trajetórias distintas com experiências parecidas, muitas delas ligadas à questão da identidade – por meio de relatos das experiências sociais de pessoas próximas que dão forma a diversos grupos sociais, como o da negritude –, compreendi que, escrever com responsabilidade e rigor científico sobre contextos raciais e grupos sociais era algo muito mais complexo do que eu imaginava.

Neste processo fui em busca de um paradigma para que pudesse posicionar o afroconsumo cultural dentro de uma vertente teórico-metodológica, sem cair em armadilhas. Por vezes me questionei se deveria ou não continuar nesse percurso, mas considerando os diversos aspectos que compõem a negritude brasileira, ou as negritudes, ousei me aventurar pelo terreno do desconhecido, ainda que eu me questione em tempo integral se isso é realmente parte da construção e do processo investigativo ou apenas teimosia.

Pensando no contexto da negritude brasileira, inicialmente considerei duas possibilidades de paradigmas para abordar o afroconsumo, sempre buscando traçar paralelos que não ocultassem o fato de que a identidade negra brasileira foi, e ainda é diretamente afetada pelo período escravagista; assim como julguei importante considerar o atravessamento e relações das práticas e vivências contemporâneas das pessoas negras imersas pelos discursos e fluxos de ideias de globalização, tecnologia e hibridação cultural.

Por vezes fui movida pela curiosidade, mas também fui mobilizada pelas discussões da academia. E, nesse percurso investigativo ao exercitar a escuta e a observação foi possível perceber que alguns paradigmas contemporâneos dialogam com o afroconsumo, contudo algumas características e configurações por vezes suprimem ou invisibilizam importantes aspectos das configurações identitárias da negritude brasileira na contemporaneidade.

Realizei incontáveis aproximações para pensar em qual paradigma o afroconsumo se encaixaria ou se aproxima. O objeto foi diversas vezes articulado paradigmaticamente dentro de reflexões teórico-metodológicas que dialogam com a realidade e momento histórico da negritude brasileira na atualidade, dentre elas, a afrocentricidade (ASANTE, 2009), a afroperspectiva (NOGUERA, 2014), o quilombismo (NASCIMENTO, 1980) e até mesmo a decolonialidade (QUIJANO, 2009; MIGNOLO, 2008), mas neste percurso foi possível

compreender que esse movimento talvez não abarque a própria questão sociocultural da negritude brasileira e suas práticas de consumo.

É válido ressaltar que apesar das diferenças e argumentos entre os paradigmas, não há uma filosofia de pensamento certa ou errada no que concerne experiências e práticas culturais, e não se busca aqui fazer nenhuma crítica às formas de pensamento. Contudo, acredito que seja importante considerar as diferenças dentro da própria negritude, que não é, e nunca foi homogênea, pelo contrário, a negritude brasileira é múltipla, heterogênea, descentralizada e diversa.

Neste percurso me deparei com discursos afrocentrados que não consideram o contexto geopolítico e geográfico latino-americano do Brasil; com propostas e teorias decoloniais que ignoravam o fato de que sujeitos negros brasileiros possuem fortes laços com o continente africano; assim como filosofias de pensamento construídas sob um contexto cultural de África imaginada. Diante desta encruzilhada, e observando os fenômenos e processos sociais, práticas de consumo e discursos da negritude brasileira, julguei significativo refletir sobre esses importantes aspectos contemporâneos que atravessam fortemente a questão da negritude brasileira, considerando que uma identidade não exclui a outra. E, talvez toda essa minha dificuldade resida no fato de que em nenhum momento renunciei ou busquei ocultar o fato de que as heranças africanas, ainda que modificadas, continuam presentes e enraizadas no contexto brasileiro, sendo bases sólidas e marcantes para muitos sujeitos negros, assim como para grupos e coletivos. Em paralelo, busquei reconhecer os atravessamentos acerca do fato de a identidade negra brasileira ter sido construída e modificada em meio a ideia do mito de democracia racial.

A partida para pensar a prática de afroconsumo cultural era um paradigma das Ciências Sociais, uma vez que ele ajuda o pesquisador a determinar os problemas a serem investigados, orientam interpretações e colaboram nos ajustes e processos de produção de conhecimento (LOPES, 2014). Contudo, é repousando na crítica de Maria Immacolata V. Lopes (2014) à muitas atividades científicas e pesquisas das Ciências Sociais que, optei, neste momento, por não associar o afroconsumo cultural a nenhum paradigma, pois não se busca aqui realizar nenhum tipo de revisionismo ou atualização de paradigmas, o que provavelmente aconteceria.

O intuito desse movimento talvez seja começar a construir a dissociação da dependência científica do conhecimento produzido nos países ocidentais, ou até mais do que isso, talvez assim como a negritude, o afroconsumo cultural possibilite nos desprender das amarras da hegemonia institucional dominante. E, tendo em vista que o afroconsumo, enquanto prática sociocultural da negritude, também se desdobra dentro do campo acadêmico, esta pesquisa compromete-se em primeiro lugar com a realidade do grupo social negro brasileiro, e

compreende que devido às diferenças seria sociologicamente impossível abarcar as tantas possibilidades e desdobramentos dentro de um só paradigma.

Gaston Bachelard diz que “o pensamento científico moderno se empenha para especificar, limitar, purificar as substâncias e seus fenômenos” (1996, p. 89), e há de se reconhecer que as epistemologias e paradigmas na contemporaneidade são impuros e se encontram permeados pelo que Bachelard chama de obstáculo epistemológico. Este que segundo o autor, é tudo aquilo que está localizado no conhecimento produzido e não questionado e que não permite o progresso do próprio conhecimento científico. O ponto que, na minha visão, demanda esse movimento teórico-epistemológico e paradigmático é o fato de que historicamente, intencionalmente ou não, a negritude sempre esteve no ponto cego da produção do conhecimento científico das Ciências Sociais. E talvez seja por isso que muitas pesquisas se localizem na abstração, como a própria noção do consumo cultural de García-Canclini.

Mas o que é um ponto cego? De acordo com o dicionário Michaelis, o ponto cego na anatomia seria: a) mancha cega sobre a retina que assinala o lugar onde o nervo óptico penetra no globo ocular; b) em veículo automotor, área que não pode ser vista pelo motorista por meio dos retrovisores. Ou seja, o ponto-cego é uma pequena área que não recebe luz, ou que não é vista por conta do ângulo ou foco, e com isso acaba não sendo vista.

A partir disto e das próprias experiências sociais compreende-se que, o ponto-cego é algo que se encontra fora do nosso campo de visão, que apresenta potencial para causar mudanças de rota, acidentes, assim como manobras seguras que mantenham a segurança daqueles que estão na frente, ao mesmo tempo em que, se não observado, pode não interferir em nada no percurso. Entretanto é frequentemente despercebido, intencionalmente ou não.

O ponto-cego da negritude já foi percebido por muitos teóricos, estudiosos, empresários, indústrias e campos, entretanto inúmeros estudos dos campos Ciências Sociais e Exatas, que se propõem a analisar como os fenômenos sociológicos atuam na sociedade, e a forma como circundam os sujeitos da negritude – que estão quase sempre inclusos nas análises –, mas muitas vezes apenas dentro de um âmbito de classe. Seria por uma questão cultural? Provavelmente.

De acordo com Silvio de Almeida, o racismo estrutural se estabelece em vários âmbitos da sociedade porque o racismo além de ser um processo político e histórico, “é também um processo de constituição das subjetividades, de indivíduos cuja consciência e afetos estão de algum modo conectados com as práticas sociais” (2018, p. 49, grifo do autor). O autor aponta que o racismo se perpetua porque muitas vezes, fornece uma explicação lógica para a desigualdade racial.

A ciência, por muito tempo, fora cúmplice da produção dos discursos e práticas racistas da sociedade construídos dentro das lógicas socioeconômicas implantadas pelas culturas eurocentradas, pois a colonização do poder (QUIJANO, 2005) possibilitou aos colonizadores europeus a construção de culturas pautadas na superioridade intelectual e supremacia branca.

No período recente, o crescimento do fenômeno do afroconsumo pode estar relacionado à emergência dos cidadãos brasileiros da classe D à classe C durante os anos de 2003 a 2012 durante a gestão do governo Lula (PEREZ, 2020). Neste período o desenvolvimento socioeconômico do país possibilitou aos sujeitos da classe C e D, o aumento do poder de compra, e com isso o mercado e a indústria cultural passaram a empreender esforços para conquistar esses consumidores, vistos, na maioria das vezes, como novos atores sociais. Perez (2020) questiona: o que a indústria e a academia faziam anteriormente, que não olhavam para este público?

A partir desta pergunta passei a refletir sobre o fato que muitos teóricos e acadêmicos do campo das Ciências Sociais e Exatas, ao não abordarem a questão da raça e as interseccionalidades dos sujeitos que compõem as classes mais baixas, também ajudaram a fomentar a prática social de invisibilização destes sujeitos. Esse movimento apenas confirma e mostra que, em uma perspectiva pautada no racismo e no senso comum, a pobreza tem cor, pois segundo o relatório da ONU (BRASIL, 2016), as classes baixas são majoritariamente formadas por pessoas negras. Porém o racismo científico, juntamente com à emergência dos debates acerca da questão do negro no Brasil criaram mecanismos que maquiam os debates acerca da existência da democracia racial.

Um estudo crítico no Brasil que trate de temas transversais à classe, ainda que de forma simbólica, precisa, obrigatoriamente, levantar debates acerca do mito da democracia racial, porque ela não existe. Preto é pobre, e pobre é preto. Obviamente a afirmação esta apresenta muitas problemáticas, mas será possível compreendê-la no decorrer da pesquisa, entretanto cabe sinalizar que, segundo os dados do relatório do IBGE (2019), dos 13,5 milhões de brasileiros vivendo em situação de extrema pobreza, destes pouco mais de 10 milhões deles, ou seja, 75% destas pessoas são negras.

De acordo com Lopes (2014) os fenômenos socioculturais e as práticas são resultantes da compreensão dos diversos fatores relacionados à existência social dos sujeitos, e isso é o que torna os objetos das Ciências Sociais dinâmicos e mutáveis (LOPES, 2014), mas teriam os sujeitos negros sua existência social reconhecida ao longo da história da produção do conhecimento científico? Segundo a autora (2014) o conhecimento é o núcleo da práxis científica e resulta de um complexo sistema de decisões que se atualizam durante o processo de

investigação. Portanto, assim como a escolha em não tratar a existência social da negritude tenha sido realizada incontáveis vezes, nesse momento a escolha aqui é a de não fazer esse movimento de aproximação ou encaixe do afroconsumo a nenhum paradigma.

E isso não é um movimento de retaliação, uma vez que essa escolha reside no respeito e na compreensão à multiplicidade, à existência e à diversidade dos grupos e indivíduos, experiências e práticas que compõem grupos sociais como o da negritude. Mas para além disso, se aporta na intuição oriunda do espírito científico apontado por Bachelard (1996) e das complexidades do afroconsumo, pois não há apenas um único ponto de vista nem mesmo dentro da negritude.

E só é possível chegar nessa proposição porque foram realizadas inúmeras tentativas de aproximar e/ou adequar o afroconsumo ao paradigma da afrocentricidade, da decolonialidade, dos Estudos Culturais e da afroperspectiva, e isso permitiu perceber que cada paradigma tem a sua própria filosofia, e nenhuma delas irá contemplar à negritude em sua completude. Talvez isso nunca seja possível porque a teoria do afroconsumo, ainda que esteja fundamentada em fatos por vezes pode nos direcionar para o estado abstrato.

O desprendimento da fixação epistemológica resulta também em uma ruptura, que para Bachelard também é uma forma de progresso e desenvolvimento da racionalidade. Portanto, ainda que, indiretamente, a teoria do o afroconsumo esteja alinhada à algumas epistemologias e paradigmas devido aos métodos e técnicas utilizadas no rigor e processo científico, o desprendimento se faz necessário para que possamos permitir que o próprio fenômeno seja esmiuçado por outras áreas. Pois, de acordo com Bachelard é na deformação de um conceito científico que se encontra a fecundidade dele mesmo.

Talvez isso possa ser visto como insurgência, e talvez seja, mas é válido mencionar que esse posicionamento também está relacionado aos dilemas e atravessamentos da construção identitária da negritude. Segundo Beatriz Nascimento (2021, s/p.), urge a necessidade de reconhecermos em entendermos a realidade da negritude brasileira, pois acredito que ela seja única.

Devemos fazer a nossa história, buscando nós mesmos, jogando nosso inconsciente, nossas frustrações, nossos complexos, estudando-os, não os negando. Só assim poderemos nos entender e nos fazermos aceitar como somos, antes de mais nada pretos, brasileiros, sem sermos confundidos com os americanos ou africanos, pois nossa história é outra, como é outra nossa problemática. (NASCIMENTO, 2021, s/p.)

Para além disso, esse não-posicionamento reside na compreensão de que talvez ainda não tenhamos um paradigma efetivo para o diálogo e compreensão das identidades e práticas culturais de grupos sociais historicamente invisibilizados e marginalizados, cujas

especificidades ultrapassam a compreensão teórico-metodológica ocidental acadêmica. Portanto, busca-se aqui, a partir de uma inspiração, e não uma importação ou adaptação de outras negritudes, através da compreensão do afroconsumo contribuir no desenvolvimento de “estratégias culturais capazes de fazer a diferença [...], e deslocar as disposições de poder” (HALL, 2016, p. 377). Mas é válido ressaltar que, dentro da perspectiva negra, estas estratégias não podem ser criadas como excludentes ou incompatíveis. Pois segundo Hall aponta, devemos dirigir nossos esforços para a diversidade e não para a homogeneidade.

Isso porque, a diversidade de discursos que atravessam os sujeitos e suas culturas multiculturais em sociedades permeadas por diferentes pensamentos promovidos na sociedade, assim como pela mídia e plataformas de redes sociais na atualidade, demandam que seja preciso considerar os pontos de tensão cujos conflitos desembocam na questão da identidade, e refletem diretamente nas práticas de consumo dos sujeitos. Isso porque toda a prática de consumo que se apresenta de forma aparentemente inerente a um indivíduo ou um grupo sociocultural é resultado de processos históricos que irão atuar, ou já atuam, diretamente em suas subjetividades, identidades, gostos, vontades e desejos.

## **2. AFROCONSUMO: considerações iniciais**

O tema do afroconsumo, apesar de reconhecido e discutido entre a comunidade negra, é frequentemente visto sob o olhar de contestação e descaso por parte da sociedade, assim como pelos setores dominantes. Entretanto, através do fortalecimento cultural e popularização da identidade negra é possível constatar que, o afroconsumo é um fenômeno que, na atualidade, pode ser visto a olho nu, em diferentes ambiências e setores diversos da sociedade.

Afroempreendedorismo, afrofuturismo, afroturismo entre outros movimentos teóricos e culturais, assim como fenômenos e práticas contemporâneas diversas da comunidade negra brasileira que podem observadas em diferentes espaços sociais, podem ser vistos como modelos consistentes de práticas de afroconsumo. Em paralelo, esses movimentos também podem ser pensados a partir da compreensão de que é, a partir do consumo, ou melhor, do afroconsumo, que, na atualidade, muitas pessoas negras têm gestado, desenvolvido e até mesmo mudado suas práticas e por vezes a compreensão de suas existências no mundo. Todavia, as configurações da prática são complexas, pois o consumo é uma atividade social, de extrema complexidade, que mobiliza campos diversos, e ainda que seja frequentemente visto pelas lentes do campo

econômico, na realidade é gestado a partir de um conjunto de práticas socioculturais, conforme García-Canclini (1995) defende.

Pensar, refletir, e argumentar acerca da prática de afroconsumo não é uma tarefa simples, dado que o fenômeno é resultante da articulação de campos e discursos diversos que visam o fortalecimento da agência e localização da negritude na sociedade. São inúmeros os movimentos sociais, culturais, entre outros, que buscam posicionar as pessoas negras no centro de suas próprias narrativas, e que possuem como objetivos o enaltecimento da identidade negra, o reconhecimento das heranças do escravagismo, a alteridade, sociabilidade, emancipação dos corpos e mentes negras, entre outros pontos de tensão e relevância que são essenciais para a elaboração dessa investigação.

Isso porque, a prática de afroconsumo não é simples, dentre as suas múltiplas imbricações e motivações, ela também é o resultado da articulação de campos e discursos diversos que visam o fortalecimento da agência e localização da negritude na sociedade. Inúmeros movimentos sociais, culturais, entre outros, que buscam posicionar as pessoas negras no centro de suas próprias narrativas, e que possuem como objetivos o enaltecimento da identidade negra, o reconhecimento das heranças do escravagismo, a alteridade, sociabilidade, emancipação dos corpos e mentes negras, entre outros, são essenciais na composição da prática de afroconsumo.

*Para compreender o afroconsumo*, é de extrema relevância pontuar que, o consumo, aqui, não pode ser visto apenas como uma prática ligada ao campo econômico, uma vez que a atividade está interligada a muitos fatores culturais, se desdobrando assim em uma prática sociocultural, tendo em vista que a atividade compreende e articula diferentes campos do conhecimento e da experiência dos sujeitos durante sua realização. O consumo é uma das práticas mais antigas da humanidade, que existe antes mesmo da invenção do capitalismo, e ainda que, costumeiramente seja visto sob o prisma da aquisição de bens e produtos, não pode ser visto e tratado apenas a partir dessa lógica. Ainda que a prática, na atualidade, seja fortemente atravessada pelo campo econômico, ela não se restringe a ele. Um bom exemplo da compreensão de que o consumo é um conjunto de práticas socioculturais é o próprio afroconsumo, uma vez que ele é articulado a partir da priorização da cultura, da identidade negra e do desejo de emancipação da negritude durante diferentes atividades de consumo.

Sabemos que, são inúmeras as etnias e grupos que consomem entre si e que se organizam para fortalecer suas identidades e culturas. Entretanto o lugar de subalternidade imposto à negritude, assim como os discursos negativos e a estigmatização de corpos e práticas negras aliadas às lógicas do racismo que estruturaram a sociedade brasileira, durante muito tempo

impediram e/ou rotularam a organização de pessoas negras durante o consumo. Em paralelo, a cultura negra brasileira ao ter sido integrada à identidade e cultura do país foi historicamente associada ao popular, e com isso as especificidades identitárias desse grupo foram invisibilizadas por conta dos diversos acontecimentos históricos e sociais que, em articulação com o mito da democracia racial e as lógicas do racismo, resultaram na invisibilização e estigmatização das pessoas negras durante as práticas de consumo em diversos campos da sociedade brasileira.

Na atualidade, tanto os grupos sociais negros, como o mercado, a política e o Estado, compreendem o potencial de consumo cultural da negritude, mas pouco se fala sobre como esse potencial foi invisibilizado, não apenas por questões socio-históricas, mas também pelo estabelecimento do discurso da branquitude em diversos setores da sociedade, assim como através da mídia e da indústria cultural. Contudo, a negritude, assim como outros grupos, têm aproveitado o momento de abertura para a produção de novas identidades e sujeitos no âmbito político e cultural (HALL, 2013) para ressignificar suas identidades, posições sociopolíticas e culturais na sociedade.

No Brasil, o ato de afroconsumir é popular, e se dá através de produtos diversos, sejam eles simbólicos ou materiais, nacionais ou internacionais, ou rodas de samba, festas de pagode, jongo, rap e *hip-hop*, celebrações de religiões de matriz africana, práticas de capoeira, consumo alimentar de acarajé, feijoada e outros alimentos, barracas de vendedores ambulantes negros, entre outras inúmeras práticas e produtos culturais.

Nem tudo é sobre consumo, mas na atualidade, certamente, o consumo está em tudo. De acordo com Maria Baccega, o consumo é um indicador das práticas socioculturais dos sujeitos, grupos e até mesmo de sociedades, é uma “marca da sociedade contemporânea, pela sua condição de constituidor de subjetividades, de identidades” (p. 4, 2010). E considerando que o consumo é parte constituinte da identidade negra (SANSONE, 2000), e que na atualidade, não há como pensar as práticas dos sujeitos sem antes indicar e compreender a origem delas, o afroconsumo pode ser definido como ***uma prática sociocultural sistemática em que a identidade e a cultura negra são privilegiadas durante a apropriação e uso de bens simbólicos e materiais.***

A atividade é uma ação de cidadania carregada de simbologia política e cultural, que visa a valorização e fortalecimento da negritude na sociedade, ao mesmo tempo em que opera como uma estratégia de enfrentamento às lógicas do racismo e opressão. Em paralelo, a prática não se restringe apenas às pessoas negras, uma vez que ela também é efetiva enquanto parte constituinte de ações e agendas antirracistas.

Conforme aponta a ETNUS (2016), a prática pode ser realizada de forma consciente, ou não, assim como também opera de forma individual ou coletiva durante o consumo. A atividade busca o fortalecimento econômico, social, político e cultural das pessoas negras, e está localizada na heterogeneidade cultural, possibilitando assim o encontro de códigos culturais que unificam as pessoas negras em torno de projetos de ação em diversas áreas da sociedade. Muitas vezes, o afroconsumo surge para os sujeitos a partir de uma sucessão de eventos discriminatórios durante a prática de consumo, ou ainda, através na compreensão de que as diferenças identitárias, a agência e a localização atuam em todas as esferas da vida social, e se apresenta para a comunidade negra como uma forma de promover equidade, existência, desenvolvimento sociocultural, afirmação e fortalecimento da identidade.

### **2.1. Apontamentos sobre consumo, mercado e ascensão social**

São muitas as articulações e combinações de eventos que dão forma à prática, que se desenha a partir de uma série de ações sistemáticas. Dentre as muitas delas, perpassam temas como: o despertar da consciência negra, o olhar para a agência e a localização da negritude na sociedade, o reconhecimento da invisibilidade, os traumas sociais e culturais gerados pelas lógicas do racismo, o desejo e a busca por reparação e igualdade, entre outros, e todos eles se dão na esfera do consumo, seja ele de bens materiais ou simbólicos. Através do consumo de discursos afrocentrados, muitos deles disponíveis nas bordas midiáticas (conceito que será abordado no capítulo 6) as pessoas negras passaram a olhar para o passado de invisibilidade, modificando suas ações e práticas de consumo no presente, buscando visualizar um futuro próspero.

Contudo, ainda que o campo econômico não seja o principal motor da prática, não há como ignorar sua presença e a influência em todas as dimensões da vida social contemporânea. O que se defende aqui não é a morte do capitalismo, mas sim reflexões sobre as diferentes e possíveis formas de consumo a partir de uma perspectiva sociocultural, coletiva e negra.

O mercado – enquanto espaço de trocas e construções simbólicas que se efetivam a partir das interações socioculturais que são fundamentais para a sua construção e funcionamento –, assim como as apropriações da indústria cultural e do capitalismo às culturas populares criaram um terreno de disputas que demandam estratégias de lutas simbólicas, e muitas delas se aportam na prática de consumo. E, é necessário tensionar esse campo porque a prática de afroconsumo toma forma através de pequenos movimentos e modificações nas práticas

culturais que se desenvolvem e se mantêm dentro de um sistema hegemônico, como o capitalismo, ainda que dentro deles, mesmo se opondo a eles.

O consumo ainda que seja compreendido aqui como uma atividade sociocultural, para muitas pessoas está diretamente conectado com o campo econômico e com a aquisição de mercadorias. Conforme aponta García-Canclini (1997), o campo da Economia é apenas uma das racionalidades que operam na prática, e com isso é de suma importância compreender os sentidos, significados e interrelações do campo com o contexto sociocultural dos sujeitos e da sociedade.

Lúcia Santaella e Winfried Nöth (2009) em uma abordagem semiótica apontam que, as mercadorias não são vistas apenas sob visões dicotômicas (uma coisa ou outra), pois elas são pluralistas. O enfoque semiótico dos autores pontua que, enquanto signos as mercadorias apresentam significantes e significados diversos que são apreendidos pelos consumidores através da experiência no ato de compra, do uso e utilidade, e pelo discurso publicitário.

De acordo com os autores, a publicidade é a área responsável pela construção do significante dos produtos e a propaganda é o seu instrumento, cuja elaboração se dá em diálogo estreito com a intenção dos produtores na comercialização de seus produtos, e para isso são utilizadas estratégias acerca do valor de troca, cujo indicador é o preço, mas também inclui fatores como custo, escassez, liquidações, garantias e concorrência (*ibid.*), assim como a instância não mencionada pelos autores, o lucro. Os autores reconhecem que o consumo também apresenta um sentido sociocultural que engloba o âmbito comercial, o utilitário, e o sociológico, ainda que tratadas sob a perspectivas de sub-molduras, e não aprofundadas por eles.

A compreensão semiótica acerca dos sentidos das mercadorias, aqui, serve para que possamos compreender que a produção de sentidos das mercadorias e do campo econômico, tanto no mercado, como na sociedade, estão diretamente relacionadas às práticas culturais, visto que, o consumo produz sentidos e serve para pensar (GARCÍA-CANCLINI, 1997). A articulação da perspectiva semiótica com a racionalidade econômica de mercado, assim como o fato de que a população negra da classe média passou a ser vista como consumidora (FIGUEIREDO, 2010), nos permite refletir sobre como as empresas e o mercado juntamente com a mediação da publicidade, através das mercadorias, atuam na produção de significados e significantes para os novos públicos-alvo, que não são novos, mas que antes eram invisibilizados.

Há quem pense que a inserção e presença de pessoas negras em propagandas e embalagens é reflexo das contestações dos movimentos negros acerca da representatividade,

diversidade e inclusão, isso porque, na maioria das vezes essa ação é oriunda da estratégia de atuação do setor que visa atuar em nichos de mercados pouco explorados. Com o aumento dos discursos e ações antirracistas na sociedade podemos identificar que esta prática de mercado, conforme aponta Ilana Strogenberg (2005) nada mais é do que um movimento para que as empresas sejam bem-vistas, porém não por pessoas negras, mas sim pelas pessoas brancas.

Ainda que, na atualidade as pessoas negras sejam reconhecidas como consumidoras por conta do seu poder aquisitivo, esse processo faz parte da adequação das marcas às transformações sociais, pois o que os produtores visam é o lucro. E conseqüentemente eles acabam abocanhando uma parcela de afroconsumidores desavisados, ou até mesmo aqueles que olham apenas de forma superficial para o papel da representatividade, essa cujo sentido parece ter sido esvaziado, inclusive por movimentos corporativos.

Essa tática do mercado é chamada por Sodré de “encenação mercadológica da diferença”, uma vez que nela há a reduplicação da mesma prática dominante por meio do outro subalterno (1999). Ou seja, os signos e significantes produzidos pela publicidade, na maioria das vezes já estão previamente estabelecidos, e são costumeiramente adaptados da cultura branca para a negritude, e segundo o autor isso é fundamentalmente racista. E isso pode ser percebido através da oferta de mercado para a comunidade negra, em que os produtos direcionados para as pessoas negras, por vezes se restringe a produtos para o corpo (FIGUEIREDO, 2010), uma vez que o mercado à sombra do rótulo antirracista, continua sendo regido pelo viés da cultura da branquitude e reconhece que a única diferença entre os grupos reside na cor da pele, ignorando todas os outros aspectos.

Fredric Jameson (1997) apontava há mais de 20 anos atrás que a lógica de produção industrial e a divisão de classes não vigorava mais porque a esfera econômica estava difundida em todos os níveis e campos, inclusive no cultural, e está. Podemos acompanhar nos portais de notícias e sites de redes sociais à mobilidade social e econômica de diferentes classes, entretanto, no Brasil ela parece alcançar apenas um grupo específico, o da branquitude, pois para a comunidade negra as estruturas do racismo são tão pontuais que até mesmo a lógica do capitalismo tardio está atrasada.

A partir de Jameson e García-Canclini, Rene Goellner (2007) em seu empreendimento de alcançar a noção de consumo cultural, aponta que é característico da cultura do consumo a democratização daquilo que era direcionado a poucos. Porém o próprio autor sinaliza a partir de Arjun Appadurai que, “escolher produtos dentre a vasta ecologia dos bens oferecidos pelo

mercado não significa exercer a liberdade, a não ser a liberdade de escolha diante que uma quantidade limitada de bens oferecidos” (GOELLNER, p. 30).

Portanto, é preciso pontuar que a participação da negritude em mercados de consumo apenas em nichos direcionados, como o estético, não passa de uma tática. E esse movimento pode estar intimamente atrelado ao discurso de que as classes menos favorecidas, onde a maioria dos negros estão posicionados, se contentam com pouco, e deveriam ficar feliz com o que já tem, tendo em vista que antes não tinha nada.

Todavia, ainda que esse movimento tenha reflexo direto na contratação e participação de profissionais negros, essa encenação do mercado não reflete em mudanças sociais efetivas para a maioria das pessoas negras. Essa adequação mercadológica ao alcançar novos públicos resulta no aumento dos ciclos de produção e conseqüentemente amplia os lucros, incidindo assim na manutenção dos estratos sociais. Ou seja, o discurso antirracista, na perspectiva macro acaba sendo lucrativa e efetiva apenas para a branquitude produtora.

No entanto, no livro *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* (1983), a autora Neuza Santos Souza ao trazer à luz o contexto histórico da ascensão social da negritude aponta que, a emocionalidade das pessoas negras, devido à construção histórica, foi definida como econômica, política e socialmente inferior, e isso resultou na criação de uma identidade inspirada no modelo da branquitude. Contudo, segundo a autora, as pessoas negras que conseguiam conquistar espaços no sistema vigente das classes sociais e depositavam na ascensão social a possibilidade de sair da marginalidade social precisavam se assemelhar aos brancos. Conseqüentemente muitos deles também acabavam se afastando da identidade negra, pois só havia duas opções: se conformar com a ‘vida de negro’ ou romper com o paralelismo negro/ miséria.

Os negros que ascendiam sentiam-se hostilizados pelos negros ressentidos que não subiram na vida, e frente à hostilidade dos ressentidos acabavam retaliando-os, até porque muitos deles ao assumirem os valores da branquitude passavam a acreditar na ideia de que eram exceção (SOUZA, 1983). Isso porque, a cultura do consumo embricada nesse contexto, demanda que os sujeitos que buscam evidenciar seu status de classe a partir dos bens adotem condutas e procedimentos adequados com o padrão do grupo social (FEATHERSTONE, 1995), por isso, muitas pessoas negras até hoje compreendem que o relativo prestígio social conseqüentemente demanda o distanciamento da cultura negra.

Esse comportamento é reflexo do discurso racista e classista da época pode ser uma das razões deste distanciamento, visto que, “os negros letrados, autodenominados homens de cor, passaram a exercer uma influência significativa no comportamento e nas atitudes de parte da

população negra” (SANTOS, 2020, p. 103). Segundo Figueiredo (2012) em diálogo com Frazier (1975), assim como nos Estados Unidos, os negros brasileiros de classe média que foram educados por professores brancos ao ascenderem socioeconomicamente acabavam por replicar e aderir aos valores morais e comportamentos oriundos da burguesia branca. E, devido à dificuldade de se manterem em classes mais elevadas, a reprodução do comportamento da branquitude burguesa se mostrava um caminho viável para a manutenção da classe e status social. Contudo, isso acabou resultando em um complexo de inferioridade e no distanciamento das tradições da negritude e da origem popular, conforme aponta Neusa Santos Souza.

Esse movimento de afastamento pode ser relacionado com os apontamentos de Petrônio Domingues (2007) à 2ª fase cultural do Movimento Negro, que discutiremos adiante, em que houve um distanciamento expressivo de pessoas negras da cultura negra. Esse deslocamento atribuiu aos negros letrados o peso de ser exemplo tanto para os brancos, como para os negros após ascender socioeconomicamente através da escolarização e do trabalho. Portanto, a partir da década de 1960, a manutenção do status social demandava um comportamento polido e burocrático, sem exacerbações.

A história da ascensão social do negro brasileiro é, assim, a história de sua assimilação aos padrões brancos de relações sociais. É a história da submissão ideológica de um estoque racial em presença de outro que lhe faz hegemônico. É a história de uma identidade renunciada, em atenção às circunstâncias que estipulam o preço do reconhecimento ao negro com base na intensidade de sua negação. (SOUZA, 1983, p. 23).

É na compreensão de todo esse processo de negação que as pessoas negras têm se organizado para a mudança social. E, ainda que a prática de afroconsumo seja pautada sob o prisma da perspectiva sociocultural, seria impossível tratar do tema sem considerar os atravessamentos acerca do campo socioeconômico durante a prática, que atua na dimensão simbólica do capitalismo e reside tanto nas suas transformações, assim como, nas reformulações sociais e resistências culturais da negritude dentro do capitalismo.

Jessé de Souza diz que o capitalismo não constrói novas ideias, uma vez que ele é um campo de lutas abertas, que mobiliza as construções simbólicas. Sendo assim, através da incorporação de distintas formas de conhecimento e capital cultural, é que a mobilização política e ação coletiva organizada torna-se uma forma de luta simbólica por justiça social (SOUZA, 2012; 2013). Portanto, o afroconsumo, no âmbito econômico e material, apoia-se no fato de que “o ‘outro’ do capitalismo não está apenas fora dele, mas também pode ser gestado no seu próprio interior ao se problematizarem seus próprios dispositivos de justiça em seus próprios princípios implícitos de equidade e de bem comum.” (SOUZA, 2012, p. 31).

E, tendo em vista que, o afroconsumo compreende diferentes campos, também é uma forma de fortalecimento social, político, identitário e econômico dos atores sociais e age paralelamente na busca por justiça social.

### **3. CONSUMO CULTURAL: especificidades e interdisciplinaridade**

Os estudos sobre as práticas de consumo encontram na base sociológica e cultural muitas questões que mobilizam pesquisadores, campos e indivíduos de forma individual e coletiva. Ainda que, os estudos de consumo apresentem diversas vertentes e possam ser abordados de inúmeras formas e em diferentes campos, a presente pesquisa irá tratar o tema a partir da visão de consumo cultural de Canclini (1997).

Gostos, desejos, insatisfações e premissas identitárias podem aproximar e colocar diferentes atores sociais em um lugar comum, e o consumo é um cenário bastante popular que proporciona e possibilita esse encontro. Embora cada sujeito tenha um objetivo de vida, e ainda que cada experiência seja única e individual, as pessoas pertencem a grupos sociais que agem na constituição de suas identidades e visão de mundo.

Para pensar o consumo, Canclini (1992) sinaliza que é necessário ir além dos campos de origem, pois cada área contribui de forma parcial à compreensão do tema. A Antropologia e a Sociologia darão enfoques sobre regras de convivência e conflitos, a Economia argumentará sobre a racionalidade das trocas econômicas, e a Comunicação tratará o uso dos bens como transmissores de informação e significado.

As minúcias das relações que se estabelecem entre as interações massivas, locais e individuais demandam uma calibragem entre os campos para que possamos compreender a complexidade e a heterogeneidade do consumo. Isso se dá porque, segundo Canclini (1992; 1997), cada grupo, classe e indivíduo consome em cenários e escalas diferentes e com lógicas distintas, uma vez que, “*existen conjuntos de consumidores con formación particular en la historia de cada campo cultural*” (GARCÍA-CANCLINI, 1991, p. 42).

O consumo é um dos mais importantes mecanismos de reprodução social do mundo contemporâneo e, ao estendermos seu significado às esferas incomuns do habitual, classificam-se as dimensões da vida social (BARBOSA e CAMPBELL, 2006). Por conseguinte, a escolha em tratar a questão sociocultural do consumo de pessoas negras reside nos atravessamentos identitários, nos processos sociais e nos sentidos produzidos nesta prática. Para muitas pessoas negras o consumo é muito mais do que a aquisição de um produto ou de bens culturais, ele é uma forma de resistência, uma atividade que no âmbito das relações raciais irá operar no campo

simbólico, ainda que dentro da cultura material. Barbosa e Campbell (2006) apontam que o consumo também serve para mediar relações sociais, construir fronteiras entre grupos e pessoas, assim como auxilia na constituição da subjetividade e da identidade.

Com isso, compreende-se que a integralidade do consumo pode ser alcançada a partir de uma perspectiva sociocultural (GARCÍA-CANCLINI, 1991; 1992; 1997). Contudo, para alcançar o esforço desta articulação teórica, antes de tudo, segundo Canclini, é preciso pensar acerca da ideia de que o consumo opera a partir da necessidade e dos bens.

Para o autor, é preciso descartar a concepção naturalista das necessidades, ou seja, os hábitos acerca das necessidades básicas como comer, beber, dormir, ter relações sexuais, pois para o autor, essas funções básicas são socialmente construídas e, de forma mecânica, acabam sendo aderidas pelos sujeitos e vistas como naturais. O campo antropológico aponta que é necessário desvencilhar-se da ideia de que o consumo se resume apenas a bens materiais, pois os estudos de consumo vão muito além de uma visão básica e reducionista da cultura material (MILLER, 2007). Segundo Mary Douglas e Baron Isherwood (2004), o consumo é fonte vital da cultura, é objeto de lutas, que, produz sentidos e significados como uma atividade ritual.

O consumo não é apenas a troca de mercadorias, ele é

“[...] parte de interações socioculturais mais complexas, produzidas em torno de bens e objetos simbólicos que produzem significados, representam diferenciação, compartilhamento, comunicam escolhas, posicionamentos da situação dos indivíduos no mundo, satisfazem desejos (GARCÍA-CANCLINI *apud* TOALDO; JACKS, 2013, p. 5).

Posto isso, parte-se da definição de Canclini que, o consumo cultural “é um conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos” (GARCÍA-CANCLINI, 1997, p. 53), em que a dimensão simbólica dos produtos prevalece sobre os valores de uso e troca. Jacks e Escosteguy (2005) indicam que, ao localizar o consumo como parte integrante do ciclo de produção e circulação de bens simbólicos, é possível tornar mais visível a complexidade de seus mecanismos sobrepujando a ideia de compulsão consumista, pois, ao organizar as razões, as condições e os cenários produzidos, revela, assim, os sentidos que se constituem na prática.

Para compreender a totalidade das práticas de consumo, Canclini (1991) propõe a articulação de 6 modelos teóricos – provenientes de diversos campos que já pesquisaram as lógicas e os fenômenos e que deram base para articular as racionalidades do consumo, no intuito de desenvolver uma teoria sociocultural do consumo. A seguir, iremos explorar as especificidades destas racionalidades brevemente.

O **modelo 1** percebe *o consumo como lugar de reprodução de forças de trabalho e expansão de capital*. O enfoque a esta racionalidade é oriundo do campo econômico, uma vez que gira em torno das estratégias de mercado dos grupos hegemônicos e dos produtores. Segundo Canclini (1997), a globalização, as relações políticas, econômicas, sociais e culturais são fatores que colaboram para que o mercado opere em torno do ciclo de produção e de reprodução social.

Os processos sociais industriais motivaram disputas pelas formas de uso e apropriação de mercadorias, e esse movimento resultou na ampliação da variedade e da quantidade de produtos. Com o crescimento de produção, conseqüentemente, há a necessidade de aumento de forças de trabalho, o que incide também no aumento da lucratividade acerca dos produtos<sup>1</sup>.

Embora o potencial de lucro seja um fator que impulse os produtores na atuação em novos mercados, a concorrência e a disputa por um espaço de mercado também são consideradas na expansão das atividades industriais. Dentre as estratégias mercadológicas de expansão de mercado, a busca pela atuação das indústrias em segmentos considerados, até então pouco explorados e a potencialidade dos consumidores também são aspectos bastante relevantes.

De acordo com a matéria do jornal Folha de São Paulo (2018), no ano de 2015 houve um enorme crescimento nos produtos para cabelos crespos e cacheados devido aos movimentos de valorização dos cabelos naturais, e os produtores passaram a atuar com a premissa de que buscavam o desenvolvimento de produtos que atendessem a necessidades e características específicas dessas consumidoras. Outro aspecto importante nesta racionalidade pode ser visto através do levantamento do Instituto Locomotiva realizado a pedido da Folha de São Paulo (2019), que, ao cruzar os dados de renda e de consumo de grupo mostrou que as mulheres negras movimentam aproximadamente R\$704 bilhões de reais por ano, o que equivale a 16% do consumo nacional. Dados como esses nos mostram que o desenvolvimento desses produtos aqueceu e motivou a indústria em virtude da expansão de mercado e, também, do potencial de compra do consumidor.

Esse *novo* cenário também altera o tecido social, pois faz com que as marcas precisem e busquem contratar modelos negras(os) para divulgação de seus produtos, assim como profissionais especializados em questões étnico-raciais que, em paralelo, também saibam dialogar com o público-alvo. Na lógica da racionalidade econômica, essa ampliação do mercado

---

<sup>1</sup> Esse movimento também incidirá na necessidade de novas estratégias mercantis, muitas delas oriundas da publicidade, cujo papel passa a ser fundamental, tanto para o mercado, quanto para os grupos sociais envolvidos na construção e nas disputas de significados.

incide no aumento da cadeia de produção da indústria e, conseqüentemente, eleva os lucros dos produtores nesse movimento de aproximação a esse público. Sendo assim, vemos que é o interesse na expansão econômica e empresarial que motiva e possibilita a abertura de novos nichos de mercado.

Já o **modelo 2** trata *o consumo como lugar de disputas entre classes e grupos que competem pela apropriação do produto social*, e, nessa esfera, os sujeitos buscam apreender o sentido social do consumo. Essa racionalidade apresenta um caráter sociopolítico e uma natureza sociológica, cuja interatividade entre consumidor e produtor atribui importância à posição social dos sujeitos.

Na percepção de que o consumo também é um cenário de disputa, Canclini (1991; 1997) aponta que o consumo é vertical, e não unidirecional, conforme o tratamento dado pela abordagem econômica, pois o aumento de produção, e conseqüentemente, de lucro dos produtores, só ocorre porque há demanda dos consumidores. Essas reivindicações estão relacionadas às apropriações, que possibilitam aos grupos sociais populares participar do cenário, negociar usos, pleitear direitos, buscar conforto, qualidade de vida, saúde, prazer, entre outros. Compreende-se que o que motiva muitos grupos sociais está ancorado na insatisfação em relação à qualidade de vida de que eles não dispõem, ou em alguns casos, o acesso a produtos não pensados e ofertados para suas características físicas e fenotípicas.

Alguns movimentos contemporâneos como o *Encrespa Geral* (primeira edição em 2013) e a *Marcha do Orgulho Crespo* (primeira edição em 2015), organizados a partir das redes sociais, passaram a incentivar e disseminar a aceitação dos cabelos crespos no ciberespaço e ganharam as ruas em uma dimensão nacional. De acordo com o Google BrandLab (2017) nos anos de 2016 e 2017 o interesse por conteúdos sobre cabelos crespos e cacheados cresceu 309%, enquanto a busca pelo termo *transição capilar* cresceu 55%. Isso pode ser reflexo do “[...] surgimento de canais de youtubers negras, que trouxeram de forma mais latente a temática do cabelo como conteúdo a ser abordado, contribuiu para uma mudança no mercado da beleza, especialmente no que se refere aos cosméticos capilares. O interesse crescente, a partir do ano de 2013 (GOOGLE, 2017), por parte de um público específico nesses conteúdos do YouTube influenciou o aumento do número e da variedade de produtos para cabelos crespos e cacheados disponíveis para comercialização. (BRAGA, 2020, p. 15).

Ao criar um movimento de valorização da naturalidade dos cabelos crespos e cacheados, assim como da identidade étnica, esses movimentos e indivíduos conseqüentemente tensionaram o mercado. Com isso, muitas marcas tiveram que repensar seus posicionamentos,

seus anúncios e suas linhas de produtos, e isso ocasionou a proliferação de produtos desenvolvidos especialmente para cabelos crespos e cacheados.

Assim, esse movimento de consumo identitário mostra que as demandas, os desejos e as necessidades do público exigiram dos produtores e das marcas o desenvolvimento de linhas de produtos para cabelos crespos e cacheados representado por uma disputa pela apropriação do produto social. Dentro da lógica da racionalidade interativa, isso conferiu a essas pessoas o direito de existir dentro desse cenário e de disputar um espaço social, político, econômico, publicitário e midiático.

No **modelo 3** o consumo é visto *como lugar de diferenciação social e distinção simbólica entre os grupos*. A diferenciação, tratada como um mecanismo de distanciamento de grupos e indivíduos, para Canclini (1992), ocorre, na maioria das vezes, de cima para baixo. Segundo o autor, essa esfera tem um papel decisivo no consumo cultural, pois ela expressa e comunica diferenças sociais, e essa concepção pode ser observada a partir das formas de uso, e não necessariamente do poder de compra, pois os bens são usados para marcar as categorias de classificação (DOUGLAS e ISHERWOOD, 2004).

O gosto e as inclinações dos sujeitos atuam como fortes instrumentos de distinção social, pois eles se localizam entre o visível e o invisível (BOURDIEU, 2007) no âmbito material e imaterial, e também nas diferenças sociais - que unem, desunem e são fontes de conflitos e de manipulações socioeconômicas e político-ideológicas, segundo Munanga (2003). O que distingue um indivíduo do outro muitas vezes está no tipo de música que se escuta, na faculdade se frequenta, no estilo de roupa que se usa, ou seja, *o que* os sujeitos consomem e *como* consomem se transformam em signos.

De acordo com Canclini (1992) a diferenciação também ocorre dentro das classes mais baixas, pois elas possuem seus próprios mecanismos de distinção. E, mesmo que esse cenário não dialogue diretamente com a racionalidade econômica, as distinções simbólicas irão atuar, na maior parte do tempo, a partir de padrões hegemônicos, vão distanciar aqueles que detêm mais poder de compra dos que não têm, dissimulando as oposições e impondo sentidos (BOURDIEU, 1992).

Por exemplo, observamos que muitas pessoas negras optam por frequentar salões de beleza étnicos<sup>2</sup> porque acreditam que as(os) profissionais destes espaços saberão lidar melhor com seu tipo de cabelo e compreenderão melhor suas demandas e objetivos. Cursos e

---

<sup>2</sup> De acordo com Gomes (2019) essa classificação é usada para destacar a especificidade racial da clientela prioritariamente atendida por negros e mestiços. Além disso, muitas vezes o proprietário(a) também pertence a esse grupo étnico, o que atribui à existência de um projeto de valorização da beleza negra.

especializações indicam que o local está atento às atualizações da estética negra, conferindo um acréscimo no capital simbólico do salão (Santos, 2000), assim como agregando um valor diferenciado no preço final do serviço e dos produtos.

No âmbito imaterial desta racionalidade de consumo, a distinção que ocorre por meio do consumo de serviços e produtos especializados em cabelos afro divide o consumidor por seu *status* social. Os mecanismos de diferenciação atuam para que esses consumidores participem do cenário hegemônico, tanto dentro da lógica competitiva do capitalismo, que afasta as pessoas negras de estabelecimentos não especializados, ao mesmo tempo em que as aproxima de suas identidades étnicas e os diferencia dos outros sujeitos de seus grupos de pertencimento.

O **modelo 4** olhará para a questão do consumo *como sistema de integração e comunicação*, pois algumas práticas de consumo produzem, em um sentido mais amplo, um sistema de significados compartilhados que é compreensível a todos. Ou seja, mesmo com uma gama de distinções sociais esse cenário proporciona laços sociais entre incluídos e excluídos, resultantes da incorporação dos significantes que a prática de consumo produz.

Canclini (1997) aponta que esses códigos de etnia, classe, ou nação unificam cada vez menos, mas se reformulam através de pactos para permanecerem vivos. Por exemplo, o aspecto transcultural do Carnaval brasileiro proporciona laços sociais entre os cidadãos como resultantes da incorporação dos significantes que a prática de consumo produz. Mesmo que os grupos se apropriem de formas diferentes (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005), a celebração, ainda que com uma gama de distinções sociais, integra indivíduos de todas as classes sociais, etnias, gêneros, entre outros, através de diversas práticas e esferas, e possibilita a todos diversos significantes para a sua assimilação.

Um outro exemplo que nos ajuda a compreender este cenário reside no contexto da prática religiosa, em que é possível encontrar códigos compartilhados e compreendidos por todos. Os registros de celebrações, ritos, santuários, terreiros, realizados por veículos e meios de comunicação revelam um cenário de integração e de sociabilização entre indivíduos de diferentes classes, etnias, regiões, gêneros, crenças etc., em diversas partes do país em torno das celebrações, conferindo ao fenômeno um cenário de consumo que consolida “[...] um sentimento de pertencimento a um grupo real ou imaginário [...]” (GOELLNER, 2007, p. 52).

As atividades comerciais que giram em torno de práticas religiosas colocam indivíduos de distintas realidades sociais no mesmo espaço de consumo. Nesta racionalidade, os sistemas de práticas coletivas acabam sendo um dos elos entre esses sujeitos durante o consumo de produtos, artefatos, objetos e alimentos encontrados em lojas especializadas. E esses indivíduos

se integram e sinalizam sua aproximação e sua incorporação às comunidades e aos grupos de pertencimento.

O **modelo 5** se reporta ao consumo como *cenário de objetificação dos desejos*, e parte da visão de que o consumo tem um lado irracional. De caráter psicossocial, refere-se ao campo das subjetividades dos indivíduos e da satisfação de desejos que não podem ser proporcionados pelas instituições sociais.

Para Canclini (1997), os desejos são atos socialmente regulados resultantes das demandas provenientes das relações que o sujeito constrói na sociedade. Portanto, essa racionalidade tratará o consumo como uma busca de prazer e satisfação, e é vista, muitas vezes, como uma demanda ilusória por algo intangível, por consequência da lógica capitalista. De acordo com Goellner, esse cenário mescla realidade e imaginação, pois “a satisfação é um estado do ser proporcionado através da utilidade de objetos reais, o prazer consiste em uma qualidade da experiência, a qual não é propriedade intrínseca dos objetos, mas um tipo de reação positiva” (2007, p. 57).

Por exemplo, a presença majoritária de pessoas brancas e a ausência de pessoas negras no consumo de serviços e produtos de luxo constrói socialmente uma regulação acerca do acesso a esses bens – que pode ser vista pelo âmbito da classe, mas que, neste cenário, também é vista pela questão da raça, pois, no Brasil, classe é indissociável de raça (CAROLINE; BRUM, 2020). O desejo das classes baixas de usufruir dos mesmos bens e serviços das classes altas é construído socialmente, e se localiza aqui porque, ao mesmo tempo em que essa vontade pode se materializar através de ações concretas, ela também pode se desprender da realidade quando conquista a imaginação, que “por sua vez, diferente da fantasia, pode se concretizar num plano futuro (anseio)” (GOELLNER, 2007, p. 56).

De acordo com Leitão e Pinheiro (2006), os valores agregados aos bens são simbólicos e sociais, oriundos dos contextos sociais dos indivíduos, legitimados ou não, pelos discursos de grupos e de classes. Ainda, segundo as autoras, o consumo de luxo, mesmo que pirateado, serve para burlar as fronteiras de classe no jogo das interações sociais. Ou seja, não é o produto em si, mas a possibilidade de experimentar o *status* social de grupos e de classes distantes e, de acordo com Belk, Ger e Askegaard (2003), essas ações causam emoções cíclicas poderosas, que são prazerosas e desconfortáveis, isso porque, muitas vezes, o que fomenta esse desejo é o difícil acesso e o alcance que as pessoas desse mesmo grupo social têm ao adquirir esses produtos.

O desejo de usufruir de bens de luxo, muitas vezes, reside na vontade de buscar satisfação, de preencher um vazio que nem sempre pode ser explicado pelos sujeitos. Segundo

Belk, Ger e Askegaard (2003), o desejo de consumo se mistura com as fantasias e com o contexto sociocultural dos sujeitos, que criam expectativas e se empolgam ao ensaiar como será quando eles obtiverem o que desejam no âmbito material e social.

Ao contrário do que aponta Lipovetsky (2007), no caso da negritude, muitas vezes, são os desejos de representação social, a sobreposição do ser sobre o parecer, assim como a necessidade de exaltar a si mesmo, ao mesmo tempo em que controla seu universo social que motiva muitos desejos de consumo de luxo (ainda que os produtos não sejam autênticos). É a possibilidade de poder adquirir bens e produtos, assim como permear por espaços e grupos cujo acesso foi historicamente negligenciado e negado, ainda que isso passe pelo julgamento e pela aprovação de outros.

O consumo, neste âmbito, é impulsionado por relações e valores agregados, e reside tanto no âmbito da experiência, como nas aspirações sociais e no âmbito histórico, em que por muito tempo foi negado às pessoas negras a possibilidade ou o direito de consumo. Nesta racionalidade, o desejo irá atuar como circunstância propulsora das ações, e o consumo é o meio utilizado para aplacar insatisfações, materializar propósitos e intenções.

Por fim, **o modelo 6** trata o consumo *como processo ritual*. Na perspectiva antropológica do consumo, os bens desempenham a função de acessórios rituais, uma vez que eles são a parte visível da cultura, segundo Douglas e Isherwood (2004) – autores que deram base para Canclini no desenvolvimento deste modelo. É através dos ritos que os significados que regulam a sociedade são fixados, para que haja um consenso coletivo e também para que o fluxo deles seja contido, pois eles se constroem a partir de múltiplos comportamentos que se repetem ao longo do tempo de forma fixa ou episódica (DOUGLAS e ISHERWOOD, 2004; ROOK, 2007).

Os critérios sociais estabelecidos por meio de rituais dizem muito sobre o indivíduo, sua cotidianidade, sua matriz familiar, sua região, e até mesmo sobre seu capital cultural. No âmbito da negritude, os rituais religiosos de matriz africana são eficazes tanto na preservação da cultura negra, como na ancoragem de significados sociais. As práticas desses rituais passam tanto pelo consumo de bens materiais, através da aquisição de imagens e artefatos religiosos, quanto simbólicos, como o culto aos Orixás.

A obra *O Terreiro e a Cidade* (2002), de Muniz Sodré mostra que existem diversos tipos de cultos e ritos nas religiões afro-brasileiras, e cada uma delas apresenta diferentes configurações ou variações. Para Sodré, diversas práticas ritualísticas das religiões afro-brasileiras de matrizes africanas foram reproduzidas por causa da existência da plasticidade simbólica, cuja maleabilidade permite a realização de encadeamentos convenientes. O autor

aponta que são as similitudes maciças e visíveis dos procedimentos analógicos que irão permitir ajustes sutis por parte dos indivíduos, fazendo com que isso - o uso dos objetos e dos rituais, se desdobre em inúmeras possibilidades de utilização.

Em muitos rituais religiosos afro-brasileiros podem-se encontrar práticas que demandam a utilização de vestimentas específicas para festas e rituais, realização de oferendas compostas por produtos diversos como frutas, verduras, velas, ervas, espelhos, perfumes etc., que podem ser encontrados em lojas especializadas. Para ofertar ou pedir algo (como saúde, abertura de caminhos, resolução de problemas), antes de tudo, é necessário consultar aos orixás, que através do jogo de búzios realizado pelos sacerdotes (mães ou pais de santo), irão buscar orientações sobre o que deve ser feito para alcançar os pedidos, pois são os orixás que irão determinar que materiais deverão ser utilizados na oferenda. Ou seja, o ritual de consumo de artefatos religiosos é um processo que inicia muito antes da prática de consumo destes produtos, e termina bem depois<sup>3</sup>. Apesar da necessidade de uso de produtos específicos “o ritual realiza-se sempre com os materiais possíveis num determinado momento da história, mas com atenção aos "fundamentos", aos protocolos da Origem.” (SODRÉ, 2002, p. 116). Além disso, é uma prática ancestral cujos rituais têm sido restaurados e adaptados, e continuam sendo reproduzidos e repassados desde a chegada dos africanos ao Brasil no século XIX (SODRÉ, 2002).

Para Canclini, os seis modelos precisam estar articulados em conjunto para que capturemos a plenitude da prática de consumo, e já foram, de fato, reforçados por diversos autores do campo (JACKS & ESCOSTEGUY, 2005; JACKS & TOALDO, 2013; GOELLNER, 2007). As racionalidades de cada campo precisam ser articuladas para que se compreenda que a prática de consumo não é apenas econômica ou comercial, tampouco uma atividade motivada apenas pelo desejo ou pelo ritual – pois, segundo o autor, os estudos realizados anteriormente, ao serem isolados de outros campos, são insuficientes para alcançar a completude do consumo. Ou seja, o autor sinaliza que o consumo não opera apenas acerca das racionalidades do campo econômico e social, sua prática reside na unificação de diversas perspectivas e circunstâncias.

Portanto, partimos do entendimento de que essas práticas são construídas a partir de experiências e matrizes culturais e serão moldadas após a produção, os usos e a apreensão de significados que a relação, a agência e a localização do sujeito na sociedade irão estabelecer. São as experiências, as relações e as interações dos sujeitos que irão definir o grau de importância de determinadas práticas de consumo.

---

<sup>3</sup> Há diversos tipos de entrega de oferendas, algumas são entregues ao orixá durante o ritual, mas há também práticas que orientam a entrega/despacho de algumas oferendas depois de 7, 14 ou 21 dias de feitura do trabalho. Isso tudo vai depender das orientações dos búzios e das práticas de cada terreiro.

Canclini defende que o consumo é um ato cultural que serve para pensar, e Martín-Barbero aponta que ele não é apenas um lugar de reprodução de forças, é também a produção de sentidos em que os usos ganham formas sociais (GARCÍA-CANCLINI, 1997; MARTÍN-BARBERO, 2015). A partir deste prisma, a aposta desta investigação é de que as práticas de consumo de pessoas negras são motivadas pelos aspectos culturais de suas experiências.

Ao observarmos às práticas de consumo da negritude – o afroconsumo, foi possível verificar que o fenômeno apresenta particularidades e características para pensarmos acerca da teoria sociocultural do consumo. Tal constatação se deu após um olhar atento às especificidades de cada campo que compõem a noção de Canclini, seguida das reflexões sobre as práticas de afroconsumo. Assim sendo, busca-se verificar se a noção de consumo cultural pode ser articulada às práticas de afroconsumo em um âmbito cultural, pois ao que tudo indica o propósito de ambas é estabelecer tanto novos pactos econômicos, quanto culturais (GARCÍA-CANCLINI, 1991).

#### **4. A PREMISSA DO AFROCONSUMO**

Para traçar um panorama sobre o afroconsumo foram realizadas algumas investidas teórico-metodológicas. A primeira buscou encontrar afliências das abordagens entre os dois estudos encontrados no levantamento do estado da arte e a noção de consumo cultural, com o intuito de estabelecer um diálogo sólido nas análises futuras.

Contudo, os caminhos e as possibilidades revelados durante os ensaios mostraram que a questão da cidadania se manifesta de forma latente e determinante para a fundamentação do afroconsumo, pois a perspectiva se mostra imbricada em muitas práticas. Outro ponto frutífero e fundante encontrado se aporta nas discussões acerca das práticas culturais da negritude, estas que são atravessadas por diversos aspectos e circunstâncias resultantes dos processos sociais da negritude brasileira. Sendo assim, este bloco irá apresentar algumas possibilidades e escolhas de investigação sobre o objeto.

##### **4.1 Lapidando o fenômeno: diálogo e perspectivas**

A partir da necessidade de mapear o que está sendo desenvolvido pelo campo, consultou-se o banco de teses e dissertações da Capes, desenvolvidas nos Programas de Pós-graduação em diversas áreas de conhecimento no Brasil, no período de 2016 a 2020.

Esse recorte temporal deu-se devido à relevância das discussões sobre diversos campos que atravessam a temática da negritude na sociedade brasileira e nas mídias, e, conseqüentemente, esse movimento muitas vezes também resulta na produção de pesquisas acadêmicas nos Programas de Pós-graduação em Comunicação no Brasil. Porém, como citamos anteriormente, foi encontrado apenas 1 trabalho em que a palavra *afroconsumo* foi mencionada no título e/ou corpo do trabalho e/ou no resumo e/ou nas palavras-chave.

A dissertação intitulada *Corporeidade, consumo e identidades políticas: estratégias de empoderamento feminino negro realizadas pelo coletivo das pretas na cidade de Vitória/ES* (2017) (CARNEIRO, 2017) apresenta bastante importância, uma vez que a pesquisa mostra e confirma a premissa de que as práticas de afroconsumo têm sido debatidas e pensadas entre os indivíduos e os grupos da comunidade negra. Entretanto, Carneiro apresenta um breve bloco sobre o tema, que ajuda a explicar suas considerações e em que aponta que o fenômeno é uma forma de economia criativa que, através de trocas simbólicas, visa o empoderamento dos negros na busca por uma autonomia financeira e emocional. Para o autor, no discurso do coletivo que ele investiga, *Das Pretas*, a prática faz referência ao passado por meio da ancestralidade, fortalece o presente devido ao significado social e planeja um futuro ao tentar garantir melhores condições no mercado.

Neste ponto, acredita-se que a abordagem do autor suscitaria e direcionaria a duas circunstâncias: pensar o afroconsumo através de uma abordagem da economia criativa (o que pode ser algo a ser pensado mais adiante na tese) ou direcionar para o movimento *Black Money*<sup>4</sup>, o que, conseqüentemente, nos remete às práticas de afroempreendedorismo, fenômeno que discutiremos a frente. Do ponto de vista teórico-metodológico desta pesquisa, ambas abordagens se situariam entre os modelos 1 e 2 da noção de consumo cultural, cujas relações são estreitas, principalmente no modelo 1, e pouco nos ajudaram a pensar as racionalidades de consumo articuladas aqui, uma vez que toda a prática de consumo é resultado de um conjunto de racionalidades (CANCLINI, 1997).

Posto isto, buscamos outros aportes para pensar o afroconsumo e, nas investigações, encontramos o estudo de âmbito mercadológico intitulado *Afroconsumo: Pesquisa sobre comportamento e hábitos de consumo dos afrodescendentes da cidade de São Paulo* (ETNUS, 2016), cuja abordagem é mais ampla. Sendo assim, optamos por uma aproximação e um diálogo

---

<sup>4</sup> Black Money é um movimento econômico que promove a aproximação entre afro-empresendedores negros e compradores negros. Ver mais em: SANTOS, Larissa de Paula Pereira dos. Movimento Black Money: 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Publicidade e Propaganda) – UNIDERP, Campo Grande, 2019.

mais estreito com a pesquisa da ETNUS, uma vez que ela traz dados e elementos mais abrangentes para o ponto de partida.

A ETNUS entende o afroconsumo como “[...] um movimento de contracultura, que considera a influência direta ou indireta das características étnico-raciais nas experiências do consumo, consciente ou inconscientemente, protagonizando a estética e as características raciais e culturais intrínsecas aos afrodescendentes” (2016, p. 10). A pesquisa buscou compreender as questões étnicas nas práticas de consumo dos afro-brasileiros em São Paulo, trazendo dados censitários do IBGE para analisar o consumo de pessoas negras na cidade, assim como as percepções relevantes na valorização estética sob o viés da comunicação e da produção industrial, argumentando sobre a multiculturalidade e o capital financeiro do município paulista para desenvolver o conceito de afroconsumo e refletir sobre o novo perfil de consumidores no mercado.

Ainda, segundo os dados, o processo de construção de novos perfis de consumidores é resultado da “[...] ascensão social, aumento do poder aquisitivo, políticas públicas direcionadas e ações afirmativas favoráveis às consideradas minorias sociais[...]” (ETNUS, 2016, p. 10). Em paralelo, o estudo argumenta que a mudança de comportamento de uma parte da população negra é proveniente dos desdobramentos que se deram a partir do investimento no capital intelectual deste grupo, e isso incidiu também no campo do consumo.

A partir desta visão seria possível deduzir que são as contestações e as disputas entre classes e grupos que competem pela apropriação do produto social, ou seja, o modelo 2, que mobiliza a indústria e o mercado. Entretanto, ainda que esta racionalidade esteja vinculada a este processo, é importante mencionar que esse movimento de oferecer aos consumidores o que eles querem é parte da estratégia usada pela racionalidade econômica do consumo.

Na época da pesquisa constatou-se que a população negra brasileira movimentava e consumia aproximadamente 800 bilhões de reais ao ano (ETNUS, 2016), e dados como esse despertam tanto o interesse da indústria e do mercado, quanto dos grupos sociais. Como vimos na seção anterior, a lógica de produção opera tanto no âmbito da competitividade industrial, quanto na busca dos produtores por aumento de lucros. Sendo assim, é o potencial de consumo da negritude que provoca, estimula, mobiliza e estabelece novos nichos de mercado, e não necessariamente as disputas entre classes e grupos pela apropriação do produto social.

O intuito da realização desses exercícios de articulação teórica era tentar relacionar, de certa forma, a noção de consumo cultural às pesquisas. Ambas apresentaram diferentes abordagens e objetivos, assim como nos direcionaram para diferentes campos e enfoques. Dentre as diferenças, um ponto importante a ser apontado é que a primeira é uma investigação

acadêmica e a outra é uma pesquisa de mercado. Contudo, conforme foi apresentado, os caminhos de ambos nos direcionam para algumas imbricações limitadoras.

## **4.2 Afroempreendedorismo: estado da arte**

Devido a frequente conexão do afroempreendedorismo ao afroconsumo, buscamos neste capítulo compreender e encontrar diferenças e similaridades entre o afroempreendedorismo e afroconsumo, visando nas reflexões seguintes construir, alinhar as possíveis articulações dos temas. O paralelo entre afroempreendedorismo e afroconsumo foi traçado a partir de uma provocação, e devido às observações acerca das frequentes relações e menções ao afroempreendedorismo quando falamos de afroconsumo.

Através de um mapeamento de teses e dissertações produzidas nos programas de pós-graduação brasileiros de diferentes áreas e campos que se debruçaram a investigar os fenômenos que circundam as práticas de afroempreendedorismo, exploramos as especificidades da atividade assim como suas relações com o afroconsumo. Assim sendo, através da pesquisa sistemática (FERREIRA, 2002) foi possível inventariar e descrever a produção acadêmica e científica sobre o tema.

A base para o estado da arte, também conhecido como pesquisa sistemática ou estado da questão, aporta-se na premissa de encontrar as diferenças e similaridades entre os objetos com isso, delimitamos a pesquisa neste momento, apenas ao banco de tese e dissertações da Capes. Para além disso, este capítulo se debruça à análise de pesquisas desenvolvidas acerca dos temas da negritude devido a uma tímida presença dos temas nos programas de pós-graduação em Comunicação, ainda que o aumento de produções científicas de temáticas relacionadas à negritude tenha aumentado consideravelmente.

A partir disso, o corpus deste trabalho limita-se às produções encontradas no banco de teses e dissertações dos Programas de Pós-graduação do Brasil no site da Capes, no período de 2018 a 2021. Esse recorte temporal se justifica devido à emergência e relevância das discussões de diversos campos e temas transversais à prática de consumo da negritude na sociedade brasileira e nas mídias, e, também às observações acerca do notório aumento na produção de pesquisas científicas cujo objeto está relacionado às práticas socioculturais de pessoas pretas e pardas, ou seja, negras (IBGE, 1970).

Compreende-se que, esse crescimento está diretamente relacionado à criação e aplicação de políticas de ações afirmativas na pós-graduação, que conseqüentemente resultaram no

aumento de discentes negros nos programas de pós-graduação. Esse progresso se deve ao fato de que, em 2006, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade do Estado da Bahia (Uneb) adotaram políticas ações afirmativas para pessoas negras em seus programas de pós-graduação, juntamente com as ações voltadas para a inclusão deste grupo na graduação (VENTURINI; FERES, 2020). Entretanto, foi só em 2012 que o tema das políticas afirmativas passou a ser debatido efetivamente, e estabelecido em 2017, quando os programas interpretaram como obrigatória a Portaria Normativa MEC n. 13 (BRASIL, 2016), que “[...] determinou que todas as instituições federais de ensino superior deveriam enviar propostas de inclusão de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência em seus programas de pós-graduação” (VENTURINI; FERES, 2020, p. 886). Assim, esse movimento, ainda que com resultados tímidos inicialmente, foi significativo e relevante para o crescimento, desenvolvimento e realização de pesquisas de pós-graduação que se debruçam a investigar as práticas socioculturais da negritude na sociedade.

Tal escolha reside no interesse em criar uma base de informações que ajude a delimitar e/ou ampliar as discussões acerca das produções científicas nos programas de Pós-graduação, com o intuito de investigar a produção do campo e os fenômenos que circundam as práticas de afroconsumo cultural.

Dentro de uma perspectiva socio-histórica compreende-se que, o afroempreendedorismo se desenvolveu em meio às necessidades socioeconômicas da população negra de sobreviver após a Independência do Brasil, ao ser excluída do projeto de nação do país. Na época pós-abolição este grupo étnico tinha poucas oportunidades no mercado de trabalho livre pois eram estigmatizados como inferiores e preteridos frente à mão de obra dos imigrantes europeus (MOURA, 1988; KOWARICK, 1994; THOBIAS JR., 2013). Esse estigma se construiu por meio de discursos de ideologias racistas de que os antigos escravizados, agora livres, preferiam o ócio ao regime de trabalho assalariado.

Com isso, o afroempreendedorismo passou a ser uma prática de sobrevivência que surge devido à marginalização do negro no mercado de trabalho após o fim da escravatura. Contudo, “o trabalho autônomo, auto gestor, resultado de condicionantes sociais e não por opção, acabou se tornando um traço cultural de parte significativa da população negra” (OLIVEIRA T., 2019, p. 34).

Amartine e Queiroz, ao debater as consequências do afroempreendedorismo no campo jurídico, sinalizam que, o termo ainda “não possui conceito definido, sendo interpretado de modos distintos por autores e entidades governamentais” (2022, p. 2). Contudo, os debates acerca do afroempreendedorismo, apesar de não apresentarem uma definição e consenso no

campo, vêm sendo discutido sob diferentes perspectivas por diversos pesquisadores como Moura (1992), Kowarick (1994), Dias (1995), e Fernandes (1989). Como veremos a seguir no levantamento do estado da arte, campos diversos têm debatido questões relacionadas às atividades de afroempreendedorismo.

Para compreender como as pesquisas brasileiras têm abordado a atividade de afroempreendedorismo na atualidade, buscamos realizar um levantamento acerca da produção acadêmica brasileira na área. Ainda que o foco do nosso campo seja o campo da Comunicação, o banco de teses e dissertações da Capes retornou trabalhos de diferentes áreas do conhecimento.

Optou-se por não descartar esses trabalhos devido às contribuições e atravessamentos do tema, do campo da Comunicação. Isso porque, a área é interdisciplinar a distintos campos, e considerando que, na atualidade muitas pesquisas dialogam diretamente e de forma estreita com as práticas socioculturais dos sujeitos, assim como suas interações com as plataformas digitais e sites de redes sociais, optamos por este movimento de articulação, diálogo e não-exclusão.

Na pesquisa sistemática no banco de teses e dissertações da Capes buscamos pesquisas que apresentassem o *afroempreendedorismo* no título, e/ou resumo, e/ou palavras-chaves e/ou corpo do texto. Ao todo encontramos 10 pesquisas acadêmicas que, unanimemente foram realizadas por mulheres.

A maioria das pesquisas estão localizadas no Sudeste do país, que figura com 7 pesquisas localizadas em programas de pós-graduação nos estados do Espírito Santo (UFES), Rio de Janeiro (UFF e UFRJ) e São Paulo (UNESP, USP e UFABC). A região Sul desenvolveu duas pesquisas, destas uma localizada no estado do Paraná, e outra no Rio Grande do Sul. Igualmente, ao Nordeste, que apresenta duas pesquisas localizadas nos estados da Bahia (UFBA) e do Ceará (UNILAB). A seguir iremos abordar o conhecimento sobre o tema produzido pelas pesquisas científicas que constam no levantamento por diferentes áreas, conforme a tabela 1.

**Tabela 1** – Mapeamento de teses e dissertações sobre afroempreendedorismo

	Ano	Área	Título	Autor (a)
1	2020	Ciências Sociais	Meu dinheiro tem cor” Afroempreendedorismo brasileiro e identidade	Eliane Quintiliano Nascimento
2	2021	Sociologia	Empreender e resistir: as trajetórias de mulheres negras empreendedoras na cidade de Porto Alegre	Dinamara da Silva Prates
3	2020	Administração	Afroempreendedorismo: um Estudo Com Empreendedores Sociais do Espírito Santo	Lorrara Silvya Imagawa de Oliveira
4	2020	Antropologia e Arqueologia	Feira Cultural e do Afroempreendedorismo: Uma etnografia das relações entre economia feminina e resistência negra em Curitiba	Suelen Karini Almeida de Matos
5	2021	Mídia e Tecnologia	Grana preta: por um afroempreendedorismo sustentável na internet.	Ana Carolina Moraes dos Santos
6	2021	Sociologia	Raça e mercado: os casos de afroempreendedorismo no Rio de Janeiro e Salvador-Brasil	Charlene Carvalho Soares
7	2021	Turismo	A inserção do Festival Feira Preta no calendário de turismo de eventos na cidade de São Paulo: o capital intelectual como força propulsora na "difusão" do movimento da população negra afroempreendedora	Vanderleia Ricardo da Silva
8	2021	Comunicação	Beleza como Negócio: a construção econômica e tecnológica das influenciadoras digitais negras	Lidia Michelle Damaceno Azevedo
9	2021	Antropologia	As formas de autoinscrição na moda afro fortalezense	Juliana Silva Chagas
10	2019	Ciências Humanas e Sociais	Redes Sociais na Internet e a Economia Étnica: Um estudo sobre o Afroempreendedorismo no Brasil	Taís Silva Oliveira

Fonte: a autora.

A dissertação de Eliane Nascimento (2020) teve como objetivo a análise de conteúdos dos websites das organizações Pretahub e Movimento Black Money e fomento à prática de afroempreendedorismo a partir do ativismo social. Dentro da perspectiva da Sociologia Econômica a pesquisa empreende um esforço em conceituar o afroempreendedorismo, e o define como uma “atividade econômica baseada numa rede de solidariedade étnica, com objetivos coletivos de valorização da negritude, afroconsumo, prática de Black Money e luta contra o racismo, protagonizada por afroempreendedores e consumidores autodeclarados negros” (2020, p. 65). Segundo a autora, a tentativa de definição do campo é vista como a maior colaboração da pesquisa para o campo. Eliane Nascimento aponta que, o

afroempreendedorismo é uma modalidade diferente de empreendedorismo, uma vez que ela se compromete com a causa antirracista. A autora ainda defende que, afroempreendedores são os empreendedores negros que se comprometem coletivamente na superação dos problemas socioeconômicos da população negra.

As dissertações de Dinamara Prates (2021) e Lorrara Oliveira (2020) apesar de localizadas em diferentes cidades e campos buscaram compreender as especificidades de empreendedores negros gaúchos e capixabas, respectivamente. O percurso analítico de ambos os trabalhos, assim como o de Lídia Azevedo (2021), dialogam com as relações entre o afroempreendedorismo e mercado de trabalho.

Apesar de não termos tido acesso ao trabalho completo de Prates, devido a não divulgação do trabalho no site da Capes e nem no Lume, repositório digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o resumo aponta que a autora, questionou quais são os aspectos que levam as mulheres negras a empreenderem na cidade de Porto Alegre (RS), e buscou evidenciar as motivações para a prática, assim como compreender como estas mulheres se relacionam com os efeitos da discriminação e a influência das suas redes e interações. A autora aponta que a prática de empreender, a partir de demandas pessoais e coletivas é uma forma de combater as desigualdades, tornando-se assim uma forma de resistência sociopolítica.

Já Lorrara de Oliveira (2020) observou a partir do campo das Ciências Jurídicas e Econômicas, como os empreendedores negros do Espírito Santo empreendem, e constatou que, estes sujeitos empreendem por necessidade, dificuldades no mercado de trabalho e como uma forma de contribuição e combate ao racismo. A dissertação de Lidia Azevedo (2021) buscou compreender o processo de construção e estratégias utilizadas pelas influenciadoras digitais negras no Brasil para tornar o trabalho no Instagram viável como negócio. Através de uma análise de conteúdo a autora analisou como três influencers negras entendem e lidam com o trabalho de plataformas digitais., e considera que, a estratégia das entrevistadas se aproxima do cooperativismo de plataforma (GROHMANN, 2020). Para a autora, de certa forma, as tentativas de afroempreendedorismo ainda não evoluíram como esperado, uma vez que as influencers não têm autonomia sobre seus negócios.

Suelen Matos (2021) investigou a luta e a importância da Feira Cultural e do afroempreendedorismo em Curitiba através de narrativas e vivências de mulheres negras, problematizando também o cenário do mercado de trabalho. A autora revela que a feira possibilita a criação de uma rede para as empreendedoras e de aquilombamento no sentido espacial e simbólico que muitas vezes deixam o lucro em segundo plano e priorizam a ocupação e a resistência desses sujeitos.

A pesquisa de Ana Carolina Santos (2021) parte da premissa de que o afroempreendedorismo tem sido popularizado e fortalecido através da internet, uma vez que as pessoas negras têm se apropriado das redes sociais para geração de trabalho, renda e transformação. E, ao investigar as interferências do racismo na sustentabilidade de práticas empreendedoras realizadas por mulheres negras que trabalham com criação de conteúdo para redes sociais, a autora aponta que, é preciso criar estratégias de enfrentamento ao racismo, ainda que sejam insuficientes. Contudo, Santos sugere que uma das alternativas seria a criação de uma periferia digital.

O trabalho de Charlene Soares (2021) buscou contrastar as dinâmicas de afroempreendedorismo existentes nas cidades de Salvador e Rio de Janeiro. A autora, assim como outras pesquisadoras citadas neste texto, aponta as dificuldades encontradas pelos sujeitos negros no mercado de trabalho, o que muitas vezes incide na prática do afroempreendedorismo. Um ponto que despertou atenção foi o fato de a autora evidenciar os diferentes movimentos de fortalecimento à prática em cada cidade, e o apontamento acerca da importância do associativismo para os afroempreendimentos.

Vanderleia Silva (2021) buscou esclarecer o quanto o turismo de negócios e eventos colabora no fortalecimento do capital cultural da população negra através do afroempreendedorismo. Tendo o Festival Feira Preta na cidade de São Paulo como objeto, a autora destaca que o evento ajuda a incluir os afroempreendedores na cadeia produtiva da cidade e enfrentamento as diferentes expressões do racismo, categorizando o Festival como uma ação afirmativa.

Já Juliana Chagas (2021) trata das relações estabelecidas entre negritude e moda em Fortaleza/CE abordando questões de identidade a partir do contexto socioespacial, de produção e de comercialização de indumentárias de moda afro, focando quase que exclusivamente nas mulheres. A autora evidenciou um conjunto de práticas e ideias que se correlacionam ao trânsito de mercadorias da moda afro, e revela como a confecção de indumentárias afro através do afroempreendedorismo ajuda a construir a identidade das mulheres negras que participaram da pesquisa.

Por último, e não menos importante, a pesquisa de Taís Oliveira (2019), trata o afroempreendedorismo a partir de análises dos sujeitos nos sites de redes sociais, trazendo à baila conceitos e aplicações da teoria da economia étnica. De acordo com a autora, o “o tema afroempreendedorismo entrelaça tópicos complexos da sociedade” (2019, p. 18), e ao longo da pesquisa confirma a afirmação ao trazer reflexões acerca do alinhamento da prática com as questões sociais políticas. Segundo Oliveira o agrupamento desses indivíduos na internet é uma

forma de fortalecer os grupos identitários e a prática dos afroempreendedores enquanto um movimento social. Contudo, a dissertação mostra que a plena compreensão e desenvolvimento do afroempreendedorismo, esbarra em questões socioculturais, uma vez que a prática muitas vezes, é demarcada pelas “[...] disparidades no ato de empreender entre negros e não-negros, sobretudo ao que se refere ao capital social, econômico e político desses grupos” (2019, p. 93).

### **4.3 AFROEMPREENDEDORISMO: um movimento intrínseco ao afroconsumo**

O estado da arte mostrou diversos pontos e localizações de onde partem as pesquisas sobre afroempreendedorismo, e diversas contribuições teóricas nos ajudaram a refletir sobre o tema. De acordo com o Sebrae afroempreendedor é o “pequeno empresário que se declara negro e que manufatura e/ou comercializa produtos voltados para sua própria etnia” (SEBRAE, 2017, p. 15), e a partir deste apontamento iremos abordar diversos pontos.

Nascimento ao estudar o *Coletivo das Pretas* compreendeu que o afroempreendedorismo está diretamente relacionado com negócios em que, o afroempreendedor se autodeclare preto ou pardo, desenvolva, produza e ofereça “serviços que estejam relacionados com a valorização da identidade estética/cultural africana e afro-brasileira” (NASCIMENTO, 2018, p. 6). Os discursos apreendidos pela autora, defendem que esse profissional se difere do empreendedor negro que empreende sem realizar qualquer menção à questão étnico racial em seus produtos e serviços. Contudo, segundo Taís Oliveira (2019), o afroempreendedor é aquele empreendedor que se autodenomina negro.

Ainda, para Eliane Nascimento, a definição de afroempreendedorismo ainda apresenta dúvidas e sua definição é uma tarefa difícil tendo em vista a pouca literatura sobre o tema, entretanto a autora define que, “o afroempreendedorismo é compreendido como uma estratégia de enfrentamento à vulnerabilidade econômica e social da população negra, o segmento social mais afetado pelas transformações do mercado de trabalho” (2018, p.1).

De acordo com Santos e Sá (2018, p. 202)

O afroempreendedorismo busca criar oportunidades e espaços para que o dinheiro circule entre pessoas negras envolvidas no processo de confecção, venda e divulgação e compra. Logo, apresenta como fator determinante o caráter social e a sustentabilidade para que todas/os as/os envolvidas/os no processo possam se desenvolver mutuamente e a partir disso transformar a realidade social e econômica na qual estão inseridas/os.

Para além da questão capitalista e empresarial, o afroempreendedorismo pode ser visto como uma estratégia de enfrentamento ao racismo estrutural criada por ativistas negros vista

como chave inovadora de desenvolvimento e fortalecimento sociocultural e econômico da população negra (SANTOS, 2017).

Um ponto notável é o fato do afroempreendedorismo na sociedade e nas pesquisas que compõem o *corpus* deste trabalho frequentemente relacionam o objeto ao Movimento *Black Money*. Em vista disso, compreendeu-se que essa inspiração e referência está diretamente relacionada ao movimento que ocorreu nos Estados Unidos. Segundo Murphy (2019), o movimento norte-americano teve seu início a partir das ações de protestos dos negros no país da América do Norte. Expressões como “*Não compre onde você não pode trabalhar*”, que estimularam ações que visavam manifestar as insatisfações dos sujeitos contra os altos índices de desemprego da população negra, resultados de uma política de exclusão durante a Grande Depressão, também conhecida como a Crise de 1929.

No Brasil, constata-se que o movimento é recente e frequentemente atrelado, atualmente, ao hub de inovação intitulado como Movimento Black Money (MBM) que busca a inserção e autonomia da comunidade negra na era digital junto a transformação do ecossistema empreendedor negro, com foco em comunicação, educação e geração de negócios pretos<sup>5</sup>. Visto como uma forma de economia criativa, o MBM:

tem como objetivo incentivar o ecossistema afroempreendedor atuando nas duas pontas, tanto com afroempreendedorismo quanto com afroconsumo, estimulando a criação de uma rede de colaboração integrada entre empreendedores negros e a comunidade negra com o propósito de fazer com que os recursos gerados pela população negra circulem dentro das próprias comunidades gerando empregos, oportunidades e renda para estas (SANTOS, 2017, p. 29).

Taís Oliveira (2019) aponta que, além do MBM há diversos grupos e associações de afroempreendedores como a Feira Cultural Preta, que atua há mais de 15 anos. Essas organizações promovem o afroempreendedorismo e de acordo com Santos, “investem no afroconsumo, que é uma maneira de sensibilizar a população negra de que o consumo consciente tem como efeito a geração de recursos e oportunidades para a comunidade negra” (2017, p. 29).

A partir da análise das pesquisas, foi possível constatar que, o afroempreendedorismo está diretamente relacionado a redes de solidariedade étnicas. Ao contrário do empreendedorismo negro, cujos negócios, segundo Eliane Nascimento, não estão vinculados “a algum tipo de ativismo em prol do fortalecimento da identidade política construída pelos

---

<sup>5</sup> Trecho retirado do site do Movimento Black Money.

Fonte: <https://movimentoblackmoney.com.br/quem-somos/>. Acesso em 5 de julho de 2022.

movimentos sociais de resistência negra ou não consideraram importante o vínculo da atividade laboral e seu pertencimento *eticorracial (sic)*” (2020, p. 17).

Com isso, constatamos, a partir das pesquisas, que, dentro dos campos analisados que incluem Economia Solidária, Sociologia Econômica, Economia Criativa entre outros, é que o tema do afroempreendedorismo tem sido majoritariamente pesquisado por mulheres. E o movimento na prática apresenta uma grande adesão do público feminino.

São diversos os motivos que levam as mulheres pretas ao afroempreendedorismo, dentre eles a marginalização deste grupo no mercado de trabalho. Segundo Oliveira L. (2020) “as mulheres negras ocupam as piores posições de renda na sociedade, pois elas tanto perdem para as mulheres brancas, quanto para os homens brancos e negros” (OLIVEIRA L., 2020, p. 38), isso porque inúmeros fatores relacionados ao racismo estrutural (ALMEIDA, 2018) as coloca na base da pirâmide social e econômica.

O fenômeno urbano do aumento na proporção do número de famílias chefiadas por mulheres começou a crescer a partir de 2007, sendo muitas delas monoparentais (IPEA, 2011). Para essas mulheres, que assumem a parentalidade dos/as filhos/as, empreender pode ser a única forma de prover o sustento familiar, assim como também pode ser uma e familiar reproduzem desigualdades sociais que também são reproduzidas em diferentes esferas da sociedade.

Posto isso, constatamos que as mulheres negras são protagonistas na maioria das pesquisas, e muitas delas mostram que esse protagonismo não é individual, e se dá majoritariamente através das redes de solidariedade criadas e mantidas por elas, assim como também são realizadas e promovidas através de feiras culturais e pelo ambiente digital. Frequentemente localizadas no ramo da beleza e vestuário percebemos que muito dos afroempreendimentos iniciam a partir da busca da valorização e empoderamento de mulheres pretas e pardas.

De acordo com Soares (2021) o afroempreendedorismo por mulheres negras busca a “[...] promoção da cultura, estética e identidade africana e afro-brasileira e no combate ao racismo utilizando como instrumento a atividade empreendedora” (2021, p. 78), e, também são uma forma de reivindicação e disputa dos espaços e papéis sociais, assim como a inclusão e empoderamento socioeconômico deste grupo através do mercado.

Uma das principais ferramentas de afroempreendedorismo utilizadas por mulheres negras brasileiras para a prática na atualidade tem sido os sites de redes sociais e plataformas digitais. Antigamente conhecidas como blogueiras, hoje em dia essas mulheres são chamadas de influenciadoras digitais e, tem encontrado nas plataformas uma forma inovadora de se autopromoverem (AZEVEDO, 2021).

Através do compartilhamento do cotidiano essas influenciadoras digitais têm conseguido ganhar espaço e visibilizar as diversas pautas sociopolíticas relacionadas à comunidade negra. Ainda que dentro de uma política neoliberal, essas mulheres acabam muitas vezes afroempreendendo sua própria imagem e hábitos, influenciando tanto hábitos de consumo como práticas socioculturais dentro da comunidade negra.

De acordo com Azevedo (2021) a investida dessas mulheres também pode ser vista como uma forma de sobreviver em meio às questões de classe, gênero e raça e enfrentamento às exclusões no mercado formal de trabalho. Entretanto, muitas vezes elas também acabam sendo vítimas de práticas vinculadas ao racismo algorítmico (SILVA T., 2020) nas plataformas, não apenas por sujeitos, mas também pelas próprias lógicas das plataformas, que segundo Ghromann (2020) são organizadas por meio de algoritmos, mas que muitas vezes podem colaborar na criação de uma rede estratégica menos desigual, através do cooperativismo de plataforma.

Contudo, o uso das redes sociais por mulheres negras têm sido uma ferramenta de promoção e busca pela igualdade, e segundo Azevedo (2021), a criação de redes e/ou cooperativas além de fortalecer os negócios dessas mulheres, também colaboram para melhoria e adaptações das plataformas digitais para as necessidades de determinados grupos. Oliveira T. (2019) sinaliza que a atuação das mulheres negras e das organizações lideradas por elas são frequentemente mencionadas entre a comunidade negra, e que o grupo possui uma grande importância e é determinante para o afroempreendedorismo.

Sendo assim, constatamos que, as redes de solidariedade entre mulheres negras são fundamentais para a promoção dos afroempreendedorismo, isso porque, de acordo com Fernandes (2016, p. 702), “a solidariedade entre as mulheres atuaria como uma arma importante no combate ao sexismo perpetuado por dominadores e, também, por suas vítimas nas estruturas institucionais e sociais”. As mulheres negras, historicamente oprimidas nas sociedades colonizadas e vistas, muitas vezes como sujeitos invisíveis (CARNEIRO, 2003) têm buscado e encontrado formas de existir, contestar sua seus lugares na sociedade e engajar seu grupo social de diversas formas, e o afroempreendedorismo é apenas mais um dos meios encontrados para contestar o lugar de subalternidade em que essas mulheres são colocadas.

Contudo, é válido chamar atenção ao fato de que as pesquisas sobre afroempreendedorismo não apresentam relações diretas com as práticas de afroconsumo, mesmo que apresentem nuances devido às associações que se estabelecem entre consumidor e empreendedor. Ao tentarmos compreender as configurações do afroempreendedorismo, assim como as produções sobre o tema, conforme mencionado anteriormente, buscou-se encontrar as

similaridades e aproximações possíveis entre dois movimentos, que se diferem em suas gêneses, mas estão diretamente interrelacionados e se retroalimentam enquanto fenômeno sociocultural.

A partir disso, é preciso suscitar a ideia de que afroempreendedorismo e afroconsumo estão correlacionados, e apesar de suas diferentes especificidades e configurações mostram que são atividades não-excludentes a outros grupos e indivíduos sociais. As práticas se retroalimentam uma vez que, “o afroempreendedorismo, que é também uma resposta à necessidade de atender um segmento de mercado negro, apostado no afroconsumo” (SANTOS e SÁ, 2018, p. 2000).

Por fim, é preciso pontuar que as pesquisas buscaram olhar para as atividades e desdobramentos do afroempreendedorismo, e ainda que tenham buscado refletir sobre as práticas e sentidos, nenhuma delas se debruçou para o principal ponto de sustentação da atividade: o afroconsumidor. Com isso, é possível apontar que um dos problemas do acerca do desenvolvimento do afroempreendedorismo está no fato de não a compreensão ou olhar para o fato de que ela é primariamente fomentada pelo fortalecimento da identidade étnica, como algumas pesquisas pontuaram. Pois, para que exista um (a) afroempreendedor (a), é preciso, antes de tudo, alguém disposto à afroconsumir.

## **5. CULTURA E IDENTIDADE: UMA PONTE ENTRE A NEGRITUDE E O AFROCONSUMO**

Durante todo o processo de investigação e construção do projeto ficou evidente que muitas práticas de afroconsumo se fundam a partir de questões relacionadas às práticas culturais e identidade. Posto isso, neste bloco iremos apresentar os atravessamentos e possibilidades que a temática nos apresenta.

### **5.1. AFROCONSUMO E A PRÁTICA DE CIDADANIA**

A compreensão da potencialidade de consumo das pessoas negras é um dos principais fatores de mobilização que dão forma à prática de afroconsumo, entretanto ela não é o principal motor da prática. As investigações sobre identidade negra, práticas culturais e sentidos da negritude em articulação com o afroconsumo desse grupo mostrarão ao longo da pesquisa que,

muitas dessas atividades estão fortemente ligadas ao exercício de cidadania (FIGUEIREDO, 2016; COGO; MACHADO, 2010; ALBUQUERQUE, 2009), como veremos de forma mais aprofundada nos capítulos que seguem.

Neste cenário, optamos por realizar uma aproximação à noção de consumo cultural, proposta por Canclini (1995), uma vez que ele sinaliza que o consumo também é uma forma de exercício de cidadania e defesa da existência cultural e racial, e na articulação entre o consumo cultural e o afroconsumo, identificamos que a cidadania é um ponto crucial. O autor aponta que, atualmente as identidades e muitos questionamentos acerca da cidadania dos indivíduos se configuram através do consumo privado de bens e dos meios de comunicação em massa, e não necessariamente pela participação coletiva em espaços públicos. Muitas condutas de consumo residem em uma insatisfação profunda, e muitas delas são oriundas da questão da cidadania: “A que lugar pertencço e que direitos isso me dá, como posso me informar, quem representa meus interesses?” (GARCÍA-CANCLINI, 1997, p.13).

A complexidade do consumo revela que a questão da cidadania não pode ser ligada à aquisição de produtos de uma forma simples, pois as dimensões alcançadas pela prática nos mostram que os sujeitos não consomem apenas mercadorias, as pessoas também consomem comportamentos e valores culturais. Isso porque o consumo é social, político, material, imaterial, simbólico, midiático, ritual, entre outros, inclusive uma forma de exercitar a cidadania. Se o consumo oferece bem-estar, autoestima e qualidade de vida, compreende-se que esses sujeitos, enquanto cidadãos, também desejam estar envolvidos e inclusos nisso. E essa inclusão não se refere apenas ao ato de consumo e ao poder de compra, pois a questão da cidadania no ato de consumo demonstra o desejo de exercer a cidadania de forma plena, e isso incide na oportunidade de ser consumidor e produtor.

Entretanto, como mencionamos anteriormente, segundo Canclini, a articulação entre consumo e cidadania não é tão simples, pois é necessário reunir alguns requisitos como: oferta vasta e diversificada de mensagens e produtos; informação multidirecional e confiável sobre a qualidade dos produtos, e participação democrática organizada para o consumo sob as decisões de diversos setores da sociedade civil, na esfera simbólica, jurídica e política. Para o autor, são as ações políticas dos consumidores que irão decidir, contestar e organizar o mercado de forma complexa, que dentro da sociedade civil se tornará parte das interações socioculturais. Os bens, neste âmbito, exercem muitas funções, passam por algumas fases e alguns processos, e a mercantil é apenas uma delas (GARCÍA-CANCLINI, 1997), mas quando eles passam a atuar como uma ponte entre as pessoas e suas culturas, provocando reflexões sobre as potencialidades dos objetos sua função, passam a ser ainda mais abrangentes.

García-Canclini aponta que “alguns consumidores querem ser cidadãos” (1997, p. 68), e talvez seja por isso que o afroconsumo possa vir a dialogar tão bem com a noção de consumo cultural, pois ambos, muitas vezes, se aportam no desejo de utilizar o consumo como uma forma de cidadania. O afroconsumo mobiliza disputas, não apenas pelo produto social, mas também pelas dinâmicas que envolvem o ciclo de produção, entre elas o papel de produtor. Ser visto e tratado como consumidor é bom e necessário, para não dizer que é o mínimo dentro de sociedades democráticas, mas, na lógica do afroconsumo, não é suficiente no âmbito da cidadania e da igualdade.

Segundo García-Canclini (1997), o mercado – ao oferecer possibilidades de participação e atuação no mundo através do consumo, juntamente com as insatisfações dos sujeitos acerca das questões sociais, jurídicas, políticas e econômicas, justapõe os papéis de cidadãos e consumidores. Nessa sobreposição de papéis e circunstâncias, o afroconsumo acaba por tomar forma não apenas como uma atividade econômica ou ritual, mas como uma atividade sociocultural. Isso porque, a articulação da cidadania ao afroconsumo mostra que, conforme aponta Sansone (2000, p. 88), “o consumo é um marcador étnico, bem como uma forma de oposição à opressão, uma maneira de, como negro, fazer-se visto ou mesmo ouvido”, e articula campos que se inter-relacionam nesta prática.

Ainda segundo o autor, o consumo é uma poderosa expressão de cidadania. Neste contexto é possível identificar que ele adquire cada vez mais importância entre as pessoas negras porque a perspectiva étnica celebra o consumo e as expressões culturais negras, e nessa ação torna-se parte da construção da identidade, somando-se à complexidade das relações de consumo.

Sodré e Paiva (2019) se debruçam a realizar um percurso histórico do que como a cidadania é compreendida e construída em diversas sociedades ao longo da história. No contexto brasileiro apontam que a cidadania se relaciona com a ocupação e pertencimento dos espaços públicos e isso se estende à diversas dimensões, inclusive no espaço online, e em paralelo ela também é vista como uma luta pela apropriação social de bens coletivos, que na atualidade são regulados tanto pelo. Segundo os autores, isso faz com que a cidadania, de certa forma esteja atrelada ao consumo, de certa forma, uma vez que a prática acaba assumindo um papel mais importante do que a própria politização no âmbito da socialização.

Para Sansone (2000) o consumo têm sido um instrumento de conquista de direitos civis, e a atividade contribui tanto para o sentimento de cidadania, como para o sentimento de exclusão social e racial, dado que, muitas práticas culturais de pessoas negras foram construídas ainda no período escravagista. Isso porque,

[...] após a abolição, a sociedade, nos seus mais diversos setores, bem como o Estado brasileiro não se posicionaram política e ideologicamente de forma enfática contra o racismo. Pelo contrário, optaram por construir práticas sociais e políticas públicas que desconsideravam a discriminação contra os negros e a desigualdade racial entre negros e brancos como resultante desse processo de negação da cidadania aos negros brasileiros. Essa posição de “suposta neutralidade” só contribuiu ainda mais para aumentar as desigualdades e o racismo (GOMES, 2005, p. 46).

As medidas tomadas no período pós-abolição ainda agem e atingem diretamente a subjetividade desses indivíduos em diversas esferas do mundo social, e têm resultado em consequências estruturais, até mesmo nas práticas culturais, como veremos adiante. Ainda que o sentimento de cidadania plena de pessoas negras seja constantemente atravessado pelas configurações sociais, econômicas, políticas e culturais – reflexos também dos rastros da colonialidade do poder (QUIJANO, 2005), o sentimento de não-pertencimento só não é maior porque as ações coletivas do Movimento Negro<sup>6</sup> – ainda que com muitas questões acerca dos posicionamentos políticos e ideológicos, pois a negritude não é um grupo homogêneo e uniforme<sup>7</sup> – historicamente, têm mobilizado estratégias de resistência e afirmação da identidade negra, e essas ações foram, muitas vezes, desenvolvidas e disseminadas através das práticas culturais.

## 5.2. USOS E SENTIDOS DO PREFIXO AFRO

*No Brasil, embora seja muito mais interessante se falar em etnia, na prática, não adianta um negro se identificar etnicamente com um não-negro, pois o racismo faz com que o negro e não o não-negro seja discriminado*

(BENTES, 1993, p. 20).

Um dos pontos mais sensíveis do projeto e da proposição do afroconsumo reside no uso do prefixo afro. Parte-se dos seguintes questionamentos: mas não pode ser só consumo? E qual é o problema em ser afroconsumo?

---

<sup>6</sup> De acordo com Nilma Lino Gomes “[...] entende-se por Movimento Negro as mais diversas formas de organização e articulação de negras e negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade. (...) Os grupos atuam com o objetivo explícito de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e da cultura negras no Brasil, de rompimento de barreiras racistas impostas aos negros e às negras na ocupação de diferentes espaços e lugares na sociedade (2017, pp. 23-24).

<sup>7</sup> É importante ressaltar que as posições históricas do Movimento Negro, ora produziram sentidos positivos, ora negativos nos atores sociais dentro da sociedade brasileira. Mais apontamentos sobre o tema podem ser vistos em: DOMINGUES, Petrónio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Revista Tempo*, Niterói, v.12, n.23. pp. 100-122. (2007).

O afroconsumo dialoga com os sujeitos invisibilizados e marginalizados pelo mercado e pela cultura hegemônica, ou seja, grupos não-brancos, e muitos deles se localizam nas classes baixas da pirâmide social. Entretanto, realizar arranjos que não excluam ou silenciem outros grupos étnicos, para que não se caia nas armadilhas do essencialismo excludente (HOOKS, 2013), tem sido uma tarefa árdua.

De acordo com Hall (2013), não há como escapar de políticas de representação, contudo o significante negro é uma estratégia de inclusão e precisa estar encaixado dentro da história, da cultura e da política para que não se inverta a base do racismo que buscamos desconstruir. Segundo o autor, “[...] é para a diversidade e não para a homogeneidade da experiência negra que devemos dirigir integralmente a nossa atenção criativa” (2013, p. 384 e 385).

Segundo Munanga, a abordagem raciológica – que diferenciou e categorizou os indivíduos pela cor da pele – introduziu pressupostos ideológicos que fomentam o senso comum até hoje. Entretanto, negro, branco, indígena, amarelo, mestiço, homem de cor, e outros, são “categorias cognitivas largamente herdadas da história da colonização, apesar da nossa percepção da diferença situar-se no campo do visível” (MUNANGA, 1999, p. 18).

O autor aponta que aspectos e critérios ideológicos, culturais e raciais propiciam ambivalências raciais e culturais, e neste cenário participam negros, mestiços, pardos, indígenas etc. Contudo, nem todos que participam deste processo vivenciam os valores culturais negros, ainda que o discurso da negritude mostre que quase todos se referem retoricamente a esses valores ou tentem recuperá-los simbolicamente (MUNANGA, 2009).

A palavra *negritude* possui atribuições sócio-históricas que foram ressignificadas ao longo dos processos sociais, logo seu uso se torna fundamental para estabelecer o vínculo histórico com a natureza do trabalho. Segundo Mendes (2022), no Brasil o termo negro é uma denominação identitária dos “Afros”, e ao discutir o paradoxo da palavra negro, apresenta os diversos significados e sentidos da palavra, e menciona que a palavra fora forjada durante a colonização. Na discussão sobre as palavras *negro* e *negritude*, o autor aponta como estudiosos negros como Aimé Césaire e Leopold Sédar Senghor, Frantz Fanon, Achille Mbembe, entre outros, discutem os usos e sentidos das palavras, e mostra que os autores apresentam opiniões diversas sobre os termos, que ora são positivas e direcionam para a ressignificação e ora apresentam cargas de sentidos negativos, tanto para os termos como para os movimentos associados às palavras.

O Movimento Negro Unificado (MNU) (1988) entende como negro os sujeitos que apresentam características negras, seja através da cor da pele, traços fenotípicos ou cabelos, e Fátima Oliveira defende que em contexto atravessado pela mestiçagem há muitos significados,

mas “ser negro, é, essencialmente, um posicionamento político, onde se assume a identidade negra” (2004, p. 57). De acordo com Kabengele Munanga (2009) as atribuições ao uso do termo negritude é uma operação de desintoxicação semântica. O autor defende que os usos e apropriações da negritude remetem à originalidade, ancestralidade, assimilação cultural, cultura, descolonização, despertar da consciência negra e tensionamento à manipulação da alienação feita pelos meios de comunicação.

O escritor e poeta brasileiro Luiz Silva, conhecido pelo pseudônimo de Cuti (2010) diz que um afro-brasileiro ou afrodescendente não é necessariamente um negro-brasileiro, pois o prefixo comporta indivíduos não negros. Segundo o autor a questão é puramente cultural. E, no Brasil, a raça é uma construção social, política e cultural que passa a ser enxergada e produzida nas relações sociais e de poder ao longo do processo histórico que hierarquizou as classificações sociais, raciais, de gênero, entre outras, por meio da cultura (GOMES, 2003).

Para além da mestiçagem racial, existe uma mestiçagem cultural e, segundo Munanga (1999), a percepção do senso comum ao criar uma distância cultural biologizada negativou e construiu diversos tipos de preconceitos associados à diversidade das definições raciais. E essas construções, muitas vezes, localizam a palavra afro nesta distância cultural.

A pesquisadora Nilma Lino Gomes (2019), ao pesquisar os salões de beleza negros na cidade de São Paulo nos anos 2000, percebeu a resistência, o medo e a oscilação dos discursos entre os empreendedores negros no uso da palavra afro. De acordo com uma das entrevistadas por Gomes, é complicado rotular-se como cabelereira ou espaço afro por causa do preconceito em relação a ser negro ou não no Brasil. Entretanto, de acordo com a autora, isso ocorre porque

[...] termo étnico, no Brasil, ao mesmo tempo em que pode vir junto com expressões e práticas de politização e afirmação das diferenças raciais, também pode encobrir o racismo. É por causa do racismo que os negros tiveram que politizar a beleza negra e valorizar o cabelo crespo. Entender essa discussão no contexto do racismo revela porque os negros não são considerados sujeitos de beleza, porque há pouco tempo eles foram considerados consumidores e porque têm que lutar tanto para ser cidadãos e cidadãs, inclusive no mercado da estética. E numa sociedade capitalista, o mercado acaba tirando proveito desta situação. (GOMES, 2019, p.97)

De acordo com Nei Lopes (2011), *afro* é um elemento vocabular autônomo que remete ao sentido da origem africana, utilizado nos Estados Unidos para adjetivar diversas expressões da cultura africana na Diáspora, e no Brasil está relacionado à uma modalidade de bloco carnavalesco. E para Lívio Sansone, *afro* “é um termo que representa um estilo de vida, que incorpora elementos da África, ou da cultura africana na formação da identidade negra e da vida cotidiana” (2007, p. 134). No contexto do consumo é possível apontar que o prefixo *afro*

apresenta um caráter político, cujo significante remete ênfase à cultura e à identidade negra brasileira, e não apenas às expressões culturais, visto que sua carga de sentido apresenta dimensões socioculturais.

Isso porque “a ênfase na identidade resulta, também, na ênfase da diferença” (GOMES, 2005, p. 41), e as pessoas não-brancas, desde a colonização, sempre foram vistas e tratadas de forma diferente. Todavia parece que o problema do afroconsumo parece ser o uso dessa diferenciação identitária para autonomia própria dos grupos negros.

Coelho Rocha e Moreira Casotti (2017) sinalizam que os consumidores negros recebem pouca atenção das empresas e de pesquisadores de marketing, e apontam que, no Brasil, muitos estigmas e a invisibilidade desses indivíduos no consumo também estão relacionados à confusão que se tem acerca da localização de negros e pobres nos estratos inferiores da pirâmide social (IBGE, 2014). Preconceito de classe, falta de oportunidades no mercado de trabalho, dentre outros fatores, proporcionaram aos negros um olhar desinteressado por parte do mercado, que conseqüentemente opera a partir de uma “lógica branca” (COELHO ROCHA & MOREIRA CASOTTI, 2017, grifo das autoras).

Sendo assim, o afroconsumo pode ser um fenômeno que atua como estratégia cultural e identitária, que busca deslocar posições culturais e aglutinar diferentes grupos étnicos, sociais, econômicos e culturais, uma vez que ele dialoga com o significante flutuante da cultura popular negra, mencionado por Hall (2013). A prática inscreve os sujeitos e os grupos marginalizados dentro de um cenário de disputas e concorrências que regem a vida social na contemporaneidade, e “o fato de pontos de vista essencialistas serem usados competitivamente não significa que seja a tomada dessas posições que crie a situação de conflito” (HALL, 2013, p. 116), uma vez que essas estratégias são utilizadas nos embates simbólicos estabelecidos durante os processos de colonização.

O consumo é uma atividade mediada por processos e lógicas que se estruturam a partir de padrões eurocêntricos e, ao longo da história, a atividade foi construída através de práticas sociais que desconsideravam as desigualdades e diferenças socioeconômicas e raciais. Diversos coeficientes que colocam o consumo como uma atividade neutra são resultantes do processo de negação de cidadania aos sujeitos não-brancos e, de acordo com Gomes (2003), as práticas sociais que se posicionaram de forma supostamente neutras só contribuíram para aumentar as desigualdades sociais e raciais. Por conseguinte, o afroconsumo não exclui esses sujeitos, nem classes, uma vez que eles já estão inclusos no processo de consumo. Com isso constatamos que o fenômeno, por vezes, visa incluir e fortalecer a cultura e a identidade de sujeitos invisibilizados nos processos sociais.

Conforme mencionado anteriormente, o consumo também é uma tática de sobrevivência e de resistência que as pessoas negras desenvolveram e ainda têm desenvolvido como estratégias de transação (SODRÉ, 2002). E a cultura é o elemento-chave para muitas atribuições das práticas de consumo, um dos mecanismos mais eficientes de existência, manutenção, resistência e sobrevivência dos hábitos e costumes dos grupos sociais.

É por meio da cultura que as pessoas dão significações, valores, estipulam regras e transformam-se, mesmo que seus comportamentos aconteçam sob a dominação de uma lógica simbólica (Gomes, 2003). A cultura possui um importante papel nos questionamentos dos indivíduos questionam acerca dos seus lugares no mundo.

Segundo Nilma Lino Gomes, o conceito de cultura “diz respeito às vivências concretas dos sujeitos, à variabilidade de formas de conceber o mundo, às particularidades e semelhanças construídas pelos seres humanos ao longo do processo histórico e social” (2003, p. 75). Em paralelo, José Luiz dos Santos (2006) diz que a cultura expressa as complexas realidades e características que unem e diferenciam os agrupamentos humanos, e que é fundamental entender a lógica interna de práticas, costumes, concepções e transformações que dão sentido à realidade cultural daqueles que a vivem.

Contudo, Yúdice (2006) aponta que, a cultura pode ser trada como recurso e, neste movimento, ocorre tanto a expansão para esferas políticas e econômicas, quanto o esvaziamento de suas noções convencionais. A cultura é um pretexto para melhoria sociopolítica e crescimento econômico, um meio de internalizar discursos ideológicos, assim como formas de controle social (YÚDICE, 2006). E, também fora transformada em recurso a partir da aceleração e da operacionalização da globalização, mas ainda assim, ela não pode ser vista como uma mera forma política, pois ela tem um papel importante no mundo social (YUDICE, 2006; CANCLINI 1997).

Essa compreensão de Yúdice dialoga com a sinalização do Movimento Negro Unificado, ainda na década de 1980 – no documento intitulado Programa de Ação do MNU, em 1982 – que, reconheceu a cultura como um poderoso instrumento de manipulação política. À época o movimento apontou que, através da cultura era possível inferiorizar as pessoas negras, assim como, aprofundar e desenvolver contradições nesta população. E, considerando a cultura como um recurso, pode-se dizer que ela foi utilizada pelo MNU para questionar o lugar das pessoas negras na sociedade, uma vez que ela “[...] contribui ‘no combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas’” (SANTOS, 2006, p. 8).

Naquela época, o Movimento Negro durante a politização das discussões e tensões acerca das relações sociais e raciais que se constituíram em diversas esferas, passou a se mobilizar para desenvolver práticas culturais que visavam conscientizar e tornar as pessoas negras agentes de suas próprias histórias e cultura (MNU, 1982). Muitos movimentos sociais, incluindo o Movimento Negro, através da mídia, têm alcançado e dialogado com os sujeitos que se identificam com os questionamentos destes grupos identitários acerca do seu lugar na sociedade.

Sodré defende que cultura pode ser a forma de abordagem do real de um grupo determinado que desenvolve em meio a transcendência, liberdade ou agregação de valor humano e se estabelece pelos recursos funcionais ou instrumentais das práticas, que se interrelacionam com a visão de ética de cada grupo, “um modo de relacionamento com o real, visível numa variedade de repertórios (representações, ideias, mitos, saberes) circulantes na vida social” (SODRÉ, 2010, p. 132). Para o autor a conduta dessas práticas transformam os sujeitos e objetos impõem limites determinadas pela mecânica social, relacionando responsabilidade à liberdade.

### **5.3. A INFLUÊNCIA DO MOVIMENTO NEGRO NAS PRÁTICAS CULTURAIS DA NEGRITUDE BRASILEIRA**

A trajetória e mobilizações do Movimento Negro têm sido fundamental nas reflexões e mudanças das pessoas negras no processo de ressignificação da negritude na sociedade, tanto no âmbito coletivo, quanto individual, assim como nas práticas de consumo material e simbólico. Isto posto, é relevante apontarmos a importância do Movimento Negro para a pesquisa, uma vez que suas posições históricas que ora produziram sentidos positivos, ora negativos nos atores sociais dentro da sociedade brasileira.

De acordo com Nilma Lino Gomes “[...] entende-se por Movimento Negro

as mais diversas formas de organização e articulação de negras e negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade. (...) Os grupos atuam com o objetivo explícito de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e da cultura negras no Brasil, de rompimento de barreiras racistas impostas aos negros e às negras na ocupação de diferentes espaços e lugares na sociedade (2017, pp. 23-24).

Iremos abordar brevemente a trajetória e as três principais fases do Movimento Negro na construção e análise histórica apresentada por Petrônio Domingues (2007), no âmbito da cultura. Segundo o autor, na primeira fase do Movimento Negro se deu após a abolição da

escravatura, a marginalização do negro ocorreu devido ao sistema político que não ofertou ou possibilitou nenhuma oportunidade e possibilidade para superação aos efeitos do período de escravidão. Datada por Petrônio Domingues (2007) entre o período de 1889 e 1937, em alguns estados do Brasil os ex-escravizados e seus dependentes criaram grupos e associações assistencialistas, recreativas e/ou culturais para lidar com os efeitos sociais das heranças do escravagismo. O autor salienta que a imprensa negra também foi um importante motor para a articulação do movimento, pois ao difundir informações e notícias da negritude conseguiu fortalecer a luta contra o preconceito e propor reflexões sobre o problema do racismo. Nessa época partidos políticos como a Frente Negrina Brasileira (FNB), e outras entidades, foram criadas para buscar a integração das pessoas negras à sociedade. Nesse mesmo momento a negritude tinha uma estratégia cultural de inclusão assimilacionista, os princípios ideológicos eram nacionalistas, e se aproximavam de posições políticas de direita. A mestiçagem era vista como positiva, e buscava-se o distanciamento frente a alguns símbolos associados à cultura negra, como capoeira, samba e religiões de matrizes africanas.

A segunda fase do Movimento Negro ocorreu de 1945 a 1964, e apresentou uma estratégia cultural de inclusão integracionista na qual a ideologia política ainda era nacionalista, porém dividia-se entre o centro e a direita. Naquele período a conjuntura internacional teve um papel relevante através dos movimentos da negritude francesa e o pensamento sobre a descolonização da África. O despreparo cultural passou a ser um fator observado e tensionado, e a relação com a cultura negra passou a apresentar uma ambiguidade valorativa diante dos símbolos à cultura negra. Neste período o teatro e a imprensa passaram a ser um método de luta contra o racismo.

Já na terceira fase do Movimento Negro, datada entre os anos de 1978 e 2000, o movimento africanizou-se e passou a buscar a promoção de uma identidade étnica específica do negro. O padrão de beleza, roupas e diversos outros bens de consumo passaram a ser questionados e buscou-se romper com o modelo branco instituído na sociedade. A estratégia cultural de inclusão passou a ser diferencialista, e os negros passaram a buscar igualdade na diferença, com um discurso contundente e adesão às forças políticas de esquerda marxista. O afrocentrismo tornou-se uma característica importante na conjuntura internacional e refletiu bastante no Brasil, e nesse momento a valorização dos símbolos associados à cultura negra tomou uma forma positiva.

Com a valorização da cultura negra na sociedade e entre seus pares, o Movimento Negro contemporâneo passou a ter um papel fundamental no cotidiano da comunidade negra. No que concerne a legitimidade histórica da negritude, o movimento cultural identitário das pessoas

negras na contemporaneidade deslocou-se “[...]na retomada de si, isto é, na sua afirmação cultural, moral, física e intelectual, na crença de que ele é sujeito de uma história e de uma civilização que lhe foram negadas e que precisava recuperar” (MUNANGA, 1990, p. 111). Conforme Kabengele Munanga a negritude pode ser vista como um “movimento antirracista, num movimento ideológico político para a libertação dos negros do sistema colonial e do racismo praticado contra ele na sua ‘diáspora’” (1990, p.112), mesmo com seus problemas e contradições, ainda nas reflexões do autor.

No âmbito da dialética das relações raciais, Octávio Ianni (2004) diz que na ideologia racial o estigmatizado ao ser tratado como exótico, estrangeiro, precisa desenvolver a sua autoconsciência crítica para pensar a condição de subalterno ao qual é colocado. A partir daí que o estigmatizado constrói sua *contra-ideologia*, ideologia de protesto, indignação, reivindicação, emancipação (IANNI, 2004, *grifo do autor*). Ainda segundo o autor, o processo de racialidade do início do século XXI aconteceu quando povos e nações compreenderam que se definem pela etnia, pois as dinâmicas das relações sociais são produzidas pela raça, construindo um contraponto nas tensões de identidade, alteridade e diversidade. As diferenças étnico-raciais são aspectos que politizam o funcionamento das relações através de estigmas, “estigma esse que se insere e se impregna nos comportamentos e subjetividades, formas de sociabilidade e jogos de forças sociais, como se fosse ‘natural’” (IANNI, 2004, p. 23).

O Movimento Negro – ainda que com muitas questões acerca dos posicionamentos políticos e ideológicos, uma vez que a negritude não é um grupo homogêneo e uniforme<sup>8</sup> – historicamente, têm mobilizado estratégias de resistência e afirmação da identidade negra, e essas ações foram, muitas vezes, desenvolvidas e disseminadas através das práticas culturais.

Mas qual direcionamento poderíamos seguir para pensarmos as práticas culturais da negritude, cuja multiplicidade de visões, definições e ações nos proporcionaria infinitas possibilidades de investigação, assim como também excluiria muitas outras? Essa questão exprime muitas dúvidas e possibilidades, mas também nos dá inúmeras escolhas em relação ao objeto, entretanto também nos obriga a renunciar a muitas outras – movimento que precisa ser realizado para construir um caminho de pesquisa.

Pensar e analisar a questão das práticas culturais ajudou a desbravar o caminho que se abriu a partir de uma provocação do grupo de pesquisa do qual fazemos parte. Em uma reunião do grupo intitulado *Comunicação e Práticas Culturais*, vinculado e certificado pelo CNPQ, lançou-se a seguinte pergunta: como a pesquisa se alinha à discussão da comunicação a partir

---

<sup>8</sup> Mais apontamentos sobre o tema podem ser vistos em: DOMINGUES, Petrónio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Revista Tempo*, Niterói, v.12, n.23. pp. 100-122. (2007).

da perspectiva das práticas culturais? A partir desse questionamento, passamos a refletir sobre a importância das práticas culturais, e, a partir daí, foram sendo lapidadas algumas questões sobre o afroconsumo que precisavam ser esclarecidas e estabelecidas.

As práticas culturais “são fruto das ações humanas que se configuram e reconfiguram no confronto entre “poderes instituídos” e os sujeitos que, a partir de suas táticas, buscam ajustar-se a seus cenários e circunstâncias” (JACKS, TOALDO, OIWAKA, 2016, p. 7). No âmbito coletivo, elas compartilham sentidos e significados entre os sujeitos de uma mesma comunidade, assim como também os comunicam para os indivíduos de grupos diferentes.

Para De Certeau, as práticas obedecem a regras e podem ser vistas como “operações multiformes e fragmentárias, relativas a ocasiões e a detalhes, insinuadas e escondidas nos aparelhos das quais elas são os modos de usar, portanto, desprovidas de ideologias ou de instituições próprias” (1994, p. 42). Com o intuito de destrinchar a origem das práticas, o autor tensiona através de Foucault, como a cotidianidade ordinária e a microfísica do poder estão inter-relacionadas, e como a cultura hegemônica, mesmo que imposta, ainda assim são reconfiguradas nos procedimentos comuns.

Apesar do tema já ter sido abordado por muitos antropólogos brasileiros e latino-americanos, a partir do apontamento de De Certeau (1994) foi possível embasar teoricamente algumas reflexões acerca das práticas culturais de subversão dos povos colonizados. O autor conta que os indígenas, sem poder recusar ou escapar da ordem dominante, assimilavam as regras e as leis impostas a eles, entretanto subvertiam as imposições dos colonizadores, modificando os procedimentos de uso e consumo. Ou seja, tanto os indígenas, quanto os africanos em diáspora, por meios de códigos subentendidos entre eles, adaptaram e integraram suas práticas culturais e crenças aos sistemas impostos para conservá-las dentro dessas novas culturas, e através do desenvolvimento de muitas estratégias que seus rituais continuaram, e ainda continuam, vivos e ainda são reproduzidos pelos sujeitos nas sociedades atuais.

Especificamente no âmbito da negritude, Sodré aponta que através de encadeamentos e aproximações convenientes os negros “faziam ou fazem coincidir as suas celebrações litúrgicas com as datas de determinadas festividades cristãs, ou quando permitiam a associação de algumas de suas divindades com análogos católicos” (2002, p. 113).

Para os negros, o Rio não era, evidentemente, cidade plena de *axé*. Era lugar de infortúnio, na forma de pobreza, doenças, insegurança psíquica e todos os males pessoais advindos da situação de cativo ou de uma liberdade precária. Daí, a demanda coletiva de formas sagradas tradicionais, de ritos de purificação, de danças grupais e de "atração" de entidades religiosas do grupo senhorial escravista. Santos como São Benedito (negro), Santa Bárbara, Nossa Senhora do Rosário, São Joaquim, Santa Efigênia (negra), a Virgem Maria, São João, São Sebastião, São Lázaro, São Elesbão (negro), São Baltazar (negro) e outros - sem esquecer a própria cruz católica

– atuavam como símbolos mediados entre a cosmovisão negra e o universo branco europeu, mas também como engendrados de *axé*, porque eram "santos", logo seres-forças. A cruz católica, por sua vez, além de ser objeto sagrado dos cristãos, pertencia à tradição litúrgica dos Bakongo (bantos) enquanto símbolo das quatro fases solares, desde antes da chegada dos missionários à África. (SODRÉ, 2002, p. 108).

Esse movimento de conversão/associação, segundo Sodré, ocorreu na metade do século XIX. O autor aponta que há comprovac es de que os negros, escravos ou forros, originários da África Centro-Occidental e Oriental promoveram a conversão de seus símbolos litúrgicos no Rio de Janeiro. Com isso, através da associa o e de ajustes de procedimentos analógicos permitidos pela plasticidade simbólica das crenças, estes sujeitos conseguiram reproduzir os mesmos conjuntos de valores da Origem.

Os processos sociais e históricos apontados pelo autor mostram que a questão das práticas culturais está fortemente relacionada às formas como os indivíduos se apropriam socialmente do contexto e da cultura nas quais estão inseridos. E isso só ocorre devido às rela es cotidianas de comunica o que as pessoas estabelecem entre si e as institui es.

A socialidade<sup>9</sup>   uma das 3 dimensões – no âmbito específico das práticas sociais apontadas por Martín-Barbero –   a esfera onde os sujeitos calibram, redesenham e negociam os poderes em cenários cotidianos de intera o com as institui es.   nesta dimensão que os atores e os movimentos sociais “deslocam e recompõem o mapa dos conflitos sociais, os modos de interpela o e constitui o dos atores e identidades” (BARBERO, 1990, p. 12, tradu o nossa)<sup>10</sup>.

Entretanto, segundo o autor,   através da ritualidade, a segunda dimensão, que as intera es e as trocas se tornam práticas, estabelecendo regras ao jogo das significa es, introduzindo gramaticalidade e possibilitando, então, as expressões de sentido, que são articuladas pela terceira dimensão, a tecnicidade. De especial importância no campo da comunica o, muitas vezes reduzida a instrumentos, a tecnicidade, a terceira dimensão,   responsável por articular a inova o   discursividade, pois colabora no desenho de novas práticas devido   competência de linguagem que ela atribui.

Portanto, vemos que os sujeitos constituem, modificam e ajustam suas práticas de consumo cultural em cenários diversos, e, nesse cenário, a negritude “[...] enfrenta sua exclusão e negocia seu espaço social por intermédio de suas práticas culturais, movimento que podemos assimilar a um jogo de perdas e ganhos, recria o e resistência” (CUNHA, 2018, p.122).

<sup>9</sup> Martín-Barbero trata a socialidade como uma media o tradicional em diferentes esferas, contextos e épocas.

<sup>10</sup> Trecho original: “[...] desplazan y recomponen el mapa de los conflictos sociales, de los modos de interpelaci n y constitución de los actores y las identidades.”

Nesse movimento as práticas culturais vão se misturando e, através de disputas e negociações, muitas vezes, tornam-se populares e são consumidas e compartilhadas por muitos atores sociais. Lélia Gonzales, na década de 1980 apontou esse movimento em relação ao carnaval.

As escolas de samba, por exemplo, cada vez mais, vão se transformando em empresas da indústria turística. Os antigos mestres de um artesanato negro, que antes dirigiam as atividades nos barracões das escolas, foram sendo substituídos por artistas plásticos, cenógrafos, figurinistas etc. e tal. O cargo de presidente de ala transformou-se numa profissão lucrativa com a venda de fantasias. Os sambas foram simplificados em sua estrutura, objetivando não só o fato de serem facilmente aprendidos, como o de poderem ser gravados num mesmo disco. Os "nêgo véio" da Comissão de Frente foram substituídos por mulatas reboativas e tesudas. Os desfiles transformaram-se em espetáculos tipo teatro de revista, sob a direção de uma nova figura: o carnavalesco. Levantaram-se arquibancadas para ricos, pobres e remediados, autoridades e povo, nacionais e estrangeiros, com a venda de ingressos nos respectivos preços. Tudo isso com a presença de jornalistas, fotógrafos, cinegrafistas e câmeras de tevê durante os desfiles. Estes, por sua vez, passaram a se dar segundo novas regras e horários rigorosos. Afinal, tempo é dinheiro... (GONZALES; HASENBALG, 1982, p. 27 e 28).

Diversos movimentos do exemplo de Lélia Gonzales e Carlos Hasenbalg nos mostram que o carnaval, e enquanto produto cultural, operacionaliza diversas racionalidades de consumo cultural. Segundo Canclini (1983, *grifo do autor*), ver os “produtos do “povo”<sup>11</sup>, mas não as pessoas que os produzem é uma estratégia de mercado que os converte em mercadoria ou espetáculo.

Assim sendo, vemos que essas dinâmicas de transformações descritas por Gonzales são vistas, muitas vezes, pela comunidade negra – assim como para muitos outros grupos étnicos como os indígenas – como formas de apropriação cultural e silenciamento da cultura popular negra, porque “se para um grupo existe uma história, uma questão identitária ou religiosa, o capital retira esse caráter único, transforma em mercadoria e disponibiliza para o consumo” (SOARES *apud* BAHIA, 2018, p. 51).

Entretanto Hall afirma que, “não existe uma ‘cultura popular’ íntegra, autêntica e autônoma, situada fora do campo de forças das relações de poder e de dominação culturais” (2013, p. 281), porque as indústrias culturais reconstróem, remodelam, repetem, selecionam, impõem e implantam definições do popular com o intuito de facilitar o ajuste à cultura dominante (HALL, 2013). Ainda segundo o autor, apesar de invadir espaços de reconhecimento, a dominação cultural encontra resistências criando assim lutas culturais contínuas, “onde não se obtém vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas” (2013, p. 282).

---

<sup>11</sup>Termo utilizado pelo autor.

As apropriações da indústria cultural e do capitalismo às culturas populares criam um terreno de disputas que requer estratégias de lutas simbólicas, e muitas delas se aportam na prática de consumo. E, é nesse campo que a prática de afroconsumo toma forma, através de pequenos movimentos e modificações nas práticas culturais que se desenvolvem e se mantêm dentro de um sistema hegemônico, ainda que dentro deles, mesmo se opondo a eles.

Isso permite realizar uma conexão com a ideia de que a prática, no âmbito econômico e material, apoia-se no fato de que o ‘outro’ do capitalismo não está apenas fora dele, mas também pode ser gestado no seu próprio interior ao se problematizarem seus próprios dispositivos de justiça em seus próprios princípios implícitos de equidade e de bem comum” (SOUZA, 2012, p. 31). E, considerando que, segundo Sodré (2002), foi na esfera do consumo, ou nos pontos cegos inassimiláveis pela cultura dominante, que as pessoas negras cavaram pequenos espaços de negociação, vemos que as áreas excluídas da produção capitalista, dos processos e da sociabilização possibilitam à negritude desenvolver estratégias de sobrevivência e persistência étnica.

Como podemos ver, o afroconsumo articula relações sociais, históricas, culturais, econômicas, entre outras bastante complexas, pois os diversos elementos que constituem essa prática são correlatos e intrínsecos à modernidade, globalização, capitalismo, racismo, opressão, entre outros fatores, que estão diretamente inter-relacionados com a construção e a reprodução da cultura da hegemonia. Tais configurações são abordadas e trabalhadas por Canclini no desenvolvimento da noção do consumo cultural, ainda que as questões de raça não sejam diretamente abordadas pelo autor. Porém, o olhar às práticas culturais da negritude revela tanto o afroconsumo, como também nos possibilita sistematizar as formas como ele se constrói e é atravessado pelas seis racionalidades que articulam a noção de consumo cultural.

Fenômenos diversos articulam o afroconsumo, e através das práticas culturais possíveis, também é possível aportar a investigação no campo da comunicação, assim como visualizar um horizonte de possibilidades de investigação do objeto. Isso porque, segundo Martín-Barbero (1990) a comunicação constitui cenários de mediação e reconhecimento social, em que as imagens e representações dos meios, ao mesmo tempo em que espetacularizam e dissolvem o político, também o reconstituem.

Depois de percorrer alguns labirintos teóricos para responder à pergunta suscitada no grupo de pesquisa, chega-se à conclusão de que esta pesquisa se alinha à discussão da comunicação a partir da perspectiva das práticas culturais porque busca alcançar e compreender as formas como os sujeitos constituem, modificam e ajustam suas práticas de consumo cultural

e midiático em cenários constantemente atravessados por diversas configurações sociais, econômicas, políticas, culturais, dentre outros.

O afroconsumo começa no mercado de bens simbólicos e tem potencial para alcançar as estruturas de poder da sociedade, mas para isso é preciso atentar-se aos atravessamentos do capitalismo nas questões socioculturais. Para além disso, a prática também passa pela questão de como os sujeitos reagem perante as intersecções culturais que se apresentam na multiculturalidade da sociedade.

Segundo Sodré (2002), é através do consumo que as pessoas negras fazem uso de táticas econômicas de sobrevivência e resistência, se agrupam, conscientemente ou não, e ocupam as zonas de exclusão da sociabilização da negritude, protegendo-se dos desejos de genocídio de parte da elite dominante. Ainda segundo o autor, é “[...] no espaço residual permitido pela ampla esfera das atividades de consumo que os negros desenvolveram a sua capacidade de transação” (2002, p. 116). Portanto, com isso, podemos apontar que através das práticas culturais, mesmo dentro de um cenário regulado, a prática do afroconsumo toma forma.

## **6. CONSUMO MIDIÁTICO: a caminho das bordas**

A imersão tecnológica da sociedade ao potencializar estruturas, práticas e saberes, deu novos contornos, apropriações, ressignificações e efeitos aos discursos e às perspectivas dos atores sociais que foram profundamente impactados pelas relações sociais mediadas pelo computador (BALDISSERA, LOCK 2012; RECUERO, 2012) e, também por outros novos recursos e dispositivos tecnológicos. E a comunidade negra acompanha as mudanças e os novos formatos tecnológicos, ao mesmo tempo em que faz uso das tecnologias digitais para criar vias de produção informativa e educadora.

Conforme Bailen (2020) assinala, o uso das tecnologias digitais para a cidadania atua como uma ferramenta comunitária em que os coletivos colocam suas ideias e preocupações em circulação na margem de focos do poder. Segundo a autora, o impacto da internet e das mídias que se desenvolveram neste ambiente transformou o espaço público da mídia, assim como suas características e padrões de consumo.

Na contemporaneidade, a sociedade tem suscitado diversos debates acerca de urgências, práticas e processos sociais da população negra brasileira nas mídias e, assim como no passado, os sistemas comunicativos possibilitam que grupos sociais minoritários também negociem espaços na esfera midiática, ainda que pelas bordas. Para Canclini, essas mudanças criam cenários socioculturais, e podem estar localizadas na “[...] redefinição do senso de

pertencimento e identidade” (1997, p. 28), assim como em outros processos. Na perspectiva de Hall (2019) essas mudanças são o resultado do deslocamento dos sujeitos nas sociedades pós-modernas, e na fragmentação das diversas paisagens culturais – incluindo classe, gênero, etnia, raça e nacionalidade.

Os meios de comunicação têm sido uma ferramenta importante tanto na promoção das questões da negritude no Brasil, assim como na construção de estigmas, subalternidade e invisibilidade de diversos grupos na sociedade. Dado que o cenário sociocultural contemporâneo está atravessado pelas transformações tecnológicas da informação, apesar da película de democratização da internet, ainda reproduzem as velhas estruturas de poder, ainda que possam agilizar alguns parâmetros liberais (SODRÉ, 2010). Embora participem destes cenários e espaços pelas bordas, Gomes (2017) assinala que o movimento negro brasileiro tem produzido saberes emancipatórios sistematizados ao longo de sua trajetória, e identificamos que diversas ações se constituem na esfera do consumo midiático.

De acordo com Toaldo e Jacks (2013), o consumo midiático apresenta um ângulo mais amplo com foco direcionado para a relação dos sujeitos com os meios, e pode ser visto como uma vertente do consumo cultural. Para as autoras, o consumo midiático trata tanto dos meios de comunicação massivos tradicionais, quanto dos conteúdos e produtos disponibilizados. Em vista disso, o consumo midiático trata-se

do que a mídia oferece: nos grandes meios – televisão, rádio, jornal, revista, internet, sites, blogs, celulares, tablets, *outdoors*, painéis... – e nos produtos/conteúdos oferecidos por esses meios – novelas, filmes, notícias, informações, entretenimentos, relacionamentos, moda, *shows*, espetáculos, publicidade, entre outros. Neste contexto, a oferta da mídia inclui também o próprio estímulo ao consumo, que se dá tanto através da oferta de bens (por meio do comércio eletrônico e da publicidade), quanto no que se refere a tendências, comportamentos, novidades, identidades, fantasias, desejos... (TOALDO e JACKS, 2013, p. 6 e 7).

O consumo cultural e midiático foca “[...] nos processos (como, quando e onde) em que se consome e, principalmente, no que é consumido (material e simbolicamente), numa mirada sobre os hábitos, tipos, formas e conteúdos adquiridos” (SCHMITZ, 2015, p. 266). Também é um aspecto concernente das práticas culturais e sociais que opera tanto em suas naturezas micro e subjetivas, quanto nas macros, e ambas impactam os atores sociais negros.

As investigações mostraram que é no espaço midiático e comunicacional que, na atualidade, muitas práticas de afroconsumo são propostas, implementadas e impulsionadas. Contudo, observou-se que essas atividades de consumo midiático, ainda que com novas dinâmicas, atribuições e estilos de vida, apresentam especificidades e características que se

formam a partir do âmbito cultural, e são constituídas, moldadas e articuladas no campo das identidades e gestadas nas bordas da mídia.

Considerando que inúmeras questões relacionadas à negritude na sociedade são suscitadas e debatidas no espaço público e na mídia<sup>12</sup>, iremos abordar as reflexões acerca das práticas de consumo midiático que atravessam a constituição e as configurações das práticas de afroconsumo. Conforme apontam Jacks e Schmitz (2016) esse movimento é útil para que se possa alcançar a compreensão das amplas transformações nas formas de consumo advindas da inserção e do acesso a novas tecnologias.

### **6.1. BORDAS MIDIÁTICAS: a descoberta do afroconsumo**

A participação e aparição da negritude nas mídias é um ponto de debate frequente, e na atualidade podemos perceber o aumento da presença negra e discussões sobre racismo, cultura negra, entre outras pautas em diversos veículos de comunicação e produtos midiáticos como telenovelas, jornais, propagandas etc. Contudo isso não ocorreu de forma orgânica, vários fatores colaboraram para o crescimento da representatividade e presença negra nesses espaços, sejam eles institucionais ou não.

A compreensão do contingente populacional de pessoas negras, ou seja, pretos e pardos, Brasil (FONTOURA, REZENDE MOSTAFA; LOBATO, 2015), assim como o aumento desse grupo étnico nas universidades através dos programas de ações afirmativas, e o crescimento de pesquisadores negros nos programas de pós-graduação que se debruçam a investigar a história negra brasileira, assim como autores negros e negras, práticas, entre outros objetos relacionados à cultura e existência negra; são alguns dos inúmeros motivos pelos quais hoje em dia temos presenciado o aumento, a participação e a visibilidade da negritude na mídia.

Em paralelo, ações articuladas através das plataformas de redes sociais, como “*Leia autores negros*, e *Se não me vejo, não compro*; (Ver Figura 1 e 2), têm circulado frequentemente nas mídias, estimulando e promovendo atividades de afroconsumo de práticas e produtos da negritude entre pessoas negras e outros grupos étnicos. Esses discursos circulam entre a comunidade negra e, dependendo do alcance do movimento, chegam em grandes veículos de comunicação, como é o caso da Figura 3.

---

<sup>12</sup> É válido ressaltar que nem todo dispositivo, seja analógico ou digital, é mídia. Aqui tratamos como mídia os meios de comunicação que possuem caráter institucional, formal e mecanismos de regulação. Ver mais em: JACKS *et al.*, 2017.

**Figura 1:** Imagem de uma postagem da página do Facebook Geledés Instituto da Mulher Negra.



**Fonte:** Página do Facebook Geledés Instituto da Mulher Negra.

**Figura 2:** Imagem de postagem da página do Facebook Blogueiras Negras.



**Fonte:** Página do Facebook Blogueiras Negras.

Figura 3: Imagem da reportagem do jornal Gaúcha ZH (online).

## Depois de boneco do Star Wars, crianças negras fazem campanha: “Não me vejo, não compro”

20/01/2016 - 15h56min  
Atualizada em 20/01/2016 - 16h14min

:: Crespas com orgulho: marca infantil lança editorial a favor dos cabelos crespos (Reprodução/Facebook) (Reprodução/Facebook)



Em janeiro deste ano, uma imagem na qual um menino negro ensaia um sorriso enquanto segura um boneco teve mais de 35 mil curtidas e quase 10 mil compartilhamentos no Facebook. Viralizou. Isto porque o brinquedo é do personagem Finn, do filme "Star Wars — O Despertar da Força", interpretado pelo ator negro John Boyega. A historiadora Jaciana Melquiades, mãe do pequeno Matias, de 4 anos, publicou na legenda da foto: "Ele nem sabe o que é Star Wars, sabe que o boneco é igual a ele".

Em entrevista ao canal UOL [Entretenimento](#), o menino contou o porquê de ter gostado tanto do personagem:

— Ele é pretinho igual mim.

Publicidade

Pra você avançar a **UNIVERSIDADE LA SALLE** te dá uma força.

**MAIS LIDAS**

**LINGUAGEM NEUTRA EM DEBATE**  
Escola de Porto Alegre envia material chamando estudantes de "alunes" e "alunxs" e é alvo de reclamação

**PANDEMIA**  
Avanço da variante Delta e queda na proteção sugerem necessidade de terceira dose para CoronaVac e Pfizer

**NO MERCADO**  
Grêmio tem interesse em atacante

Fonte: Gaúcha ZH.

Esse movimento, que pode ser visto como uma mudança ocorre porque de acordo com Nilma Lino Gomes (2018), o Movimento Negro tem produzido saberes emancipatórios sistematizados ao longo de sua trajetória através da educação. Os *saberes identitários* tematizam as questões de afirmação e posituação do negro na sociedade brasileira; os *saberes políticos* trazem o debate racial à esfera pública e jurídica buscando justiça social através da criação de leis como a Lei de cotas, de n. 12.711/2012; e os *saberes estético-corpóreos* visam reeducar a sociedade brasileira, incluindo as próprias pessoas negras acerca da estética do corpo negro, assim como as diferenças. Diversas ações de fomento desses saberes, discursos e ações se constituem e são promovidas na esfera midiática, ainda que pelas bordas.

Muniz Sodré (2010) defende que a educação é um processo que permite aos indivíduos rumar para novos costumes e hábitos possíveis, embora incertos, ou seja, algo que é viável agora e possível amanhã. E é na recepção midiática dos produtos e discursos da negritude pelas bordas midiáticas que negros e negras, por vezes, ressignificam sua própria visão de negritude, pois “na possibilidade de produzir e pensar, eclodem mudanças, emerge o novo” (SODRÉ, 2010, p. 87). Com isso, os sujeitos negros começam a pensar e descobrir que suas

inconformidades e questões que eles achavam que eram existenciais, ou um problema individual na verdade residem no estabelecimento de uma cultura educacional branca e ocidental desenvolvidos a partir de parâmetros e instâncias do racismo.

As bordas midiáticas possibilitam a troca de saberes, que residem tanto no ensino, como na aprendizagem. E o Movimento Negro se aproxima da visão de Sodré sobre o *toyotismo*, uma vez que ele também atua como “[...] agente motivador e guardião dos modos de compreensão e significação dos saberes concretos” (SODRÉ, 2010, p. 100), ou seja, um iniciador do pensamento negro.

Parte integrante de diversas ações de movimentos sociais da negritude, o discurso negro nas mídias visa o enfrentamento às lógicas do racismo e têm sido amplamente disseminadas nos espaços por grupos, atores sociais, e, muitas vezes por instituições. Entretanto a produção, consumo, recepção e circulação de discursos da negritude sociais não é uma atividade recente.

O primeiro periódico brasileiro feito por negros, dedicado a esse grupo, e veiculado na sociedade brasileira intitulado *O homem de cor*, surgiu em 1833 na cidade do Rio de Janeiro. Também conhecido como *O mulato*, este jornal, e outros pasquins, como *O Crioulo*, *O Progresso*, *O Exemplo*, *O Clarim do Alvorada*, entre outros, atuaram como um importante instrumento nos confrontos ocorridos após a Independência do Brasil (BASTIDE, 1973; SANTOS 2011; PINTO, 2006). Esses jornais negros, atuavam de acordo com as possibilidades locais, temporais, sociais e culturais (PINTO, 2006), e com um caráter de imprensa alternativa transmitiam informações e se encarregavam de denunciar diversas temáticas que circundavam as implicações do racismo na sociedade brasileira (PINTO, 2006; DOMINGUES, 2007).

Diversos movimentos mostram que a comunidade negra e parte da sociedade têm suscitado diversos debates acerca das urgências, práticas e processos sociais da população negra brasileira nas mídias, e assim como no passado os sistemas comunicativos possibilitam que grupos sociais minoritários também negociem espaços na esfera midiática. No entanto, percebemos que o movimento de afroconsumo da negritude, devido ao fato às lógicas do racismo é uma atividade que historicamente ocorre em um espaço midiático paralelo à mídia localizado nas bordas.

## 6.2. O DISCURSO NAS BORDAS

A noção de bordas midiáticas foi inspirada inicialmente na teoria do cinema periférico de bordas, cunhada por Bernadete Lyra (2009), esta que tem como premissa o desenvolvimento

de produtos audiovisuais produzidos por realizadores autodidatas, moradores de cidades pequenas ou arredores das grandes cidades, muitas vezes estigmatizados pela histografia cinematográfica tradicional. A noção de bordas midiáticas alinha-se com o cinema de bordas pelo fato de que “a denominação ‘de bordas’ tem caráter antropológico que pode se estender aos domínios de estudo da comunicação por vias dos fenômenos midiáticos de produção e consumo” (LYRA, 2009, p. 33), ainda que aqui a atividade o recorte se estenda muito mais no campo do consumo e da recepção.

Partindo desta inspiração teórica iremos trazer reflexões sobre o conceito das bordas midiáticas, buscando articular apontamentos que nos ajudem a pensar sobre as atividades interacionais e comunicacionais, aqui especificamente da negritude, que ocorrem nas bordas da mídia.

Martín-Barbero (2015) diz que é através das mediações que os atores sociais produzem, negociam e compartilham novos sentidos nas apropriações e nos usos de meios e bens simbólicos. E a mediação com o universo digital tem sido de extrema importância para a comunidade negra, pois o uso dos diversos dispositivos e recursos tecnológicos, mesmo nas bordas, suscita debates de diversas naturezas e tem circulado diversas manifestações. O autor aponta que a globalização possibilita o aparecimento de novos atores sociais que, ao emergirem, colocam em crise a hegemonia do racionalismo ocidental, e as novas tecnologias - ao serem apropriadas por setores subalternos - ajudam na construção de uma contra-hegemonia.

A partir disto, a visão acerca do fenômeno das bordas midiáticas é de que elas frequentemente apresentam uma natureza contra-hegemônica, pois criam e possibilitam movimentos da contracultura no circuito comunicacional, e são de caráter socio-discursivo. Isso porque elas se configuram através de signos de mundos representados, e ao acumularem conhecimento coletivo possibilitam aos sujeitos a criação de mundos objetivos (relacionados às representações do ambiente), sociais (relações, interações e acúmulo de conhecimento coletivo) e subjetivos (quando o indivíduo relaciona o conhecimento adquirido coletivamente à esfera da consciência) (HABERMAS, 1989; BRONCKART, 1999); e são constituídas por diversos elementos sociais e comunicacionais.

Isto posto, identificou-se que neste espaço as discussões e os discursos sociopolíticos frequentemente estão correlacionados ao lócus de enunciação dos sujeitos (BERNARDINO-COSTA; GRASFOGUEL, 2016) – popularmente conhecido como lugar de fala – e muitas vezes, eles apresentam contestações de cunho crítico ao sistema dominante. Detectou-se também que, costumeiramente, as pautas discutidas nas esferas das bordas midiáticas são

pontos de vista e abordagens que se encontram fora da agenda da mídia e não são abordadas em grandes veículos de imprensa, matérias jornalísticas e diversas outras mídias.

Há diversos motivos para esse não-agendamento, e eles vão desde o silenciamento à ausência de diversidade, entre muitos outros. A mídia – ainda que pareça abranger todos os sujeitos, suscita aos que não se sentem contemplados o exercício de contestação – e as bordas midiáticas possibilitam a visibilidade dos invisibilizados, ainda que sua abordagem seja direcionada e muitas vezes disseminada apenas entre sujeitos pertencentes aos grupos identitários.

Como por exemplo, quando a mídia hegemônica veicula pautas e discursos feministas somente a partir do ponto de vista de mulheres *cis*, heterossexuais e brancas, é em outros espaços e veículos que sujeitos de outros movimentos passam a questionar e tensionar a abordagem dessas pautas pela visão da negritude, LGBTQIA+, entre outros grupos minoritários. Em diversas mídias como podcasts, blogs, revistas independentes, canais do Youtube, perfis em sites de redes sociais etc., é possível encontrar a veiculação de inúmeros conteúdos que oportunizam a discussão de variadas pautas que se encontram fora da agenda da mídia<sup>13</sup>. Contudo nem sempre, ou raramente, esses debates e contestações dentro dos próprios grupos são pautados pelos grandes veículos de comunicação.

A teoria da agenda, também conhecida como agendamento (MCCOMBS; SHAW, 1972), resumidamente, consiste em tratar como a mídia seleciona e insere na agenda pública os temas e pautas de interesse da opinião pública, ou seja, como os veículos de comunicação têm o poder de selecionar quais assuntos serão destaques e quais serão descartados, sendo assim a imprensa a responsável por determinar as notícias e fatos que serão veiculados. No entanto, o determinismo funcionalista da teoria do agendamento ao presumir que o receptor seria um sujeito passivo, conseqüentemente sugere que a mídia também teria o poder de apontar quais assuntos e acontecimentos seriam descartados, e/ou ocultados, e/ou ignorados, influenciando os efeitos sociais indiretamente, ou diretamente, assim como a opinião, visão e comportamento dos receptores.

Ainda que a teoria da agenda seja da década de 1970, de acordo com Bailen (2020), ela continua vigente, entretanto, na atualidade, seus mecanismos são muito diferentes. Para a autora, há um processo de fragmentação das opiniões públicas que circulam dentro do ambiente digital, e tal fato pode ser associado à maior personalização de conteúdos proporcionada pelos algoritmos (BAILEN, 2020).

---

<sup>13</sup> Ver MCCOMBS, Maxwell (2009). A Teoria da Agenda: A mídia e a opinião pública. Petrópolis: Vozes, 2009.

Contudo a fragmentação das opiniões públicas sempre existiu, e por vezes os receptores se aproximam e desenvolvem suas atividades e discursos com o intuito de contestar o posicionamento da própria mídia e das instituições. No recorte da negritude os embates frequentemente versam com as lógicas do racismo que permeiam os sistemas culturais, políticos, econômicos e sociais, e os atores sociais buscam romper com os padrões pré-estabelecidos que os localizam em grupos subalternizados, excluídos e estigmatizados.

Concorda-se com a visão de Muniz Sodré (2010) de que a hipótese da teoria do agendamento é insuficiente, pois ela é apenas um instrumento à parte dos sujeitos, e só funciona quando se relaciona com a visão de moralidade, sendo potencializada pela tecnologia e pelo mercado em consonância com a afetação que a tecnocultura proporciona. Para o autor, o consumo e a moralidade na atualidade são equivalentes, e a mídia desempenha o papel de encenar uma nova moralidade objetiva em confluência à ordem do consumo, criando costumes e rotinas a partir de negociações ou interfaces com os hábitos tradicionais, ao mesmo tempo em que se vê quase que obrigada a reconhecer o valor social do outro, resultando em um reordenamento social possibilitado pela internet.

Ainda, o autor destaca que a lógica midiática não é a de edificar e sim comprar e vender, pois a verdadeira agenda da mídia é o liberalismo comercial, e a sua moral é utilitarista, uma vez que ela “não contempla a utilidade social, pelo contrário, é privatista e redutora da sensibilidade quanto ao coletivo” (*Ibidem*, p. 64). Considerando que, “a moral da mídia contemporânea é apenas mercadológica” (*Ibidem*, p. 65), ela realiza negociações e estratégias discursivas através de insumos intertextuais de outras esferas de representação da vida social.

No entanto, a mídia não atua somente nos dispositivos midiáticos, uma vez que ela é

“uma categoria particular da forma-espectáculo, pode existir fora dos suportes tecnológicos, na medida em que coincida com o ‘mundo em si’ separado da ação política imediata do homem e organizado pela abstração mágica do espetáculo ou da profecia. Ou seja, a comunicatividade em si mesma torna-se espetacular e fascinante” (*Ibidem*, p. 69).

Como vimos, apesar da mídia buscar contemplar apenas os assuntos que se encontram na sua agenda, diversos grupos resistem de muitas formas dentro da sociedade, e na atualidade, não apenas continuam a coexistir, como também fomentam o circuito cultural nas bordas midiáticas, trazendo diferentes abordagens a grupos que interagem e promovem discussões, paralelamente à hegemonia dominante nos meios de comunicação.

Dentre os diversos ensaios de articulação teórica e tentativas de sistematização das bordas midiáticas às práticas de afroconsumo, o caminho que se mostrou mais frutífero se encontra no âmbito das interações sociocomunicativas. Isso porque as bordas midiáticas são

formadas por atividades formais e informais, e atuam em torno da natureza discursiva do poder, na política do discurso e no discurso da mudança social (FOUCAULT, 2008).

Para Foucault a existência humana é construída pelo discurso, este que é uma prática que através da história é institucionalizado e mediado pela razoabilidade. Para compreender o que é razoável ou não, Foucault aprofunda a natureza do discurso e o caracteriza como um conjunto de regras anônimas e históricas que se encontram no campo do saber e são institucionalizadas pelas ciências.

A formação discursiva se constitui a partir da regularidade, dispersão e diferença dos enunciados. Ainda, segundo o autor, os objetos são definidos pelas relações que vão caracterizar o discurso, e que no conjunto de regras resultam em seu significado histórico. A relação com o status, lugar e posição é o que determina quem e de onde pode-se produzir enunciados.

O discurso visto como uma prática social nos convida a refletir sobre como as práticas socioculturais da sociedade são construídas. Assim como em Foucault, que aponta o discurso ao constituir conhecimento, autoriza poder dizer, ao passo que as relações de poder são constituídas através da reprodução do discurso hegemônico na sociedade, Fairclough (2014) aponta que o poder é constituído de práticas sociais.

O autor diz que parte de todo um processo de interação social que se dá através do discurso, resulta em diferentes processos de interpretação, dependendo do capital cultural dos sujeitos. E, uma vez que o discurso envolve condições sociais, tanto de produção, quanto de interpretação, sua compreensão depende do contexto ao qual o sujeito está inserido na sociedade. A apropriação do discurso ao ser internalizada pelos atores sociais, para Fairclough colabora na formação das práticas sociais da sociedade.

Para Foucault o discurso é uma forma de criar dominação na sociedade, e a reprodução do mesmo resulta em formações discursivas que incidem na reprodução de ideologias, muitas vezes de forma inconsciente pelas massas criando um sistema que mantém a hegemonia de determinados discursos, grupos e sujeitos na sociedade. E segundo Fairclough, as relações de poder não podem ser reduzidas apenas às classes sociais, uma vez que dentro de cada grupo há constituições de poder, e que as lutas sociais se pautam a partir do discurso, que ao mesmo tempo atuam como uma forma de controle social. Ao relacionarmos essa visão ao pensamento de Foucault, vemos que diversos tipos de doutrinas e regras sociais que se dão através do discurso e enunciados, também atuam como uma forma de regulação, porém no nível da diferenciação que se pauta no controle e descrédito do discurso para incluir ou excluir grupos sociais, e conseqüentemente perpetuação do poder.

De acordo com Foucault, através da educação é possível conhecer os funcionamentos da lógica do discurso, o que possibilita criar relações sociais e diálogos entre diferentes grupos, classes e culturas, mas a partir do conhecimento e da educação é possível estabelecer, estruturar, distribuir ou impedir que alguns discursos contestatórios possam ser reproduzidos pelas massas.

### **6.3. OUTRAS BORDAS E ABORDAGENS: considerações sobre práticas no ambiente em rede**

No recorte às práticas da negritude nas bordas midiáticas, é possível perceber ações de articulação entre o movimento negro educador e seus atores sociais através das mídias digitais e plataformas de redes sociais. Na visão de Nelza Jaqueline Franco isso ocorre devido ao fato de que, “a educação se dá tanto em espaços formais quanto não formais, o local cibernético com sua estrutura e capilaridade é um múltiplo lugar onde obtemos acesso à informação e podemos construir conhecimento” (2022, p.17).

Em paralelo, Muniz Sodré (2010) aponta que, essas interações são uma nova forma de vida criada a partir do uso de novas tecnologias comunicacionais que colaboram na constituição das identidades pessoais, e que o ciberespaço e a cibercultura sugerem formas compensatórias de solidariedade, que interconectam arcaísmos e modernismos euforizantes e possibilitam uma interatividade democratista, para os sujeitos, que estão virtualmente próximos, mas afetivamente distantes. No entanto, para o autor as novas possibilidades de comunicação das massas não extinguem a mídia tradicional, mas possibilitam a coexistência e integração com o ciberespaço, pois existe uma flexibilidade no sistema produtivo, que vai desde os processos de trabalho até os padrões de consumo. Isso porque “‘virtual’ denota algo que tem potência de ser” (Ibidem, p. 138, *grifo do autor*) e que toda a realidade se vincula de certa forma ao virtual, ainda que do ponto de vista eidético tenha uma existência meramente propositiva.

Na atualidade, ainda que com caráter informal, postagens e discussões realizadas nos espaços em redes têm sido grandes promotoras de variadas formas de consumo midiático, e tal resultado é fruto das práticas de consumo dos indivíduos. Das diversas atribuições dadas aos espaços midiáticos em rede, Marques (2011) aponta que, para além dos laços afetivos de empatia, proximidade e jogos lúdicos, as interações que ocorrem online possibilitam aos indivíduos a utilização desses ambientes para reforçar seus códigos de pertencimento e união, assim como para argumentar e debater sobre questões de interesse coletivo e estruturas institucionalizadas.

Para a autora, os meios de comunicação, ainda que contraditórios, são fundamentais para tornar visíveis as esferas públicas constituídas neste espaço, uma vez que elas apresentam potencial para a formação de processos deliberativos em que os discursos elaborados em diferentes arenas comunicativas se tornem visíveis (MARQUES, 2010; 2011). Sobretudo, é através da deliberação – processo de comunicação em que os indivíduos atuam como interlocutores, realizam interpelações, validam seus argumentos e estabelecem diálogos cujos objetivos são avaliar e compreender uma questão de interesse geral ou um problema coletivo (MARQUES, 2011) –, que muitos discursos e movimentos da negritude, emergem na esfera pública e midiática, incluindo o afroconsumo.

Em confluência, Franco constatou a partir de perfis de sites de redes sociais, que as produções midiáticas de pessoas negras o ambiente digital “cumprem um papel bem importante: o de pautar conteúdos de temática racial negra de forma positiva, dando conta do acolhimento, de nossa memória e saberes e letrando racialmente de forma crítica” (2022, p. 88). Segundo a autora, o ambiente digital proporciona diferentes formas de aproximação entre a comunidade negra, e através de sites de redes sociais ela percebeu a existência de um movimento digital em diferentes espaços da internet identificado como *Ciberquilombismo*,

táticas de ciberativismo para o enfrentamento aos racismos que a sociedade nos apresenta, pois como já definido acima ele se constitui nos espaços de organização negra, no ambiente digital em rede de afirmação, de (re)existência, resistência, denúncia, articulações das demandas do povo negro. (FRANCO, 2022, p. 47).

Em paralelo, Veloso e Andrade (2021) propõem o conceito de *aquilombamento virtual midiático* como procedimento metodológico que visa colaborar na produção de narrativas que não subalternizem o povo negro, partindo do conceito de *bios* virtual de Muniz Sodré (2002), Quilombismo de Abdias Nascimento (2019) e reflexões sobre o quilombo de Beatriz Nascimento (2014). As autoras apontam a existência de demandas por informação e representatividade, associadas às reivindicações da negritude ao fortalecimento da luta antirracista; empoderamento social, cultural e econômico, epistemologias negras, e igualdade de direitos através de políticas públicas, e destacam a existência de mídias negras que são marcadas por uma multiplicidade de vozes, e pela visibilidade da subjetividade coletiva da negritude.

A partir da breve apresentação destas duas proposições é possível constatar a existência não apenas demandas, mas também um movimento de afroconsumo em diferentes dimensões.

Tanto no ambiente digital, em que os sujeitos buscam aquilombar-se<sup>14</sup> digitalmente, como no âmbito acadêmico, em que os pesquisadores demandam novas ferramentas de pesquisas para tratar de fenômenos relacionados ao campo da Comunicação.

É válido trazer aqui também a reflexão de Ivana Bentes (2015), e sua abordagem acerca das atividades comunicacionais nas bordas, que se aproxima e dialoga bastante com o que se propõe aqui. A autora trata a atuação dos sujeitos das bordas a partir da rede *Mídia NINJA* durante as manifestações e protestos ocorridos no Brasil em 2013. A autora aproxima a atuação da rede a do semanário *O Pasquim*, que se posicionava contra o regime militar brasileiro. Através da comparação entre a atuação da mídia tradicional e mídias livres a autora defende que a atividade que acontece nas bordas da mídia é um “fenômeno de participação social e de midiativismo (ativismo e protestos) que utiliza a mídia, as redes sociais e celulares móveis e outras tecnologias para produzir um estado de comoção e de mobilização” (2015, p. 50). E nesse contexto, compreende-se que a autora chama de bordas as organizações compostas por indivíduos que fazem parte de movimentos culturais e sociais que disputam a formação da opinião pública na construção de novas narrativas, com a grande mídia, e defende que,

A ideia de futuros múltiplos começa a se formar no Brasil, com a articulação entre os movimentos sociais, culturais, coletivos, redes, midialivristas, Pontas de Cultura, minorias e maiorias em toma de movimentos transversais (Marchas da Liberdade, em São Paulo e em 70 cidades do país, Marcha das Vadias, Bicletadas, Marcha da Maconha, em 2011; Existe Amor em SP em 2012, etc.), conectando lutas locais e globais, exigindo liberdade de expressão, cultura livre, combate ao preconceito e passe da cidade e dos espaços públicos (Ibdem, p. 78).

Assim como Bentes, que fala dos sujeitos localizados nas bordas da mídia e os identifica como produtores e participantes da cultura popular digital, Jerusa Ferreira pautou a cultura das bordas (1990; 2010) no âmbito das barreiras, diferenças e tensões entre o erudito e o popular na produção de artistas que estão no espaço intermediário entre esses dois polos. Concordamos com a autora que o uso de bordas e não margens busca não projetar uma ideia pejorativa, marginal ou alternativa, pois a autora busca enfatizar a exclusão do centro (1990). Segundo Ferreira, as bordas são a faixa de transição entre os sujeitos e culturas tradicionais por vezes reconhecidas como folclore em contraponto às culturas mais prestigiadas, uma vez que as produções podem se dirigir a públicos diversos, incluindo os das periferias urbanas.

Para a autora (2010) a cultura das bordas não é recente, e ao considerar os espaços não-canônicos visa trazer para o centro as considerações dos sujeitos periféricos e os segmentos

---

<sup>14</sup> Segundo Veloso e Andrade (2021) aquilombar é o ato de se unir para existir não só fisicamente, mas nas demais dimensões do humano. É (re)educar, dialogar, compartilhar, enfrentar, coconstruir. É o corpo individual que se transforma em experiência coletiva de luta, resistência e partilha. Aquilombar é conectar em rede.

não-institucionalizados, e aponta a existência e desenrolar de uma cultura singular e não legitimada, em regime de movimento e descoberta, repleta de diversidade.

Essas reflexões nos possibilitam perceber que, ainda que as propostas versem sobre atividades e sujeitos relacionadas ao campo midiático, nenhum delas, de fato menciona em que instância da mídia isso ocorre. Sendo assim, é possível dizer que as bordas midiáticas são a instância da mídia que produzem e circulam conteúdos oriundos de sujeitos socialmente vistos como periféricos.

Mídias livres, independentes e/ou alternativas possuem diferentes temas, abordagens e configurações, contudo todas elas existem em espaços descentralizados e suas articulações têm um caráter mais orgânico. Ainda que na atualidade as plataformas e sites de redes sociais, tenham um importante papel na interação dos sujeitos e sejam parte do *bios* midiático, ou seja, as novas formas de vida existentes no espaço virtual, conforme apontado por Sodré (2010), cabe destacar que, por enquanto, as redes sociais ainda que muito populares, não são o único espaço em que os sujeitos buscam se informar, e interagir socialmente. Nem tudo é rede social e gira em torno de engajamento, curtidas e seguidores.

Recuero (2010) defende que os sites de redes sociais possibilitam dinâmicas diversas através da interação on-line, contudo é preciso apontar que mesmo com a convergência e as rápidas mudanças das paisagens midiáticas, ainda não estão esgotadas as possibilidades de uso de dispositivos, mídias e práticas diversas que coexistem e se reformulam em paralelo, ou até mesmo em conjunto com as plataformas e sites de redes sociais. Isso porque muitas atividades não são gestadas ou necessitam delas para sua organização e articulação, uma vez que os sites de redes sociais se aproximam mais da ideia de ferramenta nas ações de interação entre as pessoas (JACKS, 2017).

Por fim, é válido pontuar que as interações que ocorrem nas bordas midiáticas não são exclusivamente on-line. Como mencionamos anteriormente, atividades como os jornais negros produzidos em paralelo à mídia hegemônica continuam a existir, contudo eles também se reinventaram e acompanham as transformações sociais e tecnológicas da contemporaneidade. É possível observar a existência de discursos e perspectivas que circulam nas bordas midiáticas buscando visibilizar abordagens diversas e a existência de grupos sociais e movimentos invisibilizados.

Com isso, conclui-se que, as bordas midiáticas enquanto fenômeno polivalente são versáteis e apresentam múltiplos valores, funções, atividades e possibilidades de abordagem ao mundo social dos sujeitos, e são constituídas por pessoas que atuam tanto como produtores, como consumidores e receptores. Estes que, por vezes, são caracterizados como periféricos pelo

fato de suas presenças, urgências e identidades não estarem presentes dentro de espaços midiáticos centrais ou de grande visibilidade.

Portanto, as bordas midiáticas seriam o espaço comunicacional permeado por discursos contra-hegemônicos produzidos por sujeitos periféricos cujas demandas e existência, no âmbito da mídia, não se encontram nem nos processos de produção, recepção ou circulação. Isso porque, para a mídia, os sujeitos não-brancos, mesmo recentemente tratados sob o guarda-chuva da diversidade, eles ainda não se localizam de fato em nenhum desses polos, uma vez que suas existências continuam sendo negligenciadas. E as bordas midiáticas articulam todo o contexto comunicacional tratado como diverso pela mídia.

Nessa zona não existe contratos de leituras, uma vez que seus processos estão sendo construídos, e a maior prova disso seria o fato de que somente agora, em pleno século XXI, é que a existência de pessoas negras e indígenas está sendo reconhecida pela mídia, pela esfera pública na atividade mais popular do mundo que tem regido a vida social da humanidade: o consumo.

## **7. ESTRATÉGIA METODOLÓGICA**

Pensando na importância do caráter reflexivo da prática metodológica, as escolhas acerca da metodologia foram articuladas para pensarmos as questões de ordem interna e externa da pesquisa, que abrangem tanto o contexto institucional como o social (LOPES, 2014). Isso porque, segundo Lopes (2014), enquanto estratégias de conjunto, o uso consciente de métodos e técnicas e possibilita a fundamentação e legitimação acerca da concretude da pesquisa.

Neste bloco apresentaremos o desenvolvimento, técnicas e estratégias metodológicas utilizadas para alicerçar as necessidades de investigação do objeto.

### **7.1. RELATOS DE VIDA: reflexões sobre a técnica**

A construção e o planejamento desta fase da pesquisa foram delineados com base em pesquisadores de diferentes campos das Ciências Sociais. Tendo em vista que os autores se apropriam de formas distintas de métodos e técnicas qualitativas, ainda que tenha sido bastante desafiador, buscou-se criar um percurso metodológico que ajudasse na coleta de dados empíricos e posteriores interpretações acerca do objeto. Para isso, optamos pela utilização do método de história oral e da técnica de relatos de vida.

Na articulação das escolhas metodológicas esbarrou-se na dificuldade de identificar as especificidades da técnica de relatos de vida, uma vez que a maioria dos autores consultados fizeram usos imprecisos da palavra relato para tratar de histórias de vida. Nesta etapa foi possível perceber que ambas as técnicas apresentam aspectos muito semelhantes, e que suas relações podem ser intercambiáveis, uma vez que elas são constantemente mescladas. Portanto, trataremos as disposições acerca do método de história oral, e das técnicas de história de vida e relatos de vida, para mostrar os motivos que levam esta investigação a fazer uso de relatos de vida.

Primeiramente, cabe ressaltar que tanto a técnica de história de vida, como a de relatos de vida pertencem ao método de história oral, e podem ser utilizadas no desenvolvimento de uma investigação das Ciências Sociais. De acordo com Queiroz (1988), o método de história oral é um quadro amplo que abrange uma quantidade de narrativas de fatos não registrados por outro tipo de documentação, e pode ser coletado a partir de entrevistas – a forma mais antiga e difundida de coleta de dados orais, biografias etc. O método visa, a partir de um único sujeito ou de indivíduos de uma mesma coletividade, colocar em convergência relatos sobre crenças, tradições, entre outros (QUEIROZ, 1988).

Lozano (1998) diz que o uso do método de história oral contemporânea visa conhecer e compreender a dinâmica dos grupos sociais, assim como fatos e eventos sociais que envolvem indivíduos e instituições em certos processos econômicos, políticos, culturais e simbólicos, produzindo conhecimento, preocupando-se em construir e sistematizar novas fontes, além de evidências históricas, que partem da natureza oral para serem integradas a outras fontes no processo de análise histórica. O autor ainda diz que, dentre as complexidades e inesgotáveis propostas, o método pluridisciplinar, que se encontra em construção constante, pode: realizar aproximações qualitativas de processos e fenômenos sociais e individuais; considerar o âmbito subjetivo da experiência humana concreta dentro do contexto sócio-histórico; e destacar e direcionar as análises da visão e da versão profunda dos sujeitos sociais centralizados no âmbito da história social-local-oral.

Ambos os autores localizam a técnica de história de vida e de relatos de vida dentro da amplitude do método de história oral, uma vez que, segundo Queiroz, elas capturam os fatos que ocorrem na encruzilhada da vida individual com o aspecto social. No entanto, elas não são a mesma coisa. Cáceres (1997) aponta que, a história de vida é uma prática que se concentra no discurso da configuração histórica, e, através de um princípio discursivo, proporciona materiais abundantes para análise. Para ele, o âmbito individual pode oportunizar uma projeção do

coletivo, isso porque os discursos particulares são formações que implicam e expressam a sociedade e a cultura de uma forma geral.

Ainda segundo o autor, a partir desta visão, a história de vida não é apenas importante, ela é central em uma aproximação com o sociocultural. Lozano (1998) aponta que através da técnica de história de vida é possível resgatar parte da memória e da narrativa popular e interpretá-las através dos relatos das pessoas.

Contudo, a utilização da história de vida apresenta uma configuração densa, e demanda tempo e diversos encontros com o narrador e seu meio, para esgotar o objeto. Porém, em função da pandemia do SARS COV-19, e em total acordo com as políticas públicas de distanciamento social que interferem diretamente na realização das entrevistas presenciais, realizamos algumas adaptações e articulamos duas instâncias metodológicas. Portanto, para tratar o objeto de pesquisa optamos por utilizar o método de história oral, e da técnica de relatos de vida, uma vez que ela apresenta uma especificidade mais breve, o que se mostra bastante eficaz diante deste contexto pandêmico.

De acordo com Queiroz (1988), o relato oral se mostra efetivo na documentação das histórias de vida, e mesmo dentro de suas problemáticas relacionadas ao subjetivismo dos pontos de vista apresentados pelos respondentes, apresenta possibilidades de revelações de práticas que julgamos úteis e efetivas. O relato oral é uma fonte de dados que conserva e difunde o saber, e sua transmissão diz respeito tanto ao passado longínquo, como ao passado muito recente e à experiência do dia a dia, alcançando e referindo-se ao legado dos antepassados. Para a autora o relato oral,

tanto veicula noções adquiridas diretamente pelo narrador, que pode inclusive ser o agente daquilo que está relatando, quanto transmite noções adquiridas por outros meios que não a experiência direta, e também antigas tradições dos grupos ou da coletividade” (QUEIROZ, 1988, p. 16).

Posto isto, em um primeiro momento realizamos uma exploração a partir de um relato oral dos sujeitos e, com base nas narrativas fornecidas acerca de suas trajetórias e momentos importantes, iremos estabelecer os principais marcos do seu relato de vida, que serão aprofundados nos encontros seguintes. Isso porque inúmeras investigações (QUEIROZ, 1988; CÁCERES, 1997; LOZANO, 1998; GRISA, 2003; BERTAUX, 2005) mostram que, com base nos relatos de vida dos sujeitos investigados, é possível captar nuances, práticas e percepções destes indivíduos.

Os relatos de vida são as unidades de narração que organizam o conteúdo de uma narração pessoal, de uma autobiografia ou de uma entrevista (LOZANO, 1998). A técnica define-se pelo “relato de um narrador sobre a sua existência através do tempo, tentando

reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu” (QUEIROZ, 1988, p. 20).

Em correspondência, o francês Daniel Bertaux (2005) diz que um relato de vida conta a história de vida estruturada em uma sucessão temporal de acontecimentos e situações derivadas deles. Seu ponto de partida é do particular para o geral, e sua função é ajudar a construir um corpo de hipóteses através das relações entre os dados factuais particulares reorganizados em ordem diacrônica. O autor aponta que, *“desde el momento en que aparece la forma narrativa en una conversación y el sujeto la utiliza para examinar el contenido de una parte de su experiencia vivida, entonces decimos que se trata de un relato de vida”* (2005, p. 36).

Para ele, os relatos de vida seriam a melhor forma de captar um pensamento sociológico, e através dos relatos de vida é possível “coletar dados daqueles que passaram uma parte da sua vida dentro deste objeto social, para obter informações e descrições, que uma vez analisados e reunidos, ajudam a compreender seu funcionamento e dinâmica interna” (BERTAUX, 2005, p. 49)<sup>15</sup>. Ainda, o autor sinaliza que diversos fatores como percepção, memória, capacidade de reflexão dos sujeitos, entre outros, irão intervir na elaboração dos relatos das experiências vividas pelos sujeitos. Isso porque, conforme aponta Bertaux, as ações dos sujeitos estão condicionadas a uma infinidade de eventos microsociais contingentes que podem desviar o curso de milhões de ações individuais. Ou seja, para ele, as ações estão à mercê de forças coletivas que reorientam o caminho de forma inesperada e incontrolável.

Contudo, o uso de múltiplos relatos de vida de sujeitos que participam de um mesmo mundo social centraliza os testemunhos destas situações e permite que possamos usar o relato de suas experiências e conhecimentos sem aprofundar suas subjetividades e singularidades (BERTAUX, 2005). Por fim, o autor aponta que através de entrevistas é possível fazer uso dos relatos de vida para mostrar diferentes ângulos e visões de um mesmo contexto social.

Com isso, optamos por fazer uso da entrevista aberta como instrumento de coleta dos relatos nos encontros complementares. Pois, enquanto técnica de “coleta de um conjunto de conhecimentos particulares, que buscam a construção do senso social do comportamento individual ou grupo de referência desse indivíduo” (ALONSO, 1995, p. 228), ela pode ser utilizada como “instrumento heurístico para combinar os enfoques práticos, analíticos e interpretativos implícitos em todo processo de comunicar” (SIERRA, 1998, p. 277).

---

<sup>15</sup> Trecho original: “para adquirir datos de quienes han pasado una parte de su vida dentro de ese objeto social, para obtener informaciones y descripciones que, una vez analizadas y reunidos, ayuden a comprender su funcionamiento y su dinámica interna” (BERTAUX, 1993, p. 49)

Para contemplar esta escolha iremos descrever as práticas de afroconsumo cultural e midiático, objetivo específico (a), que visa dissertar e analisar os pontos relevantes acerca das práticas de consumo identificadas nas entrevistas. Esse movimento nos permitiu analisar as produções de sentido na prática do afroconsumo.

Como o processo de construção do projeto foi atravessado pela pandemia e, conseqüentemente, acabou restringindo muitas possibilidades de pesquisa, a partir deste cenário os relatos foram feitos através de chamadas de vídeo. Isso porque, as tecnologias digitais permitem trabalhar dados, técnicas da pesquisa qualitativa e oferece dados que permitem interpretações densas dos fenômenos sociais (BRAGA; GASTALDO, 2012).

A partir desse delineamento contatamos os participantes da pesquisa, e foi perguntado a eles sobre o conhecimento e eventuais dificuldades de uso de plataformas online, uma vez que, devido à pandemia do COVID-19 havia sido planejado inicialmente o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) como um dos instrumentos a serem utilizados. Após o aceite, os encontros online foram realizados através da plataforma de videoconferências *Google Meet* – que possui a opção de uso gratuita para reuniões simultâneas por 30 minutos, e a versão paga, utilizada aqui, que possibilita a gravação, assim como a duração ilimitada. Alguns pontos relevantes foram levados em consideração na escolha desta plataforma, como o fato dela permitir o uso tanto por meio de um computador, como por um *smartphone*; a não obrigatoriedade de realizar downloads de aplicativos para o seu uso; e por fim, sua fácil usabilidade, pensando nas eventuais dificuldades de acesso e usabilidade os sujeitos.

Na etapa a seguir veremos como se deu o desenrolar e aplicação da metodologia e instrumentos pensados e utilizados.

## **7.2. PRETO E DINHEIRO SÃO PALAVRAS RIVAIS: interlocutores da pesquisa**

Na fase de inicial realizou-se uma pesquisa exploratória por intermédio da aplicação de um questionário disponibilizado e divulgado através das redes sociais – Twitter, Instagram, Facebook e Whatsapp – nos dias 17, 18 e 19 de março de 2021, em que 143 pessoas de diferentes raças responderam. Algumas dessas pessoas que responderam ao questionário se disponibilizaram para um eventual contato posteriormente, e ao entrar em contato com aquelas que se autodeclararam pretas ou pardas solicitei a indicação de participantes para a outra fase da pesquisa. Através da técnica de amostragem por indicação (BIERNACKI e WALDORF, 2013), também conhecida como bola de neve, que os participantes desta pesquisa foram encontrados.

Buscando compreender como se configuram as práticas de afroconsumo cultural e midiático entre jovens e adultos negros (as), os procedimentos para configuração da amostra buscaram seguir os indicadores do IBGE (1999). Os critérios para classificação e escolha dos participantes da pesquisa foi o de gênero, idade, raça, classe e localização geográfica, com recorte à região de Porto Alegre. Apenas uma participante informou durante o relato que residia na cidade de Viamão, contudo sua participação não foi desconsiderada devido ao fato de a cidade estar situada na região metropolitana da capital, e, também porque a participante relatou que além de trabalhar, também acessa serviços e realiza a maioria de suas práticas de consumo na cidade de Porto Alegre.

Ao encontrarmos as 12 pessoas que se encaixavam nos perfis previamente definidos previamente, realizamos a categorização entre homens e mulheres; a faixa etária dos entrevistados ficou da seguinte forma: de 18 a 24 anos para jovens, e de 25 a 59 anos, para adultos.

**Quadro 1:** Perfis dos interlocutores.

	Pseudônimos	Gênero	Raça	Idade	Classe Social
1	Ruth de Souza	Mulher	Preta	Adulto	Classe alta
2	Cassiano	Homem	Preta	Adulto	Classe alta
3	Maria Auxiliadora	Mulher	Parda	Adulto	Classe alta
4	Henrique Alves de Mesquita	Homem	Parda	Adulto	Classe alta
5	Jovelina Pérola Negra	Mulher	Preta	Jovem	Classe média
6	Jamelão	Homem	Preta	Adulto	Classe média
7	Eliseth Cardoso	Mulher	Parda	Adulto	Classe média
8	Patápio Silva	Homem	Preta	Adulto	Classe média
9	Elza Soares	Mulher	Preta	Adulto	Classe baixa
10	Wilson Tibério	Homem	Parda	Adulto	Classe baixa
11	Maria Firmina	Mulher	Parda	Jovem	Classe baixa
12	Zózimo Bulul	Homem	Preta	Jovem	Classe baixa

**Fonte:** Desenvolvido pela autora.

No âmbito da classe, o critério foi escolhido uma vez que buscava-se explorar as práticas e perspectivas sociais, culturais e econômicas de pessoas de diferentes classes sociais. Para medir e comparar rendas entre diferentes grupos e regiões para avaliar a qualidade de vida, entre outros fatores, o IBGE (2021), fizemos uso do indicador econômico *renda per capita domiciliar* para representar a média de renda por pessoa em cada residência. De acordo com

instituto e com o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (2017), uma pessoa brasileira é considerada de *classe baixa* se a renda domiciliar per capita seja de até,

- *Classe alta*: renda domiciliar per capita acima de R\$ 16.509,50.
- *Classe média*: renda domiciliar per capita entre R\$ 2.330,00 e R\$ 16.509,50.
- *Classe baixa*: renda domiciliar per capita até R\$ 2.330,00.

O perfil mais difícil de ser encontrado foi o de mulheres pretas de classe alta, contudo o perfil de homens pretos de classe alta também foi custoso. A dificuldade de encontrar pessoas negras com esse perfil deve ser considerado um dado importante para a pesquisa, uma vez que ele reflete a falta de pessoas negras nas classes mais altas da estrutura econômica social brasileira. Na busca por jovens negros de classe alta, muitas pessoas que responderam ao questionário e foram contatadas indicaram que, a procura por estes indivíduos poderia ser efetiva se entrássemos em com jogadores de futebol negros que atuam nos dois grandes times de Porto Alegre, *Sport Club Internacional* e *Grêmio Football Porto Alegrense*.

Na opinião das pessoas contatadas observamos que, ainda que pequena, a possibilidade de encontrar homens jovens que tenham essa renda familiar é muito maior, e em um recorte de raça, a única possibilidade de encontrar negros que ascenderam economicamente é através do futebol, e mesmo assim muitos apontaram que seria difícil entrar em contato. Entretanto, em relação às jovens mulheres negras, nenhum indivíduo conseguiu apontar um nicho sequer de possibilidade. Com isso as categorias *classe alta* composta por pessoas pretas foi preenchida apenas por pessoas adultas.

Para encontrar os sujeitos desta categoria parti para a indicação direta de amigos, familiares e colegas que se mobilizaram na busca por sujeitos que se encaixassem nos perfis. Das quatro pessoas negras de classe alta, apenas o homem pardo havia respondido ao questionário disponibilizado no início da investigação, e os outros três indivíduos foram encontrados por meio da técnica de bola de neve.

No segundo momento, durante a exploração dos relatos, quatro sujeitos afirmaram ter a renda familiar bruta acima de R\$ 16.509,50 mensais, o que de acordo com a classificação do IBGE as colocaria como pertencentes à classe alta no ano 2021. Porém, ao responderem o questionário, apenas duas afirmaram que recebiam acima dessa renda, e as outras 2 participantes apontaram que a renda familiar está entre R\$ 5.496,50 e R\$ 16.509,50.

Isso convergiu com as inquietações e dificuldades que surgiram durante a fase de busca e construção do quadro de participantes da pesquisa, pois conforme o capítulo metodológico evidenciou tivemos dificuldades para encontrar sujeitos negros de classe alta. A partir da

sugestão de diversas pessoas envolvidas no processo de investigação para realizar uma busca ativa dos participantes negros da classe alta em clubes de futebol, percebeu-se a problemática acerca da participação de pessoas negras, principalmente o perfil de mulheres pretas, nas classes e estratos mais altos da sociedade brasileira. Desde então surgiram alguns questionamentos, como os que virão a seguir.

Quantas pessoas negras e ricas conhecemos? Quantas pessoas negras na faixa dos 20, 30, 40 anos ou mais, gestadas e nascidas na classe alta brasileira conhecemos ou tivemos contato? Para a maioria da população negra brasileira é basicamente possível encontrar esses indivíduos negros em apenas dois campos: o da arte, principalmente por intermédio da música, e nos esportes, sobretudo no futebol.

Jogadores de futebol, cantores, MC's, entre outras profissões ligadas a esses dois campos foram as opções mais suscitadas para os homens negros, uma vez que no imaginário da população esses profissionais são os únicos negros que conseguem ou conseguiram ascender socialmente, e hoje podem desfrutar de uma vida de luxo, ou pelo menos podem ser considerados da classe alta. No recorte de gênero entre homens e mulheres, o quadro fica ainda mais complexo e tortuoso para as mulheres negras, principalmente as pretas.

Tatiana Dias (2013) aponta que a inserção de mulheres negras no mundo do trabalho remunerado ocorre habitualmente de forma precoce e precarizada, ocasionando experiências de uma “dupla discriminação”, tanto pela raça, como pelo gênero, resultando assim em uma desigualdade de renda acentuada entre mulheres negras e homens brancos. De acordo com os dados do informativo *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil* (IBGE, 2022), a diferença salarial entre profissionais brancos e mulheres negras é de 46%. Isso reflete diretamente na mobilidade social desse grupo, que é historicamente impactado desde o período pós-Abolição.

Segundo Rafael Osório (2021), a mobilidade social de pessoas negras de pele clara entre as elites era um dos argumentos utilizados para a defesa da existência de democracia racial no Brasil, e pesquisas realizadas por pesquisadores americanos a partir de 1950 concluíram que a estratificação social estava muito mais ligada à classe do que raça. O autor menciona que os diversos estudos realizados não levaram em consideração as condições e consequências do período pós-Abolição, e que com a evolução das pesquisas o mito da democracia racial foi desmitificado, contudo somente a partir da década de 1970, e conseqüentemente em 1980 e 1990, que começaram a surgir pesquisas sobre as desigualdades sociais e processos de mobilidade no Brasil.

Posto isso, na atualidade, a participação de negros e negras nas classes altas não aumentou muito, ainda que tenha crescido. Mesmo com as diversas políticas de ações afirmativas, cujas medidas visam compensar e remediar o passado de discriminação (PIOVESAN, 2005), a mobilidade social da negritude para os estratos sociais mais abastados é um processo lento e em andamento, cujos resultados só poderemos perceber daqui algum tempo.

Devido aos diversos aspectos históricos e socioeconômicos, alocamos as mulheres negras participantes da pesquisa, cujas rendas familiares estão entre R\$12 mil e R\$15 mil reais, como pertencentes à classe alta. Isso porque, no recorte da negritude, cujos processos sociais ainda estão sendo acompanhados, por enquanto vemos que não há como realizar essa mesma comparação a partir da régua da branquitude. Em paralelo, consideramos essas mulheres como pertencentes à classe alta, devido aos procedimentos metodológicos da pesquisa, assim como pelas próprias práticas, relações, mobilidade social e participação nos estratos sociais mais elevados que foram narrados durante os relatos de vida.

### **7.3. RELATOS DE VIDA NA PRÁTICA: percurso e exploração de métodos, técnicas em articulação com a abordagem teórico-metodológica**

Com base em Cáceres (1997) adotamos os seguintes critérios centrais para realização dos relatos: a) exploração dos aportes gerais do mundo social dos sujeitos; b) descrição de suas relações sociais, pertencimento e informações básicas sobre a situação atual e do passado do entrevistado; c) aprofundamento às estruturas das composições e relações sociais das práticas de consumo; d) aprofundamento aos fatores e relações raciais dos sujeitos em suas práticas de consumo.

Isso porque, de acordo com o autor, a partir da entrevista pode-se descobrir e analisar o mundo social evidente na vida cotidiana, e transformá-lo em um objeto de estudo consciente, juntamente com a história. Tal movimento buscou contemplar o objetivo específico (*b*) – *investigação acerca dos elementos identitários e socioculturais influenciam a prática de afroconsumo*. Isso porque visamos registrar as relações, afetos, condições e percepções dos respondentes com o mundo social e o fenômeno, assim como também possibilita realizar a comparação com fontes externas, como por exemplo a pesquisa da ETNUS, e os dados obtidos das respostas de outros respondentes e referencial teórico.

Para isso, também baseando-se em Cáceres (1997), desenhamos a coleta de dados a partir de 3 eixos metodológicos:

- a) exploração: esta etapa busca coletar informações a partir de uma técnica (relatos de vida), para que seja possível produzir o desenho técnico da próxima;
- b) complementaridade: aqui busca-se construir diferentes abordagens de entrada do objeto a partir do uso de diferentes técnicas;
- c) aprofundamento: nesta fase busca-se encontrar informações mais profundas através do uso de técnicas que podem ser diferentes, caso as utilizadas anteriormente não sejam suficientes.

Na etapa da **exploração**, seguindo o desenho da coleta de dados baseada em Cáceres (1997) foi solicitado que os sujeitos fizessem um relato oral sumarizado da sua vida. Aqui mapeamos a vida do sujeito, sempre buscando realizar poucas interferências, para que o participante da pesquisa se sentisse confortável para relatar suas experiências e percepções acerca de sua trajetória de vida. Contudo alguns sujeitos não sabiam exatamente o que contar e com isso foi preciso provocar alguns estímulos como pedidos para que eles contassem sobre sua configuração familiar, suas relações no ambiente escolar e trabalho, entre outros pontos de interesse da pesquisa como relacionamentos amorosos, práticas de consumo cultural e midiático, sempre buscando não interferir ou influenciar suas respostas.

Para isso, realizou-se estímulos como se eles fossem pautados na curiosidade sobre as situações dos sujeitos, afastando assim o possível caráter de entrevista que pudesse se construir. Uma das abordagens utilizadas para que eles se sentissem à vontade para o compartilhamento foi tentar uma aproximação de suas realidades, dividindo algumas experiências e citando exemplos para estimulá-los a falarem sobre situações e fases de suas vidas. E nesse movimento foi possível perceber que os participantes que estavam mais engessados no início dos relatos foram aos poucos se sentindo mais confortáveis, e no final muitos deles mencionaram que nem viram o tempo passar.

Com exceção de Jamelão e Wilson Tibério, que forneceram seus relatos durante o período do expediente de trabalho, e Maria Firmina que estava em casa, porém não ligou a câmera, foi possível perceber que todos os outros participantes buscaram lugares confortáveis e usuais em suas casas, e estavam sozinhos ou foram pouco interpelados por outras pessoas.

A etapa da **complementaridade**, ocorreu após a transcrição dos relatos e a exploração dos dados, foi considerado que o tempo de duração dos relatos e os dados obtidos durante a realização deles. Como é possível ver no quadro a seguir, o tempo médio de duração dos relatos ficou em torno de 45 minutos. O mais curto, do participante Jamelão, teve a duração de 28 minutos, provavelmente porque devido à sua agenda corrida ele solicitou que o encontro fosse

realizado durante o expediente de trabalho, e concedeu o relato dentro de seu carro em um estacionamento, contudo, ele foi bastante forneceu dados objetivos e relevantes. O relato mais longo, foi realizado por Eliseth Cardoso e teve duração de 1 hora e 25 minutos, e além dela outros três participantes, Zózimo Bulbul, Cassiano e Ruth de Souza, também falaram por mais de uma hora. Dois participantes, Maria Auxiliadora e Henrique Alves de Mesquita realizaram seus relatos na entre 50 e 55 minutos, e os outros cinco, Pattápio Silva, Jovelina Pérola Negra, Maria Firmina Elza Soares e Wilson Tibério, entre 40 e 49 minutos.

Com isso, retornou-se o contato para complementação dos dados de alguns sujeitos cujos relatos deixaram suscitar algumas dúvidas, ou ainda para obter-se maiores informações sobre dados vagos e/ou lacunas encontradas nos relatos da fase de exploração após o primeiro encontro. Devido ao fato de as dúvidas serem bastante direcionadas, acompanhada pela dificuldade de conseguir marcar um novo encontro, ainda que online, foi sugerido aos participantes que esse segundo momento fosse realizado pelo *Whatsapp*<sup>16</sup>, e todos que foram contatados aceitaram. Alguns demoraram dias para retornar as respostas, e outros até semanas. Apenas um deles, ainda que tenha entrado em contato para avisar que iria responder, mesmo assim não retornou as respostas às perguntas.

Nesta fase as perguntas foram bem específicas e individuais, e estavam diretamente relacionadas ao relato de cada participantes, com isso é possível presumir que cada sujeito tenha respondido às perguntas de acordo com a sua própria dinâmica de uso do aplicativo, ou de acordo com a sua disponibilidade de tempo, ou até mesmo interesse.

**Quadro 2:** coleta de dados

	Pseudônimos	Etapa Exploração Duração do relato	Etapa Complementar	Questionário
1	Ruth de Souza	1h 11m	Sim – Áudio	Respondido
2	Jamelão	28 m	Não foi contatado	Respondido
3	Maria Auxiliadora	53 m	Sim – Texto	Respondido
4	Cassiano	1h 03m	Não foi contatado	Respondido
5	Jovelina Pérola Negra	44 m	Sim – Áudio e Texto	Respondido
6	Henrique Alves de Mesquita	50 m	Sim – Áudio e texto	Respondido
7	Eliseth Cardoso	1h 25m	Sim – Texto	Respondido
8	Pattápio Silva	46 m	Sim – Áudio	Respondido
9	Elza Soares	41 m	Sim – Texto	Respondido

<sup>16</sup> O WhatsApp é um serviço de mensagens de texto rápidas e chamadas de áudio e vídeo através de celulares, que também pode ser utilizado em computadores na versão web, com a utilização restrita de alguns recursos do aplicativo como a realização de chamadas de áudio e vídeo. O aplicativo também possibilita compartilhamentos de mídias diversas, como fotos, vídeos, áudios, documentos e links. Fonte: <https://www.whatsapp.com/about>

10	Wilson Tibério	42 m	Sim, enviou áudio e texto mas não retornou	Respondido
11	Maria Firmina	49 m	Não foi contatada	Respondido
12	Zózimo Bulul	1h 06m	Sim – Texto	Respondido

**Fonte:** desenvolvido pela autora.

c) Aprofundamento: de acordo com Cáceres esse encontro dialógico, é retornado com os entrevistados para mostrar as interpretações construídas e verificar se eles concordam, ou não, com a forma como a pesquisadora enxergou o que eles contaram. Contudo, devido ao cronograma e tempo de investigação e procedimentos institucionais, essa etapa só será retomada após a finalização da pesquisa.

Essa categorização foi desenvolvida para que pudéssemos captar noções e elementos acerca das práticas de afroconsumo dos sujeitos. Esse movimento de sistematizar o aprofundamento das configurações, composições, elementos, relações dos sentidos e significados (Cáceres, 1997, pp. 86-91), visa identificar os elementos socioculturais e políticos que marcam e constituem as práticas de consumo cultural e midiático de pessoas negras, ou seja, o objetivo específico (c).

Para além disso, esta ação visou selecionar, organizar e combinar as informações e anotações do diário de campo e das transcrições das entrevistas para buscar pistas acerca de cada ponto-chave e/ou relevante apontado na exploração, descrição e significação (CÁCERES, p.100), para agrupar as possíveis casualidades que dão forma a um modelo e constroem uma configuração social (CÁCERES, 1997, 132-134).

#### **7.4. PERCURSO METODOLÓGICO: construindo um caminho para o afroconsumo**

Após a fase de coleta, devido à quantidade de dados primários oriundos dos relatos de vida, a decupagem foi realizada com o auxílio da ferramenta de pesquisa *Pinpoint*, um aplicativo que faz parte do *Journalist Studio* da *Google News Initiative* (GNI), que possibilita a transcrição e análise de coleções de documentos. Após a transcrição e tratamento dos relatos, os dados foram importados para os softwares *Nvivo* v.1.3. e depois para o *Iramuteq* v. 0.7 alpha 2, visando trabalhar os dados de forma estratégica.

A partir do software *Nvivo* foi possível captar e sistematizar algumas práticas e rituais dos participantes da pesquisa, uma vez que o *Nvivo*, através do recurso de codificação, auxiliou na formulação das categorias de análise, ao gerar resultados substanciais. De acordo com Jacks et al. (2016) o *Nvivo* pode auxiliar no processo de sistematização dos dados e geração de resultados substanciais, mas ainda que o *Nvivo* localize matematicamente as palavras, o

software não é capaz de interpretá-las, portanto é preciso estar atento às relações que se estabelecem entre os métodos escolhidos e a apreensão da realidade dos fenômenos. Ainda segundo os autores, o uso de ferramentas informacionais não substitui o trabalho do pesquisador, que precisa antes, durante e após o uso de softwares estar bastante atento, pois a utilização destas ferramentas demanda organização dos processos de pesquisa, para que elas colaborem efetivamente na concepção, produção e tratamento dos dados ao longo do processo de pesquisa. Com isso, após a pesquisa de palavras realizou-se uma auditoria para conferir se os contextos e significados das palavras coincidiam, e foram excluídos os trechos cujos contextos não dialogavam com as categorias. O *Nvivo* mostrou-se efetivo no tratamento de dados qualitativos variáveis em médio e grande volume, entretanto não julga-se necessário a descrição e exposição detalhada da etapa de tratamento de dados no software, uma vez que compreende-se que, esse procedimento de sistematização, extração e análise dos dados tratados e fornecidos pelo *Nvivo* possuem um caráter processual.

Para organização da análise dos dados posteriormente foi desenvolvido um quadro de categorizações da amostragem selecionada dos indivíduos participantes da pesquisa. A partir das autodeclarações e dos relatos de vida, os dados foram organizados a partir categorias principais *Pretos* e *Pardos*. As subcategorias de classe foram adicionadas e articuladas manualmente, pois não houve configuração para esse recorte, tendo em vista que essa subcategoria já estava previamente definida, em confluência com o planejamento da amostragem.

**Quadro 3:** categorias de análise por classe e raça

<b>Pretos</b>		<b>Pardos</b>	
Ruth de Souza	<b>Classe alta</b>	Maria Auxiliadora	
Henrique Alves de Mesquita		Cassiano	
Patápio Silva	<b>Classe média</b>	Elizeth Cardoso	
Jovelina Pérola Negra		Jamelão	
Elza Soares	<b>Classe baixa</b>	Maria Firmina	
Zózimo Bulbul		Wilson Tibério	

**Fonte:** desenvolvido pela autora.

Com base no trabalho desenvolvido por anteriormente por Guilherme Libardi (2021), criamos categorias para que o software entendesse que os termos das transcrições dos relatos fossem incorporados às categorias previamente determinadas, conforme podemos ver abaixo. Nesta etapa, utilizou-se a ferramenta *Pesquisa de texto* para exploração dos termos das

categorias. Com isso selecionamos os sujeitos separados pelas classes categorizadas, e logo após inserimos os termos relacionados à categoria *Raça*, conforme o quadro 4. A partir da definição das configurações possibilitadas pelo software definiu-se a exibição de 30 palavras em torno do termo *Raça*, pois segundo Libardi,

Esta quantidade é importante por dois motivos: um deles é subjetivo: garantir que teríamos como entender com mais precisão o contexto em que o termo estava sendo utilizado na fala dos interlocutores. O segundo motivo é técnico e diz respeito ao uso do outro software, o Iramuteq. Nele, a análise de padrões discursivos se dá analisando blocos de três linhas, no mínimo. Com 30 palavras, conseguimos ter esta quantidade de linhas. Como exportamos os dados (excertos de transcrições) das categorias formuladas no Nvivo para o Iramuteq [...] (LIBARDI, 2021, p. 156 e 157).

Ao obtermos a exibição dos excertos textuais relacionados ao termo *Raça* de cada participante, foi possível observar também a quantidade de vezes que os termos apareceram nas falas de cada entrevistado, conforme podemos ver na tabela abaixo.

**Quadro 4:** Termos utilizados para exploração no *Nvivo*.

<b>Categoria</b>	<b>Termos relacionados</b>
<b>Raça</b>	Negro, negra, preto, preta, pardo, parda, branco, branca, indígena, bugre, pele, tom, racismo, preconceito, antirracismo, pertencimento, identidade, diferença, igualdade, referência, minoria, maioria, diversidade, consciência, privilégio, mistura, afro, miscigenação, superioridade, inferioridade, inclusão, etnia, claro, escuro, subjetividade, negritude, branquitude.
<b>Círculo Social/ Eventos</b>	eventos, lazer, amizades, relacionamento amoroso, amigo, amiga, namorado, namorada, família, parentes, lugar, festa, ambiente, grupo, colegas, comunidade, convívio.
<b>Cultura negra</b>	família, educação, classe, pertencimento, pobre, rico, dinheiro, consciência, afro, música, dança, arte, religião, literatura, cozinha, resgate, pertencimento, identidade, igualdade, superioridade, empoderamento, preconceito, racismo, antirracismo, diferença, carnaval, afro
<b>Estética</b>	padrão, modelo, preto, preta, negro, negra, pele, branco, branca, tom, pele, claro, escuro, corpo, beleza, estilo, roupa, peso, maquiagem, moda, afro.

**Fonte:** desenvolvido pela autora.

Na segunda etapa, buscamos identificar as coocorrências dos termos mais mencionados nos relatos através de grafos, trazendo à luz as associações entre as palavras para identificarmos as bases fundantes da representação e interrelações dos sujeitos com a negritude durante as suas trajetórias de vida expressados nos relatos. Esse procedimento foi realizado através do *Iramuteq*, por meio da Análise de similitude, que faz uso do ramo da matemática que através de grafos estuda as relações entre objetos que pertencem a um conjunto determinado, considerando que,

Seu resultado auxilia na visualização da ligação entre as palavras do corpus reproduzindo a construção do discurso e dando maior destaque às palavras que serviram como base para a elaboração do raciocínio do entrevistado ou do grupo estudado. A visualização revela os elementos mais expressivos, que servem como base para o discurso, exibindo-os em fonte e intensidade maiores (nível do negrito). Estes, conectam-se a demais expressões através de ramificações de diferentes espessuras. Quanto mais espessa, mais forte é a correlação entre os termos conectados. Geralmente, conexões fortes indicam que a associação é recorrente em diversas entrevistas. Quando mais fraca, sugere que o vínculo pode ter surgido somente em uma entrevista (LIBARDI, 2021, p. 161).

Em paralelo, para analisarmos os dados e resultados obtidos através dos softwares utilizaremos a técnica de análise de conteúdo para tratamento do *corpus*, uma vez que devido ao seu potencial ela permite alcançar as significações fornecidas pela mensagem (BARDIN, 1979). E, também porque a técnica serve para “para perceber padrões, identificar intenções, contradições e desvendar o contexto da mensagem” (LIBARDI, 2021, p. 162).

## **7.5. PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS DE ANÁLISE DOS RELATOS**

Os diversos relatos e a multiplicidade das experiências capturadas nos convidam a refletir sobre as relações das pessoas negras e as suas identidades, que são atravessadas por diferentes discursos e visões, assim como pelos contextos históricos e processos sociais. Devido à pluralidade da negritude, cujas culturas se diferenciam por diversos motivos, optou-se por uma abordagem que respeitasse a individualidade e particularidades de cada trajetória, isso porque ainda que a cultura negra, por vezes, seja vista como homogênea é preciso compreender que, as complexidades das heranças culturais e dispersões irreversíveis da diáspora (HALL, 2016) influenciaram e ainda influenciam diretamente nos processos sociais que se interrelacionam à negritude.

Em relação ao objeto, é importante que consideremos as transmutações variações dos discursos e práticas do Movimento Negro (GOMES, 2017; DOMINGUES, 2007), podemos observar na atualidade, que a valorização da negritude tem resultado em transformações da visão acerca da identidade e da cultura negra refletindo diretamente nos processos sociais, como veremos no capítulo 9, que se debruça sobre as análises dos relatos de vida dos participantes da pesquisa.

Para abordar o objeto realizamos diversos exercícios teórico-metodológicos de entrada e exploração, que resultou, por fim no desenvolvimento de um quadro metodológico de caráter comparativo das interações sociais dos sujeitos da pesquisa. A investida vertical visa capturar as práticas dos sujeitos de acordo com os seus contextos históricos, isso porque segundo Lopes (2014), o objeto no campo das Ciências Sociais é dinâmico e mutável e se relaciona com os processos históricos, uma vez que ele passa por transformações, rupturas e crises.

A investida horizontal categoriza cinco temas-chaves obtidos nos relatos que apresentam as interações sociais dos sujeitos em relação à negritude, que foram suscitadas, de certa forma, por todos os sujeitos participantes durante os relatos. Isso porque, no âmbito do consumo, segundo Sunkel (2004), ao relacionarmos consumo cultural com processos sociais é possível alcançar tanto as antigas quanto as novas significações das práticas dos atores sociais, alcançando a dimensão constitutiva do consumo, e trabalhar a noção de consumo como produção de sentido. Para o autor, a chave está na análise da relação entre consumo cultural e identidade social, pois, para compreender como essas práticas sociais se constituem, é preciso compreender a base cultural dos setores sociais.

**Quadro 5:** Práticas socioculturais dos interlocutores

Tema	Passado	Presente
Cultura Negra	Aborda como <b>eram</b> as práticas e relações dos sujeitos no que se refere à aproximação ou afastamento da cultura negra.	Aborda como <b>são</b> as práticas e relações dos sujeitos no que se refere à aproximação ou afastamento da cultura negra na atualidade.
Reconhecimento	Refere-se a como os <b>sujeitos se autodeclaravam antigamente</b>	Refere-se a como os <b>sujeitos se autodeclararam na atualidade</b> .
Círculo Social/ Eventos	Apresenta práticas e configurações dos círculos sociais, e as práticas dos sujeitos em relação às buscas por divertimento e acesso à cultura <b>antigamente</b> .	Apresenta práticas e configurações dos círculos sociais dos sujeitos, e as práticas em relação às buscas por divertimento e acesso à cultura <b>na atualidade</b> .
Estética	Aborda as mudanças, desconfortos e aceitação acerca das vestimentas, estilo, beleza estética, capilar e corporal dos próprios sujeitos <b>antigamente</b> .	Aborda as mudanças, desconfortos e aceitação acerca das vestimentas, estilo, beleza estética, capilar e corporal, dos próprios sujeitos <b>na atualidade</b> .

**Fonte:** desenvolvido pela autora.

Ambas as investidas, tanto a vertical como a horizontal, visaram estruturar a articulação entre a noção de consumo cultural e as práticas de afroconsumo e direcionar a análise.

Em paralelo, a partir de um questionário (ver anexo) desenvolvido pela autora através da ferramenta *Google Forms*, após os relatos e disponibilizado aos interlocutores em um intervalo de 2 a 3 semanas após o fornecimento dos relatos, iremos captar práticas e contextos que interessam à pesquisa. Nesta abordagem a porcentagem das respostas não apresentam relevância, devido a pouca expressividade numérica dos participantes, o que não configuraria dados estatísticos. É válido ressaltar que, o objetivo desta modalidade de coleta de dados não alcançados ou que eventualmente não foram abordadas pelos sujeitos durante os relatos.

## **8. RELATOS DE VIDA: explorando as práticas da negritude**

Este bloco visa apresentar os perfis e trajetórias de vida dos sujeitos participantes da pesquisa. A partir deste momento iremos nos debruçar à parte empírica da investigação, e através da observação das práticas de consumo dessas pessoas negras, buscaremos apreender os sentidos das atividades dos indivíduos, buscando pistas relacionadas, ou não, à prática de afroconsumo.

### 8.1. Ruth de Souza: a fotógrafa

(45 anos, preta classe alta)



**Figura 4:** Ruth de Souza (1921-2019), a primeira atriz negra a protagonizar uma novela na Rede Globo, em sua primeira novela 'Passos dos Ventos', em 1968.

**Fonte:** Acervo Rede Globo

A trajetória de Ruth de Souza e de sua família foi marcada por muita batalha e alguns altos e baixos, como em qualquer família negra de classe baixa que ascende socioeconomicamente, mas que por vezes continua vulnerável às decisões políticas dos chefes de Estado. A história de vida dessa mulher é muito inspiradora e mostra como é importante às pessoas negras ter a coragem de se arriscar, mas também versa, nas entrelinhas, com o mito da democracia racial.

Ruth conta que passou parte da sua infância no extremo sul de Porto Alegre, área raramente acessada por muitos cidadãos porto-alegrenses, e por vezes considerada uma área rural da capital de Porto Alegre. O sítio da família, que de acordo com ela não é sítio, mas que todos chamam assim devido a grande extensão de área dos terrenos da família que foram emendados para comportar as casas de todos os parentes. As tias ainda residem nesse terreno, e ela cresceu com a família plantando aipim, milho e muitas outras coisas que tornam o sítio um lugar cuja prática é de autossustentabilidade. Os pais, a fotógrafa e as irmãs gêmeas residiram no local até os seus 10 anos de idade, quando se mudaram para o Belém Novo, bairro onde ela mora desde que os pais passaram em concursos públicos e eles passaram para um patamar um pouquinho melhor.

O pai de Ruth, era pedreiro autônomo, e por muito tempo prestou serviços para empresas empreiteiras de Porto Alegre e região, e após passar no concurso da Prefeitura passou a proporcionar à família uma vida mais tranquila financeiramente. Ele veio a falecer em uma viagem de férias poucos dias antes da tão sonhada aposentadoria, e a passagem dele, que poderia ser lembrada como uma ocasião triste, é vista por ela como um momento muito bonito em família, pois ele sofreu um enfarte em um dia lindo e meio a um cenário maravilhoso, a alguns quilômetros da praia de Rio Grande.

Sua mãe foi empregada doméstica até se casar com o seu pai, mas após a união ela parou de trabalhar para se dedicar à família, só retornou às atividades laborais depois que passou em um concurso público do estado e começou a trabalhar em um laboratório como servidora

pública, em uma função não mencionada por ela. E apesar de ter tido cinco AVCs<sup>17</sup>, atualmente ela está com 77 anos.

Sobre a cor da pele dos pais ela expõe que,

*os dois negros bem, bem negros assim. A mãe na declaração dela lá de nascimento está parda, porque realmente ela era cor de papelão assim, né? Agora que pegou uma corzinha, e o pai também, cor de papelão. Eu vou te mandar uma foto dos dois depois pra tu ter essa ideia. Claro, depois vai passando o tempo a gente escurece mais um pouco a pele, né? E lidando no sol, enfim. Mas eles são, tanto o pai quanto a mãe, na certidão deles, está como pardo, né? Enfim, cor de papelão.*

Porém, apesar de se reconhecerem como negros, ela considera que a sua família não tem um fenótipo. Segunda ela, seu pai tinha características físicas de muçulmanos e por parte da mãe eles têm uma mistura “bem Brasil”.

*Eu digo que eu sou bem Brasil porque é uma mistura muito grande assim do lado da mãe. A bisá dela era sinhazinha, era polaca. De cabelo liso, alemã, que fugiu com o escravo da fazenda. Né? Então assim eu não faço ideia, eu não consegui buscar essa origem ainda de que fazenda, de que lugar, né? Se era daqui do Rio Grande do Sul mesmo, se era de fora, enfim, eles fugiram né? Vieram parar aqui, e aí então tem essa mistura do lado da minha mãe e do lado do meu pai, o biso dele era italiano a bisá dele era negra, aí depois tiveram o meu avô que casou com uma índia. Então assim, eu brinco, né? Tem até negro na minha família, porque é uma mistura bem Brasil mesmo. As pessoas [dizem]: ‘ai tu é uma negra, mas tu é uma negra diferente’, eu [digo] assim: Gente, é porque eu tenho muita mistura aqui, se eu fizer aquele negócio do DNA lá, é capaz de ter até egípcio.*

A fotógrafa de casamentos teve duas irmãs gêmeas, e ela lembra que elas costumavam chamar muito atenção das pessoas. Com isso a família acabava conhecendo e conversando com muitas pessoas diferentes, o que facilitou bastante a criação de novas amizades e vínculos entre ela e algumas colegas de escola. Uma das irmãs faleceu cinco anos antes do pai, e a outra atualmente tem 43 anos, também formada pela universidade federal em Secretariado, mas atualmente trabalhando no comércio, louca para sair dessa área.

*A minha primeira foto que eu acho que eu tenho na vida. Eu devia ter uns dois anos. Eu estou na frente de um portão muito simples, de tábuas, de pau, de arame sabe? Um macacãozinho de veludo. Então assim a gente teve sempre uma infância muito simples e eu digo que muito rica. [...]. E assim, a gente é de uma família realmente muito, muito, muito humilde né?*

Ela conta que percebeu a existência da política ainda criança, com uns 6, 7 anos, quando a família sofreu com o confisco da poupança pelo governo, na época que ela identifica como a primeira recessão, mas só depois de adulta entendeu o que viveu. A fotógrafa recorda que logo que souberam do bloqueio das economias da família que estavam destinadas para a compra do terreno, o pai saía para o lado de fora da casa e fumava uns 3 ou 4 cigarros, e a mãe,

---

<sup>17</sup> Acidente Vascular Cerebral

que assim como a sua avó não era de falar muito sumia pela casa ou pelo pátio. Só hoje ela entende a dimensão daquele evento.

Recentemente, a tia, funcionária pública na época, compartilhou que durante esse período em que seus pais passaram a ter dificuldades financeiras, ela trabalhava em uma escola, e pedia à Direção da instituição para que pudesse separar e levar para a família da fotógrafa um pequeno rancho de alimentos, que continham misturas prontas da escola. Ela relembra que foi a época em que ela e as irmãs mais comeram polenta, e que suas irmãs passaram a detestar o alimento, mas ela ainda gosta muito.

A fotógrafa conta que seus pais se preocupavam muito com a educação das meninas, e reforçavam frequentemente que elas precisavam se portar adequadamente em público, ou seja, sentar direitinho e se comportar, e na visão dela essa também seria uma forma de evitar discriminações. Mesmo sua mãe a mandando para escola bem arrumadinha e trançada, ela recorda de uma situação de agressões verbais por parte de um colega que ao avistá-la na escola proferia a seguinte frase “catifunda nega preta”. Esse episódio ocorreu quando ela tinha uns 8 anos de idade, e hoje em dia ela identifica como um *bullying de racismo*. Ela conta que o desfecho dessa violência foi quando ela acabou perdendo a paciência e agrediu o menino. Anos depois, quando estava atuando na Guarda Municipal de Porto Alegre ela encontrou esse mesmo menino, agora já homem, no mercado e disse que ele aparentou ficar assustado ao revê-la, e supôs que provavelmente a aflição dele pode ter sido atenuada pelo fato dela estar fardada com o uniforme de trabalho, que parecia de policial, na época, ainda que ela não fosse.

Para ela esse foi o único caso de preconceito racial que ela identifica já ter passado. Com isso, ela aponta que o período do Ensino Médio, cursado em escola pública, assim como a faculdade foram muito leves e tranquilos, inclusive ela era quem ajudava as meninas que tinham problemas de autoestima com a questão do cabelo.

Ela entrou na faculdade em 2002, na mesma época em que passou no concurso público da Guarda Municipal, em que 12 horas diárias ao mesmo tempo em que fazia uma ou duas disciplinas na faculdade. Com isso ela acabou se formando só em 2016, quando não quis mais permitir que outras tarefas tirassem seu foco e energia prolongando ainda mais o fim de seu ciclo na universidade, até porque era muito importante que tanto o pai como a irmã que já haviam falecido, dividissem essa conquista com ela, e devido à sua carga de trabalho, estudo e maternidade isso não foi possível.

A finalização da graduação foi bem-sucedida, e seu Trabalho de Conclusão de curso na área da Linguística fora bastante elogiado, tanto que ela teve indicação da banca para realização dar continuidade à pesquisa no mestrado por ter sido inédito na época, tanto que ainda é

contatada pelas professoras que participaram da banca. Para ela o término do curso em 2016 foi no momento certo.

*Eu saí da UFRGS num momento muito certo, em 2016, porque em 2017 daí começou aquele peso das cotas. Eu não entrei por cota, né? Eu entrei por mérito meu né? Estudo, enfim... E aí em 2017 eu me lembro de ver muito muita coisa. [...] Teve a questão de fechar a faculdade em protesto, enfim, começou uma coisa muito pesada assim, de questão racial, questão política né? A universidade começou a se posicionar muito mais quanto a isso, começou a ficar bem pesada, então assim eu acho que eu saí no momento certo pra minha sanidade mental, sabe? Porque eu acho que isso seria bem complicado assim eu manter um trabalho de 12 por dia e mais todo o conflito dentro de uma universidade porque provavelmente eu estaria numa das frentes, né? Porque eu sou dessas, né? Se eu estou ali no meio da boiada, vamos embora, vamos fazer o negócio funcionar, né? Mas se eu estou de fora eu fico ali só tentando dar um apoio OK, mas se eu estou no meio, meu Deus do céu sai da frente.*

O término da faculdade coincidiu com o esgotamento mental de sua atuação na Guarda Municipal. Após um acontecimento em que ela teve que atirar em uma pessoa após uma troca de tiros, situação que ela considerou ser a gota d'água, ela realizou seu pedido de exoneração em 2017, pois o faturamento da fotografia em um final de semana era mais lucrativo e rentável do que a sua atuação como servidora pública. Contudo, ela reconhece que aprendeu muito sobre pessoas, política, relacionamentos e defesa pessoal, e que fez bons amigos durante esse tempo.

Após a exoneração ela passou a se dedicar apenas ao ramo da fotografia e tem vivido disso desde então. Recentemente ela adquiriu o seu próprio espaço, uma sala em um empreendimento comercial bem avaliado em Porto Alegre. Para ela trabalhar com registros fotográficos é muito satisfatório, pois além de conhecer as pessoas e suas histórias, ela se diverte contando a história feliz da vida dos seus clientes.

Ruth conta que é bastante requisitada e que seus clientes fazem questão da sua presença em seus eventos particulares, e que muitas vezes ela não percebe que não é contratada apenas como uma fotógrafa qualquer e sim como “Ruth de Souza, A fotógrafa”. Ela expõe que a maioria de seus clientes são casais de famílias brancas, e acha que eles se identificam com ela pela pessoa que ela é, e pelo trabalho que ela realiza. Inclusive alguns clientes chegam a trocar a data de seus eventos para que ela seja a fotógrafa da festa, e certa vez uma família a levou para fotografá-los na cidade de Recife, e chegando lá ela sentiu que foi colocada em pedestal, elevando seu patamar em um bom sentido, e não como se fosse a mulata do Sargentelli<sup>18</sup>,

---

<sup>18</sup> Esse termo é designado à representação sexualizada de mulheres negras, e se originou entre as décadas de 1970 a 1990, quando a Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) passou a utilizar a imagem de mulheres negras brasileiras semi-nuas vinculadas a paisagens naturais ou eventos culturais como carnaval como estratégia de marketing exterior, visando fomentar o turismo internacional, resultando assim na consolidação da imagem da mulher negra e do Brasil como erótica e exótica. Nesse contexto, as dançarinas negras que faziam parte do show de mulatas de Oswaldo Sargentelli que se apresentavam nos programas de televisão da época, assim como em outros países, acabaram se destacando, e com isso dando origem ao termo. **Ver mais em:** GOMES, Mariana S.

mesmo sendo por vezes a única pessoa preta nesses espaços. Em razão desse assunto, ela mencionou que durante a sua trajetória como fotógrafa de casamentos ela até hoje ela só fotografou a união de uma única família negra, e se questiona sobre isso ser uma questão ou um problema de comunicação dela, ou ainda porque

*enquanto a pessoa Ruth, a mulher empreendedora, negra que elas falam com orgulho né? Que tem uma carreira, que tem um negócio próprio, que era funcionária pública e virou empresária. E, isso pra mim tem sido meio assustador, na verdade, assim, está fazendo cair uma ficha que eu preciso comunicar também pra outras pessoas né? Que é a nossa etnia, a nossa raça, enfim. Porque talvez agora pensando na analogia talvez eles estejam me vendo num patamar tão alto que me considerem inatingível, e não é assim, e não é isso que eu... não é essa imagem que eu quero passar, então assim eu estou dando alguns passos atrás pra analisar essas coisas todas. [...]eu acho que isso é muito da criação nossa ainda lá atrás né? Da questão das coisas inatingíveis, né? Porque a gente foi criada muito nisso assim. Era tudo muito simples, muito ok, mas tinham coisas que eram inatingíveis. Ah, isso não é pra gente, né? É, por mais que a gente trabalhe isso tem essa coisa do merecimento. A gente tem essa síndrome do merecimento, né? Esse karma que eu digo. Não, isso não é pra gente, né? Isso está ali, mas não é pra ela falar, mas não é pra gente, né?*

### **8.1.1. Por trás das lentes: as complexidades do ser negro**

Ruth é uma mulher preta, de pele retinta, cabelos curtíssimos, empoderada, animada bastante comunicativa e agradável, daquelas pessoas que a gente passa horas conversando e não percebe. Ela é casada com um homem branco – que de acordo com ela gostaria de se autodeclarar negro –, há 16 anos, mas namoram há 25 anos. O marido foi seu o primeiro namorado, pois segundo ela, ele foi o único que teve coragem para pedir a mão dela para o pai e dizer as intenções.

Ela conta que quando ela começou a namorar com o marido, a questão do racismo foi inversa, porque a família dela não o aceitava muito bem e achava que ele não iria assumir ela, mas ele a pediu em casamento em um de seus aniversários. Casaram-se na igreja com todos os protocolos, chá de panela e tudo mais. Desta união o casal gerou um filho de 11 anos que se autodeclara preto, mas a fotógrafa pouco falou sobre ele e a maternidade em seu relato.

Durante o relato, que para ela passou quase como se num piscar de olhos, ela contou que começou a desenvolver seus gostos musicais em família,

*eu me criei ouvindo João Nogueira, Bezerra... Fundo de Quintal da primeira formação, sabe? Era o samba raiz ali, né? O samba e o pagode raiz, não era essa pagodeira de agora que é uma choradeira. Era samba com história. [Agora] é uma choradeira, vamos e convenhamos, dor de corno, né? Eles estão imitando o sertanejo universitário. né? Mas eu me criei nesse samba de*

*história, nesse samba literalmente de raiz, né? Com Jorge Aragão depois mais pra frente Martinho da Vila, Alcione, Beth [Carvalho].*

*[...]E eu estranho um pouco essas 'funkaiada' toda essa lamuriada desse sertanejo, dessas duplas aí então, eu até canto porque, né? Eu estou nos eventos lá, e a gente acaba escutando sempre, a gente acaba cantando porque o troço é um chiclete, né? Não desgruda dos ouvidos da gente.*

Contudo o pai de Ruth gostava mais do estilo das músicas tradicionais gaúchas, o que de certa forma a influencia, pois ela identifica que tem um gosto mais enraizado no tradicionalismo, mas não deu nenhuma referência de bandas ou cantores de fato. Ela conta que a família tinha uma banda que se reunia para tocar nas reuniões e festas da família,

*a família tinha uma banda, né? Uma banda literalmente, cada um tocava uma coisa, um tio tocava gaita, outro tocava violino, outro tocava banjo, meu pai era pandeiro, meu tio viola e violão. e então toda todas as reuniões de sábado e domingo principalmente quando tinha matança de porco, de gado, de galinha, enfim, tinha função de música, então se tocava do oito a oitenta assim, né? Do sertanejo ao gaudério ao samba e o pagode raiz da época assim.*

A música faz parte da sua vida, se estiver triste, ela coloca uma música, se ela estiver no carro, ela coloca uma música, mas ultimamente ela tem tido preferência por MPB, e sinaliza que gosta muito do cantor Seu Jorge, porque para ela a voz negra tem um timbre diferente. Ruth não tem conseguido assistir televisão, ela diz que apenas escuta porque seu *home office* fica entre a cozinha e a sala, então ela vira a cabeça para prestar atenção principalmente nos jornais e notícias, mas quando ela consegue assistir a algum programa ela tem predileção por séries policiais, pois se identifica bastante. Inclusive ela conta que fez treinamento com a SWAT quando atuava na Guarda Municipal.

Ela relata que quando criança se questionava como seria se fosse branca, não que ela quisesse ser de fato, mas se se pintasse sua cara com cal, ou passasse talco no rosto, mas ainda assim ela não acha que tem quaisquer problemas em relação à sua negritude. Muito pelo contrário, ela identifica que no Ensino Médio frequentemente ajudava a elevar a autoestima das meninas em relação ao cabelo e a pele negra que fica esbranquiçada quando está ressecada, pois ela sempre tinha um discurso positivo em relação a autoestima das outras meninas. Mas ela aponta que isso não se restringia apenas às pessoas negras, mas a todos pois entende que tem essa necessidade de fazer as pessoas se sentirem bem e que talvez seja por isso que ela tenha escolhido a fotografia, porque é uma área em que os profissionais acabam trabalhando com a autoestima das pessoas.

Muitas pessoas poderiam ver Ruth como uma mulher careca, mas ela não se enxerga assim, ela considera que é uma mulher que decidiu doar seus cabelos há 3 anos, pois ela acredita que estava enriquecendo uma indústria que não a enriquecia em nenhum aspecto. Para ela, o cabelo é uma coisa que cresce.

Apesar de ter uma fase rebelde na juventude, ela menciona que chegou a fazer *henê*<sup>19</sup> com o intuito de obter um crespo doutrinado com 12, 13 anos de idade, e na adolescência aderiu ao relaxamento químico<sup>20</sup>. Ela conta que o comprimento dos seus cabelos chegava até próximo da cintura, mas que o ritual de cuidados dava muito trabalho e demandavam muito tempo. Após o nascimento de seu filho, durante o puerpério, ela se viu no impasse entre dar atenção ao bebê recém-nascido ou passar algo em torno de uma hora na rotina de cuidado aos cabelos, então decidiu fazer um corte estilo *black power*. Contudo com o adoecimento da irmã, que estava passando por dificuldades em lidar com a ideia da queda de seus cabelos devido ao tratamento de quimioterapia, pois, ela era bastante apegada aos cabelos e tinha medo de ficar micoca<sup>21</sup> e careca, ela mesma resolveu cortar os cabelos bem curtinhos, como forma de apoio e solidariedade, mas devido à agressividade da doença sua irmã não chegou a ver.

Apesar de, por muito tempo, as pessoas acharem que ela estava com câncer, ela aparenta não se importar com isso. Ela afirma que sua identidade está muito esclarecida e a estética do seu cabelo bem definida, e que isso, provavelmente está relacionado a forma como o pai e mãe ajudaram nesse movimento de construir e fortalecer a sua identidade. Há 3 anos atrás, depois que o cabelo cresceu novamente, ela decidiu cortar os cabelos para desapegar da trabalhadeira e da rotina de cuidado capilar.

Após isso, ela doou os 11 tufos do seu cabelo a um instituto do câncer infantil, e em suas palavras ela disse estar fazendo 11 meninas crespas que não tinham cabelo para suas peruquinhas felizes, porque é difícil mulheres crespas doarem cabelos, pois geralmente essas mulheres só querem receber. Ela está decidida a manter seus cabelos curtos, ainda que não saiba por quanto tempo.

A história de vida de Ruth de Souza pode ser interpretada de diversas formas, contudo o destaca-se aqui que, ainda que os sujeitos negros reconheçam as imbricações do racismo, às vezes eles optam por se posicionarem alheios a isso. Seja pela falta de letramento racial, ou pela apreensão e enraizamento do mito da democracia racial, os motivos são diversos, e operam em diferentes dimensões, resultando de formas diferentes na trajetória dos sujeitos. No caso de Ruth, converteu-se em uma trajetória de sucesso e ascensão social e econômica.

---

<sup>19</sup> Produto de mercado de varejo que tem como finalidade o alisamento progressivo dos cabelos para consumidores cujos cabelos são de estética afro majoritariamente. **Ver mais em:** Rodrigues GB, Stefanello MSB, França AJBDV. Análise das diferenças de composição e modo de aplicação de produtos capilares *henê* e *hena* [Trabalho de Conclusão de Curso]. Balneário Camboriú (SC): Universidade do Vale do Itajaí; 2009.

<sup>20</sup> Procedimento químico para alisar e/ou diminuir o volume dos cabelos crespos e cacheados.

<sup>21</sup> Expressão/. termo popular racista de cunho ofensivo de origem desconhecida que visa ridicularizar a estética capilar de mulheres negras de cabelos bem crespos e curtos, e/ou em pouca quantidade de cabelo.

**Quadro 6:** Práticas socioculturais Ruth de Souza

Tema	Passado	Presente
Cultura Negra	Nas festas e reuniões da família costumava escutar samba, além de outros gêneros musicais.	Escuta bastante MPB, principalmente Seu Jorge, pois para ela a voz negra tem um timbre diferente.
Reconhecimento	Negra	Preta
Círculo Social/ Eventos	Pessoas negras e brancas de classes baixas. - Participava de eventos familiares	Pessoas brancas classes altas, e hoje participa de eventos de famílias brancas de classe alta, normalmente a trabalho.
Estética	Em diferentes momentos passou henê para alisar os cabelos, e produtos químicos para tratar os cabelos que costumavam ser longos.	Depois que cortou os cabelos ela não realizou mais nenhum procedimento químico e atualmente usa um corte curtíssimo.

**Fonte:** Elabora pela autora

## Dimensões e desdobramentos do relato de Ruth de Souza

### *Passado*

Ruth é oriunda de uma família de classe baixa, cujas práticas foram constituídas e moldadas em meio a influências de diferentes marcadores, como o de território e classe. Pelo relato foi possível perceber que ela cresceu dentro de uma estrutura que localizava a cultura negra como algo inerente aos sujeitos negros. Mesmo em contato com produtos culturais negros como samba e pagode, ela menciona com certo orgulho que sua cultura musical enraizada se aproxima de músicas gaúchas tradicionalistas, devido ao fato de o pai gostar muito, talvez por nostalgia e carinho à figura do pai.

Ela se questionava como seria a sua aparência se tivesse a pele branca, inclusive externalizando que pensava em colocar talco ou cal no rosto, ela relata que ser e se reconhecer como negra não era um problema, e talvez não fosse pelo fato da sua família ser negra, ainda que ela identifique os pais como bem negros, e com cor de papelão. Contudo, é possível identificar no seu relato que ela menciona, com certo orgulho, a nacionalidades de seus antepassados brancos, mas os antepassados negros e indígenas são citados apenas por suas raças. Talvez como uma consequência do período escravagista, ou dos muitos discursos e questões que atravessam a negritude brasileira, muitas pessoas negras, assim como Ruth, costumam ter muito mais orgulho de sua descendência branca e europeia do que da negritude,

e o reforço desse discurso acerca da mistura provavelmente fosse uma forma de aproximação em seu círculo social.

Ela aponta que não vê cor, que vê pessoas, e talvez por isso ela não tenha conseguido explicitar a configuração racial se seu círculo social, mas deu a entender que eles eram mistos. Porém ela conta que participava das festas da família e que as reuniões familiares eram sempre animadas pela banda da família, que tocava todos os estilos musicais e contava com a participação de todos.

No âmbito estético capilar, ela conta que já realizou alguns procedimentos químicos nos cabelos, mas nunca alisou, fez apenas relaxamento para baixar o volume, assim como também já usou diferentes estilos de cabelos, mas aponta que nunca teve problema com isso. Assim com muitas mulheres negras, Ruth a mudança dos cabelos pode ser uma forma de empoderamento e renovação da identidade.

### ***Presente***

Na atualidade em relação à cultura negra, Ruth conta que é movida música e escuta bastante MPB, principalmente Seu Jorge, pois na sua visão a voz negra tem um timbre diferente. Em paralelo, para ela, a música negra contemporânea, as “funkaiada” não são objetos de contemplação, ainda que ela escute nos eventos em que atua.

Por ser uma pessoa muito musical, a relação da fotógrafa com a cultura negra está muito relacionada ao campo da música. Provavelmente, por viver em espaços majoritariamente brancos, ela contempla e consome artistas negros a partir do discurso da branquitude, e conseqüentemente, ao que parece, os símbolos e produtos culturais negros, para ela são apenas parte integrante da indústria do entretenimento.

Ela se autodeclara preta e ainda que busque demonstrar orgulho à pertença negra, é possível perceber que o seu discurso acerca da cultura negra, por vezes se aproxima da ideia de democracia racial. Ela expõe que a diferença da cor da pele das pessoas não é algo que ela costuma ficar observando, pois para ela são todos iguais, ela olha para as pessoas e não para a cor. Por estar imersa no universo da branquitude e ser muito bem tratada pelas pessoas brancas, juntamente ao fato de estar em uma posição de prestígio e ser frequentemente contratada para realizar eventos da classe alta, é provável que Ruth, a partir deste lugar, não enxergue diferenças raciais. Possivelmente, por visualizar as diferenças apenas sob o prisma de classe social, conforme ela relata, sua visão é de que ela ocupa essa posição por mérito próprio do seu trabalho e empenho, o que não está errado, mas cabe salientar que a meritocracia é um indicador oriundo do discurso eurocentrado.

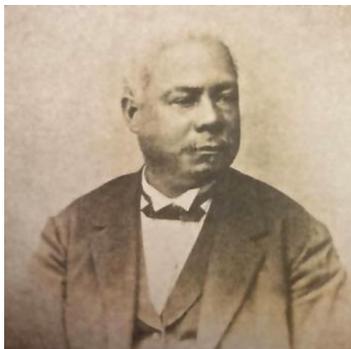
Seu círculo social é majoritariamente branco, devido aos espaços que ela frequenta por conta do trabalho, todavia, ela diz que não é tratada como se fosse uma profissional qualquer. Pelo fato de, costumeiramente, ser a única mulher negra desses espaços, e por sua função ser central nos casamentos, tendo em vista a importância dos registros fotográficos nos casamentos, ao se ver e ser vista neste lugar de destaque, enquanto profissional, em comparação com outros sujeitos negros, que provavelmente atuam em posições menos prestigiadas, ela assimila que a diferença dela para os outros está no seu empenho. É provável que se Ruth tivesse um olhar mais crítico, oriundo do letramento racial sobre as diferenças raciais, que consequentemente resultam nas diferenças de classe, talvez sua visão sobre esse mundo social fosse outro.

Na atualidade em relação à estética capilar, Ruth relata que nunca teve apego à questão dos cabelos e não utiliza química nos cabelos há 16 anos. Ela frisa que está careca por opção, e que não tem problema por isso pois sabe da sua raça e tem a sua identidade muito bem esclarecida, o que faz com que ela seja uma pessoa fora da curva. Ainda que tenha muito orgulho da sua negritude e mencione diversas vezes que não tem problemas com isso, ao frisar o fato de não ser uma mulher careca e sim estar, nos remete a outro momento de seu relato, em que ela disse que a irmã tinha medo de ser vista como uma *nega micoca*. Contudo, isso mostra que mesmo ela estando careca, intimamente, talvez ela também tenha medo de ser vista assim. Isso porque essa expressão carrega um peso tão pejorativo e violento, que até mesmo as mulheres negras que optam por cortes de cabelo curtíssimos têm medo de serem associadas à carga negativa deste termo.

Futuramente é possível que Ruth de Souza se afaste um pouco mais dos símbolos da cultura negra, e continue tratando os valores da comunidade negra apenas como produtos culturais devido aos ambientes que ela costuma estar em contato. Isso porque, pessoas negras que ascendem socioeconomicamente, frequentemente, passam a experienciar locais direcionados para sujeitos dos estratos sociais mais elevados, que são naturalmente populados pela branquitude.

## 8.2. Henrique Alves de Mesquita: o oficial militar

(39 anos, pardo, classe alta)



**Figura 5:** Henrique Alves de Mesquita (1830-1906), compositor, maestro e músico.

Fonte: internet

A história de vida de Henrique Alves de Mesquita nos convida a refletir sobre como a negritude, mesmo sendo reconhecida, pode ser vista e tratada apenas como um acessório identitário. A internalização do discurso do branqueamento e do mito da democracia racial no Brasil, enquanto base fundante para o pensamento e estruturação de muitas famílias miscigenadas, estabelece nos sujeitos uma ideia de que a todos os sujeitos são iguais, e que a cultura negra é, quando muito, apenas um recurso de divertimento.

Oriundo de uma configuração familiar miscigenada, Henrique é casado com uma mulher branca, tem dois filhos com ela, um menino de 8 anos e uma menina de 2 anos. Filho de uma mãe branca, professora e de um pai preto, militar, Henrique se autodeclara pardo, e conta que cresceu sabendo que era negro e que nunca teve nenhum tipo de conflito com sua identidade étnica, pois antes não tinha essa questão de ser pardo, ou era negro, ou era branco, e ele sabe que branco ele não é.

Henrique tem 3 irmãs mais velhas, frutos do relacionamento anterior do pai, e expõe que cresceu como filho único até os seus 19 anos de idade, quando seus pais se divorciaram. O oficial da polícia militar acha a sua constituição familiar curiosa, visto que a família paterna que é preta, tanto culturalmente, como economicamente, tem melhores condições de vida que a família materna, que é branca.

Ele começa o seu relato contando que a sua bisavó materna tinha uma irmã gêmea, e que as suas tias-avós sempre foram consideradas tias próximas, devido à convivência e aproximação no cotidiano. Em paralelo, como a sua mãe era filha única, ele considera que não tem parentes de sangue direto, apesar de ter crescido e convivido muito com primos de 2º e 3º grau. A vulnerabilidade social e econômica da família materna, para ele, é algo estranho pois na sua visão isso não é muito comum, pois em famílias miscigenadas, os parentes da parte negra geralmente costumam ser mais inclinados à pobreza, e não ao contrário.

Pelo lado do pai, Henrique conta que tinha uma tia de sangue, irmã de seu genitor que faleceu há uns 2 anos atrás, e que ela teve filhas. A sua avó paterna teve muitos irmãos (não especificou quantos), e com isso, ele acabou convivendo mais, porém tinha mais proximidade, relação e intimidade com alguns familiares do que com outros.

Em relação aos estudos, ele conta que frequentou apenas escolas particulares durante o Ensino Fundamental. A primeira delas, uma escola de classe média alta tradicional, frequentada até a quinta série, por uma questão de praticidade, pois a instituição era do lado da faculdade da mãe, e próxima ao batalhão onde o pai trabalhava. A sua segunda escola era mais próxima de sua casa, e nessa época ele passou a ir e voltar sozinho de ônibus, pois ele comenta que ainda era seguro para crianças e adolescentes realizarem essa atividade sozinhos. Já o seu Ensino Médio foi cursado em um prestigiado colégio militar de Porto Alegre.

Durante esse período seus melhores amigos não eram da escola, mas do bairro onde ele morava e ele conta que eles eram negros. Na escola quase sempre tinha um colega negro nas turmas em que ele estava, mas eram poucos, e quando era o único negro da sala de aula não recorda de ter tido algum embate ou situação de constrangimento racial, talvez porque era muito ingênuo, então acabou não percebendo nada. Para ele a configuração branca da família da mãe talvez tenha naturalizado a sua visão de não perceber diferenças entre ele e os colegas de escola nos ambientes mais embranquecidos, ainda que seu pai negro tenha lhe falado sobre como homens negros são vistos e tratados na sociedade. Entretanto ele menciona que sente como se tivesse transitado em dois mundos diferentes, e que está acostumado com a experiência de viver entre o universo cultural da branquitude e o da negritude.

*tinha muita pessoa branca na minha convivência. Entendeu? Sempre teve. E a minha mãe é branca. Né? Então eu já cresci nessa configuração, O pai preto, mãe branca, sabe? Pra mim isso sempre foi muito natural, quase que era o certo, entendeu? Eu cresci dessa forma. Claro que, o meu pai como negro, né, sempre me falou e me situou sobre o que acontecia, né? O que acontecia na infância é que, eu tinha meus amigos. Até meus quatorze anos eu morei num lugar, depois dos quatorze morei eu passei morar em outro. Os meus melhores amigos da infância assim, eram negros sabe? Então eu sempre acabei transitando assim entre vários meios sabe? Entre vários meios seja étnico, seja sociais [...].*

Para ele as questões da raça e da cor da pele não existiam. Inclusive ele lembra que na época de criança e adolescência ouvia alguns comentários e recebia apelidos pejorativos que ele acredita que hoje não se ouve mais, mas sinaliza que também se defendia de outras formas, mas não especificou quais.

Na faculdade ele optou por cursar Direito e relembra que costumava interagir mais com colegas que eram parecidos com ele (não mencionou o sentido). O início da sua vida profissional se deu através da realização de estágios, e ele conta que realizou vários processos seletivos para estágios em repartições públicas, e durante a faculdade fez estágio na Defensoria Pública e no Banco do Brasil. Ele relata que só entrou na instituição financeira porque a sua madrinha o indicou, e que foi para a entrevista com a vaga previamente garantida. Depois que ele concluiu a graduação ele prestou alguns concursos públicos e passou no da Brigada Militar, quando ainda não havia sido implementada a política de cotas, mas ele diz ser a favor.

Ele conta que na época da faculdade ele passou a fazer parte de um grupo de amigos pretos e começou a sair bastante com eles e se sentir mais à vontade. Ele ainda se relaciona com alguns deles, inclusive um deles é padrinho da sua filha. O grupo costumava frequentar baladas e festas de samba e pagodes em sua maioria, mas sinaliza que também iam a festas cujo estilo musical ele intitula como mais eclético. O oficial expõe que não gostava muito de ir a lugares que tocavam músicas eletrônicas, sertanejo, entre outros estilos tocados em espaços que eram, e ainda são majoritariamente frequentados por pessoas brancas de classes mais altas, pois os estilos musicais fogem de suas preferências. Mas ele menciona que ia em alguns churrascos, eventos e festas de aniversários dos colegas da faculdade brancos para socializar.

Hoje ele diz que escuta de tudo, e não tem preferência por nenhum estilo musical específico, mas frisa que não gosta de funk e nem de sertanejo universitário. Ele relata que faz parte de um grupo de corrida e que ele escuta bastante música ao se exercitar. Na sua *playlist* tem tudo que é tipo de música, e nos dias em que acorda feliz e resolve fazer um churrasco em casa para ele e a família, ele escuta o que tem vontade na hora.

Ele acha que esse costume está muito atrelado às práticas do pai, que sempre foi muito musical e escutava de tudo em casa, desde música clássica a músicas de escolas de samba. O pai dele costumava a levá-lo na quadra da Sociedade Beneficente Recreativa Imperadores do Samba, escola de samba da cidade de Porto Alegre, e junto com a mãe costumavam assistir aos desfiles de carnaval pela televisão. Com isso, ele acabou crescendo com o hábito de ver, escutar e cantar bastante samba-enredo em casa, e gostava bastante, mas hoje em dia acha uma pena a situação precária do evento na cidade de Porto Alegre, um dos motivos pelos quais ele nunca teve o interesse de levar o filho, assim como o pai o levava.

*O pai me levava na Imperadores por exemplo né? Apesar de gremista, eu sou imperador doente, e o pai e a mãe assistiam o carnaval na TV, sabe? A gente sempre teve esse lado assim, sempre teve muito contato com o Carnaval e tal, eu vivi isso, vivia escutando e cantando samba-enredo, sempre amei o Carnaval de Porto Alegre, né? E acho lamentável o jeito que está. Então, então não teve muito a ver digamos assim quando eu quando eu passei a ter amizade eu já tinha esses gostos bem definidos assim sabe? Já tinha [...].*

Ele conta que gostava mesmo quando o carnaval de Porto Alegre era um espetáculo de alto nível. Mesmo após a transferência dos desfiles das escolas de samba de Porto Alegre para o Complexo Cultural Porto Seco<sup>22</sup>, o oficial diz que ainda foi em alguns festejos após a inauguração do sambódromo, e que nos anos iniciais de uso do local ainda tiveram bons

---

<sup>22</sup> De 1980 até o ano de 2003, os desfiles de carnaval das escolas de samba de Porto Alegre costumavam a acontecer na Avenida Augusto de Carvalho, na região central da cidade, entretanto as festividades foram transferidas para a zona norte da cidade, no bairro Rubem Berta, após a construção do Complexo Cultural Porto Seco, considerado o sambódromo da cidade. **Ver mais em:** Galli, Laura Spritzer. Um longo caminho até o Porto Seco: lutas e disputas por espaço no Carnaval de Porto Alegre (1994-2004) (dissertação de mestrado). UFRGS, 2019.

carnavais, mas que não dá para comparar com a época em que o evento era na região central da cidade, e isso resultou desinteresse de muitas pessoas que gostam do evento, como ele. Para ele hoje em dia é difícil de chegar ao local e a estrutura é medíocre.

### **8.2.1. Não enxergo cor entre as pessoas, mas vejo racismo: labirintos identitários**

Henrique contou que acabou despertando para a vida afetiva mais tarde, e indica que isso se deu por questões de autoestima ligada a parte física, pois ele sempre teve problemas com a balança. Em paralelo, o fato de ter herdado ginecomastia hereditária do pai também foi um fator relevante, mas ele relata que realizou um procedimento cirúrgico para retirar sua glândula mamária.

A sua atual esposa, com quem está casado há 10 anos, foi a sua primeira namorada. Depois do rompimento na juventude, ele se relacionou com mais duas outras mulheres brancas. Ele conta que até tinha relacionamentos casuais com mulheres negras, mas que sua preferência acabava sendo sempre por mulheres caucasianas. Na sua opinião a pauta da solidão da mulher negra é um contrassenso diante do que apregoa todo o movimento feminista de que mulheres não precisam depender de ninguém, e esse assunto desvaloriza as mulheres negras, que ao invés de reclamarem precisam mostrar o seu valor e mostrarem que são capazes, pois também têm a sua beleza.

O oficial da Polícia Militar narra que nasceu dentro da Umbanda, e que *Ogun* foi o orixá que aparou sua mãe quando ela estava grávida dele. Os filhos foram batizados na Umbanda, contudo mesmo ele tendo crescido nesse espaço ele procura não forçar ou impor a sua crença a eles, pois espera que caso seja da vontade deles, que seja de forma natural, assim como foi com ele, que buscou a religião por iniciativa própria.

Pai bastante dedicado, durante o relato ele estava na companhia da filha mais nova, que acabou interagindo algumas vezes, mas sem nenhuma interferência. Sob a sua rotina com a família, ele conta que a pandemia acabou afetando bastante as idas aos eventos, e que aos poucos eles têm tentado retomar as saídas com as crianças. Ele conta que ele e a esposa costumam sair mais para comer em lugares que possuem estrutura para receber crianças, e que comem com frequência em shoppings, mas que fora isso não tem nenhuma preferência ou busca específica de consumo.

A família procura dar suporte aos gostos *nerd* do filho mais velho, inclusive ele cita a ida ao Festival do Japão, pois eles estão auxiliando o menino na criação de sua identidade cultural. Ele também menciona que, devido ao fato de os filhos serem ainda pequenos todos os

lugares que eles frequentam acabam sendo muito direcionados para ambientes familiares e infantis. Na sua infância ele conta que o que mais assistia era desenho japonês e futebol, mas que também assistia aos jornais televisivos com a família.

Na atualidade para saírem da rotina e se divertirem, ele e a esposa viajam com os filhos com frequência para a Serra Gaúcha e para as praias e Santa Catarina. Ele conta que antes do nascimento da caçula conseguiram viajar com o primogênito para Brasília e para o Rio de Janeiro, mas que eles não têm mais viajado para lugares mais distantes, pois o preço da passagem aérea está muito caro.

Depois de adulto Henrique conta que passou a observar algumas diferenças no tratamento que recebia da sociedade por causa da cor da sua pele, mas que quando era criança tudo parecia muito natural. A questão racial para ele é algo muito importante no âmbito político, mas atualmente ele está cético em relação a alguns discursos. Ele acha que a sociedade precisa tratar os crimes de racismo com mão de ferro e que a conscientização já é um tema esgotado, pois ainda que seja uma intenção maravilhosa,

*[...] eu acho que não adianta mais assim a gente ficar nessa de ‘ah porque não pode, porque não sei o quê, porque vidas negras importam, né’ Com todo respeito, tá? E o racismo continua. Entendeu? Então está sendo gasta uma energia que muitas vezes, claro a intenção é maravilhosa, né? Mas tá sendo gasta uma energia desnecessária a algo que não está adiantando. Eles continuam, continuam sendo racistas, tu continua indo no shopping e tomando cara feia, entendeu? Entra daqui a pouco numa loja de departamento com gente que ganha muito menos que tu né, O que dá muita raiva, e aí tu vai tu olhar na televisão, ‘ah porque vamos debater’. Não! Acabou o debate. A gente precisa passar para uma nova fase, a gente já explicou.*

Na sua opinião, o negro está em um momento histórico em que é preciso mostrar a força e o valor negro, e se impor frente aos desafios e não debater sobre as suas fragilidades. Em paralelo, ele não gosta do uso da palavra resistência no discurso da negritude, pois para eles as pessoas negras não podem mais apenas resistir, elas têm que avançar, serem melhores e brigarem por oportunidades e direitos, e se pessoas ainda não entenderam que racismo é crime precisam ser punidas e presas. Ele aponta que é preciso pensar em penas mais duras que precisam ser impostas e cumpridas, e que pessoas racistas devem ser colocadas à margem da sociedade, para que elas não tenham a possibilidade de criar crianças racistas. Por fim, ele diz: “no sentido figurado, está na hora de cortar cabeças”, mas tudo dentro do Estado democrático de direito, em suas próprias palavras.

O relato de vida de Henrique mostra que mesmo em famílias miscigenadas o modelo cultural da branquitude por vezes acaba se tornando o padrão que opera tanto no âmbito social como na psique de sujeitos negros, e como consequência desenvolvem a crença de que as diferenças raciais são vistas apenas por pessoas negras, mas ainda assim tem consciência das

dimensões e efeitos do racismo na sociedade. Contudo, fica evidente que, a compreensão da necessidade de construção de uma sociedade e instituições antirracistas não impede pessoas negras de reconhecerem diferenças entre os grupos identitários.

**Quadro 7:** Práticas socioculturais Henrique Alves de Mesquita

Tema	Passado	Presente
Cultura Negra	Assistia desfiles de carnaval, escutava samba-enredo e frequentava a umbanda.	Não frequenta e nem leva os filhos em escolas de samba, mas frequenta e leva os filhos esporadicamente na Umbanda.
Reconhecimento	Negro	Pardo
Círculo Social/ Eventos	Nos espaços institucionais como escola e faculdade seu círculo social era majoritariamente branco, e nos espaços mais íntimos negros. No âmbito dos eventos frequentava festas de samba e pagode de classe média baixa	Participa de um grupo de corrida e seus amigos do cotidiano são majoritariamente brancos, mas frisa que o padrinho da sua filha e a mãe de santo são negros. Para eventos, sai com a família para eventos culturais direcionados para crianças.
Estética	Problemas com a autoestima devido a ginecomastia, mas depois da cirurgia se sentiu melhor.	Possui questões apenas relacionadas à definição muscular.

**Fonte:** Elabora pela autora

## Dimensões e desdobramentos do relato de Henrique Alves de Mesquita

### *Passado*

Durante a infância e a juventude Henrique ao ter uma vivência próxima aos símbolos e produtos culturais da negritude, devido às práticas dos pais, ele acabava consumindo bastante carnaval e samba-enredo. A vivência na Umbanda também foi importante para que ele estabelecesse laços que o fizeram crescer próximo da cultura negra.

Consequentemente essa prática influenciou até mesmo suas relações sociais, pois no passado, ainda que ele estivesse em escolas majoritariamente brancas e seguisse os modelos de comportamento da branquitude, ele mencionou que seus amigos de verdade eram negros. E isso nos mostra de certa forma que, mesmo quando os sujeitos negros estão imersos em matrizes culturais diferentes, a negritude torna-se um espaço seguro. Inclusive sua busca por divertimento estava mais localizada em festas e espaços em que produtos culturais negros, como sambas e pagodes, pois nesses espaços ele se sentia mais à vontade e confortável. Para além

disso, é possível presumir que, por estar no Ensino Superior e estar acostumado a ser o negro único nos espaços, sendo aceito pela branquitude, na sua visão, a sua presença nesses espaços conferia a ele uma certa diferenciação e conseqüentemente uma superioridade frente as demais pessoas negras, pois ainda que fosse negro, sua matriz cultural era branca, e negros aceitos em espaços majoritariamente brancos, popularmente conhecidos como “negros de almas brancas” são diferentes.

Fenotipicamente preto, mas de pele não-retinta, o oficial costumava se autodeclarar negro, porque sabia que não era branco. Provavelmente por ser muito ingênuo antigamente, os comentários e apelidos pejorativos em relação à sua negritude passaram despercebidos, conforme ele menciona, e o fato de não enxergar cor o fez crer que as suas questões de autoestima estavam ligadas apenas à hipertrofia de suas glândulas mamárias, distúrbio comum em homens na fase da puberdade. Por desconhecimento dos efeitos nocivos do racismo na psique dos negros, o oficial, na época, fez recair sobre seu corpo a responsabilidade dos impactos das falas depreciativas sobre ele.

### ***Presente***

Mesmo tendo sido criado em contato próximo com a cultura negra, frequentando sua escola de samba do coração e escutando samba-enredo, Henrique hoje não realiza o mesmo movimento com o filho, mas busca dar suporte ao filho no desenvolvimento de sua identidade cultural em outros campos de seu interesse. Ele menciona que isso se dá devido ao fato da estrutura e o acesso ao carnaval porto-alegrense agora é medíocre, mesmo com o desenvolvimento e estruturação do evento em colaboração com o poder público. Esse discurso apresenta muitas camadas e possibilidades de interpretação, e pode estar localizado tanto no preconceito da sociedade porto-alegrense com os produtos culturais da negritude como o carnaval e escolas de samba, como também no desenvolvimento da crença imaculada de que as práticas mais próximas da branquitude são o modelo cultural mais aceitável para crianças, além de muitas outras compreensões. São infinitas as possibilidades que o levam a esse posicionamento na atualidade.

Hoje ele se enxerga como um homem pardo, e esse reconhecimento se dá pelo seu entendimento de negritude na atualidade e pela genética, já que sua mãe é uma mulher branca. Contudo, é possível compreender que sua convivência positiva com a família materna e seu bom relacionamento nos espaços da branquitude, resultaram na necessidade de desenvolvimento de estratégias subjetivas de aproximação para que ele pudesse se sentir confortável, pertencente e ter sua presença legitimada nesse universo. Em paralelo, se

autodeclarar como pardo na atualidade também o aproxima de que seus filhos, fenotipicamente não-negros, possibilita que eles sejam lidos como pessoas brancas, legitimando também sua pertença à branquitude.

Ainda, no âmbito das relações sociais, Henrique mencionou que faz parte de um grupo de corrida, e que a maioria do seu círculo social é branco porque ele vive no Rio Grande do Sul, contudo ele relata que o padrinho da sua filha é um amigo negro da época da juventude. E, em razão da paternidade, é possível compreender que neste momento da sua vida, ele faz muitas atividades em família, com isso tanto o seu círculo social, assim como os eventos que ele frequenta são aqueles que acolhem a sua configuração familiar e proporcionam atividades para crianças, como é o caso do festival que ele citou. É válido salientar que muitos eventos e festas culturais da negritude, apresentam estruturas pensadas para famílias, mas o oficial não mencionou seu interesse em estar nesses espaços, assim como o fazia com o pai.

No âmbito estético ele diz que apenas a questão do peso e de melhorias da massa muscular o incomodam, assim como em qualquer outra etnia. Porém é importante frisar que a sua ascensão social, profissional e financeira, e até mesmo o fato de ser casado com uma mulher branca são aspectos que fortalecem a autoestima de um homem negro.

A história de vida de Henrique de certa forma demonstra como as lógicas do racismo operam na psique de sujeitos negros que reconhecem a existência do racismo e do preconceito, mas que acreditam que não são afetados, seja pela questão do poder aquisitivo ou até mesmo por estarem inseridos em círculos sociais brancos. Não é possível presumir se futuramente ele compreenderá ou sequer aceitará o fato de que as lógicas do racismo foram nocivas a ele também, em virtude do fato de que ele trata o tema apenas no âmbito da lei, e não como uma questão que afeta todos os setores da vida dos sujeitos negros.

### 8.3. Maria Auxiliadora: a médica

(28 anos, parda, classe alta)



**Figura 6:** Maria Auxiliadora com seus quadros.

Artista: Maria Auxiliadora (1935-1974), pintora e autodidata.

**Fonte:** divulgação MASP

O relato de Maria Auxiliadora expõe em profundidade um tema bastante delicado de sua intimidade e nos leva a refletir sobre como as lógicas do racismo provoca impactos até mesmo nos campos mais íntimos da subjetividade humana. Assim como ela, muitas mulheres negras têm expressado suas percepções acerca do fato de não serem vistas como sujeitos dignos de afeto, e para além disso podemos estender a problemática do campo afetivo da negritude aos homens negros, visto que, a solidão da negritude não é exclusiva às mulheres, ainda que elas sejam o grupo mais impactado.

As circunstâncias em torno da história de vida de Maria Auxiliadora não são exclusivas de sua trajetória. O abandono paterno, a solidão da mulher negra e a objetificação do corpo feminino são fatores significativos e recorrentes no cotidiano de muitas famílias brasileiras, e impactam diretamente na forma como as pessoas, especialmente as mulheres jovens e adultas, se relacionam com o mundo social. Temas como esses trazidos pela médica pernambucana também fazem parte dos atravessamentos que resultam na construção de identidades negras fragilizadas, e expõem como as lógicas do racismo, para além de afetar a esfera sociocultural dos sujeitos negros, também afetam profundamente suas subjetividades.

Filha única de uma mãe solo, Maria Auxiliadora conta que seu pai abandonou a família quando ela tinha aproximadamente 3 ou 4 anos de idade. Sua genitora, que foi adotada por uma família negra composta, trabalhava em dois empregos para conseguir dar conta de todas as despesas da casa e das necessidades básicas e supérfluas da filha. Ela menciona, repetidas vezes, que sempre viu sua mãe, que na época era funcionária pública e, também atendente de oftalmologia no hospital da Polícia, trabalhar muito.

A casa em que elas moravam ficava localizada na região metropolitana de Recife, longe do resto dos familiares, que residiam na capital. O ônibus demorava em torno de uma hora de para chegar à capital, e com isso a mãe só podia contar com a rede de apoio dos parentes em situações de doença, ou eventualmente quando precisava muito de alguém para auxiliar com a filha. Mesmo assim ela diz que tem lembranças muito positivas de sua infância, ainda que

depois de adulta tenha compreendido que sofreu em muitas situações, devido a algumas vulnerabilidades da família que era composta apenas por ela e pela sua genitora.

Para a médica, as ocasiões em que adoecia, de certa forma, eram muito positivas porque a mãe ficava com ela nesses momentos – ainda que hoje Maria Auxiliadora compreenda que o cenário para mãe pudesse ser desesperador por conta do trabalho. Inclusive, acha que se tornou médica por causa desses momentos em que a mãe dedicava atenção total a ela.

Aos 4 anos de idade ela começou a estudar no colégio militar, por conta do vínculo da mãe com a instituição, e só saiu ao final do Ensino Médio. Para a jovem, a formação e o conhecimento que adquiriu nessa escola teve muita relevância na sua trajetória, e apesar da mãe não ter cursado uma graduação, ela sempre reforçou a importância dos estudos na vida da filha.

Desde que aprendeu a ler, a médica sempre gostou muito de gibis da *Turma da Mônica*, que sua mãe comprava nos sebos. Ela lembra que aprendeu a ler com uma das primas que tinha uma assinatura de gibis e como a visitava com frequência elas tinham o hábito de se deitar no chão para lerem juntas as edições inéditas que a prima recebia, pois ambas partilhavam a paixão pela leitura.

Maria Auxiliadora lembra que mesmo a mãe não deixando faltar nada era tudo muito difícil, e conta que antes do início das aulas elas se reuniam para apagar todas as respostas já escritas nos livros já usados que eram adquiridos. Elas não viviam em uma total dificuldade, mas segundo ela era um desconforto um pouco confortável.

Na escola ela era próxima de algumas meninas, uma delas, nitidamente negra, era a pessoa da turma inteira que vivia em maior situação de vulnerabilidade, cuja configuração familiar demandava responsabilidades que Maria Auxiliadora não tinha, como cuidar dos irmãos. Além dessa colega, ela menciona que tinha proximidade com uma amiga branca, e outra de olhos claros e cabelos ondulados, que era lida como uma pessoa branca, mas que atualmente devido aos processos pessoais e da compreensão da história da família se reconhece como negra.

Ela expõe que, reconhecer suas amigas como brancas ou negras era, e ainda é, algo muito difícil, e que na época de escola ela não tinha a percepção de raça que tem hoje. Maria Auxiliadora relata que na sua cidade natal Recife, a população é bastante miscigenada, e na sua opinião, mesmo o local apresentando o contingente populacional majoritariamente negro ainda assim, devido à construção social, há uma grande dificuldade para as pessoas se identificarem como negras. Em vista disso, o discurso racial, e conseqüentemente o racismo, acabam sendo menos explícitos e as pessoas acabam tentando se aproximar e se identificarem como brancas,

mesmo quando são negras, e isso se dá muito em função da estética capilar. Segundo ela, o discurso de “cabelo ruim”, é um dos mais frequentes.

Em paralelo, a jovem menciona que tinha uma outra colega parda, que pelo contexto talvez fosse lida como branca, mas a questão que Maria Auxiliadora aborda nessa narrativa é sobre como ela enxergava a configuração e a dinâmica da família da amiga, que era vista como estruturada devido a presença regular da mãe da menina, assim como do pai.

*Ela era psicóloga e parou de trabalhar para cuidar dos filhos, e o pai dela era militar, e parecia que tudo funcionava muito bem ali na casa dela. Eu lembro que gostava muito de estar lá pela rotina que tinha, era muito diferente da minha realidade, assim, da presença da mãe dela no sentido de estar ali constantemente, do pai tá presente, né? Não que a minha mãe não fosse, por exemplo, ela era bastante dentro do possível, né?*

Na infância Maria Auxiliadora era uma criança extrovertida, mas na adolescência ela se tornou muito tímida, pois se achava feia e tinha problemas com o seu corpo. Hoje em dia, ela acha que essa questão da autoestima estava muito ligada à questão racial.

Com 14 anos ela começou a se preparar para o vestibular porque acreditava que se dedicar aos estudos seria uma forma de compensar o fato de ser negra, além disso buscava ser magra e estar dentro do padrão. Com isso, ela acabava não se dando oportunidades de se relacionar afetivamente com nenhum menino, porque sentia sua própria insegurança e retraimento, mas para além disso, ela conta que sentia o preterimento dos meninos. Em algumas ocasiões ela até se interessava por um ou outro menino e sentia que às vezes era recíproco, entretanto ela tinha muito medo e vergonha, então o foco nos estudos acabava sendo uma forma de fugir desse contexto.

Ela expôs que o início de sua vida afetiva foi bem tardio. No início da faculdade ela achava que não conseguia se relacionar, nem mesmo casualmente, por causa da sua timidez, mas depois passou a observar que esse não era o único motivo, e que talvez o preterimento dos meninos em relação a ela se desse pelo fato dela ser negra, pois por mais bonita que ela estivesse ela sentia que nunca era uma opção de afeto, nem mesmo em festas movimentadas e de “pegação” da faculdade. A primeira vez que Maria Auxiliadora beijou alguém ela já havia se formado na faculdade, e depois disso teve pouquíssimas experiências. Hoje ela vê que isso que aconteceu com ela não foi um caso isolado, pois conta que uma amiga negra da faculdade, também médica, que é considerada por muitas pessoas como uma mulher linda, também se relacionou poucas vezes, e sequer é vista como uma possibilidade afetiva nos círculos sociais.

Maria Auxiliadora percebe a existência de um silenciamento sobre esse assunto e diz que isso não é algo fácil das pessoas falarem e ouvirem, e acha que no ambiente médico não teria possibilidade de se relacionar com outro médico. Ela conta que escutava comentários sobre

a sua aparência e até achava que as pessoas tinham atração física por ela, mas que não passava disso, e que nunca houve existiu nenhum movimento para que gerasse um afeto entre ela e outra pessoa.

*[...] existe muito silenciamento, né? Não é um assunto fácil de as pessoas ouvirem e quererem ouvir ou entender, né? Parece que você tá se vitimizando, mas é verdade, é muito real. Sabe que eu acho que é porque é muito difícil também. É porque são impressões, né? A gente não tem certeza, mas eu sinto que tem muitas, pelo menos no meu meio ali o meio médico de pessoas brancas, principalmente né? Ali na faculdade, não era uma possibilidade, realmente sabe não poderia me relacionar com ninguém ali... Você não é vista, você até escuta comentários, você vê que as pessoas se interessam, tem atração por você, talvez física, mas não passa disso, não tem esse movimento para que isso gere um afeto sabe? Realmente é bem assim.*

Ela lembra que foi em uma semana específica de celebrações das formaturas dos colegas veteranos, que ela diz que estava realmente muito bonita e arrumada, e que sua aparência então não seria o motivo para não ser vista como opção de beijar alguém. Contudo, ela viu que a questão racial foi bastante marcada, e que ela sequer foi tirada para dançar. Ela sinaliza o quanto isso é muito contraditório, tendo em vista que Recife é um local negro, e que é um cenário difuso e estendido.

*[...] em Recife, é muito doido você pensar que um estado negro, sabe uma cidade negra e as pessoas se surpreendem até quando eu falo isso, né? Parece que é melhor a questão racial, mas não é bem assim, sabe ainda mais dependendo do círculo que você tá, como esse era um círculo ali, né de outras pessoas de classe média e médicos e pessoas brancas isso era bem complicado.*

As duas melhores amigas de Maria Auxiliadora na faculdade eram negras, e a sua turma era considerada muito diversa, sendo reconhecida como a turma mais negra do curso de Medicina, pois havia 8 pessoas negras entre os 70 alunos matriculados. Logo no início de sua formação, ela conta que começou a ficar frustrada por não ir tão bem nas provas, e o que ela costumava dizer para fortalecer a si mesma na época do ensino médio “*não me sinto bonita, mas eu sou inteligente e estudo*” ficou muito fragilizado e com isso sua autoestima se esfacelou. Isso porque, segundo ela, na faculdade todo mundo é bom e ninguém é especial. Em paralelo, as diferenças de classe entre os colegas também era algo que a deixava desconfortável, pois muitos dos colegas nas visitas periódicas das disciplinas às comunidades, sequer sabiam como funcionava o sistema de pagamento de ônibus.

Contudo, o processo de transição capilar durante a faculdade a fortaleceu bastante. Apesar de nunca ter realizado procedimentos de alisamento, e ela sente que existia uma “coisa” muito forte em relação ao seu cabelo no discurso da família, e por vezes os comentários eram de que ele era muito difícil e ruim. A sua mãe nunca permitiu que ela alisasse seus cabelos, ainda que os cabelos da mãe fossem quimicamente alisados, e isso a confundia bastante.

*[...] minha mãe sempre falava do meu cabelo, que era bonito e tal, só que ela mesmo alisava, né? Então era meio complicada a mensagem, né? Ficava meio difícil de entender. Como assim meu cabelo é bonito e você não usa, né? E aí na faculdade eu usava aquelas químicas, para*

*diminuir o volume, né? Não alisa e vai crescendo o cabelo, e aí eu resolvi cortar o cabelo na época. Eu lembro que foi uma coisa muito bonita, um movimento bonito, porque tinha uma menina negra em outra turma que usava o cabelo alisado e ela tava na transição. E aí ela cortou o cabelo e tava usando o cabelo dela natural, era lindo o cabelo dela. E aí depois disso uma outra menina também passou pela transição e cortou o cabelo. E aí depois eu cortei o meu cabelo também, ficou bem curtinho assim, tirei a química que tinha, né? E assim foi um movimento assim que um monte de gente que tava em transição fez. E foi muito bonito de ver assim, sabe? Porque eu acho que fortalecia um pouco ver outras pessoas naquele espaço usando também, né? Enfim foi bem curioso.*

Ela acredita que foi nessa época em que despertou para as questões da negritude e que começou a desenvolver sua consciência racial. Foi nesse processo de transição capilar que ela percebeu que sua autoestima estava começando a ser construída.

### **8.3.1. Da tristeza para Porto Alegre: processos sociais e individualidade**

Quando Maria Auxiliadora se formou na faculdade ela estava muito deprimida e entrou em um processo depressivo, que ela diz estar muito ligado ao racismo, mas não mencionou em que sentido. Ao perceber que estava bastante fragilizada, ela buscou profissionais que pudessem ajudá-la e deu início a um tratamento terapêutico e outro medicamentoso.

Naquele momento ela compreendeu que não conseguiria entrar na residência médica que queria na área de pediatria ou dermatologia, pois a carga horária dessa especialização era de no mínimo 60 horas, podendo alcançar até 100 horas semanais. E considerando que ela precisaria ter muita responsabilidade de conduta e cuidados, entendeu que não conseguiria se dedicar a outra pessoa que não fosse ela mesma, e que precisava de um tempo.

Enquanto as amigas e colegas trabalhavam quase todos os dias, dia e noite, ela optou por fazer poucos plantões, e buscava ganhar apenas o básico para se manter. Após esse período ela começou a trabalhar em um posto de saúde, e percebeu que já estava ficando melhor do seu quadro de depressão e conseguindo dar mais atenção aos seus pacientes. Com a melhora ela resolveu se inscrever no programa Mais Médicos do Governo Federal, que segundo ela é uma especialização médica na atenção primária em que os profissionais são deslocados para atuar em alguma região do Brasil que necessite de médicos.

Ainda que ela goste muito de sua cidade natal, ela tinha o desejo de viver em outro lugar, e seu objetivo inicial era ir para São Paulo. Contudo, as inscrições foram abertas por um curto período na época da pandemia do COVID-19, e ela não achou que seria uma boa ideia ir para a capital paulista, pois o tamanho da cidade e o contingente populacional a fizeram repensar seus planos. Foi nesse momento que ela decidiu que Porto Alegre seria uma boa opção, ainda que ela não conhecesse a cidade, já tinha escutado falar bem do lugar.

Ela conta que foi uma decisão muito rápida e um processo conturbado, pois ela tinha aproximadamente um mês para realizar a mudança de cidade. No início foi um choque cultural muito grande em relação à comida, ao clima e as pessoas, mas agora ela já está adaptada.

Esse deslocamento também impactou à mãe de Maria Auxiliadora, que decidiu se juntar à filha, após a mudança para a capital gaúcha. Sua mãe veio depois que se aposentou de maneira um pouco forçada, devido à idade e ao contexto da pandemia. A médica relata que a mãe postergou a aposentadoria algumas vezes, por conta das preocupações em relação à sua vida profissional e estabilidade financeira. Inicialmente a genitora justificou que precisava esperar a filha entrar na faculdade, e depois adiou porque achava melhor esperar a filha se formar no curso de Medicina, e ter certeza de que Maria Auxiliadora não precisaria de sua ajuda financeira. Atualmente, já aposentada e ambientada a Porto Alegre, a mãe está fazendo um curso de confeitaria no SENAC e adora receber visitas.

Maria Auxiliadora hoje atua na área de Medicina da família, pois ela gosta muito desse olhar integral à família, e de acompanhar as pessoas. Ela conta que se interessa muito por essa área porque acredita que tem uma junção com a questão social, pois ela, enquanto profissional, não trata somente de doenças, ela trata de pessoas, algo que para ela falta muito no campo da Medicina.

Apesar de ouvir que ela será uma médica pobre, e de reconhecer a disparidade salarial da sua área de atuação em comparação a outras especializações médicas, ela acha que o discurso é infundado porque ela consegue viver bem. Mas para ela, até mesmo por causa de toda a sua trajetória e das análises pessoais que ela faz, esse movimento era de suma importância, até porque o aspecto social faz toda a diferença na sua vida – ainda que também seja emocionalmente desgastante ela gosta muito.

A médica não costuma sair para baladas e festas, seus hábitos são mais diurnos e caseiros. Devido ao fato de ser vegana, ela costuma ter preferência por restaurantes que contemplem seu estilo alimentar, mas não vai com tanta frequência devido aos altos valores.

Em Porto Alegre ela conheceu o seu atual namorado, um homem branco, através de um aplicativo de relacionamentos, e conta que o primeiro encontro deles foi em uma livraria, devido ao interesse dela por livros. Ela expõe que eles se desentendem apenas porque, ainda que seja mais caro, ela gosta muito da experiência de comprar livros físicos.

A leitura tem um papel muito importante na vida de Maria Auxiliadora, hábito que desenvolveu desde a sua infância. Hoje em dia é por meio dos livros de autores negros que ela se relaciona com a cultura negra e busca compreender as suas questões de pertencimento. Recentemente ela passou a ouvir *rap*, pois se sente fortalecida e empoderada de alguma forma

pelos discursos das letras. Em paralelo, para ela essa atividade é uma forma de apoio, e para além disso, tornar possível a existência da negritude em certos espaços.

No final do relato a médica conta que era bem próxima de algumas primas, que assim como ela eram filhas únicas, e compartilhavam histórias de vida parecidas em relação a experiência de abandono paterno, e isso era um ponto forte de conexão entre elas, que acabaram crescendo como irmãs. Uma de suas primas faleceu subitamente logo que Maria Auxiliadora chegou em Porto Alegre, e isso a abalou muito. A outra prima próxima é advogada e desenvolveu sua consciência de classe social e racial de forma tardia. Até hoje ela sente que a prima tem muitas questões e que ainda não conseguiu assumir o cabelo, pois tem muitas questões em relação a esse tema. Ela lembra que a prima falava muito de cabelos, sempre com o discurso comparativo sobre cabelo bom ou ruim.

Para ela, a relação com a família teve muitos conflitos raciais que hoje em dia a magoam muito. Devido ao fato de a sua família ser negra de pele clara e das mulheres realizarem procedimentos de alisamento dos cabelos, ela percebe que nem todo mundo enxerga sua negritude. Na sua juventude, ela lembra que uma tia, irmã da mãe, gostava muito de assistir aos desfiles de carnaval e concursos de samba, e frequentemente falava muito de forma depreciativa da estética das meninas, o que lhe deixava desconfortável, pois ela via e achava que aquelas mulheres eram parecidas com ela. Ela relata que percebe hoje que seu corpo era muito objetificado pela família, e se incomoda com o fato de ter crescido escutando as pessoas falarem para a sua mãe que quando ela crescesse iria dar muito trabalho.

Por fim, ela enxerga hoje como a questão da ausência paterna acabou impactando bastante nas suas relações. Maria Auxiliadora acha que, além de todo o racismo da sociedade, muitas das questões relacionadas às suas dificuldades de relacionamento, e o fato de achar que era muito permissiva e que não dava limites às pessoas, fazendo com que ela se envolvesse em relações que não eram muito saudáveis, inclusive de amizades, podem estar diretamente relacionadas com o abandono paterno.

As circunstâncias em torno da história de vida de Maria Auxiliadora não são exclusivas de sua trajetória. O abandono paterno, a solidão da mulher e do homem negro, e a objetificação do corpo feminino são fatores significativos e recorrentes no cotidiano de muitas famílias brasileiras, e impactam diretamente na forma como as pessoas, especialmente jovens e adultas, se relacionam com o mundo social. Temas como esses trazidos pela médica pernambucana também fazem parte dos atravessamentos que resultam na construção de identidades negras fragilizadas, e expõem como as lógicas do racismo, para além de afetar a esfera sociocultural dos sujeitos negros, também afetam profundamente suas subjetividades.

**Quadro 8:** práticas socioculturais de Maria Auxiliadora

Tema	Passado	Presente
Cultura Negra	Aproximação sazonal a partir a desfiles de carnavais e concursos de samba com a família	Aproximação a partir de livros de autores negros e música de artistas negros
Reconhecimento	Negra	Preta
Círculo Social/ Eventos	- Fazia parte de círculos sociais majoritariamente brancos, contudo tinha amigas negras. - Ambientes majoritariamente populados por pessoas brancas.	- Faz parte de círculos sociais composto apenas por colegas de trabalho brancos. - Atualmente não sai muito.
Estética	Cabelos crespos e quimicamente tratados	Cabelos naturais e sem química

**Fonte:** elaborado pela autora

## Dimensões e desdobramentos do relato de Maria Auxiliadora

### *Passado*

De acordo com o relato de Maria Auxiliadora podemos compreender que as aproximações aos produtos culturais da negritude eram sazonais, uma que vez ela mencionou que tinha costume de assistir aos desfiles de Carnaval e concursos de samba pela televisão com a família durante a infância e a juventude. Entretanto os comentários depreciativos proferidos por uma de suas tias sobre a estética de mulheres negras, geraram desconfortos que acabaram impactando na subjetividade de Maria Auxiliadora, e conseqüentemente fazendo com que ela tivesse a percepção de que ser uma mulher negra era algo negativo.

Mesmo tendo a pele clara, Maria Auxiliadora sempre se reconheceu como negra, e a estética afro se seus cabelos naturais colaboraram bastante para essa compreensão, ainda que ela realizasse relaxamento químico visando diminuir o volume deles. Somado a isso, o frequentar círculos sociais majoritariamente compostos por pessoas brancas e atravessados pela complexidade da disposição racial de Recife e até mesmo pelo discurso que ouvia de familiares, podemos compreender que a identidade negra de Maria Auxiliadora fora construída em meio a conflitos. Contudo, ela não buscou se afastar da negritude, sua forma de lidar com sua identidade foi por meio do desenvolvimento intelectual, pois ela acreditava que se excelente nos estudos seria possível neutralizar o fato de ser negra.

O costume de frequentar festas e eventos da faculdade majoritariamente populadas por pessoas brancas impactou diretamente na forma como ela mesma se via, pois, a percepção de

que não era vista como uma pessoa digna de afeto ou “apresentável” pode ter afetado ainda mais a sua autoestima, que já era bastante fragilizada.

### ***Presente***

A mudança para Porto Alegre, depois do processo depressivo fez com que Maria Auxiliadora buscasse olhar para si mesma, e através da sua paixão pela leitura passou a ler autoras e autores negros, e conseqüentemente acabou se aproximando da cultura negra. Recentemente por meio do *rap* ela tem se fortalecido e se empoderado. Esse movimento de aproximação por meio do pertencimento pode estar relacionado com o seu reconhecimento racial, uma vez que agora ela se enxerga como uma mulher preta de pele clara, e reflete também na aceitação da estética natural afro de seus cabelos, pois atualmente ela não realiza nenhum procedimento que visa modificar o formato ou volume de seus cabelos.

Ainda que busque se aproximar da cultura negra através de diversos produtos culturais e midiáticos, o círculo social de Maria Auxiliadora hoje em dia é composto apenas por pessoas brancas, seus colegas de trabalho. Esse cenário pode estar diretamente relacionado com o curto período em que a jovem está em Porto Alegre, e devido ao fato dela ser uma pessoa introvertida e tímida, talvez ainda não tenha se sentido segura para buscar outros ambientes que não aqueles que fazem parte da sua rotina. Paralelo a isso, o fato de a classe médica ser majoritariamente composta por pessoas brancas também impacta diretamente na configuração de seu círculo social atualmente.

A trajetória de vida de Maria Auxiliadora mostra que tanto no passado como no presente ela têm buscado compreender os atravessamentos e configurações da negritude ao seu redor. Com isso, é possível presumir que futuramente, por meio do seu consumo de produtos culturais ela se sinta ainda mais empoderada em relação a sua identidade negra.

#### 8.4. Cassiano: o advogado

(43 anos, preto, classe alta)



**Figura 7:** capa do disco de vinil Cuban Soul, de Cassiano (1943-2021), cantor, compositor e guitarrista; um dos precursores da cena Black Music.

**Fonte:** reprodução

Esse relato conta a história de vida de um homem negro que cresceu em um modelo de família não-tradicional, mas cujos moldes são muito frequentes nos lares de famílias negras chefiadas, estruturadas e sustentadas por mulheres. Uma mãe solo, uma avó e as crianças cujo objetivos primários é não deixar faltar comida, mesmo vivendo sob a assombração do medo de passar fome.

Cassiano é filho de um homem branco, com quem não teve contato e uma mãe solo preta, que era empregada doméstica em uma casa de família de classe média. Além dele e sua mãe, a família ainda conta com mais duas irmãs mais velhas do que ele, e duas avós, a mãe de sua mãe e uma amiga da avó, que participou da família desde a infância da sua mãe. Ambas as avós participaram diretamente na criação das crianças. Ele conta que teve um padrasto durante uma época, cuja relação não apresentava nenhum tipo de conexão paterna.

Cassiano cresceu na Vila dos Sargentos, em um bairro da periferia de Porto Alegre, e conta que não cresceu achando que a polícia era sua aliada, ou sequer um sistema de proteção social e segurança. Pelo contrário, devido ao fato de ter crescido em uma comunidade periférica, e por ter passado por muitas situações constrangedoras, inclusive a de ser revistado no muro da sua casa em uma abordagem policial. Ele residiu nesse bairro até comprar um apartamento aos 26 anos de idade, com o primeiro dinheiro que ganhou depois que se formou. Atualmente residem nesse local a mãe e uma de suas irmãs.

Para ele, as avós carregavam uma carga muito grande da questão da negritude. O advogado revela que o maior orgulho da vida da mãe dele não é ele ter se formado, mas nunca ter deixado os filhos passarem fome, pois o fantasma da fome na experiência de vida de sua mãe e suas avós era muito presente, e essa era luta delas.

A avó biológica nascida em 1926, era adepta ao catolicismo, de forma mais aculturada, conforme ele menciona, pois ela dizia que era católica porque acreditava que era o discurso politicamente correto, e assim como ela, ele, sua mãe e suas irmãs também não eram muito religiosas. Entretanto, a sua avó de consideração era praticante de religião de matriz africana, e ele costumava a frequentar alguns eventos com ela.

*Periferia frequenta terreiro desde sempre né? Então assim mesmo que tu não seja praticante tu vai nas festas porque é aquela coisa [...] na periferia os eventos são velório e candomblé, batuque. “Ah, vai ter um batuque ali”. Isso sempre esteve presente desde sempre.*

Ele sempre se identificou como um menino negro, ainda que considere tenha que crescido com toda a carga dos estereótipos, preconceito e silenciamento das características negras dos anos 80, algo que ele aponta ser próprio da época, reflexo de um movimento externo de constrangimento das raízes negras. Para o advogado tanto a afirmação estética, como o pertencimento ao território periférico era algo que na época de sua infância e adolescência não era fomentado.

Ele estudou em uma escola pública majoritariamente frequentada por alunos que moravam em Ipanema, um bairro de classe média alta na Zona Sul de Porto Alegre, pois a escola ficava próxima ao trabalho da mãe. Com isso, a maior parte de seus amigos eram majoritariamente brancos.

Cassiano lembra que quando criança achava que os amigos e colegas eram ricos por causa do acesso que tinham ao consumo, porém hoje entende que eles não eram ricos, e sim de classe média, filhos de professores, militares de baixa patente, pequenos comerciantes etc. Inclusive ele acha que muitas relações e aproximações culturais com esses sujeitos além da questão geracional também repousava nas insatisfações e questões de classe. E, foi nessa perspectiva que ele e os amigos descobriram o hip-hop, por causa das abordagens às pautas sociais que as letras das músicas traziam. Entretanto, ele identifica que o racismo estrutural sempre esteve presente nessas relações e ambientes, mesmo que ele não externalizasse entre o grupo de amigos.

*era uma ideia de que ‘esses caras são ricos’, mas gostam das coisas que eu gosto, gostam de samba e tal. Na época eu não entendia muito bem né? Mas hoje para mim tá muito claro que aquelas pessoas que eu achava que eram ricos, na verdade não eram e acabava reproduzindo uma estrutura de classe média, né? Sem dúvida, mas não era uma questão, o olhar não era uma questão racial. O olhar da questão racial era mais pautado por mim. Eu levava um pouco isso, e eu tô falando isso no final dos anos 80 e dos anos 90 então.*

Ele identifica que no período escolar sua estética física não era a preferência popular da época, e no âmbito afetivo acabou “penando” um pouco, pois ele era o patinho feio do grupo, mas na faculdade ele afirma que virou o jogo. Na época da juventude ele não percebia que o baixo interesse das meninas por ele tinha como mote o elemento racial, por ele não ter o perfil da estética dominante e desejada na época, então os meninos brancos acabavam “se dando melhor” do que ele. Ele soma a isso a baixa convivência que tinha com meninas negras na época, apesar de ter se relacionado com algumas.

Na visão de Cassiano não existia estímulos para interação entre sujeitos negros nos lugares em que ele convivia, e compreende que isso fez com que ele fosse aprendendo a ser

cada vez mais único. Na faculdade ele era o único negro da sala de aula, e o reflexo disso é o fato de que ele acabou se habituando e se adaptando a ambientes em que normalmente era a única pessoa negra.

Atualmente o advogado é solteiro e conta que nunca se casou. Na época da escola ele não teve nenhum relacionamento sério, apenas namoricos casuais, e na faculdade namorou uma menina branca, loura e descendentes de italianos. Ele narra que a questão racial foi muito latente na família dela.

*O pai dela quando soube que ela namorava comigo, que eu era um homem negro, disse: “faz o que tu quiser da tua vida, tu é maior de idade”, [...]tu vai sofrer porque os pretos são vagabundos”. Assim...*

*Eu entrei naquela família com esse cartão de visitas, né? E aí óbvio que isso significou, mas durou quase seis anos E aí eu digo para ela ‘pô teu pai pensa isso, mas a tua mãe me trata tão bem, tão educada comigo’, e ela me disse assim, “é, mas no fundo ela deve pensar a mesma coisa”. Esse foi o único relacionamento duradouro que eu tive, isso já foi no último ano da faculdade, começo da minha vida profissional. E aí isso deixa marcas profundas na gente, né? Tanto que eu tô te contando uma história que aconteceu há muitos anos e eu ainda me lembro.*

Ele reconhece que, ainda hoje, os relacionamentos afetivos dele acabam se restringindo bastante aos círculos sociais em que ele vive, e que ainda não nota a presença de muitas pessoas negras, o que diminui a interação dele com mulheres da mesma raça que a sua. Com isso, ele percebe que, mesmo sem intenção, acaba sendo o exemplo de homem negro que acaba criando mais interações com mulheres brancas, e conseqüentemente, encurrala a mulher negra para a solidão.

Cassiano diz que sempre considerou fazer faculdade de Direito, que a profissão sempre esteve no seu radar, e ele acredita que o que o motivou foi o fato dele queria mudar de vida, de sair do lugar onde ele morava e tirar a família de onde eles residiam, porque ele nunca glamourizou a pobreza, sempre achou horrível, então a única forma que ele achava possível para que isso ocorresse era por meio de uma formação. Entretanto, ele reconhece que o círculo social em que ele estava resultou na naturalização desse processo de almejar fazer faculdade após o término do Ensino Médio, assim como os amigos ambicionavam.

Ao finalizar o Ensino Médio, ele entrou em um cursinho pré-vestibular, e passou no vestibular de uma universidade privada tradicional de Porto Alegre, conhecida pelos altos valores das mensalidades. Ele conta que dos 5 mil alunos da faculdade, ele recorda que aproximadamente apenas 5 eram negros, e que a questão da racial não era uma pauta. Ele passou por diversos tipos de preconceitos e discriminação, como por exemplo a ocasião em que o segurança o mandou descer do elevador.

Cassiano sempre olhou para a questão racial e identificava isso como uma barreira que ele precisava enfrentar para ascensão social. Na faculdade ele fez parte do movimento estudantil

e com isso tinha muita consciência crítica, porém a pauta racial não era a ordem do dia, pois seu olhar acabava sempre voltado para outras questões. Ele sinaliza que nunca participou do movimento negro e, também não fez uso nenhum tipo de benefício social para a realização da sua formação, pois quando alguns programas de políticas públicas como o Prouni<sup>23</sup> entraram em vigor, ele já tinha aderido a um programa de financiamento educativo.

Ele conta que nunca precisou trabalhar, e que a sua mãe também via essa possibilidade como “O caminho”, e por isso sempre deu suporte para que ele fosse em busca de seus objetivos. Para ele o suporte da mãe, empregada doméstica e mãe solteira era ter onde os filhos morarem e não deixar faltar comida e passagem para chegar na faculdade. Logo que terminou a graduação ele colocou em prática seu plano de abrir um escritório próprio, pois ele tinha compreensão de que o momento de tentar era aquele. Juntamente com seu sócio, também negro, que tinha uma situação financeira um pouquinho melhor do que a de Cassiano.

O escritório está aberto há 17 anos, é um negócio inclusivo, diverso e sustentável, e no presente devido ao crescimento das operações ele e o sócio têm 74 funcionários, 16 deles no escritório do Rio de Janeiro. Muitos dos advogados negros e negras da empresa estão na faixa dos 30 anos, e procuram o escritório por causa do posicionamento público do escritório em relação a uma série de temáticas, dentre elas a paridade de gênero. Para ele, o escritório expressa o que os sócios pensam, mas ressalta que ainda que se posicionem politicamente, o negócio deles não é uma ONG, pois no final do dia tem a empresa que dar resultado, uma vez que é o lugar onde as pessoas buscam realizar seus sonhos e sustentar suas famílias. Ele diz que algumas pessoas se assustam, mas que outros acabam ficando e gostando bastante de trabalhar lá. Poucos advogados negros e LGBTQIA+ que começam a trabalhar com eles saem, a maioria fica, contudo os advogados brancos costumam sair.

Ele não tem vergonha de dizer que eles estão crescendo, aumentando o faturamento e ganhando mais dinheiro, porque afinal é isso que importa. Ele e o sócio acreditam que não adianta apenas os dois ficarem ricos, e que eles têm que ajudar outras pessoas negras também ficarem. Mencionando o cenário norte-americano, ele diz que quando as pessoas brancas saem da faculdade tendem a crescer mais rápido em termos profissionais e de remuneração, mesmo

---

<sup>23</sup> Programa do Ministério da Educação, criado pelo governo federal em 2004, que oferece bolsas de estudo, integrais e parciais, em instituições particulares de educação superior, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, a estudantes brasileiros sem diploma de nível superior, que tem como base o resultado obtido pelo candidato no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). (BRASIL, Ministério da Educação. Portal Único de Acesso ao Ensino Superior [Brasília]: MEC [2023?]. Disponível em: <https://acessounico.mec.gov.br/prouni/duvidas> Acesso em 28 abril 2023.

nas mesmas condições, porque essas pessoas têm uma postura individualista mais marcada, mas parte da trajetória das pessoas negras é de puxar outras pessoas negras.

Ele diz que mora de aluguel, e o imóvel que ele adquiriu é onde a mãe dele mora atualmente, e que ele não procurou um apartamento para ele morar sozinho ou com a namorada que ele tinha na época, porque ele sentia que precisava tirar a família da vulnerabilidade da periferia. Então para ele acaba sendo óbvio que ele demore mais tempo para chegar em alguma posição mais elevada do que um profissional branco que não precisa providenciar um lugar para a família morar. Ele conta que nem mãe, nem as irmãs dependem dele, mas que ele se sente satisfeito em ter tido o cuidado de comprar um apartamento para elas morarem, e ele paga o plano de saúde da mãe, entre outras coisas que muitas vezes acabam sendo melhores do que as dele. Ele acha que isso só possível por causa da atividade profissional que ele exerce, que tem dado bastante resultado.

#### **8.4.1. O plano de ascensão: atravessamentos socio-identitários**

O advogado aponta que embora nunca tenha tido dúvida do papel da negritude em sua vida, que ora era motor, ora dificultador de sua ascensão social, esse fator sempre esteve presente na busca de seus ideais e objetivos pessoais. Cassiano conta que o despertar da sua consciência racial ocorreu quando ele tinha entre 14, 15 anos, quando ele começou a compreender que algumas coisas que aconteciam com ele eram reflexos da cor de sua pele. E parte dessa compreensão foi despertada pelo consumo de *rap* e *hip-hop*, especificamente na figura de grupos como os Racionais Mc's. Em paralelo, o acesso à literatura negra como os escritos e livros de Martin Luther King, Steve Biko, Malcolm X, e, também aos produtos midiáticos de realizadores negros como Spike Lee. Para ele o despertar da consciência não foi algo que ele experimentou dentro de casa, pois foi a partir de outras matrizes culturais, como música e cinema, que ele de fato começou a afirmar a sua identidade.

*Eu sou de um tempo que principalmente nesse período de adolescência assim que o jovem negro não sei como é que é hoje em dia, te confesso, não tenho filhos assim, então não sei, mas o jovem negro tinha coisa do tênis, né? Que gostava muita coisa de ter um tênis bacana, né? E a minha mãe mandava sair com uma nota fiscal do tênis, lá em cima do tênis, eu me lembro disso, né?*

Na atualidade ele é conselheiro da escola de samba Estado Maior da Restinga, e apesar de ter criado uma relação e uma identificação comunitária com o bairro Restinga, mesmo sem nunca ter morado lá, ele conta que tem uma ligação muito maior com a comunidade onde a escola está localizada. O advogado acredita que a relação de orgulho e pertencimento dos

residentes desse local são muito diferentes daqueles do bairro onde ele nasceu e foi criado. Ele acha que hoje em dia as periferias reconhecem e lidam melhor com a questão do pertencimento ao território de uma forma diferente da que existia nos anos 1980.

Em relação à cultura, o advogado conta que as poucas vezes que foi ao teatro foi na fase adulta da sua vida, porque o acesso ao teatro, na sua opinião era, e ainda é, muito caro. Ele e os amigos costumavam frequentar a cena de hip-hop local, em diversos espaços culturais como espectador. Em paralelo, ele também gosta de escutar samba, interesse que ele acha que começou a desenvolver com a avó (não especifica qual delas) e quando começou a frequentar festas nos espaços de cultura e música negra reconhecidos na cidade de Porto Alegre como a *Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora* e a *Associação Satélite Prontidão*. E ele menciona que ia com o seu compadre negro, e por vezes, na companhia de seus amigos brancos.

Para ele existia um problema em frequentar alguns espaços da negritude, pois ele tinha sensação de que não eram espaços seguros, lugares violentos, então ele e os amigos ficavam em estado de alerta.

*Tinha um problema nessa questão de ir nos eventos de rap, mesmo nesses eventos de samba, em lugares alternativos, que era uma sensação de que não era um lugar seguros, Né? Que eram lugares que tinham violência assim então o nosso estado de alerta era muito grande quando a gente fazia uma imersão nesses lugares assim. Tipo ir num show do Racionais no Sindicato dos Metalúrgicos longe a beça e tal. Então acho que tinha muito mais a gente querer estar naquele lugar para se relacionar com a produção artística que tinha, do que propriamente interagir com o meio, porque a interação com o meio nos deixava em estado de alerta. Tipo, a gente ficava com medo de abordar as meninas porque daqui a pouco elas poderiam ser namorada de alguém, entende? Porque a gente não era desses lugares, né? Fui ter convivência com esses lugares já depois já de adulto e tudo mais, então acho que tiava mais relacionado a isso. Vamos lá na quadra do Império da Zona Norte ver um show do Zeca Pagodinho, a gente ia lá para ver o show do Zeca Pagodinho e tentava não ser percebido no ambiente que a gente achava que poderia ser um ambiente violento. Eu não sei quem é que incutiu isso na nossa cabeça, mas eu não lembro que isso era muito presente assim quando a gente ia nesses lugares.*

Entretanto, atualmente ele se considera local, parte disso pode estar relacionado com o fato dele ter morado por 8 anos no Rio de Janeiro e ter frequentado muito eventos por lá. Agora ele sente que é bem acolhido, até porque conhece muitas pessoas. Ele não costumava jogar videogames ou que ficava em casa assistindo televisão, ele gostava de ficar na rua jogando bola. No âmbito do cinema, ele acha que os filmes do Spike Lee causaram um grande impacto nele, e filmes que trabalhavam estéticas da favela como cidade de Deus e Madame Satã. Ele não acha que suas escolhas culturais mudaram muito de lá pra cá.

Cassiano vê como um alívio o fomento à produção de produtos audiovisuais com temáticas negras, assim como a possibilidade de assistir filmes e séries com realizadores com a

mesma cor da pele que a dele. Mas de acordo com ele, isso não significa que não vá realizar aproximações culturais com os ambientes mais sofisticados que frequenta.

Ele aponta que gosta de frequentar bons restaurantes, e que hoje em dia ele desenvolveu um gosto por vinhos, algo que segundo ele não está muito relacionado à negritude, até porque acaba sendo um hábito de consumo mais caro quando se busca um conhecimento mais especializado, e percebe que esse recorte financeiro acaba afastando a comunidade negra dessas experiências.

Ele revela que tem poucas interações nas redes sociais, e recentemente em uma viagem de trabalho à Nova York ele postou uma foto no Instagram e os comentários eram: “*olha que marrento*”. Isso acontece porque segundo Cassiano, as pessoas negras também reproduzem alguns ações e pensamentos da branquitude, em menor escala. Ele sente que é mais difícil receber essas imputações de pessoas negras. Quando concorreu à presidência da OAB

*Eu concorri à presidência da OAB tinha um grupo de advogados negros que nos apoiavam, o escrutínio que eu recebi dessas pessoas foi muito maior do que eu recebi dos brancos, cara. Eu fiz uma reunião no meu escritório para receber os advogados e advogadas negras, depois dali saíram falando que eu tava usando um cinto de dois mil reais, sabe? Uma advogada perguntou na minha cara, nós estávamos falando de advocacia, e ela perguntou “tu fica com mulheres negras?”, no meio da reunião. E aí, eu não me furtei de responder nenhuma pergunta. como de fato não me furtei, mas essas perguntas não faziam como meu adversário, cara. Meu adversário não passava por isso, ninguém foi olhar o preço do cinto que ele tava usando.*

Para ele, esse tipo de coisa é difícil, desconfortável e complexo, e por vezes esse comportamento o desmotiva a compartilhar alguns espaços negros, ainda que ao mesmo tempo ele se sinta culpado por não estar nesses ambientes em que existe um vínculo com as suas raízes culturais, e com as pessoas que fizeram parte da sua trajetória de certa forma. Ele diz que evita ficar com o radar racial ligado em tempo integral porque senão as coisas se tornam esquizofrênicas, pois há situações de racismo o tempo todo, então ele escolhe as lutas que quer entrar, porque sabe que se entrar em um restaurante as pessoas ficarão olhando. Ele diz que algumas coisas não o preocupam mais.

**Quadro 9:** Práticas socioculturais Cassiano

Tema	Passado	Presente
Cultura Negra	Apesar de frequentar batuques, era através de produtos midiáticos que ele se aproximava da cultura negra, e era influenciado pelos amigos brancos a refletir mais no âmbito da classe.	Busca aproximação através em territórios negros e promove ações de diversidade na sua empresa.
Reconhecimento	Preto	Preto
Círculo Social/ Eventos	- Majoritariamente de pessoas brancas - Frequentava diferentes espaços com os amigos brancos. Nos ambientes majoritariamente brancos se acostumou a ser um dos poucos negros; nos ambientes negros sentia que era inseguro e perigoso.	- Misto - Frequentava eventos e festas da cultura negra porque já se sente mais a vontade e seguro em estranesses espaços e territórios.
Estética	Considerava que não tinha a estética dominante e desejada	Adquire produtos de marcas caras e com isso fortalece a autoestima.

Fonte: Elabora pela autora

## Dimensões e desdobramentos do relato de Cassiano

### *Passado*

Ainda que sempre tenha se reconhecido como preto e tido a referência de mulheres negras em casa, Cassiano passou a se aproximar da cultura negra a partir do contato com manifestações e produtos midiáticos de artistas negros de diferentes áreas. Contudo essa aproximação começou com base em seu círculo social, composto majoritariamente por pessoas brancas cujos olhares eram direcionados para as questões de classe.

Talvez pelo fato de ser o único homem da família, ele não pode não ter considerado na época os discursos da mãe e das avós, com isso, produtos culturais e midiáticos com a figura masculina acabaram sendo uma referência para ele. Em paralelo, o discurso de classe, ponto bastante sensível para ele, um jovem negro da periferia em contato frequente com jovens brancos da classe média, pode ter influenciado sua visão de que sua aproximação à cultura negra estava mais fora de casa do que dentro. É possível que o referencial da branquitude, e provável cultura machista, em que Cassiano estava imerso o levaram a colocar as práticas das mulheres negras da sua família a um lugar de negação.

Os discursos e críticas sociais dos produtos midiáticos que consumiu durante parte da juventude o ajudaram a observar que as diferenças entre ele e os amigos não se limitavam apenas à questão da classe, e alcançavam outras esferas. E ao passar a refletir sobre isso passou a observar que não estava incluso nos padrões de beleza e estética dominante da época.

A invisibilidade da negritude de Cassiano no seu círculo social, tanto pelos amigos, como por ele mesmo, pode ter acentuado sua necessidade de ser visto e reconhecido nos círculos sociais. Por frequentar círculos sociais majoritariamente brancos ele ficou habituado em ser um dos poucos sujeitos negros dos eventos, entretanto seus locais de divertimento não se restringiam apenas a esses espaços. Em busca do consumo de produtos midiáticos da negritude ele passou a frequentar festas e eventos em territórios direcionados para as classes mais baixas e pessoas negras, e com isso acabou fazendo amigos negros também. Contudo, na sua visão alguns lugares eram vistos como violentos, e por este motivo ele não sentia que era seguro para ele e seus amigos frequentarem, mas isso também pode ser reflexo da incorporação do discurso da branquitude, assim como do discurso midiático que retrata os espaços da negritude como violentos, perigosos e desorganizados.

### ***Presente***

O advogado tem buscado estar em contato com a cultura negra e promovê-la. Hoje ele atua como conselheiro da escola de samba Estado Maior da Restinga, entre outros eventos, e seu escritório se posiciona publicamente em relação aos debates sobre raça, gênero e diversidade.

A ascensão profissional e financeira possibilitou à Cassiano a aquisição de roupas e acessórios de marcas caras, e conseqüentemente isso reflete no fortalecimento de sua autoestima, e uma maior aceitação de sua estética. Ele continua se reconhecendo como preto, e atualmente frequenta festas e eventos com diferentes configurações, tanto negros, como brancos. Contudo, quando procura serviços mais refinados acessa espaços majoritariamente brancos, mesmo sabendo que será interpelado por olhares de surpresa ou até mesmo de reprovação.

Na atualidade Cassiano demonstra sua ascensão social através de suas atividades profissionais nas redes sociais, assim como através do consumo de bens e serviços direcionados para sujeitos pertencentes às classes mais altas. Contudo, ele já se sente mais confortável em espaços e territórios negros. A partir disso é possível compreender que, Cassiano é um sujeito racializado que utiliza sua ascensão social para promover debates sobre minorias. Entretanto,

no âmbito pessoal ele também utiliza as redes sociais para promover seu *status* de homem negro bem-sucedido.

A história de vida de Cassiano nos mostra que, a ascensão social de sujeitos negros minimamente conscientes de sua identidade, no futuro, possibilitará às pessoas negras permear em diversos espaços, inclusive àqueles direcionados para pessoas de classes altas.

### 8.5. Jovelina: a pedagoga

(52 anos, preta, classe média)



**Figura 8:** Jovelina Pérola Negra (1944-1998), cantora e compositora, considerada um dos grandes nomes do samba.

**Fonte:** Divulgação

A história de Jovelina é uma narrativa muito comum em lares de famílias de baixa renda nos bairros periféricos de Porto Alegre que residem nos subúrbios, mas que não desistem de buscar meios e soluções de fortalecimento e emancipação. A população das periferias porto-alegrense há muito tempo tem lutado e buscado desenvolver estratégias comunitárias de crescimento pessoal, profissional, social e econômico para contornar os diversos obstáculos que a condição de classe impõe a eles, e para muitos a educação acaba sendo o principal, e talvez o único caminho possível.

A moradora do bairro Lomba do Pinheiro, bairro de classe média baixa e classe baixa da zona leste de Porto Alegre, é filha de uma mulher preta, que na sua infância era empregada doméstica, e do pai que é filho de negro com austríaca e não se autodeclara como uma pessoa negra. Ela conta que o pai tinha dois empregos e que ele dirigia um caminhão. Durante os dias úteis ele trabalhava em um depósito de bebidas carregando engradados de bebidas – o que fez com que um ombro ficasse mais torto do que o outro –, e aos finais de semana buscava alimentos nas empresas para levar aos animais de um sítio.

A pedagoga cresceu junto ao irmão (idade não especificada), e atualmente toda a família ainda reside no mesmo bairro. Ela reside próximo à mãe, o pai, o filho, a nora e os três netos, assim como de seu irmão, sobrinhos e cunhada, mas em pontos diferentes, ainda que relativamente próximos.

Desde o início do relato Jovelina narra as diversas situações de preconceito que vivenciou e conta que os casos de discriminação ocorriam com mais frequência ocorria no ambiente escolar. Ela, que estudou a vida inteira em escolas públicas, sempre foi muito inquieta em relação à exclusão social da comunidade negra brasileira. A pedagoga conta que nessa fase da vida já brincava de ser professora, e tinha o hábito de incentivar e ajudar as mães dos amigos e vizinhos a matriculem seus filhos na escola.

Muito atenta às demandas e urgências socioeconômicas dos sujeitos da comunidade em que nasceu, mesmo contrariando o pai, mas com o suporte da mãe, ela arrancava os limões do limoeiro do quintal de casa, separava em dúzias e saía com os amigos pelo bairro para oferecer

e vende-los aos vizinhos nos finais de semana. Depois das vendas, ela dividia o dinheiro arrecadado entre ela e os amigos, e comprava material escolar, inclusive obrigava os parceiros a fazer o mesmo.

Ela conta que já foi impedida de levar a bandeira da escola e que também não podia dançar nos CTG (Centro de Tradições Gaúchas) por ser negra.

*[...] eu era pequena tinha 10 anos na quinta série, não entendia muito, mas quando eu não podia carregar a bandeira da escola, porque era negra quando eu não podia dançar no CTG achando né? Hoje eu sei que as danças tradicionalistas são de origem negra, né? A maioria, mas foram roubadas, né, ou refutadas nós então a gente tem outra visão, mas eu eu senti na pele né e sinto todos os dias o preconceito racial, né? Não só por falar deste lugar de ser mulher negra, mas de ser coisificada, né? Por Essa sociedade que nos lembra pelo tom da pele e até hoje e fui crescendo, né com essas marcas, né muito fortes [...]*

Ainda na infância, ela identificou que a diferença dos tons de pele das pessoas negras a partir da fala da mãe de uma colega, que caminhava junto com ela para a escola. Ela conta que em uma ocasião a mãe dessa colega disse para a filha sair do sol para não ficar preta como Jovelina. Hoje ela vê isso como um sistema de classificação que faz com que as pessoas negras de peles retintas sofrem mais preconceitos e discriminações.

Ela conta que se aproximou do Movimento Negro aos 17 anos, e que isso foi um marco na sua vida, pois ajudou ela a entender muitas situações e contextos do seu cotidiano. A partir da compreensão e da sua entrada no Movimento Negro, ela passou a fazer muitos cursos.

A pedagoga expõe que,

*Não podia brincar com os colegas negros, porque eu não era muito preta, não tinha o nariz chato, não tinha o cabelo pixaim, então eles também não queriam ficar muito perto de mim. E não podia brincar com os colegas brancos, porque era uma mulher negra, né? Então eu ficava nesse vamos dizer não- lugar mesmo dizendo 'meu Deus onde é o meu lugar?' e acho que o movimento negro ele me centrou assim, né dizendo: 'Olha passou das seis é noite, então não dá para ficar com meio nego, meio gay, meio ambiente, nós somos sujeitos por inteiro', né?*

Apesar da escola ter sido um período difícil, no que concerne as discriminações e violências que sofreu, foi no contexto escolar que ela passou a se mobilizar e articular estratégias para enfrentar os preconceitos que ela sofria. Depois de terminar o Ensino Médio, Jovelina fez um curso preparatório de vestibular, e foi aprovada na primeira vez que prestou o concurso para ingressar no ensino superior. Ela conta que a faculdade em que fez sua primeira graduação trabalhava muito a questão humanista, e isso foi fundamental no seu percurso acadêmico. Apesar de trabalhar durante o dia e estudar a noite, ela menciona que esse período foi leve, pois se sentia acolhida na universidade.

No âmbito profissional, ela conta que quando tinha 15 anos a sua tia a indicou para um estágio na extinta Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (CORAG), na área de serviços gerais, o que foi determinante na sua trajetória. Devido ao seu interesse pelos estudos ela deu

início a um curso de técnico de escritório, e com isso conquistou seu primeiro emprego de carteira assinada, na mesma empresa em que iniciou limpando salas e banheiros.

*Então assim, o estudo para mim ele move montanhas, né? Ele derruba barreiras, ele oportuniza muitas coisas na vida das pessoas, e eu sempre ouvi isso da minha mãe, né? “Olha, tu estuda porque a única herança que podemos te deixar”, aí eu digo meu Deus. Eu quero ficar com uma herança muito grande, né? Então, eu sempre lembrava que precisava estudar muito, né? Se eu queria uma herança grande, eu acho que hoje tenho né? Uma herança muito grande por eles assim, mas mais pela motivação da minha mãe, né da questão do estudo [...]*

Ela saiu da empresa como a segunda secretária do presidente da empresa, e foi nesse período que a visualizar novos horizontes, sempre incentivada pelos pais, mas mais ainda pela mãe, que cursou o curso técnico de enfermagem e atuou na área da saúde por muitos anos. Dentre os muitos projetos que ela atuou e desenvolveu, ela conta que foi a primeira alfabetizadora do método Paulo Freyre na comunidade da Lomba do Pinheiro, no Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA), quando ela saiu quem assumiu seu papel foi a sua mãe. Em paralelo, convidada por um colega de trabalho da CORAG, ela começou a fazer teatro, e se tornou atriz de telenovela e diretora teatral, e montou uma companhia de animação teatral com o nome do filho.

Jovelina relata que nunca parou de estudar para honrar os ensinamentos da mãe, e que a educação tem uma potência muito grande para ela, sendo o fator fundante e motivacional da sua trajetória de vida. Entretanto ela entende que fala de um lugar de exceção.

*Se eu conheço outros países, se eu tenho amigos em outros lugares é pelo estudo, por ter entrado na universidade pública por ter ingressado na universidade pública e ter acessado a escrita, as políticas e claro, falo de um lugar de exceção, mas um lugar também de muita potência, de hoje ser referência enquanto mulher negra para outros jovens, né? E me emociono quando os jovens me entrevistam[...]*

Depois da graduação Jovelina fez sua primeira especialização em Gestão da Educação, em uma faculdade privada. Em 2006 iniciou sua trajetória na universidade pública, e se especializou em Direitos Humanos e Saúde Coletiva, e logo após cursou mestrado em Educação, atualmente dando continuidade em seus estudos está cursando doutorado, também na área da Educação.

### **8.5.1. Cultivando e fortalecendo raízes: identidade e território**

Jovelina se autodeclara uma mulher negra e periférica, e enfatiza que tem orgulho de ter nascido e criado raízes em seu bairro, a Lomba do Pinheiro, uma das maiores periferias de Porto Alegre. Desde a infância a pedagoga e a sua família vivenciam todas as experiências que os sujeitos negros periféricos localizados e vistos às margens da sociedade. Hoje ela conta que

produz e consome no bairro e busca concentrar todas as suas atividades na região, pois também é uma forma de fortalecimento.

Ela se casou pela primeira vez quando tinha 17 anos, também com um homem branco.

*[...] eu casei cedo, né? Eu tinha 17 para 18 anos e foram tranquilas assim foram umas relações que não insere muito o sujeito negro na minha caminhada, embora a minha luta seja focada na negritude, mas não porque eu não tentasse ou não tivesse namorado com homens negros. Mas é porque eu vi também a dificuldade deles de nos aceitarem enquanto mulheres negras. Então eu sinto que é mais difícil o homem negro nos aceitar enquanto mulheres negras do que nós aceitarmos eles. Não sei explicar isso sim, né? Mas tirando isso, né assim de que é importante para mim, né? Que homens negros se relacionem com mulheres negras e vice-versa, eu também digo que o amor não tem cor, né? Que todo mundo pode escolher com quem se relacionar homem com homem mulher, mas assim fazendo a partir dessa leitura não é uma crítica. Mas é uma constatação, né? Que houveram tentativas, não foram frustrantes, mas né foram importantes para hoje eu poder falar com essa tranquilidade de que não dá para dizer que não tentei.*

Atualmente, a pedagoga está no seu segundo casamento, e conta que seu atual marido se autodeclara indígena, porque, segundo ela, ele é uma “mistura” de negro com indígena. Ela relata que poderia ter se casado com um homem negro, contudo, acha que o casamento com o seu companheiro de pertença indígena, a coloca mais próxima das lutas sociais indígenas e quilombolas, pois ele participa ativamente de ações sociais e políticas dessas comunidades, o que conseqüentemente acaba reforçando sua participação nesses espaços também.

Nesse processo ela relata que percebeu o espaço abissal entre mulheres negras e não-negras. Por conta disso, e de muitos outros fatores da sua trajetória, hoje ela e a mãe são ativistas e militantes. Ambas também são *yalorixás* da religiosidade de matriz africana da linha *Jeji Ijexá*. Tanto ela, como a mãe possuem suas terreiras, e ambas jogam búzios, realizam atendimentos individuais ou em grupos, para aqueles que precisam de ajuda espiritual. Além disso, é nesse local que elas realizam suas atividades religiosas e prestam homenagens a Orixás, Caboclos, assim como na linha da Umbanda. Ela conta que na sua família só ela e a mãe desenvolvem essa prática de religiosidade, mas o esposo a acompanha.

A pedagoga não costumava sair muito e foi em pouquíssimas festas, pois segundo ela, o fato de ter começado a trabalhar com 14 anos a privou dessa prática, e direcionou seu olhar para as questões profissionais. Entretanto, por ser muito próxima de sua genitora, quando saía era para acompanhar a mãe em bailes de músicas tradicionalistas do Rio Grande do Sul. Ainda que não se recorde exatamente se foi influenciada musicalmente pelos pais, ela conta que escutava muito músicas do Jackson Five e Michael Jackson, mas hoje aponta que seu gosto musical é eclético, e que se permite ouvir um pouco de tudo. Além disso ela relata que se hoje pudesse escolher um show para ir, iria assistir à Daniela Mercury, pois as músicas e a figura da cantora são muito potentes na sua visão, e lhe ajudaram a se empoderar, soltar os cabelos e passar a usar vestidos coloridos.

Em seu tempo de criança ela e o irmão eram cuidados por uma senhorinha que residia próximo a casa da família para que sua mãe pudesse trabalhar, e ficavam assistindo desenhos até a mãe chegar. Ela lembra de forma afetuosa que nesse período assistia bastante ao programa Sítio do pica-pau amarelo, e que sempre que dava o pai costumava rir e se divertir assistindo desenho com os filhos. Porém há 8 anos ela e o marido optaram por não assistir mais nenhum canal da televisão aberta, e assistem apenas a canais fechados. Jovelina conta que o filme *A cor púrpura* (1985) a marcou muito, e que ela chorou, e ainda chora ao assistir essa obra, pois a questão racial do filme e a forma como a mulher negra é lida e vista na sociedade é muito forte.

Em relação à sua maternidade, ela expõe que o filho, que hoje tem 30 anos e está fazendo faculdade de administração, foi adotado aos 4 meses de idade, e a sua mãe biológica tinha questões psicológicas e uma condição de vida de exclusão. Ela conta que o filho, ainda que tenha feito parte da luta e do debate da implementação de políticas públicas de cotas nas universidades, não quis se beneficiar do programa, pois ele acha que tem pessoas que precisam mais do que ele. Na opinião da pedagoga as políticas de cotas é uma dívida histórica, mas que ainda é um processo que precisa ser amadurecido. A pedagoga aponta que a sua trajetória foi uma caminhada dolorosa, mas que ao mesmo tempo tem a tornado muito forte, mesmo que ainda seja muito difícil falar desse lugar, e falar das dores que circundam a população negra brasileira. Todo o seu percurso foi muito importante para que hoje ela se reconheça como uma *griô*, uma mulher negra contadora de histórias, sujeita de sua própria narrativa que busca deixar de herança para os filhos e netos uma história de luta, mas também de sucesso intelectual

*Eu acredito que esse processo não só de libertação, mas de se sentir mais potente veio pelo processo da educação, não veio solto, né? Não veio solto na minha vida e pela questão da educação e da busca por essa cultura invisível, né? Que de forma positiva adentra assim as nossas vidas, então é um pouco isso.*

O relato de pessoas negras como Jovelina, que buscam por meio da educação, melhorar sua qualidade de vida é cada vez mais frequente na sociedade brasileira. E, como foi possível ver, é através de movimentos e projetos comunitários que visam educar, direcionar e fortalecer a trajetória de jovens e adultos que muitas periferias brasileiras, como a Lomba do Pinheiro têm encontrado soluções e desenvolvido estratégias para que os sujeitos tenham oportunidades dignas de sair da vulnerabilidade social, cultural e econômica.

**Quadro 10:** Práticas socioculturais Jovelina Pérola Negra

Tema	Passado	Presente
Cultura Negra	Contato próximo com pessoas negras e do bairro; entrada no Movimento Negro aos 17 anos.	Continua tendo contato com a cultura negra, através do Movimento Negro, da educação, da prática e culto à religião de matriz africana e se aproximou das comunidades quilombolas e indígenas.
Reconhecimento	Preta	Preta
Círculo Social/ Eventos	- Amigos do bairro - Bailes com a mãe	Amigos de diversos lugares - Não costuma sair
Estética	Não abordou	Soltou os cabelos e usa vestidos coloridos

Fonte: Elaborado pela autora

## Dimensões e desdobramentos do relato de Jovelina

### *Passado*

Jovelina sempre se reconheceu como preta, e por ter nascido e se criado na periferia, ainda que convivendo com pessoas fenotipicamente diferentes dela, seu olhar acabou sempre se voltando para questões das vulnerabilidades sociais da população do seu bairro, especialmente as crianças. A pedagoga e a mãe se aproximaram do Movimento Negro quando ela tinha 17 anos e com isso sua relação com a cultura negra acabou sendo construída e fortalecida a partir desse contato. Isso a ajudou a construir uma forte relação com os símbolos e bens materiais e simbólicos da cultura negra desde a juventude.

O território foi um fator significativo na sua juventude, pois a maioria de suas relações e experiências foram construídas a partir da Lomba do Pinheiro, bairro em que reside até hoje, e que consequentemente moldou seus círculos sociais. Com isso podemos ver que suas inquietações, de certa forma, ainda que muitas vezes ligadas à raça devido às situações que vivenciou, em grande parte se localizaram no âmbito da classe, uma vez que seu olhar estava sempre muito direcionado para as precariedades das condições socioeconômicas da região.

Apesar de não ter mencionado diretamente a questão estética, ela conta que se sentia excluída por não ter os cabelos “*pixaim*”. O fato de o pai ser filho de uma austríaca, pode ter influenciado geneticamente na definição e textura de seu cabelo, assim como nos seus traços fenotípicos, e o que para muitas pessoas negras poderia ser visto como um aspecto estético positivo para ela resultou no seu sentimento de não-lugar durante a infância.

Ela não costumava sair para festas na sua juventude pois ao conciliar estudo e trabalho optava por usufruir seu tempo livre de outras formas, mas por ser muito parceira de sua mãe, a acompanhava nos bailes gaudérios. Apesar do seu envolvimento com o Movimento Negro ela

não buscava frequentar nenhum tipo de evento cultural em espaços da negritude, e isso nos mostra que suas atividades e aproximações se davam de outras maneiras e em espaços diversos.

### *Presente*

Nos dias de hoje Jovelina continua se autodeclarando preta, e mantém contato com a cultura negra de diversas formas, mas principalmente através da educação. Além disso, por meio da religião ela busca se conectar e fortalecer seus laços com a ancestralidade negra. A partir da trajetória de Jovelina podemos perceber que há formas diversas de aproximação e contato com a cultura negra, e é possível perceber a multiplicidade de contextos não esgota ou limita as possibilidades de fortalecimento do discurso da negritude, bastando aos sujeitos apenas o cultivo e interesse na criação e manutenção de vínculos.

Sobre o âmbito estético, a pedagoga expõe que as músicas e a figura da cantora Daniela Mercury a ajudaram a soltar os cabelos e a usar roupas coloridas, pois ela considera a artista um símbolo de resistência e luta contra o preconceito. Essa admiração pela cantora baiana pode nos levar a refletir sobre as complexidades das formações identitárias, que, por vezes, se constituem atravessadas pelo discurso persuasivo da mídia e fazem com que, até mesmo Jovelina, uma griô negra com uma longa trajetória de luta e afirmação da negritude, encontre na figura da artista exaltada pela mídia nacional, inspiração e motivação para afirmação estética.

Devido à sua trajetória acadêmica e social, Jovelina conta que possui amigos em diferentes lugares do mundo, mas não mencionou as regiões e características desses amigos, limitando, de certa forma uma reflexão mais ampla sobre os seus círculos sociais. Contudo, pode-se perceber que ela busca promover as práticas e a cultura da negritude e dos povos indígenas em todos os círculos sociais em que permeia, pois compreende que, por meio da educação, seja ela formal ou não, é possível transformar realidades sociais e culturais.

Ao observarmos as diferentes fases da vida de Jovelina podemos perceber a importância da educação e do território em sua trajetória. Sendo assim, podemos pressupor que ela continuará disseminando o discurso da negritude na busca do desenvolvimento da região onde nasceu e se criou, assim como estenderá suas atividades educacionais às comunidades indígenas e quilombolas, a partir de um olhar atento e crítico às vulnerabilidades dos grupos sociais minoritários.

## 8.6. Elizeth Cardoso: a advogada (43 anos, parda, classe média)



**Figura 9:** Capa do vinil *Canção do Amor Demais*

**Artista:** Elizeth Cardoso (1920-1990), cantora, conhecida como “A Divina”.

**Fonte:** Reprodução

A história de vida de Elizeth Cardoso e de seus familiares é uma amostra de como o silenciamento da cultura negra opera em muitas famílias brasileiras miscigenadas. Ainda que a negritude seja reconhecida em famílias constituídas nessa configuração, a falta de abordagem ao assunto torna a identidade negra apenas um elemento esotérico, ainda que ela seja percebida.

O relato de Elizeth abordou histórias da sua infância, juventude, vida adulta e profissional, assim como as experiências da sua vida afetiva e maternidade. Formada em Direito, atualmente ela é casada com um homem branco, e é mãe de dois meninos, um de 22 anos, que na época do relato estava fazendo um intercâmbio na Irlanda. Assim como ela o primogênito, fruto da sua primeira união apresenta traços fenotípicos de pessoas pardas, e caçula de 1 ano e 3 meses, tem cabelos louros e a pele bem clara.

Seu pai é um homem branco, de uma família de imigrantes da região de Caxias do Sul, cujo pai era barbeiro e depois afiador, pois ele nunca quis ter chefe. Já a mãe de Elizeth é uma mulher negra e tem a pele mais clara que a sua, além de traços fenotípicos da negritude como cabelo e nariz bem marcantes. Devido a esses traços negroides ela nunca se questionou sobre a negritude da mãe, que é uma das três filhas de seus avós, um homem negro e uma mulher branca.

*[...] eu sempre identifiquei a minha mãe como uma mulher negra, ela tem a pele acho que atualmente mais clara que a minha, mas assim ela tem muitos traços, né? Os cabelos assim. Acho que o nariz assim. Eu acho que eu também tenho, mas assim eu identifico mais ainda, né? O meu pai é um homem branco, então assim na nossa família, eu sempre olhei os casais, né? Da família materna as filhas que eram três irmãs mulheres negras, mas das três a minha mãe eu sempre identifiquei como parecendo ser mais negra do que as outras.*

Assim como a mãe, suas duas tias negras, porém mais claras, se casaram com homens brancos, e o sonho da avó de Elizeth era ter um neto de olhos claros, mas nunca teve. A sua infância foi repleta de cuidados e afetos.

No início da adolescência, lá pelos 11 anos, Elizeth usava óculos e aparelho, e não tinha o costume de ir a salões de beleza. Na faixa dos 15 anos como ela tinha o cabelo muito crespo,

e sua avó materna, bastante preocupada com a questão estética dela e das primas, mais especificamente com a dela, a levou em um salão para fazer um alisamento, pois em comparação com às outras meninas da família, ela era a neta que tinha o cabelo mais crespo. E ela achava o máximo.

*[...] quando eu comecei a ter namorado, eu me lembro que tinha um namorado, que eu tive, mas já adulta, que aí me achava linda, dizia que eu estava linda quando eu ia fazer escova e aquilo me incomodava muito. Eu pensava eu não sou assim, né? E o meu atual marido uma das coisas que me chamou muita atenção, quando a gente começou a namorar, é que quando eu tinha sensação de estar com o cabelo mais assim a vontade sabe? Mais assim até escabelado era o jeito que ele achava, que me dizia que eu tava linda, sabe? E aquilo me dava uma tranquilidade, mas claro só consegui ver isso assim mais recentemente, mas me dava uma sensação muito boa, porque eu pensava “não preciso pagar ninguém para me modificar, entendeu?” Então isso faz bastante diferença, né?*

Segundo ela, a estética do seu cabelo sempre foi algo conflituoso, mas nem sempre por um desconforto ou incomodo dela, o que a incomodava era o fato de ter que alisar os cabelos, pois ela entendia que seu cabelo natural não era liso.

Ambos os pais de Elizeth são médicos, mas a mãe parou de exercer a medicina após o nascimento de sua irmã para se dedicar ao cuidado dos três filhos, e após o divórcio as condições financeiras da família acabaram miudando, e Elizeth e os irmãos tiveram que sair da escola particular e irem estudar em uma escola pública no Mon't Serrat, um bairro nobre da capital gaúcha. Ela contou que antes das filhas, a mãe viveu um período na França, essa experiência, quase vista como uma *Belle Époque* pela mãe dela, foi e ainda é mencionada pela mãe como uma forma de se proteger de eventuais julgamentos, assim como uma validação da sua presença e permanência em alguns espaços e círculos sociais majoritariamente brancos.

*[...] acho que naquela época de adolescente eu me preocupava que as pessoas não vissem a minha mãe, porque eu achava isso, que eu ia ter menos amigo, e quando eu levava, porque a gente não levava muita gente em casa, tá? Quando eu levava né, as minhas amigas em casa e tal, a minha mãe até hoje ela fala de um período que ela viveu na França, como se fosse ontem, acho que também como uma coisa protetiva assim, sabe? E quando as minhas amigas que são muito desse ambiente branco, falam da minha mãe, e elas sempre fazem aquilo que eu te falei que meu colega fez de dizer que a minha mãe é médica, que morou na França, que não sei sabe e assim hoje que eu sou adulta que eu consegui olhar para essas coisas.*

A família materna teve uma participação importante na sua criação em diversos âmbitos. A avó muito vaidosa, o avô, e a sua irmã retinta que morava com eles, participaram ativamente da criação de Elizeth, sua irmã, seu irmão e seus primos, ajudando a proporcionar e criar um ambiente bastante afetuosos. Porém, a figura do avô por vezes teve um papel central na narrativa.

Um exemplo de retidão e honestidade, o avô funcionário do Branco do Brasil – que vivera a maior parte da sua vida no Bom Fim, um bairro de classe média alta, em Porto Alegre –, era um homem de palavra, organizado, pacato, bastante reservado, educado, preocupado com o bem-estar da família e se preocupava com a estrutura, organização e segurança financeira

para que não faltasse nada em casa, coisa que o avô paterno branco não tinha. Segundo a advogada, poucas vezes ela viu o patriarca materno perder a razão ou se alterar, pois sempre que identificava um problema, seu avô buscava resolver de forma pacífica e burocrática, muitas vezes através realizava o envio de cartas às autoridades, pois ele não criava caso de forma alguma. O chefe da família costumava se colocar no lugar em que as pessoas queriam, para não constranger ou se indispor com outras pessoas, e, chegou inclusive, a recusar ofertas de promoção no banco, e, também perder uma bolsa de estudos na faculdade por não concordar em participar de uma greve.

A família não tinha o costume de falar ou fazer qualquer associação à cultura negra, ou religiões de matrizes africanas, ou ter quaisquer conversas relacionadas à negritude da família. Esses assuntos nunca foram abordados. O afastamento deles dessas raízes era algo tão consolidado que ela lembra que o avô se relacionava apenas com um primo da família, cujas diferenças por vezes podiam ser percebidas através das festividades, pois as festas e reuniões na casa do primo eram bastante animadas, e na casa do avô eram mais reservadas.

Elizeth pouco falou sobre os irmãos, apenas os mencionou quando contou que sempre conversa com eles sobre os olhares acerca da negritude da família, e expôs que eles se consideram os primos mais pretos e inconscientemente têm o movimento de aproximação de pessoas mais humildes. Entretanto suas primas fazem o movimento inverso e se enxergam como brancas, e apesar de não concordar ela não se manifesta, pois respeita a autodeclaração delas. Sobre o pai, a primogênita contou que alguns discursos preconceituosos dele por vezes a deixam triste, como podemos ver abaixo.

*eu tava conversando com meu pai já há tempos atrás, meu pai branco, mas assim um homem branco estruturado no racismo, sabe? “Minha filha, mas tu tem direito a concorrer às cotas, que não sei o que, que sabe? Legalmente tal, porque lá não diz que tu tem que ter uma situação econômica x. Na verdade ele fala das cotas raciais, só que aí ao mesmo tempo que ele me fala isso, tipo, ele foi fazer uma viagem, e aí falou: “ah, porque aí quando a gente chegou, não sei aonde aí entrou aquele monte de gente negra assim...” não falou assim, mas falou num tom pejorativo.*

*E aí eu fico olhando para esse homem, que é meu pai, e me dá uma tristeza, sabe? Porque eu penso: tá? Tu olha para mim. Tu casou com a minha mãe, tu me teve, meus irmãos, que a gente tipo se identifica assim toda vida e tu fala das pessoas que tu tá dizendo que são iguais a mim num tom pejorativo sabe? Então é uma coisa que fica assim.*

Esse foi o único momento em que ela contou alguma história que de fato envolve-se sua relação com seu pai, e os relatos da família paterna também foram bem pontuais e curtos. Apesar disso ela conta que até os 40 anos só olhava para o sobrenome de origem suíça da família do pai, mas que não se sentia confortável com a forma como as pessoas reagiam ao perguntarem sobre a origem, como se duvidassem que ela de fato possuísse aquele sobrenome.

Ela também conta que, certa vez, um colega que estava indicando-a para uma vaga de trabalho, ao apresentá-la ao pai dele evidenciou o fato dela ser filha de médicos, como se essa informação a qualificasse de alguma forma. A atitude do colega acabou fazendo com que ela se questionasse sobre a relevância da profissão dos pais naquela situação, sendo que ela já atuava há muitos anos na área, mas ela conta que na época ela só pensou na questão do gênero, e não na raça. Ela só passou a olhar para isso e assimilar a dimensão desse discurso quando começou a refletir sobre a sua identidade, e compreender que era uma pessoa parda, ou seja, negra, por causa da provocação da psicóloga, que até então havia sido procurada para ajudar a advogada em questões relacionadas à vida profissional.

O intuito das sessões de terapia e psicanálise era se preparar emocionalmente para a realização de concursos públicos. Em um dos eventos que ela ia com uma certa frequência, a advogada levou a sua mãe, e então a apresentou à psicóloga. Na sessão seguinte ao encontro entre a mãe e a psicóloga, a profissional perguntou para Elizeth como ela olhava para suas questões de negritude, e abaixo podemos ler o relato sobre a reação que ela teve sobre essa instigação.

*E aí eu fiquei pensando como assim sabe? Como é que eu olho tipo, eu sei que eu tenho um avô negro. Eu sei que tipo, sabe, sempre me declarei parda, mas eu nunca tinha ido por exemplo aprofundar o conhecimento de tipo, se eu me declaro uma mulher parda, se eu me declarar uma mulher parda. Eu sou uma mulher negra, entende? Mas eu nunca tinha olhado para isso desta forma, nunca tinha buscado essa informação, nunca tinha me colocado desse jeito, e eu sei que eu entro nos lugares as pessoas não me olham como mulher negra, né?*

Após ser provocada profundamente na terapia, Elizeth passou a repensar a sua história e visão sobre a sua negritude, e a partir de então ela começou a se aproximar de pessoas negras, mas isso só aconteceu de fato em um congresso do campo jurídico, na área de direito do trabalho. Ela relatou que se enfureceu no terceiro dia do evento ao perceber a estrutura machista e excludente dos espaços que ela frequentava, pois havia um homem falando sobre as experiências da licença maternidade. Ela observa que até então nunca havia se dado conta de que a maioria das mesas do congresso eram só de homens, homens brancos. Mas a partir dessa percepção, e motivada pela provocação da psicóloga, como se tivesse ligado um alerta, ela foi em busca de perfis femininos nas palestras e mesas do evento.

*E aí, como foi na sequência, eu disse: “eu vou procurar só mulheres. E só mulheres negras. E aí tinha sei lá, 200 palestrantes, sei lá quantas palestras, muitos palestrantes e só três mulheres negras. Uma falando junto com outras duas pessoas, e outras duas falando sozinha, aí eu assisti as três, e numa delas eu fiquei no final para conversar com ela e aí ela disse: Ah, vai lá no escritório para a gente conversar melhor. Aí eu fui, e aí falei dessas coisas da terapia, [...] aí ela começou a juntar pessoas que estavam olhando para sua negritude, ela uma mulher preta retinta, não tão retinta, mas uma mulher preta e tipo caiu a minha ficha que eu era uma mulher preta.*

Após esse movimento muitos outros vieram, e ela passou a olhar de forma diferente sobre o lugar das mulheres negras na sua área de atuação, e sobre si mesma, mesmo sendo sócia de um homem branco em um escritório de advocacia.

### **8.6.1. O despertar da consciência negra: a compreensão da identidade**

Muito cortês e dona de uma tranquilidade e gentileza admirável, a advogada reiterou que esse processo de despertar se deu muito por causa do tratamento terapêutico, e hoje ela se autodeclara parda, e compreende que não se via assim por que cresceu em um ambiente embranquecido.

*Eu me vi sendo criada num ambiente que só olhava para isso como se a gente fosse branca assim, e aí eu só fui me reconhecer como uma mulher negra depois que eu comecei a procurar informações sobre isso.*

Nas aproximações e movimentos que ela realizou após esse reconhecimento, ela se associou junto à Odabá<sup>24</sup>, e passou a experimentar mais a sua existência nesse lugar, levando também a mãe, cuja presença nos espaços de relações sociais dela é bastante recorrente. Além disso, ela passou a olhar para a questão da negritude e invisibilização de pessoas negras nos espaços jurídicos que ela frequenta, pois, a subalternidade e as diferenças no tratamento a sujeitos nesses ambientes nunca fizeram sentido para ela.

*[...] desde que eu comecei a conviver com o pessoal do Odabá mudou bastante as pessoas com quem eu convivo. Eu convivo mais assim são pessoas negras, mas em função das ações todos os projetos que a gente vai fazendo juntos [...]*

Elizeth tem o desejo de ser Juíza Estadual, e considera a separação dos pais um motor no seu por conta da questão do cuidado com as crianças. Ela conta que há uns dois anos atrás fez um concurso em que se inscreveu na modalidade de cotas para pessoas negras, que contempla pretos e pardos na política de cotas, sob a Lei nº 12.990/2014<sup>25</sup>.c, mas que não se sentiu confortável nesse lugar. Até a realização da prova ela revelou que ficou muito tensa pois não parava de pensar na forma como as pessoas a veriam, se iriam questioná-la, o que ela iria dizer se isso acontece, se a banca e a sociedade iriam vê-la como uma pessoa negra. Isso porque ela sabe que existe uma prática recorrente de pessoas que fraudam a lei de cotas para se beneficiarem, e porque tinha medo de que pensassem que esse também fosse seu objetivo, pois até ela explicar poderia ter sido exposta nos sites de redes sociais.

<sup>24</sup> Associação de Afroempreendedorismo com sede em Porto Alegre e atuação em todo o Brasil.

<sup>25</sup> A Lei 12.990/2014 do Governo Federal tem como objetivo a reserva de 20% das vagas oferecidas nos editais de concursos para cargos efetivos e empregos públicos para pessoas pretas ou pardas.

Atualmente ela optou por não se inscrever mais nessa modalidade porque ela não quer ser questionada e nem ficar nesse debate interno sobre esse gesto ser certo ou errado. Como o pai mencionou, ainda que ela tenha esse direito, ela diz que quer ser aprovada em um concurso público e entrar pela porta da frente, não pelos fundos, algo que pode acontecer caso a enxerguem e a julguem como uma pessoa branca e não parda, abrindo assim mão de seus direitos. Contudo, ela não sabe se amanhã ou depois continuará pensando e se cobrando dessa mesma forma. A partir disso ela apontou que até mesmo nesse cenário as pessoas negras acabam se cobrando mais.

Pelo relato foi possível perceber que parte do comportamento tranquilo e calmo da advogada é herança de seu avô materno, e assim como ele Elizeth quer passar em um concurso porque busca estabilidade e um salário que possibilite a ela ter e prover aos filhos uma vida confortável. Ela reconhece que é ambiciosa, e sinaliza que o dinheiro é uma forma de segurança e cuidado, até mesmo afetivo, mas não se considera consumista, pois disse preferir sair para uma caminhada ao livre do que um passeio no shopping.

Em termos de poder aquisitivo, pelo que deu para entender o pai do seu filho mais velho possui mais poder aquisitivo do que, e com isso proporciona bens e experiências de consumo da classe alta, como dirigir o carro importado do pai. Entretanto ela aponta que isso não impede que ele se enxergue como pardo, e nem à sociedade de tratá-lo de uma forma diferente dos amigos. Ela contou que um dia, logo que ele começou a dirigir, o pai emprestou a sua BMW para que ele pudesse ir jogar bola com os amigos, e na volta para casa seu primogênito e um amigo foram parados em uma blitz. Durante a abordagem policial foi solicitado ao menino que descesse do carro, e ao relatar a história para seus familiares a esposa do primo, uma mulher branca e loura, disse que se fosse com o filho dela ela faria um barraco, mas tanto a advogada como o filho compreendem que não tem essa mesma opção. Ainda que ele estude em um dos colégios mais caros e tradicionais da cidade de Porto Alegre, aos 4 anos de idade o menino identificou que era a criança mais escura da turma, ou seja, que não é uma pessoa branca desde muito pequeno.

Toda a trajetória de Elizeth foi fundamental para a forma como ela tem olhado para si mesma desde que se reconheceu verdadeiramente negra. E isso inclusive transformou e impactou desde suas práticas de consumo até à aceitação das suas características identitárias, incluindo o cabelo, que voltou a ser abordado de forma positiva em outro momento do relato. Ao se entender como negra, ela passou a ver que não precisava se modificar ou ocultar nenhuma de seus traços negros, e muito menos pagar por isso. A partir dessa reflexão, ela contou que depois de todo esse processo ela foi cortar os cabelos, na companhia da mãe, em um conhecido

e renomado salão de beleza afro da cidade de Porto Alegre, e voltou para a casa satisfeita com os cabelos super crespos, o que causou um certo espanto ao marido. Para ela a reação do cônjuge foi apenas engraçada, e estava muito mais relacionada à questão do fato de que as pessoas criam expectativas de verem os outros sempre do mesmo jeito.

*E então estar nesse grupo assim conviver com pessoas negras para mim, tem sido um presente sabe e poder oferecer para minha mãe também um outro lugar para pessoas negras estarem também é muito bom, mas ao mesmo tempo para ela causa muita dor porque ela não conseguiu se proteger desse lugar de exclusão, sabe?*

Elizabeth sabe e acredita que já não está mais do mesmo jeito, pois ela tem passado por descobertas e mudanças que a transformaram intimamente, incluindo suas relações mais íntimas e as situações que vivenciou no passado e ainda experiencia no presente com os familiares, mas principalmente com a mãe e os filhos. A partir do relato de Elizabeth podemos constatar que a família se configura como uma família parda.

**Quadro 11:** Práticas socioculturais Elizabeth Cardoso

Tema	Passado	Presente
Cultura Negra	Distanciamento a partir do silenciamento do avô	Aproximação a partir da provocação da terapeuta
Reconhecimento	Não sabia como se autodeclarar	Se autodeclara parda pois entende que é negra
Círculo Social/ Eventos	Fazia parte apenas de círculos sociais majoritariamente brancos. Frequentava congressos e eventos sem refletir sobre raça	Tem participado ativamente de círculos sociais majoritariamente negros e observa as diferenças no tratamento e busca igualdade. Atualmente observa, participa ativamente e se questiona sobre a constituição racial dos espaços
Estética	Alisamento dos cabelos em salões universais	Cabelos naturais tratados em salões étnicos

Fonte: Elaborado pela autora

## Dimensões e desdobramentos do relato de Elizabeth Cardoso

### *Passado*

A partir do relato da advogada é possível compreender que seu avô buscava se distanciar da cultura negra, tendo assim um papel fundamental na forma como a visão dela e dos familiares sobre negritude se estruturou por muito tempo. E essa conduta silenciosa acabou gerando diversos conflitos identitários, que por vezes geraram desconfortos na trajetória de Elizabeth, e resultou em seu distanciamento da cultura negra.

Mesmo sem saber como se autodeclarar quando era mais jovem, Elizeth tinha consciência de que não era caucasiana, e essa percepção muitas vezes se deu nos círculos sociais majoritariamente brancos que ela frequentava. Ainda que, nas entrelinhas e sem que compreendesse, ela percebia que algumas pessoas e ambientes demandavam um tipo de validação da sua presença, cujo consentimento se aportava no *status* social e econômico de sua família de diversas formas, como através do sobrenome de origem suíça, pela informação sobre a profissão dos pais, ou até mesmo pela experiência internacional, pelo fato da mãe ter morado na França. Dentre os inúmeros aspectos que legitimavam e garantiam a sua permanência nestes espaços, o alisamento dos cabelos aos 15 anos, por influência da avó, também contribuiu para essa aceitação.

No contexto das festas e eventos, Elizeth tinha o ponto de vista de que as diferenças se estabeleciam sob o prisma de gênero e de cotidianidade familiar. As festas da família do primo do avô tinham uma configuração muito diferente daquelas que eram realizadas pela sua família. Enquanto as festas dos parentes negros mais distantes tinham cerveja e música, na casa do avô, talvez pela questão do bairro, ou pelo hábito, as celebrações eram discretas, e de vez em quando apenas bebidas mais sofisticadas eram servidas e em pouca quantidade. Na parte profissional ela entendia que o fato de homens brancos ocuparem os lugares de destaque se aportava nas disparidades de gênero, visto que ela e outras mulheres que frequentavam os congressos eram ouvintes, enquanto a maioria dos homens eram palestrantes.

### ***Presente***

A partir da provocação da terapeuta Elizeth iniciou a sua busca por maiores informações sobre os sujeitos pardos e pretos, fazendo com que desse início ao seu processo de despertar para a consciência negra. Desde então Elizeth tem buscado conteúdos de diversas naturezas que a ajudem a compreender sua identidade negra, e conseqüentemente ela passou a se autodeclarar como uma pessoa parda.

Elizeth hoje em dia frequenta salões étnicos especializados em cabelos afro, e em vista disso, constantemente assume a estética e forma natural de seus cabelos, o que por vezes causa surpresas engraçadas em pessoas próximas como o marido.

Ela não mencionou no relato se frequenta ou não festas da cultura negra, mas como consequência, a advogada também começou a participar ativamente de ações e projetos que discutissem a questão do negro no mercado de trabalho e na sociedade, e seu círculo social conta com a participação de mais pessoas negras e diversas realidades sociais. Contudo, ela

expõe que as pessoas que frequentam a sua casa e fazem parte do seu cotidiano e intimidade ainda são as mesmas pessoas de antes, ou seja, caucasianos e familiares.

O círculo social foi primordial para que ela compreendesse, hoje, que o seu desconforto e percepções sociais estavam localizadas no âmbito da raça, ou seja, do preconceito que ela sofria por ser uma pessoa negra, ainda que por vezes não entendesse isso.

Diferentes contextos e momentos da trajetória de Elizeth mostram que a sua identidade étnica ainda está em construção. Contudo, mesmo em meio a provocações e conflitos a advogada continua na explorando e experienciando perspectivas identitárias que contemplem minimamente a sua individualidade. E, através da prática de afroconsumo cultural ela tem descoberto a existência de narrativas e sujeitos cujas realidades se aproximam da sua.

O passado e o presente da trajetória de Elizeth permitem presumir que, futuramente, esse movimento de despertar e sua aproximação à negritude podem incidir em uma melhor compreensão de sua própria identidade, assim como na recriação de laços perdidos e fortalecimento da cultura negra.

### 8.7. Patápio Silva: o gestor

(37 anos, preto, classe média)



**Figura 10:** retrato de Patápio Silva

**Artista:** Patápio Silva (1880-1907) foi músico, compositor e flautista virtuoso. Um dos precursores do choro.

**Fonte:** Reprodução Arquivo Nirez

O relato de Patápio Silva conta a trajetória de um homem preto que sempre soube que era negro, e que cresceu em meio à essa cultura, mas que durante um tempo considerável foi afetado e influenciado pelo ambiente. A comunidade negra brasileira tem estado imersa dentro da cultura da branquitude e com isso os sujeitos acabam replicando padrões de comportamento e visões de mundo em diversos âmbitos de suas vidas. Contudo, por vezes, quando passam, ocasionalmente ou não, a conviver com mais pessoas negras de fora do círculo familiar, observam que existem a sociedade oferece diversas outras possibilidades e práticas de convívio e relacionamento.

Patápio é filho único, seu pai é um homem preto porto-alegrense e jornalista, e a sua mãe, uma mulher preta, nascida na cidade de Bagé e psicóloga. Casados há 40 anos, os pais procuraram pontuar a negritude do filho na infância, e sempre tentaram protegê-lo de qualquer tipo de discriminação, e ele acha que mesmo que sofresse não seria capaz de notar por ser criança.

A mãe, por volta de seus 4, 5 anos de idade parou de trabalhar para se dedicar integralmente ao filho e às atividades domésticas, e com isso o pai ficou responsável pelo sustento financeiro da família. Nessa época ele conta que eles moravam em um apartamento simples e pequeno, de apenas um quarto no bairro Santana, região central da capital gaúcha, e que viviam financeiramente no limite. Apesar da situação econômica ser apertada, seus pais sempre fizeram o possível para que ele tivesse tudo que queria e para que nunca lhe faltasse nada.

Quando criança, ele conta que estudou em boas escolas privadas. Até a 6ª série estudou em uma escola pequena, mas depois foi transferido para uma grande escola tradicional da cidade, logo que a condição financeira da família melhorou. Ele relata que a ascensão econômica da família impactou em muitos âmbitos de sua vida, inclusive a família se mudou para um apartamento maior no bairro Bomfim, e pouco tempo depois adquiriram um carro.

Patápio lembra que durante os seus estudos, ele sempre tinha um ou dois colegas negros, mas em algumas vezes ele era o único negro na sala de aula. Mesmo tendo um bom

relacionamento com esses colegas e uma boa convivência com todos, ele conta que os seus amigos mais próximos, em sua maioria, costumavam ser pessoas brancas, ainda que fosse alvo de brincadeiras que apresentassem conotações racistas.

Ele expõe que durante o período da infância e da adolescência costumava assistir televisão aberta, e que via muito desenho japonês. Quando viajava de férias com o pai e a mãe às praias de Santa Catarina, ele lembra que iam escutando uma fita k7 da banda Engenheiros do Havaí que o pai tinha, e que gostava muito. Mas lembra que começou a gostar de samba-enredo por influência de um primo da família materna em Bagé, pois sua tia, a mãe desse primo, havia sido coroada rainha do carnaval de Uruguaiana, e participava ativamente dos festejos e celebrações carnavalescas tradicionais da região. Em paralelo, o pai e a mãe costumeiramente escutavam samba em casa, portanto ele acha que acabou sendo influenciado tanto pelos pais, como pelos familiares.

Posto isso, Patápio relata que quando começou a frequentar casas noturnas na capital e arredores com os amigos do seu círculo social e colegas, os espaços habitualmente apresentavam um público majoritariamente branco, pois eram lugares de classe média alta. Sendo assim, seus primeiros relacionamentos afetivos foram todos com mulheres brancas, e ele acredita que isso estava diretamente relacionado com a configuração desses ambientes em que vivia.

No último ano do Ensino Médio, devido aos horários do trabalho, ele foi estudar em uma escola preparatória para o vestibular, e mesmo sendo uma instituição privada ele conta que esse espaço era muito heterogêneo, e que era possível encontrar pessoas de diferentes classes e configurações sociais. Com isso ele começou a ter mais contato com sujeitos mais diversos, inclusive com um número expressivo de jovens negras. Foi nesse momento que ela acha que “virou a chave” e a partir daí começou a dialogar, ouvir e se interessar por mulheres negras.

Ele conheceu sua primeira namorada negra nas aulas desse curso preparatório para o vestibular, que ele se inscreveu após o término do Ensino Médio. Entretanto, ele não acha ou não recorda de ter se sentido preterido alguma vez, muito menos por conta da racial, mas acha que pode ter ocorrido, porém ele não percebeu.

Paralelamente Patápio conta que seu primeiro emprego foi em uma grande e reconhecida locadora de vídeos no bairro Bom Fim, hoje já extinta, na mesma região em que morava junto com os pais. Ele narra que praticamente trabalhava de domingo a domingo, porque os donos enxergavam o seu potencial, tanto que entrou como atendente e quando saiu ocupava o cargo de gerente.

Na faculdade ele optou pela graduação em Marketing porque desejava trabalhar com a imagem de profissionais ligados ao esporte e fazer a representação de atletas. Entretanto na metade da graduação acabou indo para o lado da moda, e atualmente é o campo em que atua. Ele recorda que tinha mais colegas negros na faculdade do que na escola, e menciona que algumas disciplinas abordavam pautas raciais em aula, mas que ele não via o tema com tanta relevância, e com isso essas questões passavam despercebidas por ele. O gestor pontua que se estivesse na faculdade hoje iria aproveitar muito mais.

### **8.7.1. Do catolicismo à umbanda, do samba ao hip-hop: ampliando olhares**

Patápío decidiu se mudar para o Rio de Janeiro e viver o seu sonho de morar na cidade em 2014. E, quando estava perto da mudança para o Rio de Janeiro, encontrou seus ex-chefes, os donos da locadora, que o indicaram para trabalhar com uma amiga deles, e esse foi o seu primeiro emprego na cidade carioca.

Assim que chegou no Rio de Janeiro, o primeiro gestor negro de marcas de roupas da empresa em que trabalhava, tinha a nítida impressão de que passava por situações sutis de racismo. Ele lembra que entrava em contato com os lojistas por telefone e combinava as visitas às lojas, mas quando chegava nos locais e se identificava como o profissional que havia sido contado previamente era habitualmente recebido com surpresa e desconfiança. A forma como os lojistas e empresários se comportavam é um motivo de questionamento para Patápío, pois ele não sabe se a incredulidade se dava pelo fato dele ser jovem, ou porque eles esperavam um homem branco.

*Eu lembrei de um outro caso também, de uma vez que eu peguei a Ecosport no meu pai. Eu não sei onde eu ia, numa festa ou se eu ia jogar alguma coisa e parei para abastecer o carro. E aí quando eu fui abastecer o carro o frentista veio, um frentista negro, né? Ele veio e falou: cara, deixa eu fazer uma pergunta, esse carro, o dono do carro, ele te emprestou para tu sair, para tu jogar? Alguma coisa assim, aí eu falei não, o carro é meu mesmo. Assim a gente acaba passando por essas situações mesmo, às vezes é o próprio negro, né?*

Em paralelo, por viajar frequentemente para as cidades do interior do estado carioca ele menciona que se surpreendeu com o número expressivos de evangélicos nas pequenas cidades do estado. Ao adentrar esse assunto ele conta que é católico e umbandista, e explicou que é católico porque se batizou na igreja e teve que fazer catequese. Entretanto, isso não quer dizer que ele realmente seja católico, pois dificilmente vai à igreja, e a última vez em que esteve em uma foi para a missa de sétimo dia de uma tia-avó, e só recorre aos santos e instituições cristãs quando as coisas estão ruins e para agradecer.

Ele relata que na verdade se considera umbandista, e que quando estava morando no Rio de Janeiro costumava ir toda semana, pelo menos duas vezes na casa de umbanda que frequentava. Ele conta que na infância frequentava centros de umbanda com a os avós que eram praticantes, mas que depois não deu continuidade.

*O meu avô era tamboreiro. E eu amava ir nas sessões com ele, com a minha avó e com a minha bisavó. Eu ficava encantado com aquilo, e desde então eu me apaixonei pela Umbanda. Eu deveria ter uns 4, 5 anos. Agora praticante mesmo foi a partir de 2018.*

Desde que voltou a morar em Porto Alegre ele está à procura de um centro umbandista para retornar às práticas religiosas. Ele pontua que, foi somente após a mudança para a cidade do Rio de Janeiro que ele começou a frequentar a umbanda de forma assídua e consistente.

Depois que se mudou para a capital fluminense ele relata que passou a frequentar muitas rodas de samba e festas da cultura negra, mas hoje, em Porto Alegre, não tem frequentado tanto, ainda que goste muito do clima e da forma como se sente nesses espaços.

*[...] eu me sinto bem, me sinto feliz, sabe? De encontrar pessoas que estão ali felizes naquele momento, pessoas que gostam do mesmo estilo musical que tu, que não estão por uma moda, são pessoas negras. Aí tu encontra pessoas de... ah, não é de baixa, mas renda média e alta. Então pra ir em um evento, qualquer evento o custo é mais elevado, né?*

Apesar de gostar muito de festas de samba e pagode, no contexto atual o gestor expõe que se tiver que escolher em que tipo de festa ir, ele diz que prefere ir a eventos musicais de hip-hop e rap. Parte dessa inclinação está relacionada ao convívio próximo com os amigos que conquistou nos últimos anos em que residiu na cidade carioca, que estavam mais ligados à cena do rap. Como consequência ele passou a escutar e gostar mais de músicas desse estilo musical.

Ele também relata que o perfil de suas amizades mudou consideravelmente de uns tempos para cá, e que está mais próximo de pessoas negras. Porém, suas aproximações não se resumem apenas a esse critério, pois para além disso, ele busca se relacionar com pessoas que tenham ideais e pensamentos parecidos com os dele.

*Acho que agora é uma galera que tipo, tem uma visão mais empreendedora, que quer ter o próprio negócio, quer ser dona do próprio nariz, que não quer receber ordens. E aí a gente vê uma galera mais nova o empreendedora, uma galera preta que também conseguiu e que tá tocando a frente do seu negócio. É diferente, é diferente da galera de quando eu fui embora daqui, mais ou menos há quase 10 anos, né?*

Por fim, seu uso nos sites de redes sociais é bem dinâmico, mas ele relata que não se resume à questão da raça, visto que busca consumir conteúdos que apresentem uma visão mais voltada para o âmbito político do que raciais. Porém ele menciona que encontra esse viés mais frequentemente em influencers e referências negras. Para ele hoje as coisas estão diferentes.

*É porque eu acho que hoje também a gente aborda esses assuntos com maior frequência e facilidade, né? Antes, eu acho que nós não tínhamos espaço de fala, né? A gente não conseguia a opinar e falar o que a gente realmente queria. Não eram todos os lugares que a gente conseguia entrar, nós não tínhamos tanto acesso que hoje a gente consegue ter, de estar*

*envolvido no meio político, ser empresário, ter uma empresa nossa, ser professor, ser um gestor de marcas no meu caso, né? Hoje a gente consegue ter acesso a esses meios, e a gente consegue ver um número muito maior de negros e antes não era não era permitido, ou porque não tinha capacidade, ou porque o negro não podia ter um cargo de chefe, entre outras, numa empresa, ele só servia para ser empregado para carregar material.*

O relato de vida de Patápio mostra que a convivência com mulheres negras foi essencial para que ele observasse as diversas possibilidades afetivas ao seu redor. Para além disso, foi a partir do olhar e da escuta atenta que ele passou a explorar novas perspectivas. Essa narrativa demonstra algumas das dimensões e impactos que o convívio entre sujeitos negros causa, tanto no âmbito da sociabilidade, como da própria subjetividade, proporcionado a essas pessoas a possibilidade de experienciar a sua própria cultura de formas diferentes.

**Quadro 12:** Práticas socioculturais Patápio Silva

Tema	Passado	Presente
Cultura Negra	Posicionamento alheio às pautas da negritude, ainda que gostasse muito de carnaval.	Aproximação a diferentes produtos da cultura negra.
Reconhecimento	Preto	Preto
Círculo Social/ Eventos	Majoritariamente brancos. Frequentava espaços populados majoritariamente por pessoas brancas da classe média e alta.	Majoritariamente negros. Espaços frequentados pela classe média emergente, preferencialmente na companhia de pessoas negras.
Estética	Não mencionou	Não mencionou

**Fonte:** Elabora pela autora

## Dimensões e desdobramentos do relato de Patápio Silva

### *Passado*

Devido aos ensinamentos da família em casa, Patápio nunca teve dúvida de sua negritude, e sempre se declarou preto, porém é possível perceber que o acesso à educação em instituições e espaços culturais ocupados majoritariamente por pessoas brancas incutiram a ele a visão de que as questões da negritude não eram tão importantes.

O encantamento pelo carnaval, que acabou chamando sua atenção através da família foi primordial para que ele não se afastasse completamente dos produtos culturais da negritude. Contudo, essa aproximação resultou na construção de uma identidade falsamente fluída, e com isso não é possível afirmar que a sua presença naqueles espaços era verdadeiramente aceita, ou se ele era apenas um token negro.

Ainda que não tenha mencionado a questão estética, Patápio era um jovem negro cujas relações de afeto e amizade se localizavam muito próximas do universo futebolístico, e com o padrão estético corpóreo de um atleta da área. Pelo fato de frequentar espaços e eventos direcionados para pessoas da classe média e alta cujo estilo musical era o samba e o pagode mais frequente, ele acabava se sentindo confortável de certa forma, criando um sentimento de pertença. Porém essa sensação de pertencimento talvez estivesse muito mais ligada à classe do que à raça.

### *Presente*

Após o convívio com pessoas negras e diversas no curso preparatório para o vestibular, Patápio passou a olhar para as questões que atravessavam a negritude, mas sem muito senso crítico. Foi só após a mudança para o Rio de Janeiro e com as novas amizades que ele realmente passou a se aproximar verdadeiramente da cultura negra, e conseqüentemente a conhecer outros produtos culturais, como o hip-hop e o rap. Essas experiências em espaços e com produtos culturalmente negros nos permite constatar que o contato e a aproximação impactaram fortemente suas escolhas de consumo.

Mesmo se declarando preto desde a infância foi na fase adulta que ele começou a construir e fortalecer vínculos com pessoas negras, e com isso seu círculo social acabou mudando consideravelmente. Hoje ele busca criar vínculos e estar próximo de pessoas que tenham objetivos de vida e realidades socioeconômicas semelhantes às suas, mas ainda que essa aproximação e aproximação seja preferencialmente com pessoas negras, seus movimentos ainda se estabelecem no âmbito de classe.

A observação da trajetória de vida de Patápio possibilita a compreensão de que somente os discursos e práticas da família, ainda que importantes, não foram suficientes para que ele buscasse se aproximar da negritude. Futuramente, devido à sociabilidade e convívio com pessoas negras é possível presumir que ele vá buscar se aproximar ainda mais de pessoas negras. assim como da cultura desse grupo, contudo seus movimentos poderão se restringir continuamente a visão de crescimento profissional e financeiro da branquitude, tendo em vista que o seu capital cultural fora construído dentro da ideia de que sucesso está diretamente relacionado com poder aquisitivo e financeiro.

## 8.8. Jamelão: o engenheiro

(49 anos, preto, classe média)

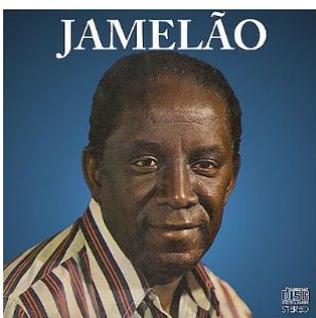


Figura 11: capa LP Jamelão, de Jamelão (1913 -2008), cantor de samba e intérprete de sambarenredo da Estação Primeira de Mangueira.

Fonte: divulgação

A narrativa da vida de Jamelão expõe como o silenciamento das práticas habituais de muitas famílias negras brasileiras que acreditavam que não falar sobre racismo e negritude em casa agem na construção da identidade e visão de mundo de sujeitos negros. Como poderemos ver a partir deste relato, em um passado recente muitas constituições familiares foram, e ainda são marcadas pelo discurso do mito da democracia racial, que infere a falsa ideia de que não falar sobre as características da negritude confere às pessoas negras uma neutralidade que busca aparentemente diminuir os conflitos sociais e raciais de seus filhos, visando a possibilidade de

ascensão social e equidade racial.

Jamelão nasceu em uma família preta de Porto Alegre, composta pela mãe, dona de casa, o pai, já falecido, funcionário público da extinta Companhia Rio Grandense de Telecomunicações, a CRT, e a sua irmã mais velha. Ele conta que o pai sempre prezou pela educação e oportunizou aos dois filhos estudar em boas instituições de ensino.

Na 6ª série do Ensino Fundamental ele começou a estudar em uma escola cristã particular, que na sua época era bem rígida e contava com a participação ativa de educadores que tinham cargos pastorais. Logo no início de sua trajetória na instituição Jamelão vivenciou uma situação de discriminação e acabou entrando na única briga corporal de sua vida, após uma piada de um colega. Após o episódio ele foi enviado para a secretaria onde um dos irmãos (forma como ele se refere aos educadores), o mais bravo e rígido da escola o recebeu.

*[...] nunca vou esquecer disso, o irmão “ah mas pô tu está aí pouco tempo e tu já está nessa situação”. Eu fiquei meio com vergonha de falar né, e eu peguei e falei todo mundo tinha medo desse irmão “bah aconteceu isso”, e ele: “não acredito”.*

*Aí ele disse que só ia me pedir uma coisa porque ele já conhecia meu pai, né? Meu pai era meio brabo com essas coisas assim né? “Tu só não fala pro teu pai isso”. Era uma sexta-feira. Na segunda-feira nós vamos resolver isso aí. Na segunda-feira ele me levou em todas as salas de aula da sexta série até o segundo grau, falando que era pra me respeitar, porque a única diferença era a cor da minha pele e tudo mais, e jamais ia acontecer isso. E sempre no recreio da escola ele não falava com ninguém, a única pessoa que ele falava era comigo e perguntava assim: “como é que está as coisas?” E eu: “Está tudo bem”. Então a gente vê a importância da escola nesse tipo de situação.*

Ele conta que o pai não era de falar muito, era bastante comedido, mas que virava um leão em situações de discriminações com os filhos. Durante o período em que ele estudou naquela escola ele não teve nenhum amigo negro, e não entendia por que ele era sempre o único

menino negro dos espaços. Contudo, ele aponta que a abordagem educacional da instituição foi muito importante para ele.

*E várias situações que eu passei, mas o que ficou, foi quando o irmão falou uma coisa que eu não vou esquecer nunca na minha vida. E ele falou assim: “ó, tu não precisa gritar, tu não precisa bater em ninguém, só precisa te impor que as pessoas vão te respeitar”. Então é dessa forma que eu sempre levei pro resto da minha vida. Não preciso gritar com ninguém. Se alguém, e a gente sabe quando está em uma situação em que a pessoa está te olhando diferente e uma série de coisas que a gente está acostumado, né? Então é questão de imposição. E eu sempre me impus dessa forma. Aí pela imposição todo mundo me respeitou. Nunca precisei gritar com ninguém [...].*

Foi a partir desse ensinamento e, também observando e seguindo o comportamento e exemplo do pai, que Jamelão moldou seu comportamento em relação às discriminações raciais. Ele relata que durante esse período só tinha contato com pessoas negras na sua família, e que em seu bairro as coisas eram mais tranquilas.

O engenheiro conta que não tinha o hábito de sair à noite, mas que aos 18 anos, por causa dos convites insistentes da irmã que ele resolveu ir a festas da negritude. Nessa ocasião, ele conta que foi a primeira vez que ele saiu e achou legal, e que ele ficou impressionado por ver tantas pessoas pretas reunidas em um único local. AA partir desse momento ele começou a fazer seus novos amigos que eram pretos.

*Eu nunca vou esquecer, tem uma atriz, a Isabel Filardis, se eu não me engano. A minha irmã assinava a revista Capricho. Foi a primeira vez que eu vi um preto na capa de uma revista. Até hoje eu não esqueço da foto dela. Até hoje. Entendeu? Foi uma coisa que marcou porque até então eu não via nada. O mundo que no qual eu frequentava não tinha isso.*

Ele menciona que acha isso até engraçado hoje em dia, pois estava acostumado com os discursos racistas e achava que aquilo era normal, pois aquela era a sua experiência. Ele lembra que não tinha nenhuma referência negra e, com isso acabava por não se identificar com aquelas manifestações pejorativas em relação às pessoas negras.

*Alguns colegas daquele ambiente que eu vivia, falavam algumas coisas de pretinho, de discriminação mesmo. Aí olhavam pra mim “não leva mal, tu não é preto, tu é moreno”. Cara, e eu ouvia aquilo ali e aceitava, entendeu? Na realidade, eu entendendo hoje né? Eu não eu me identificava como negro ainda, porque é difícil de explicar, mas eu não tinha identificação. A partir dos dezoito anos que eu comecei a ter essa identificação. Eu não tinha referência nenhuma. Nenhuma. Até hoje melhorou um pouco, né? Mas a maioria dos lugares que tu vai hoje, antes eu não encontrava nenhum, talvez hoje eu encontre um, dois no máximo. Então é muito difícil, entendeu? entendeu? Aí tu vai ver a população nossa é cinquenta por cento de negro, vai os lugares que eu frequento se tiver cinco, dois, três por cento é muito, então hoje, claro, a gente tem o entendimento do porquê que isso acontece, e a gente vê a importância da educação né. Entendeu?*

Por viver e experienciar espaços brancos ele conta que seus gostos musicais acabaram sendo construídos a partir da influência do círculo de amigos que ele tinha na época, então passou a juventude escutando *rock*, MPB, Legião Urbana, entre outros estilos mais embranquecidos. Em casa assistia jornais, e como gostava muito de História, procurava

documentários e biografias também, mas ele lembra que gostava mesmo era de ver futebol, pois para ele o esporte sempre foi muito importante, pois através da prática esportiva ele trabalhava questões relacionadas à disciplina, frustração e como lidar com as derrotas.

### **8.8.1. A descoberta da negritude: práticas e vivências**

Jamelão conta que os pais raramente falavam sobre negritude e cultura negra em casa. O pai era mais fechado, e ele identifica que esse comportamento era reflexo do fato do pai ser de uma geração diferente, e por isso não abordava nenhum tipo de assunto de cunho racial, apenas cobrava educação. Mas ao longo do tempo ele foi se redescobrimo e buscando outras referências a partir do seu entendimento e experiência.

*A minha realidade, o ambiente que eu estava era totalmente diferente do ambiente dessas pessoas que eu que eu conheci, os negros que eu conheci, entendeu? Aí tu começa a prestar atenção, porque eu não ia nem escola de samba, eu passava na frente, eu nem sabia o que que era, nunca entrei, não sabia nada. Por incrível que pareça, uma coisa meio louca o cara falar isso, mas era um ambiente que eu vivia, então eu não tinha interesse. Se eu tivesse alguém da família que “ah, vou te levar ali e tal”, mas não tinha isso, entendeu? Então pra mim era um lance distante, tanto é que eu nunca vi tanto negro junto como eu vi com dezoito anos. Chega a ser uma coisa meio louca mas não tinha. Eu não tinha isso aí.*

Foi só quando o engenheiro começou a frequentar espaços de cultura negras e ter amigos negros, quando ele teve contato com outras realidades, porque o ambiente que ele vivia era totalmente diferente. A partir da sua entrada na universidade, no curso de Engenharia Civil, curso que ele queria fazer desde a época da escola, quando passou a gostar de matemática depois que um irmão da escola o ajudou a compreender a disciplina, pois ele tinha muita dificuldade. Além disso, ele conta que esse desejo foi despertado depois de uma palestra que assistiu sobre engenharia na escola.

Na faculdade ele sente que passou a viver como se estivesse em dois mundos, pois o espaço era muito parecido com a escola, pois também tinha poucos colegas negros. Entretanto, ele conta que se sentia mais à vontade nos espaços negros, e acha que foi importante trocar experiências e vivenciar dois universos diferentes, pois isso ajuda ele a tensionar os amigos hoje em dia que têm uma visão distorcida da realidade por viverem em outros espaços. Jamelão reconhece que quando há confraternizações com os colegas brancos da turma de engenharia, alguns deles não falam algumas coisas quando estão na sua presença porque ele se impõe.

Um dos fatores que fazem com que ele não permita alguns discursos classistas e racistas na sua presença é o fato dos parentes da família materna serem muito pobres, e isso faz com que ele compreenda que há sempre dois pontos de vista. Ele diz que não gosta de generalizações, por isso está sempre pronto para debater.

No passado, quando já era formado e estava atuando na engenharia, ele foi convidado para dar aulas em um cursinho preparatório pré-vestibular popular só para estudantes negros, e nessa ocasião ele percebeu a existência de um abismo social em relação as aspirações de jovens negros para o futuro. A partir dessa experiência ele constatou que era muito difícil para aqueles jovens adolescentes negros de periferia acreditar que eles poderiam alcançar o status social e posição em que ele está. Na sua visão ele acredita que para aqueles jovens é impossível pensar em dar continuidade aos estudos, pois na perspectiva da maioria finalizar o Ensino Médio já é uma grande vitória. Ele ainda conta que o coletivo do curso preparatório teve muita dificuldade em encontrar profissionais negros da área de Engenharia, Medicina, entre outros campos, e foi por intermédio dessa demanda que ele foi encontrado e convidado a participar. Para ele foi uma experiência muito legal. Ele aponta que mais o deixa revoltado atualmente é o desperdício de talento de pessoas negras que não têm oportunidades, algo que ele percebeu na sua vivência no cursinho pré-vestibular, quando viu que havia muitos jovens bons e talentosos, mas com obstáculos muito maiores que os dele, para ele é algo quase incomparável.

Jamelão conta que depois que descobriu novas possibilidades e espaços culturais negros seu olhar e atividades mudaram. Ele conta que a partir desse momento ele começou a ir atrás de outras informações e aprofundar mais o seu conhecimento. Foi através da aquisição de livros de temática negra que ele compreendeu que o que aprendeu na escola era diferente do que era contado nos livros escritos por pessoas pretas, e com isso passou a ter uma identificação maior com a cultura negra. Atualmente ele acha que suas práticas de consumo midiático são mais caracterizadas, e que desde que tinha 20 e poucos anos começou a frequentar escolas de samba, bares e eventos, mas parou devido a pandemia. Outro ponto que ele sinaliza é que não encontra/ conhece opções de culinária negra.

No âmbito da vida profissional ele conta que depois de se formar na faculdade foi trabalhar no interior do Rio Grande do Sul e que nessa época aprendeu muito sobre como se relacionar com dinheiro, e por ser muito questionador e observador passou a reparar na forma como os outros grupos sociais agiam para ascender socioeconomicamente. Ao retornar a Porto Alegre ele teve mais dois empregos duradouros, e hoje ocupa um cargo de gestão e tem uma empresa que presta consultoria na fiscalização de obras e gerenciamento para uma outra empresa. Ele compreende que como profissional precisa estar sempre estudando, se atualizando e atento ao mercado de trabalho pois devido às evoluções tecnológicas e rumos profissionais, as pessoas precisam estar sempre abertas para mudanças e reposicionamentos de carreira.

A história de vida de Jamelão é marcada pela descoberta da cultura negra, e o fato dele ter sido sempre o único negro dos espaços mais elitizados em que vivia influenciou até mesmo

a sua vida afetiva. Ele conta que na juventude se sentia rejeitado, e que nunca conseguia dançar com ninguém. Contudo, foi nas proximidades de sua casa, no Nonoai, bairro de classe média baixa na zona sul da capital gaúcha, e que lá era o único lugar onde ele se sentia confortável para se relacionar afetivamente com as meninas, nas proximidades da sua casa. Foi lá que ele teve sua primeira, uma menina branca por volta dos seus 15, 16 anos. Depois desse relacionamento, todos os outros foram com meninas negras.

Jamelão relata que também nunca se relacionou com nenhuma menina na faculdade, somente fora. E foi no período da graduação que ele se casou com a sua atual esposa, uma mulher negra. Eles tiveram dois filhos, uma menina que está hoje com 23 anos e um garoto de 16.

O engenheiro conta que busca dialogar com os filhos e o sobrinho, filho da irmã, sobre negritude. Mas assim como o pai, tenta proporcionar oportunidades para os dois filhos. O caçula brinca frequentemente com ele sobre o fato dele buscar sempre assistir filmes de temática negra. Ele procura ser uma referência para os filhos, e acredita que seus filhos têm total consciência de sua negritude, diferentemente da experiência que ele mesmo teve com o pai.

*[...] eles sabem e tem muita coisa que a gente vê que é pelo exemplo né? Ele vê o jeito que eu estou me posicionando, ele vê os livros que eu tenho em casa, os livros estão tudo aí, é só pegar e abrir. Ele sabe do meu gosto pelo Nelson Mandela entendeu? Então assim, eles têm total consciência, o que foi totalmente diferente da educação na relação que eu tive com o meu pai. Mas eu entendo meu pai porque era o jeito, né? A gente demora muito tempo pra entender os pais né, mas depois que meu pai faleceu eu entendi muito bem ele, era o jeito dele, foi o jeito que ele foi criado, entendeu? Ele não era muito de falar, ele era mais da ação, e eu acho que é uma coisa mais eficaz, porque tem o exemplo. E às vezes tu fica falando, falando, e às vezes a pessoa não entende, mas eu acho que a ação, o fato em si, eu acho que ele tem mais representatividade do que muitas vezes do que a fala.*

A narrativa da vida de Jamelão expõe práticas habituais de muitas famílias negras brasileiras que não falam sobre negritude e racismo em casa, e mostra como esse silenciamento age na construção da identidade e visão de mundo de sujeitos negros. Como podemos ver a partir deste relato, sujeitos que crescem em famílias atravessadas pelo mito da democracia racial podem subverter o quadro de invisibilidade da identidade negra.

**Quadro 13:** Práticas socioculturais Jamelão

Tema	Passado	Presente
Cultura Negra	Não teve contato até os 18 anos, quando passou a frequentar eventos em espaços populados por pessoas negras	Atualmente busca estar sempre em contato com a cultura negra a partir de livros, filmes, música, entre outros produtos culturais.
Reconhecimento	Sabia que era negro, mas não tinha nenhuma identificação.	Se identifica como negro.
Círculo Social/ Eventos	- Durante a infância e a juventude tinha apenas amigos brancos, mas na vida adulta passou a se relacionar com mais com pessoas negras. - Costumava ir apenas em espaços majoritariamente brancos até os 18 anos quando começou a ir em escolas de samba e festas da negritude.	- Familiares negros e amigos majoritariamente brancos. - Frequenta espaços da branquitude e da negritude.
Estética	Se sentia rejeitado	Não se sente mais rejeitado.

Fonte: Elaborado pela autora

## Dimensões e desdobramentos do relato de Jamelão

### *Passado*

A infância e a juventude de Jamelão foram marcadas por um total afastamento da cultura negra, pois devido às práticas da sua família, estar em espaços culturais da negritude não costumava ser algo recorrente. A não abordagem dos pais sobre as questões da negritude dentro de casa tiveram diversos atravessamentos que resultaram em questionamentos subjetivos e inseguranças acerca da sua identidade.

Pelo fato de conviver em espaços em que a branquitude era a norma e a negritude exceção, Jamelão costumava ter apenas amigos brancos, e só começou a conviver e se relacionar com pessoas negras quando passou a frequentar ambientes como escolas de samba, pagode e festas *black*. As complexidades da trajetória do engenheiro nos mostram que a aproximação a produtos culturais negros foi positivo para a sua identidade e autoafirmação.

Ainda que soubesse e se reconhecesse como negro, o engenheiro não compreendia as dimensões e alcances na construção de sua identidade. Dentre os diversos atravessamentos ao fato dele não entender sua negritude ele acabava se sentindo rejeitado no âmbito afetivo nos espaços elitizados e brancos que frequentava, mas ainda assim ele conta que no bairro em que residia se sentia mais confortável. O afastamento da negritude resultou na formação de uma identidade em conflito, durante um tempo considerável o fez, que a cultura da branquitude

### *Presente*

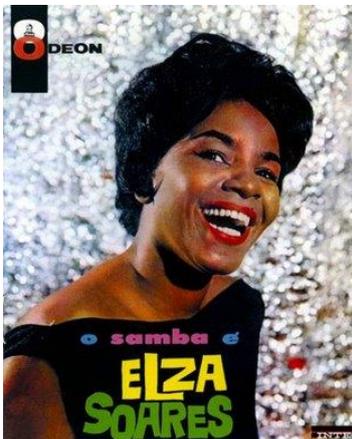
O contato mais próximo com a cultura negra fez com que Jamelão não apenas quisesse estar próximo de seus pares, mas também compreendesse e buscasse mais conhecimento sobre a negritude. Atualmente ele busca consumir produtos culturais e midiáticos de temática negra, ou que pelo menos tenham alguma representatividade. Parte desse comportamento se aporta na sua curiosidade, e na preocupação que ele tem em relação aos filhos.

Jamelão não se autodeclarou durante o seu relato, mas se reconhece como negro por diversas, ainda que mencione que tinha amigos pretos como ele. É provável que os conflitos identitários de raça e classe, em paralelo aos discursos da branquitude aos quais ele foi exposto nas instituições e em casa ainda ajam na sua subjetividade. Ciente sobre as questões sociais dos parentes, o engenheiro tem bastante proximidade com seus familiares que fazem parte de seu círculo social, assim como seus amigos brancos. E ainda que se reúna com esses amigos, hoje em dia já não aceita mais alguns discursos, e é bastante incisivo com os colegas quando se trata de temas da negritude.

Por entender minimamente que as diferenças raciais atravessam os sujeitos negros diretamente, ele não se sente mais rejeitado, como costumava quando permeava espaços majoritariamente. Contudo ainda frequenta alguns espaços devido às questões de trabalho e costumes, mas busca equilibrar, sempre que possível, e procura se fazer presente em ambientes de cultura negra também.

A trajetória de Jamelão nos mostra que, futuramente, o engenheiro buscará fortalecer a identidade negra em muitos cenários e ocasiões. Contudo, é no seio familiar, principalmente no ensinamento que ele passa para os filhos, as futuras gerações de negros, que será possível visibilizar a cultura negra e passá-la adiante.

### 8.9. Elza Soares: a publicitária (23 anos, preta, classe baixa)



**Figura 12:** capa do vinil O samba é Elza Soares (1961), de Elza Soares (1930-2022), cantora.

Fonte: reprodução

Elza Soares é uma mulher que se autodeclara preta, mesmo tendo a sua pele clara. Seu relato expõe o fato de que, assim como a jovem, muitos brasileiros não têm dúvida de sua negritude, ainda que frequentemente sob contestação, julgamentos e constructos sobre pessoas negras de pele clara, ainda assim defendem o seu direito à pertença negra.

O núcleo familiar da jovem publicitária é composto por ela, o pai, um homem preto, funcionário público, a mãe, uma mulher branca, técnica de enfermagem e a irmã mais nova, de 12 anos, e todos residem no bairro Hípica na zona sul de Porto Alegre. Devido ao fato do pai e da família paterna serem pretos tanto ela, como a irmã, mesmo tendo a pele clara, se reconhecem como pretas.

Elza conta que nasceu e cresceu na Restinga, bairro periférico do extremo zona sul da capital, onde segundo ela, a população é predominantemente negra. Ela conta que cursou o Ensino Fundamental até a sua 8ª série em uma escola particular do bairro, pois os pais enxergam o desenvolvimento cognitivo dos primeiros anos como um investimento. A escola era majoritariamente populada por estudantes caucasianos, e nesse período ela andava com um grupo de 4 amigas, formado por ela, uma menina preta e mais duas outras brancas, e elas continuam amigas até os dias de hoje.

O plano dos pais é proporcionar à irmã mais novas as mesmas oportunidades que ela teve, com isso eles mudaram do bairro há 7 anos atrás, em busca de uma boa escola para a irmã, que atualmente estuda em uma escola privada, e, também para facilitar a locomoção de todos, mas sempre retornam, pois os parentes ainda moram lá. Ela tem o desejo de um dia voltar a morar no lugar onde cresceu, visto que para ela que sempre teve liberdade para andar pelo bairro era maravilhoso. Contudo ela fica muito revoltada com a forma como a mídia retrata a Restinga, porque o lugar não se resume apenas a tráfico, roubo e violência, dado que, existe toda uma comunidade evoluindo e se fortalecendo diariamente, e não vê todo o perigo que quem não é do bairro costuma falar que tem.

No seu Ensino Médio, a família compreendia que o valor de um curso de graduação seria muito alto, então os pais se organizaram para que a jovem realizasse essa fase dos estudos

em uma escola pública, com o intuito de que ela pudesse concorrer à uma bolsa de estudos do programa Prouni. Ela menciona que tinha bastante amigos e que não sofreu com a mudança de escola, pois compreendia que a mudança de escola era um ciclo comum e natural.

Já no período da faculdade ela viu o cenário mudar consideravelmente, pois o curso de Publicidade e Propaganda que a contemplava no programa de bolsas do governo, ofereceu a ela uma vaga em uma universidade privada do outro lado da cidade, na zona norte. Com isso, logo no início da graduação ela começou a perceber as diferenças da sua realidade para a dos colegas.

*[...] eu tinha que sair do trabalho às 18 horas e para ir à faculdade eu pegava 2 ônibus e para voltar mais 2 ônibus. Eu chegava em casa quase meia-noite. E a maioria dos meus colegas não. [...] a maioria era Uber, era kombi, Até fui ver uma kombi e era completamente fora da realidade para mim, e aí eu vi bastante a diferença que as pessoas têm de classe. A maioria consegue se manter, pagando lanche todo dia, que é um valor que pesa no orçamento durante o mês.*

Ela percebeu que na faculdade havia mais colegas negros do que na escola particular no bairro da periferia onde ela morava e estudava, e ficou um pouco surpresa. Durante o período em que cursava a faculdade, ela também trabalhava em um hospital particular direcionado para um público de alto poder aquisitivo. Nessa época ela conta que tinha um namorado preto e seus colegas de trabalho costumavam questioná-la sobre os motivos que a levavam a namorar um homem preto, já que ela era uma pessoa branca e muito bonita.

Ela se sentiu muito ofendida com essa situação, e acabou pedindo demissão por conta disso, já que ela não se sentia confortável com a ideia de que ela se encaixava ali naquele ambiente, mas o namorado, que foi apelidado de pão torrado pelo chefe e pelos colegas, não era bem-vindo. Atualmente Elza trabalha na parte de criação de uma empresa de chocolate, e gosta muito, mas percebe que as práticas e políticas são frequentemente machistas, e menciona que existe uma certa resistência em mudar modelos e padrões nos veículos de comunicação e propagandas. Ela observou que no escritório em que atua, dos 35 funcionários apenas 6 são mulheres. Em paralelo, conta que sugeriu que colocar pessoas negras e pertencentes a outros grupos sociais em uma das campanhas que desenvolveu, mas teve sua sugestão negada. Com isso ela sente que não tem liberdade, porque a gestão da empresa ainda é muito conservadora.

### **8.9.1. Negritude em contestação: os reflexos da miscigenação racial**

No âmbito dos relacionamentos afetivos, ela namorou só duas pessoas até hoje, o ex-namorado e o atual, e que sempre se interessou por homens negros, contudo atualmente ela namora um homem branco. Ela relata que, apesar de sua preferência por negros, a questão da classe os aproxima bastante, pois eles têm experiências e realidades muito próximas. O namorado estuda na universidade federal, e eles costumam sair para ir ao cinema e em

restaurantes do bairro perto de casa. Segundo ela, eles optam por irem nesses espaços pois não acham que terá uma grande diferença no sabor da comida.

Elza conta que ela e as pessoas mais próximas do seu círculo social costumam ir com frequência em eventos com rodas de samba e pagode, além de festivais de música, e que também sai com os primos da família da mãe e do pai, todos juntos, pois eles são bem integrados. Ela acha que o seu gosto musical foi fortemente influenciado pelos pais, pois eles escutam pagode em casa, e ela costuma sair com os pais em rodas de samba. Mas ela fala que quando era mais nova tinha preferências musicais mais adolescentes, e que durante a infância costumava assistir bastante filmes da Disney. Ela também relembra que, quando viu o filme a Princesa e o Sapo (2009) achou muito legal, contudo, não acha muito confortável o fato de que, a única princesa negra da Disney na época eram uma jovem que precisa trabalhar muito para realizar seus sonhos.

Ainda nesse contexto, a publicitária conta que quando quer consumir notícias e informações importantes ela busca páginas de grandes veículos de comunicação, como o site do G1, o portal de notícias online da Rede Globo. Além disso ela também busca se informar no *Twitter*, e no perfil e site do *influencer* Hugo Gloss, pois segundo ela, as redes sociais dele abordam tanto amenidades como notícias importantes.

Nos sites de redes sociais Elza relata que segue páginas e perfis que abordem temáticas relacionadas à estética, cabelo, maquiagem e roupas, e gosta muito de conteúdos de moda em geral. A publicitária procura seguir *influencers* com o tipo de cabelo e tom de pele parecidas com a sua. Segundo ela, o fator da negritude não influencia suas práticas no ambiente online, e que ela só segue perfis e pessoas com quem ela se identifica, com isso, muitas vezes ela não costuma pensar muito nesse contexto quando decide acompanhar as personalidades e perfis nos sites de redes sociais.

A questão estética é algo que foi mencionado por ela algumas vezes. Ela conta que tinha os cabelos crespos, mas que fez um procedimento de relaxamento capilar aos 14 anos de idade, e passou a usar os cabelos soltos com frequência, algo que não costumava fazer, mas por ter que ficar molhando os cabelos frequentemente, e também pela falta de produtos para cabelos crespos na época, ela ainda não se sentia bem. Após insistir muito para que os pais a deixassem fazer uma escova progressiva, aos 16 anos ela fez o primeiro procedimento químico de alisamento, ritual que ela repete até os dias de hoje. Contudo, ela se incomoda muito com o fato de as pessoas falarem e acharem que ela alisou os cabelos porque não se aceitava. Na sua visão o pensamento dessas pessoas não é verdade, pois eles não a conhecem e sequer buscam compreender ou questioná-la antes de opinarem sobre a sua decisão, pois para ela a opção de

manter os cabelos lisos é meramente estético e, também se justifica pela questão de praticidade. Ainda que não se arrependa dessa escolha, ela relata que se antigamente tivesse mais opções de produtos para cabelos crespos no mercado, como nos dias de hoje, provavelmente não teria realizado o procedimento de alisamento.

Em paralelo, ela relata que a irmã é bem parecida com ela, e assim como ela, se autodeclara preta. Recentemente uma colega de escola da irmã chamou a caçula de macaca, e a mãe rapidamente decidiu levar a caçula ao salão para fortalecer a autoestima da menina.

Para ela, as pessoas de famílias miscigenadas podem se autodeclarar pretas ou pardas por conta do tom seu de pele, ou pela forma como elas se enxergam no cruzamento entre a sociedade e o círculo familiar em que foram criadas. O reflexo desse posicionamento é oriundo do fato de que ela sente que está em um não-lugar, e ainda que não tenha certeza, percebe que esse sentimento em parte é resultado da atitude das pessoas.

*É mais isso mesmo, de tipo, de acharem que eu não posso ser preta, que eu tenho que me declarar branca, mas eu não sou. Tipo ah, tem cabelo liso, não tem? Há muitas vezes eu já escutei isso, não tem nariz de negão. Mas gente, a minha mãe ainda é branca. E não é porque meu nariz não é, porque eu não sou, entendeu?*

*[...] eu agora até evito ir em alguns lugares por conta disso, porque me sinto extremamente ofendida quando falam que “ai para de te dizer que tu é preta, porque tu não é, tu é uma pessoa branca”. Pra mim soa o máximo de ofensa que pode chegar. E eu tentava argumentar com a questão do racismo, em questão das cotas, ninguém aceitava. Ninguém achava que... “ai porque eu sou branco. Eu também sofro preconceitos, se eu vou de chinelo no mercado”. Sendo que não é verdade, entendeu? É um argumento super raso.*

Para ela, a forma como as pessoas tentam impor a ela seus valores e opiniões a insultam, e tem a impressão de que o discurso da sociedade impõe a ela, tanto pela classe, como pela raça, que ela se encaixe em grupos de pertencimento pré-definidos, contudo, ela não se sente confortável em espaços direcionados para pessoas com poder aquisitivo alto, ela sente que não se encaixa. Ela expõe que também já ouviu em alguns lugares frequentados majoritariamente por pessoas pretas, que não deveria estar lá, pois muitos a leem como uma jovem branca, mas ela aponta que não se identifica assim. Com isso, ela tem evitado de frequentar alguns locais e festas que gosta, como foi o caso do dia em que ela foi ao pagode na esquina da sua casa, que ela costumava ir e ouviu que não deveria estar ali porque ela era branca.

*[...] fiquei meio sem reação, porque quando muitas vezes, tu fala, tu vê na televisão, imagina que essa mulher vai falar esse bando de coisa e que tu vai ficar quieta, mas na hora tu fica. E, se tu é discriminado, acho que ainda é pior quando tu tem a pele preta, e as pessoas querem te retirar do lugar, por conta de ser um lugar predominantemente branco. Acho que não me senti tão mal porque ainda me identificava com as pessoas que estavam ali. Mas imagina tu estar num lugar em que tu não te identifique e ainda ter pessoas querendo te retirar dele, deve ser horrível.*

A publicitária também relata que, certa vez foi com um amigo preto em uma confraternização dos colegas em um espaço cultural e gastronômico direcionado para o público

jovem da classe média alta e perceberam que a única pessoa preta além deles estava limpando o chão. Na sua opinião não faz sentido algum estar e gastar o seu dinheiro em lugares assim, então ela prefere estar em local majoritariamente frequentado por pessoas negras porque se sente mais acolhida, ainda que passe por algumas situações desconfortáveis às vezes, e sinaliza que em outros recintos ela percebe que se bloqueia e fica desconfortável. Elza não sabe explicar o motivo desse desconforto, mas acredita que ele pode se dar tanto pela questão da classe, como da criação, mas que de forma alguma consegue se sentir à vontade em espaços mais caros e seletivos.

Nas últimas eleições ela conta que não votou em nenhum candidato negro, pois suas motivações políticas buscaram candidatos que prezassem pela educação e saúde. Na sua visão a questão do racismo e do preconceito estão intrinsecamente relacionados às pautas da educação.

*O negócio que... Eu acho que a questão de entrar em pauta, a questão do racismo ou preconceito em geral envolve também a educação, porque sabemos que quem, a maioria das pessoas que estão na UFRGS, muitas vezes são pessoas brancas e de uma classe mais favorável. Então eu acho que a partir do momento que a gente fala do racismo, a gente também coloca em pauta a educação, e o que que está faltando para as pessoas de periferia, pessoas pretas que não tem acesso a isso*

O relato de vida de Elza mostra que o pertencimento racial, por ter se estabelecido e consolidado desde cedo em casa não é um problema para ela, e sim para os outros, e ainda que se sinta ofendida em algumas situações, ela não pensa em se afastar ou negar sua negritude. Com essa história de vida podemos identificar que para pessoas negras de pele clara está reservado um não-lugar, mas que isso não acaba sendo um fator que os afasta da cultura da negritude.

**Quadro 14:** Práticas socioculturais Elza Soares

Tema	Passado	Presente
Cultura Negra	Aprendeu em casa os valores da cultura negra.	Olhar mais voltado para a questão da classe e da educação.
Reconhecimento	Sempre se autodeclarou preta.	Continua se autodeclarando preta, apesar das contestações alheias.
Círculo Social/ Eventos	Fazia parte de grupos sociais mistos, com pessoas negras e brancas, e ia com frequência a festas de samba e pagode.	Frequenta diferentes tipos de eventos, mas evita ambientes direcionados para o público de classes altas.
Estética	Não gostava do cabelo crespo natural. Aos 14 anos fez um relaxamento químico e aos 16 alisou os cabelos quimicamente.	Cabelos alisados quimicamente por questão de praticidade, mas ainda que não se arrependa acredita que não teria feito o procedimento atualmente.

Fonte: Elabora pela autora

## **Dimensões e desdobramentos do relato de Elza Soares**

### *Passado*

Fruto de um relacionamento interracial, nascida e criada em um bairro da periferia porto-alegrense majoritariamente negro, Elza acabou desenvolvendo sua identidade a partir de suas relações e experiências com o ambiente em que cresceu. Suas aproximações e identificações com a cultura negra foram construídas no seio familiar, e estão diretamente conectadas à cotidianidade. Com isso, a publicitária, sempre se autodeclarou preta, pois compreende que o fato do pai preto a possibilita pertencer a esse grupo étnico racial.

O hábito de frequentar espaços predominantemente populados por pessoas negras com a família foi de suma importância para que construísse sua compreensão sobre negritude, ainda que fizesse parte de grupos mistos no ambiente escolar. É provável que o território, o bairro Restinga que é predominantemente negro, tenha sido um fator fundante na sua construção identitária e cultural, assim como possibilitou a ela o sentimento de pertencimento. Isso nos mostra a relevância do território na constituição das identidades, pois ainda que a pele de Elza seja clara, em nenhum momento ela consegue se autodeclarar branca, mesmo que algumas pessoas a leiam assim.

Contudo, é preciso pontuar que parte dessa aproximação talvez esteja relacionada também com a questão da classe. Ainda que ela pertença a uma família de classe baixa, ela mencionou a existência de um planejamento familiar, que talvez seja possibilitado pelo capital cultural da família, pelo poder aquisitivo, ou até mesmo pela participação ativa de ambos os pais, algo que em muitas famílias da periferia, por vezes não é tão comum, uma vez que muitas delas são chefiadas apenas por mulheres em duplas jornadas de trabalho.

O motivo da insatisfação de Elza em relação aos seus cabelos crespos não foi explicitado por ela. Mesmo buscando alternativas para diminuir o volume de seus cachos, ela relata que não se sentia confortável com o hábito de ter que molhar os cabelos frequentemente para que eles permanecessem na estética padrão da época. Talvez esse descontentamento repousasse na busca por um volume que ela, e os outros julgassem aceitável.

### *Presente*

O contato com outras culturas e relações fora da comunidade em que Elza nasceu e cresceu, trouxe a ela a necessidade de enfrentar realidades diferentes da sua, e isso não modificou seu pensamento, contudo possibilitou a ela não apenas perceber, mas também

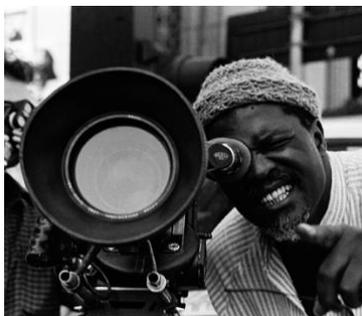
experienciar outros espaços para além daqueles em que ela já estava habituada, com isso passou a olhar mais e consumir outras culturas.

Por meio do contato diário com outros cenários e questões relacionadas à vivência e rotina acadêmica como alimentação, transporte e acesso à educação que ela passou a refletir sobre as distintas realidades e distinções entre ela e os colegas. Apesar de não se sentir confortável em espaços mais caros direcionados para o público da classe alta, ela circula de vez em quando nesses espaços, e seu círculo social ainda é bastante misturado, mas Elza menciona que se sente melhor em ambientes na negritude.

A publicitária ainda se autodeclara preta, e não vê motivos para pensar diferente disso, e aponta que o processo de alisamento químico de seus cabelos não diminui a sua negritude, porém, devido ao tom claro de sua pele, e dos atravessamentos acerca do discurso estético da negritude, ela já não frequenta mais alguns espaços como antes, mesmo que ainda goste.

### 8.10. Zózimo: o cineasta

(27 anos, preto, classe baixa)



**Figura 13:** Zózimo Bulbul (1937-2013), cineasta, ator, produtor e roteirista.

**Fonte:** reprodução

O relato de Zózimo demonstra como as futuras gerações de artistas negros têm se organizado racialmente para abordar as questões e urgências de grupos sociais minoritários. É por meio da arte que muitos sujeitos negros têm buscado formas de sobreviver e resistir às diversas opressões de classe e raça no Brasil, e através da aproximação de seus pares a comunidade negra têm buscado articulações em diversos campos do conhecimento para manifestar suas autoafirmações na sociedade.

Zózimo é um jovem preto gay que nasceu e cresceu na cidade de Porto Alegre. Filho de um homem indígena, metalúrgico, e de uma mãe preta, dona de casa, o jovem conta que seu núcleo familiar mais próximo é composto pela mãe, o padrasto, a avó e o tio, que moram no mesmo pátio, contudo em casas separadas.

Depois que o pai veio a falecer em um acidente de carro em 2018, a mãe começou a se relacionar com o padrasto, que atualmente reside com ela, mas Zózimo mora sozinho em seu apartamento. Ele conta que a mãe e o pai foram casados por 19 anos, mas que durante esse tempo o pai infernizou bastante a família, e relembra que por vezes quando eles estavam tranquilos e reunidos as coisas desandavam por causa das atitudes do pai. Com isso, Zózimo relata que sua infância foi bastante conturbada por conta das situações de violência doméstica.

A família paterna é de origem indígena, e ele conta que via seu pai como um homem bugre<sup>26</sup>, “*bugrão*” nas palavras dele. Já no lado da mãe ele menciona que todos os familiares são pretos, ainda que a avó venha de uma família negra de pele clara, o avô materno e seus parentes eram todos retintos. A questão racial sempre foi muito forte em casa, ainda que aponte que os pais não fossem racialmente letrados e nem tivessem consciência política sobre os assuntos da negritude, o tema sempre foi muito latente. Atualmente ele percebe que a mãe é mais atenta às demandas e adversidades enfrentadas pelo grupo social ao qual faz parte. Ele

<sup>26</sup> Termo popularmente utilizado para se referir a pessoas que apresentam características físicas indígenas, contudo, o sentido também emprega uma carga depreciativa à comunidade indígena e insulta as práticas culturais e sociais deste grupo, uma vez que os denomina como sujeitos selvagens, não civilizados e traiçoeiros. **Ver mais em:** GUISSARD, Luís Augusto de Molão. Bugre, um João-ninguém: um personagem brasileiro. Revista São Paulo em Perspectiva, 13(4) 1999, p. 92-99.

acredita que parte desse posicionamento contundente e reconhecimento dos pais em relação à negritude se aporta no fato de que quando mais jovens, a mãe costumava frequentar bailes charme, e o pai, em casa costumava escutar pagode e *black music*.

Zózimo recorda que quando tinha por volta dos 5 anos de idade, quando questionado sobre a cor de sua pele ele costumava dizer que era enferrujado, mas um dia ela o colocou sentado no sofá de casa e disse a ele: “*tu não é enferrujado, tu é negro. Para com essa palhaçada*”. Ele narra que vem de uma família de trabalhadores e que nunca lhe faltou nada, mas que também não teve grandes acessos e luxos, o que ele tinha era acesso a livros, computador e lembra que a televisão estava sempre ligada. No âmbito do lazer e férias, o máximo que a família fazia era viajar para as praias localizadas no litoral norte gaúcho.

Ele considera que na infância foi uma *church girl*, ou seja, uma garota da igreja, pois a mãe frequentava cultos e, inclusive teve uma época que a mãe ficou um pouco mais radical no âmbito religioso, mas que agora já está mais tranquila. Ele costumava consumir apenas programas televisivos como telenovelas, filmes da Sessão da Tarde, na Rede Globo e conteúdos de massa. Zózimo recorda que cresceu à sombra do cantor pop Michael Jackson, que era como se tivesse nascido e crescido sabendo quem era o ídolo, pois seu pai gostava muito do cantor, mas a mãe gostava de pagode. Em paralelo, ele acabou crescendo escutando Racionais Mc’s com o tio e seus amigos.

Em um dado momento ele desenvolveu um certo interesse por MPB e então começou a escutar muitos artistas desse estilo musical, mas lembra que o pai e a mãe não tinham esse costume. Ele tem um certo fascínio em buscar e pesquisar músicas e ritmos novos e desconhecidos, mas conta que um dia estava andando pela rua e avistou um DVD pirata da cantora Beyoncé e entendeu tudo, mas não falou o que especificamente. Contudo depois de virar um grande fã da cantora estadunidense ele começou a consumir mais músicas e divas pop, e passou a refinar um pouco mais seu gosto musical. Ele gosta bastante de funk e samba, e aprendeu a escutar e apreciar reggae com o seu tio, mas nunca conseguiu pertencer a uma tribo musical porque ele acha que a estética da maioria delas, como *emo* e *rock’n roll* não o contemplava

Na adolescência começou a consumir mais canais fechados e cultura pop, e que cresceu vendo o pai enlouquecido e assistindo incansavelmente o filme *Blade* (1998). Já ele assistia filmes bem bobos e tudo que estava na mídia, e recorda que gostava muito de *blockbusters* e filmes como *Harry Potter*, e que esperava a sua cartinha chegar, mas percebeu que quase não tinha bruxos negros nos filmes. Seu filme favorito é *Ó, pai ó* (2007), pois para ele o filme é a síntese do Brasil.

O jovem estudou por quase todo o Ensino Fundamental e Médio em boas escolas públicas, e sempre teve professora negras. Além disso ele conta que a escola tinha uma conexão direta com a comunidade e que as instituições em que estudou tinham muitas atividades extras para os alunos, que iam desde oficinas de teatro a bandas de fanfarras, e ele participava de tudo que era possível. Zózimo acha que, por ser de uma geração mais progressista e flexível, não sentiu que sofreu preconceito em relação à raça, mas menciona que sofreu muita homofobia.

No Ensino Médio ele aponta que ficou mais introspectivo, e que fazia amizades com facilidade, mas que era um menino bem quieto e tranquilo que acabava passando sempre despercebido. Ele conta que ser amigo das meninas que eram paqueradas pelos meninos mais encrenqueiros era uma de suas estratégias de sobrevivência para não ser perseguido.

Zózimo passou a pensar sobre amizades de forma crítica a partir da faculdade, e aponta que nesse período seu círculo de amizades era composto por pessoas heterossexuais, cisgênero e brancas. Com isso, ele começou a ficar mais antenado sobre o fato de que as pautas nunca eram sobre ele ou sobre temáticas que lhe atravessavam.

*Por exemplo se tivesse uma festa, ou algum rolezinho de amigos eu sabia que, ah muito provavelmente eu não vou ficar com ninguém lá eu não vou flertar com ninguém lá tipo nada vai acontecer pra mim aqui. O papinho no outro dia, as conversas no outro dia não vão ser sobre a minha vida, sobre a minha existência ou sobre as minhas questões, ou sobre coisas que no geral me interessem. Então isso se perpetuou durante um tempo.*

A partir do momento em que identificou como era invisibilizado por esse grupo de amigos passou a buscar se aproximar de pessoas com quem ele se identifica, ou seja, de pessoas negras e LGBTQIA+, mas observa que essa é uma conquista recente que começou após a pandemia. Hoje em dia apenas as pessoas mais íntimas frequentam a sua casa, e para que se estabeleça uma amizade é preciso que os sujeitos partam de pelo menos um mesmo universo que ele, ou seja, que ele tenha algo em comum para compartilhar.

Ele conta que começou a trabalhar com 16 anos porque queria ter o seu dinheiro e decidir o que fazer da sua vida, como e quando. Após terminar os estudos ele optou por ficar trabalhando sem se preocupar com os estudos. Nesse período ele começou a trabalhar em uma escola de inglês onde todos os seus colegas, que eram brancos que já tinham uma graduação ou estavam cursando, falavam que ele tinha muito potencial e deveria entrar na faculdade também.

Depois que seu pai faleceu, ele e sua mãe começaram a pensar em investir em sua graduação, pois perceberam que sem um curso superior ele não teria muitas possibilidades. Para o jovem a sua entrada não foi uma trajetória linear, até mesmo pelo fato de que em sua família não existia a cultura de cursar faculdade. Contudo ele conta que seu pai uma vez disse para ele escolher se queria estudar ou não, mas que não se esquecesse que uma caneta é mais leve do que uma enxada.

### 8.10.1. Enquadrando a realidade: embates identitários

O jovem lembra que desde era criança sonhava e almejava em trabalhar com arte, e o cinema pareceu ser a forma mais segura de se profissionalizar no mercado das artes. Foi pensando nisso que ele criou coragem para ser a primeira pessoa da sua família a fazer Ensino Superior, e se inscreveu no curso Tecnólogo em Produção Audiovisual em uma grande faculdade de Porto Alegre. Ele não acha que ter entrado mais velho na faculdade tenha sido ruim, inclusive acha que os jovens não devem entrar no Ensino Superior assim que saem da escola.

Após o início das aulas ele começou a perceber os obstáculos e problemáticas da área e entendeu que o cinema ainda é um campo que apresenta certa hegemonia e elitismo muito grande, e que as referências utilizadas em aula, em sua maioria são brancas e europeias. Contudo ele entende que a produção audiovisual não se resume apenas a isso, pois o conteúdo de massa existe e oportuniza um leque de possibilidades. A partir desta percepção ele passou a ir em busca de outras perspectivas, produtos que estão para além da indústria e nas margens, pois acredita que se a academia, as salas de cinema e a mídia não o contemplam ele pode ir atrás de outros produtos e artistas que dialoguem com a sua visão e compreensão de mundo.

*E o que eu quero dizer quando eu digo outras coisas é que seja qualquer coisa que não seja branca, é qualquer coisa que não seja hetero normativa qualquer coisa que não seja uma narrativa burguesa [...]E tudo que não seja hegemônico porque eu cheguei na faculdade eu comecei a ouvir sobre Godard, sobre não sei quem e não sei quem é sempre os mesmos, e passa ano e entra ano e é só esses velhos. E aí tu vai ver e é massa, realmente é importante eu olhar, eu estudar e eu entender, mas é que eu acho que tem tanta coisa pra além deles, e tem tanta coisa sendo feita e tem tanta coisa interessante que fala sobre o nosso momento e que dialoga muito mais com a nossa realidade sabe? Por exemplo eu achar um que fala muito mais comigo do que o filme do Godard, sabe?*

A pirataria tem uma grande importância para ele, pois por vezes ela representa a democratização do Cinema, e que possibilita às pessoas consumir outros mercados. Em paralelo, ele critica o fato de, por exemplo, seus colegas pessoas fazerem filmes sobre vampiros em países tropicais como Brasil, ainda que entenda que essas narrativas talvez partam de experiências diversas. Entretanto, ele tenta não se tornar alienado e não fechar os olhos para a realidade, e entende os colegas que fazem esse tipo de filme, mas não se vê e não se sente representado por essas figuras, por isso busca fazer produtos audiovisuais com narrativas mais acessíveis e palpáveis, buscando explorar outras possibilidades.

Zózimo relata que teve bastante problema nas redes sociais e que compreendeu que o uso já estava influenciando a própria vida, e sua autoimagem, e passou a se questionar sobre o que estava tentando parecer, e compreendeu que não era blogueiro e que não precisava entregar

conteúdos e poderia entrar nos sites de redes sociais apenas quando quisesse. Ele sinaliza que esse processo foi muito similar ao filtro que realizou em suas amizades, e acho que foi tudo uma questão de tempo e amadurecimento. Ele lembra que costumava seguir *influencers* brancos e que quando passou a politizar a sua existência e pensar sobre a sua racialidade começou a seguir mais *influencers* negros que não eram tão populares, e hoje busca se conectar a perfis não necessariamente políticos, mas que apresentem conteúdos politizem as suas existências. Outro tipo de conteúdo que ele passou a acompanhar foram os de abordagem indígena, pelo menos para se informar sobre o que está acontecendo.

Na sua vida afetiva, como homem preto e gay, ele narra que sempre se relacionou escondido e que por vezes as relações chegavam a ser até insalubres, mas a mãe sempre foi muito aberta a conversar sobre sexo, e não sobre sexualidade, mas eles sempre dialogaram sobre educação sexual.

*A gente vai crescendo meio despreparada e se descobrindo e no meio disso, transando às vezes, e aí se confunde tesão com afeto e se confunde. Às vezes tu quer afeto e na verdade só encontra sexo. No início, até tu se entender e entender como funcionava não foi legal, eu não considero experiências legais no início. E, também e muito pelo fato também de ser um gay preto né? Preciso falar sobre isso, estando em Porto Alegre. Então, muitas vezes o afeto me foi negado e é só a questão do sexo e tipo ser totalmente sexualizado dentro desses espaços e reduzido a pau. Sabe? No português no meu português é isso. E dentro dos aplicativos, né? É a antessala do inferno*

Para ele é muito complexo, pois nos aplicativos ele encontra todo o tipo de pessoas, e que a vida afetiva acabou passando por esse filtro, pois ele acha que muitas vezes algumas pessoas que participam da cultura gay acreditam que os relacionamentos não abrangem afeto, e muitos indivíduos buscam só a prática sexual. Entretanto, ele teve uma virada de chave a partir de 2016, e não quis mais ser reduzido a um cardápio, e fala que isso também isso passa pelo seu uso nos sites de rede social, assim como pelas amizades, pois busca ser tratado com cuidado e afeto, então começou a fazer outras procuras. Ao mesmo tempo ele percebeu que existia um movimento, uma espécie de corrente entre gays pretos que buscavam se valorizar e se relacionarem entre si.

Com isso ele passou a fazer amizades e se relacionar afetivamente com pessoas negras e LGBTQIA+, e sentiu como se tivesse sido elevado a outro patamar, pois não se via mais apenas como um pedaço de carne. Depois disso ele teve seu primeiro namorado, um jovem negro, e é nesse espaço simbólico onde ele se sente mais confortável e a vontade, mas não necessariamente seguro.

*[...] se eu tiver que me relacionar com alguém e ter problemas eu quero ter problemas de relacionamento, tipo assim eu quero discutir porque sei lá porque a pessoa me traiu ou porque eu traí a pessoa, ou porque tivemos problemas ligados a relacionamento e não por causa de racismo.*

No presente ele gosta muito de passeios culturais gratuitos, e vai a festas technos em lugares abandonados. Um dos lugares que ele mais gosta no momento é um tipo de baile charme da geração dele, que ocorre no 4º Distrito da cidade de Porto Alegre, e no evento, que toca música negra e visa promover a identidade negra, busca também promover questões política da negritude. Ele conta que um dos pilares da festa é o respeito e que o evento é aberto para todas as etnias e gêneros, mas a prerrogativa é que as pessoas não se esqueçam que é uma festa negra.

Hoje ele entende que precisa se posicionar, e que isso é fundamental para compreender em que tipo de negócios gasta o seu dinheiro. Com isso, ele relata que busca fortalecer movimentos culturais localizados às margens com o intuito de ajudar a ocupar espaços públicos, e mostrar que as minorias não estão sabendo apenas chorar. Em paralelo, ele se sente confortável nesses espaços e tem a impressão de que está entre os seus pares, mas não aprofunda se não complexifica, pois acha que tem algumas pessoas que nunca saem do limbo racial.

Ele narra que durante muito tempo se sentiu bastante insatisfeito com a estética dos seus cabelos e que teve algumas neuroses em relação à aparência da sua pele e buscou profissionais da área como dermatologistas e esteticistas. Contudo, passou a experimentar os cabelos e se aceitar mais a partir do momento em que tomou consciência de que a sua estética não tende a não ser validada em alguns espaços, independente do seu esforço. Mas ao passar a se relacionar afetivamente com pessoas pretas e afrocentrar as suas amizades, ele aceitou e entendeu a sua beleza e desviou o olhar dos padrões de beleza e estética da branquitude, visto por ele como inatingíveis. Ainda que não se sinta plenamente satisfeito, ele luta para tentar manter a sua melhor versão, mas sinaliza que mesmo dentro da comunidade preta jovem percebe a existência de uma métrica simbólica e uma grande exigência de aproximação à estética e performance dos negros americanos.

Zózimo acha que os jovens negros brasileiros confundem a ideia do que é ser negro no Brasil com o contexto da negritude estadunidense, e com isso, e por influência da mídia, acabam invisibilizando a sua verdadeira cultura local. No âmbito do mercado da moda, campo bastante consumido por jovens imersos na cultura midiática, ele sinaliza que tem observado como jovens negros brasileiros são marginalizados. Ele acha que, de certa forma, essa prática é retroalimentada por eles mesmos que, inconscientemente, muitas vezes fomentam a própria exclusão.

*Por exemplo agora indo pra um outro exemplo assim de investimento né? Há um tempo atrás. Eu comecei a perceber que as pessoas estavam falando muito sobre streetwear e quando tu vai ver o é o americano, com o Nike Jordan e tipo um negro americano. Quando na verdade o nosso street é Nick Shox e camisa de time e óculos da Oakley.*

*É o streetwear da favela e é o que as pessoas não gostam e que às vezes sabe? Até excluem assim se a pessoa aparece assim em determinados espaços. Então são eu acho que são esses tipos de movimentos que são meio alienantes, assim, se a gente se baseia muito em uma determinada cultura. E é esse o movimento que eu tento fazer pra realmente não fechar os meus olhos, sabe? Pra minha cultura, pra que me atravessa diretamente.*

Ele busca saber o que está sendo reverberado no Brasil, pois a falta de consumo impacta diretamente na sua subjetividade, e na sua opinião alguns movimentos dialogam pouco com a realidade brasileira, e que por vezes a verdadeira cultura local acaba sendo ocultada. Por fim, para ele, o negro estadunidense está em um lugar de consumo quase inatingível para o jovem negro brasileiro, tanto no sentido aquisitivo, como no sentido de interesses, e por isso atualmente tem buscado consumir narrativas e voltado suas práticas mais para a América Latina.

Zózimo é um jovem sensível, mas também atento às configurações e atravessamentos sociais que o constituem, e de uma forma crítica busca por meio da arte tensionar e articular suas críticas sobre a sociedade. A partir de seu relato foi possível compreender que, para além da contemplação, a arte também opera como um instrumento de contestação e reflexões sobre as inúmeras sujeições as quais a população negra tem sido submetida ao longo da formação da sociedade brasileira.

**Quadro 15:** Práticas socioculturais Zózimo Bulbul

Tema	Passado	Presente
Cultura Negra	Aproximação através de produtos culturais através da família. Para ele a família era sua grande referência de cultura negra.	Produtos culturais independentes que usualmente se encontram nas margens da mídia.
Reconhecimento	Negro (enferrujado).	Preto.
Círculo Social/ Eventos	- Pessoas brancas, em sua maioria - Festas LGBTQIA+ populadas por pessoas majoritariamente brancas	- Misto, mas os amigos mais íntimos são pretos e preferencialmente LGBTQIA+. - Festas <i>undergrounds</i> que visam promover a identidade e cultura negra.
Estética	Insatisfeito com a estética dos seus cabelos e que teve algumas neuroses em relação a aparência da sua pele.	Passou a aceitar a estética dos seus cabelos e entender sua beleza quando desviou o olhar do padrão estético da branquitude.

**Fonte:** Elaborado pela autora

## **Dimensões e desdobramentos do relato de Zózimo Bulbul**

### ***Passado***

Zózimo via na sua casa, juntamente com a família um sólido pilar de aproximação com a cultura negra, tendo em vista que seus familiares estavam em constante contato com produtos culturais da negritude através da música. Sendo assim ele cresceu escutando Michael Jackson com o pai, samba e pagode com a mãe, rap e reggae com o tio. Devido à miscigenação entre a mãe preta e o pai indígena, ele acreditava que era enferrujado, mas a sua genitora o ensinou a se reconhecer como negro. Com isso podemos ver que a família teve um papel muito importante no estabelecimento das práticas e perpetuação da cultura negra para Zózimo.

Contudo, ele habitava espaços em que a maioria das pessoas eram brancas, cuja configuração era muito similar às festas e eventos que frequentava, que eram de caráter alternativo. Ele menciona que nesses ambientes também havia a presença de outras pessoas negras, mas que esses indivíduos, assim como ele, não buscavam se aproximar de seus pares, pois ainda não existia um movimento jovem de fortalecimento da identidade negra. Sendo assim ele acabou internalizando alguns padrões da branquitude que impactaram diretamente na sua subjetividade. Dentre eles o padrão estético de beleza foi um dos pilares fundantes de suas insatisfações pessoais, pois Zózimo se sentia bastante insatisfeito com os seus cabelos e incomodado com a aparência da sua pele.

### ***Presente***

Atualmente Zózimo mudou suas práticas e padrões consideravelmente. Ele tem buscado se aproximar, e para além disso, compreender as dinâmicas e configurações da negritude em diversos campos. Por ser um jovem gay preto, ele busca consumir produtos culturais que dialoguem com a sua identidade e narra que normalmente só consegue ter contato com bens culturais que versam sobre temáticas diversas nas margens da mídia. E a pirataria possui um papel relevante nessa busca, pois ela facilita o acesso ao público, que assim como ele, busca consumir outros produtos, mas não possui recursos financeiros para aquisição de ingressos caros. Com isso podemos ver que, ainda que o debate acerca identidade e cultura negra esteja em alta, ainda assim muitos de seus produtos e bens continuam às margens da mídia e muitas vezes até inacessíveis ao público.

Hoje ele se reconhece como preto, e aponta que esse reconhecimento é reflexo da sua busca por consumo de cultura discursos da negritude, que foi despertada durante a pandemia. Com essa aproximação e as novas experiências, conseqüentemente ele passou a aceitar a

estética dos seus cabelos e narra como compreendeu que nunca alcançaria o padrão estético da branquitude. Após o direcionamento de seu olhar acerca da sua identidade, ele também passou a frequentar eventos e espaços que promovem a cultura negra. Zózimo tem um olhar muito crítico em relação à sociedade que o cerca, e ao buscar conteúdos e produtos que dialoguem com a sua identidade, passou a compreender as especificidades identitárias de cada grupo social que o atravessa, e isso resultou diretamente em suas práticas de consumo, assim como também reflete também em sua recepção e crítica social.

Ao observarmos tanto o passado, como o presente de Zózimo podemos perceber que o direcionamento do seu olhar para a sua identidade refletiram positivamente na sua subjetividade e também tiveram impactos em suas relações. Sendo assim, podemos presumir que futuramente o fortalecimento da identidade e culturas de grupos minoritários dos quais ele faz parte, irão impactar diretamente em suas práticas, assim como nas produções artísticas e nas questões sociais que o cercam.

### 8.11. Maria Firmina dos Reis: a técnica de enfermagem

(60 anos, parda, classe baixa)



**Figura 14:** Carimbo comemorativo do perfil representativo de Maria Firmina dos Reis lançado em homenagem ao Sesquicentenário de nascimento de Maria Firmina dos Reis, no jardim do Museu Histórico do Maranhão em São Luiz, MA. Maria Firmina dos Reis (1825-1917), considerada a primeira escritora romancista negra, autora do livro *Úrsula* (1859).

**Fonte:** reprodução

Maria Firmina é uma mulher que sabe que é negra desde que nasceu, e que se reconhece como parda porque entende que vem de uma família negra. O relato a seguir conta uma história única, mas que é compartilhada por muitos cidadãos brasileiros oriundos das cidades do interior do país, e que migram para as capitais em busca de oportunidades de trabalho, e que visualizam neste movimento a única oportunidade de sair da vulnerabilidade social e buscar melhores condições de vida.

Nascida do interior do estado do Rio Grande do Sul, na cidade de São Gabriel, na região sudoeste do estado, Maria Firmina tem uma irmã gêmea, mas conta que no total seus pais tiveram 13 filhos, e ela foi a quinta criança a nascer na família.

Seu pai, um homem preto de pele retinta, trabalhava em um frigorífico da região e costumava escutar músicas gaudérias, estilo musical tradicional da cultura gaúcha e cantores conhecidos do gênero. A sua mãe, uma mulher parda, dona de casa e se dedicava integralmente aos cuidados dos filhos e da casa.

Ela conta que o seu avô materno fora escravo, e que a família da mãe era da cidade de Lavras do Sul, uma pequena cidade localizada há quase 100 quilômetros de sua terra natal. A família de Maria Firmina era bem humilde, e na sua infância ela conta que eles não tinham muitas comodidades, como acesso à energia elétrica. Ela narra que em casa eles tinham um poço, de onde eles tiravam a água potável e que costumavam lavar as roupas em um arroio, contudo nunca passaram fome, pois além do pai prover a alimentação básica, eles ainda tinham acesso a leite das vacas, práticas típicas dos moradores do interior.

De acordo com Maria Firmina, todos os seus irmãos se reconhecem como negros, alguns com a pele mais clara, outros com a pele mais escura, mas todos cresceram sabendo que eram negros.

*[...] eu nasci numa família de negros, eu sei que eu sou da raça negra, de pele um pouquinho mais clara. Não tem nem como questionar assim.*

*Porque eu lembro assim, ó, quando a gente era menor que a gente era criança que não tinha condições de estar cuidando de cabelo, essas coisas. Eu lembro que o nosso cabelo era aquele cabelo bem grudadinho na cabeça assim sabe? De preto mesmo, então não tem nem o que questionar. Hoje claro, a gente tem essa facilidade, né de fazer uma progressiva, faz uma escova teu cabelo fica mais maleável, mas na época não tinha, só lavava ali com sabão mesmo, nem shampoo não tinha, então naquela época o cabelo era bem original mesmo, né?*

Ela e os irmãos estudaram em uma escola próxima à casa da família até a 5ª série, e eram amigos dos colegas de escola, que eram majoritariamente negros, ainda que fosse bem mesclado. Como não tinham televisão naquela época, as crianças costumavam se divertir com os recursos que tinham na região.

*as culturas da gente era correr no pátio, brincar de rodinha não tinha essa coisa de leitura, de assistir desenhos, essas coisas. A gente brincava, ia tomar banho no rio, essas coisas bem de infância do interior e de quem não tem muito dinheiro, né? Pular sapata, essas coisas bem do interior mesmo, há quase 60 anos atrás né?*

Para ela a cidade era no fim do mundo e não tinha muito o que fazer. Como residiam no interior da cidade de São Gabriel, cujo acesso e transporte público eram moderados, para dar continuidade aos estudos, ela e seus irmãos iam para a casa de parentes que moravam na cidade.

*a gente ficava na casa de alguém para poder estudar na cidade, aí ajudava né? Não tinha... como que eu vou te dizer, não era um emprego era uma ajuda porque eram muitos filhos, aí um ia para casa do tio, outro ia para casa do outro, né? Ajudava a família que tava e seguia estudando para poder ter acesso à escola. A gente até vinha [para a casa dos pais], mas era muito pouco ônibus. E aí se tornava caro assim pra pagar passagem e essas coisas. Aí um tempo a gente morava com uns tios que tinha na cidade, e a gente seguia estudando.*

Ao terminar o Ensino Médio, Maria Firmina migrou para a casa de uma tia em Porto Alegre, e começou a trabalhar como secretária no sindicato dos rodoviários, onde atuou por 6 anos. Ela relata que não sentiu diferença na mudança e que achou fácil conseguir um emprego. Depois ela começou a trabalhar em um hospital e conseguiu alugar um apartamento e foi morar sozinha. Nesse mesmo período em que ela atuava na área administrativa do hospital, ela começou a fazer um curso de auxiliar de enfermagem à noite. Depois que finalizou a formação passou a trabalhar em dois hospitais.

Em paralelo, ela conta que foi nessa época que ela começou a ter uma vida social mais ativa, e passou a frequentar discotecas e festas de jovens, assim como também começou a viajar, ir à praia e realizar atividades de lazer às quais ela não tinha tido acesso com a família no interior. Ela ia bastante em discotecas que tocavam músicas de rock, samba e pagode. Ela menciona que era tudo misturado, e que era a música era mecânica, e que também tinha músicas lentas para dançar juntinho.

O seu círculo de amigos sempre foi reduzido e costumava ter poucos amigos, apenas 2 ou 3 colegas próximos, pois sempre foi muito sozinha. Ela conta que nunca teve amigas brancas, suas amigas eram sempre negras, inclusive tinha uma amiga muito próxima que era bem escurinha e as outras eram no máximo pardas, mas que nunca se aproximou das amizades pela cor e sim pelas pessoas.

Até os seus 22 anos, idade em que conheceu o marido, seus relacionamentos eram sempre casuais e sem compromissos, e seus pretendentes eram majoritariamente brancos, mas recorda que se relacionou com dois jovens pardos. Apesar de nunca ter ficado com homens pretos, ela aponta que nunca olhou para a raça e que não pensa nisso. O marido com quem ela tem um relacionamento afetivo há aproximadamente 38 anos, e ela o define como bugre<sup>27</sup>.

*Ele é um meio termo, ele não é nem pra branco, nem pra preto. [...] Na verdade na certidão dele tá branco, mas eu acho que branco, branco... Ele não serve nem pra branco, nem pra preto. Sabe aquele tipo bugre? [...] Eu penso assim, a gente que é preto, a gente normalmente tem cabelo ruim, né, assim cabelo crespo, mais difícil, né? E o cabelo dele é um cabelo liso, ele não tem aquela pele branca, mas o cabelo dele é um cabelo liso.*

### 8.11.1. Entre ser e não ver: a (in)visibilidade da identidade negra

Antes do nascimento do filho, que atualmente tem 25 anos, ela e o marido tinham um apartamento na Rubem Berta, bairro periférico localizado na zona norte de Porto Alegre. Após o nascimento do filho, ela decidiu fazer um curso Técnico de Enfermagem, e relata que no início estudava pela manhã, mas depois teve que trocar para a noite, pois ela e o marido, que era motorista de ônibus, trabalhavam durante o dia, e com isso ela acabava dependendo de alguém para deixar o seu bebê, pois nem sempre os horários da creche coincidiam. Em paralelo ela já havia passado no concurso público para atuar como auxiliar de enfermagem no Hospital das Clínicas de Porto Alegre, onde trabalha até hoje, mesmo já aposentada. Ela conta que foi pensando no filho, que na época tinha 8 anos, que a família resolveu mudar para Viamão, cidade metropolitana de Porto Alegre, pois além do local ser mais tranquilo, a nova residência tinha mais infraestrutura para uma criança.

Ela conta que seu marido é praticante de uma religião de matriz africana, mas que ela e o filho não são adeptos de nenhuma religião, apesar de ambos terem sido batizados na igreja católica.

*Eu fui batizada quando criança na Católica, mas eu não sigo nenhuma religião, eu não sou de igreja nada, meu marido é batuqueiro, e meu filho é que nem eu, foi batizado na Católica, mas também não frequenta nada.  
[...] ele é batuqueiro, se ele precisar alguma ajuda, alguma coisa eu auxilio, mas a crença dele é uma e a minha é outra, né? Sou do tipo assim, eu acredito em Deus e é superior a tudo, então o resto tá abaixo de Deus, mas eu não critico nenhuma religião, cada um segue a sua crença.  
[...] Olha, o pouco que eu sei é o que ele fala sobre os santos, sobre alguma coisa assim, porque*

---

<sup>27</sup> Termo popularmente utilizado para se referir a pessoas que apresentam características físicas indígenas, contudo, o sentido também emprega uma carga depreciativa à comunidade indígena e insulta as práticas culturais e sociais deste grupo, uma vez que os denomina como sujeitos selvagens, não civilizados e traiçoeiros. **Ver mais em:** GUISSARD, Luís Augusto de Molão. Bugre, um João-ninguém: um personagem brasileiro. Revista São Paulo em Perspectiva, 13(4) 1999, p. 92-99.

*eu nunca quis me aprofundar, de ter mais conhecimento sobre isso, né? Então quando ele fala, as coisas que ele fala, alguma eu memorizo, não descreio, mas não creio. Aquela coisa né?*

Apesar de não se envolver muito nas práticas religiosas do esposo, em um dado momento do relato ela diz que acha que deve ser filha de Iansã, pois gosta muito de ouvir o barulho do vento, uma vez que o som a faz lembrar da sua infância no interior.

Ela relata que nos feriados adora ir visitar e rever as irmãs e sobrinhos que ainda residem na cidade em que nasceram. E que tem boas memórias da casa que os pais deixaram, mas que não tem vontade de retornar, apenas visita rapidamente pois acredita que estando aqui há 40 anos já não consegue mais voltar

*então a estrada é de chão, aí eu gosto de porque não tem essa violência toda, gosto de andar de bicicleta naquela estrada sabe? Eu gosto de ir nos lugares que eu ia quando criança, no rio onde a gente tomava banho, lavava roupa, adoro mas eu não quero para morar. [...] Adoro ir para lá, passa trem, essas coisas, sabe? Eu fico contando os vagões do trem quando passa, que nem quando era criança, vou na escola que ainda existe até hoje, a escola onde eu estudei, até tenho uma irmã que trabalha lá como professora. Então essas coisas eu adoro mas só para ir, não para morar.*

Quando as irmãs e os familiares vêm do interior para visitá-la, ela relata que costuma passear com os familiares em lugares turísticos da capital gaúcha como o Brick da Redenção e Usina do Gasômetro. Fora isso não tem o hábito de sair muito, e conta que desde que chegou à capital não frequentou nenhum tipo de evento de cultura negra, mas que sempre gostou de samba e pagode a vida inteira. Em casa não tem o hábito de escutar música, pois dedica seu tempo às tarefas domésticas e com isso menciona que acaba não tendo tempo para parar e escutar música.

Ela conta que de vez em quando vai ao cinema, e a sua última visita foi a um convite do filho para assistir a um filme de super-herói. Contudo, ela gosta muito de telenovelas e assina um canal de *streaming*, pois assim consegue assistir às novelas que gosta quando chega do trabalho. Ela expõe que se informa através de plataformas de redes sociais, e habitualmente acessa o *Instagram* para saber das últimas notícias, mas não busca nenhum perfil específico, apenas abre o aplicativo no celular assiste aos vídeos que vão aparecendo ali, lê as notícias e curte o que é de seu interesse, e repete a prática no *Facebook*.

Por fim, Maria Firmina conta que se aposentou há 7 anos, mas continua trabalhando. Ela tem planos de parar suas atividades laborais daqui uns 2 anos, ou quando o filho engrenar em um bom trabalho e tiver certeza de que ele é independente, porque ele ainda está fazendo faculdade.

Uma senhora dona de posicionamentos firmes, bem ativa e decidida Maria Firmina, apesar de reconhecer sua negritude, não relaciona nenhuma de suas práticas e experiências à

cultura negra. A trajetória da técnica de Enfermagem mostra que mesmo os sujeitos que não buscam se associar às práticas culturais de seu grupo social, inconscientemente se aproximam de pessoas negras de diversas formas.

**Quadro 16:** Práticas socioculturais de Maria Firmina

Tema	Passado	Presente
Cultura Negra	Não mencionou	Não frequenta, ou consome nada com esse objetivo
Reconhecimento	Negra	Parda
Círculo Social/ Eventos	Convivia com pessoas da família e na escola tinha contato com grupos sociais mistos. Frequentava discotecas e ambientes com variados estilos musicais.	Apesar de mencionar que não se relaciona pensando nisso, comenta que nunca teve amizades próximas com pessoas brancas. Atualmente quase não sai para eventos e festas.
Estética	Cabelos naturais	Cabelos alisados quimicamente

**Fonte:** Elabora pela autora

## Dimensões e desdobramentos do relato de Maria Firmina

### *Passado*

A introspecção de Maria Firmina e a objetividade de seu relato quando provocada e convidada a falar de negritude tornou quase impossível acessar os desdobramentos da identidade negra na sua história de vida. Mesmo iniciando o relato mencionando que o avô fora escravizado, as suas experiências cotidianas e relações com a cultura negra não foram abordadas por Maria Firmina, ainda que ela mencione que sempre se reconheceu como preta. Inclusive, é possível apreender que, seu pertencimento ao grupo se dá através do discurso apreendido no convívio com a família, e possivelmente com amigos de escola negros, assim como ela.

A sua disposição para abordar as suas relações com a cultura negra pode nos levar a interpretação de que, talvez as heranças do escravagismo ao qual o avô fora submetido foram tão profundas para a sua família, que não falar sobre o assunto, ou pautá-lo brevemente talvez tenha sido a tática escolhida pelos seus pais e familiares, e adquirida por ela para lidar com as dores dessa experiência enraizada em suas subjetividades. Talvez seja possível supor que, o reconhecimento de sua negritude seja uma forma de orgulhar-se e manter viva a memória e dar importância à participação da família na sua trajetória, assim como a superação do avô frente às dificuldades do período. Contudo, como em muitas famílias, o afastamento da cultura negra

pode ter sido uma forma de sobrevivência, ainda mais considerando a cultura interiorana gaúcha ao qual eles estavam inseridos.

Outro ponto de seu relato que reforça o seu reconhecimento de negritude se localiza no contexto da estética de seus cabelos. Devido ao fato da família de Maria não ter condições financeiras para recursos destinados à compra de produtos de cabelo, assim como ao pouquíssimo acesso procedimentos estéticos na época, seus cabelos eram naturais e grudadinhos na cabeça, e por esse motivo ela não tem dúvida de que ela seja negra.

Dentre as muitas consequências resultantes do discurso negativo sobre a negritude internalizados pela aposentada, que resultaram de diversas formas na sua psique, talvez a estética seja uma das mais subjetivas. É possível perceber que, talvez, além dos pontos citados anteriormente, o discurso negativo sobre a estética do seu cabelo na infância e juventude talvez tenham agido em sua subjetividade a levando ao procedimento químico de alisamento dos cabelos.

Apesar de contar que sempre gostou muito e que ama samba e pagode, a técnica de enfermagem na época de sua juventude costumava frequentar discotecas e festas que tocavam diversos estilos musicais. São diversos os motivos que podem tê-la levado à essa prática, contudo, mais uma vez, é possível identificar que esse movimento está fortemente ligado ao discurso e orientação de afastamento das práticas culturais da negritude. Sendo assim, no neste âmbito, os espaços negros não apresentaram nenhuma relevância para a sua questão identitária.

### ***Presente***

Na atualidade Maria Firmina não realiza nenhuma de suas atividades buscando se aproximar ou se relacionar diretamente com a cultura negra, pois ela compreende que já vivencia essa realidade e cultura desde a infância. O fato da família se reconhecer como negra, assim como o tom da sua pele em comparação com a cor de pessoas brancas, é motivo suficiente para que ela compreenda sua negritude e se reconheça hoje em dia como uma pessoa parda, uma vez que ela não tem a pele retinta.

Para ela o fator racial não tem influência na construção e manutenção de suas relações de amizade ou em visita a quaisquer espaços que ela frequente, ainda que já não saia muito para festas e eventos. Contudo, ao refletir ela expõe e percebe que nunca teve relações de amizade muito próximas com pessoas brancas. Talvez seja pelo âmbito da classe e território, e não necessariamente da raça que a levem à aproximação de círculos sociais negros.

Observando o passado e o presente da história de vida de Maria Firmina vemos que, nem todo o sujeito que se reconhece negro está em busca de aproximação ou relações com a cultura negra. Contudo, mesmo com o afastamento, alguns hábitos consolidados ao longo de sua trajetória mostram que ela se identifica com esse grupo social, mesmo que de forma sutil.

No futuro, é possível que Maria Firmina continue reproduzindo práticas de afastamento cultural da negritude, uma vez que, devido à idade, talvez ela compreenda que seja tarde para resgatar esses laços através de suas práticas.

## 8.12. Wilson Tibério: o estudante

(21 anos, pardo, classe baixa)



**Figura 15:** obra *Autorretrato*, 1941 de Wilson Tibério (1923-2005), pintor, desenhista e escultor gaúcho.

**Fonte:** Website Projeto Afro

Link:<https://projetoafro.com/artista/wilson-tiberio/> Acesso em 30/05/2023.

Wilson Tibério é um jovem negro que se autodeclara pardo por questões sociopolíticas, mas compreende que é preto por questões culturais e pertencimento. Esse conflito identitário é habitual para sujeitos negros que não sabem em qual grupo identitário pertencer dentro da classificação da negritude entre pretos e pardos, e que por vezes se sentem em um limbo identitário.

Filho de uma mulher branca, formada em Serviço Social e de um pai biológico que segundo ele foi comprar cigarro e nunca mais retornou, Wilson vê no padrasto, um homem branco, a figura de pai. Do segundo relacionamento da mãe com o padrasto, ele tem uma irmã mais nova, branca como os pais, e isso colaborou bastante para que muitas vezes ele se

questionasse sobre se era branco ou negro.

Quando adolescente morava com a mãe e o padrasto, mas menciona que cresceu em meio a um choque de culturas, bastante atenuado pelo fato de o padrasto ser militar e natural de Bagé, cidade localizada no Sudoeste do estado do Rio Grande do Sul. Ele conta que o padrasto tem o hábito de afirmar com bastante ênfase a questão da virilidade masculina, contudo Wilson é um jovem gay.

O estudante conta que sempre teve problemas com os pais em relação a sua orientação sexual, e que em 2019, quando fez 18 anos, resolveu sair de casa por questões das diferenças políticas com o padrasto. Segundo ele, o apoio do padrasto aos posicionamentos de Jair Bolsonaro na época das eleições à presidência do Brasil em 2018, e durante o primeiro ano de exercício dele, juntamente com os discursos homofóbicos e preconceituosos do padrasto, que ele considera seu pai, o levaram a sair da casa da família branca. Desde então Wilson mora no bairro São José, zona leste de Porto Alegre, com a avó paterna, uma mulher preta retinta, praticante de religião de matriz africana, que trabalhou quase a vida inteira como recepcionista do hospital de pronto socorro de Porto Alegre.

Durante a infância Wilson foi um menino muito arteiro e narra que aprontava muito e por isso ficava muito de castigo, e que nessa fase ficou um período afastado das visitas habituais à avó e à família paterna, que ele costumava frequentar. Em uma fase da infância ele começou

a ter algumas crises de identidade, e fazia uso frequente de capuz para esconder os cabelos *black*.

Por um período ele narra que viveu apenas em contato com a mãe e a família branca, e com isso ora achava que era branco, ora achava que era negro. Contudo, ele ressalta que a sua mãe é uma mulher branca muito consciente, e que ela sempre assinalou a ele sua negritude. Nesse mesmo período, ainda estudando no Ensino Fundamental, ele conta que, por ser gay sempre foi muito atento e dinâmico. Entretanto, não costumava dar muita abertura para brincadeiras com os colegas de escola, inclusive conta que quando era necessário ele era até um pouco tirano com as pessoas do ambiente escolar para que não fosse alvejado.

Depois desse curto período de afastamento da família paterna, que não durou muito, ele voltou a ter contato e se aproximar da família preta, e conta que esse contato e aproximação o ajudaram a se afirmar naquele espaço como um menino negro. A avó paterna, apesar de não ser muito direta sempre ajudou a situar Wilson a compreender a forma como a sociedade o veria, mesmo ele sendo filho de uma mulher branca.

*a minha vó nunca explicitou por exemplo: Fulano isso aqui é racismo, né? Ela sempre deixou claro que assim existe né? Tipo assim, ela nunca falou que isso vai acabar em algum momento, nunca falou quando começou, mas sempre existiu e que eu sempre tinha que estar preparado para isso. Né? Ela sempre disse assim, “ai por mais que tu seja um sarará de olho claro as pessoas vão saber que tu é um sarará de olho claro”. Ela sempre me falou isso. Ela falou “não te ilude, que vão pensar que tu é branco”, então sempre me falou essas coisas assim você né aqueles discursos que a gente já conhece desde sempre, né? Passar creme para não ficar cinza, não usar capuz, aquela coisa toda, andar sempre muito bem arrumadinho, andar com documento, né? Ela sempre falou que isso ia se fazer presente independente se eu estudasse, se trabalhasse, [...] Então ela sempre falou que né? Por também ter esse fator ser gay, ela falou que as coisas sempre iam ser um pouco piores para mim.*

Os ensinamentos da avó e a vivência com a família preta aos finais de semana foram fundamentais para que ele compreendesse a existência do racismo, mesmo sem entender de fato o que era. Ele conta que esses momentos eram um refúgio e que se sentia muito confortável na casa da avó quando criança. Para ele era mágico estar lá e estar em contato com as tias que costumavam sair para bailes e festas de cultura negra.

*[...] e aquela coisa assim, de ser criança, tipo, vendo elas saindo de um jeito, e elas voltando de outro assim completamente diferentes, com muitas histórias e coisas, e fiquei com Fulano, pensava ‘gente é isso que eu quero para mim’. É isso que eu quero, porque hoje em dia eu entendo, né? Depois que a gente se encontra assim, né? Depois que a negrada, assim, que a gente cria o nosso grupinho de sair, aquela coisa, a gente vê que é uma coisa diferente, né? Porque tem aquela coisa assim de... não é muito além do “se enxergar”, de se ver ali com aquelas pessoas, mas a gente entender que a dinâmica é outra assim que não precisa daquele bê-á-bá, que não tem aqueles olhares diferentes assim, aquela coisa assim que não dá para mensurar, né?*

A grande matriarca da família paterna – uma das tias que faleceu quando ainda era criança, em meados de 2010 –, foi a primeira pessoa da sua família a preta a cursar uma

graduação e era formada em Enfermagem na universidade federal, motivo de orgulho para a família. A irmã mais nova do pai biológico se formou em Pedagogia e sempre foi um grande exemplo para ele, pois ela “subiu na vida”, e hoje atua dando palestras sobre raça e afins em uma grande empresa do ramo de estética e perfumaria. A sua avó sempre disse a ele que era muito importante estudar e ter um diploma, pois o conhecimento é a única coisa que ninguém nunca conseguirá tirar dele.

No período do Ensino Médio Wilson mudou de escola e menciona que foi uma virada de chave e que se encontrou. Foi na nova escola que ele passou a ter o primeiro grupo de amigos negros, ainda que também fosse próximo de uma amiga branca. Nessa turma ele tinha uma amiga preta cuja mãe estudava História na universidade federal, e com isso ele acabou se conectando e se sentindo ainda mais a vontade. Inclusive nesta fase ele passou a se aceitar inteiramente o fato de ser negro.

*E daí quando eu me aceitei, eu disse “ai, que saber? sou negra mesmo É isso aí, né? Quem não gostou bota contra, e foi isso, nesse mood, né?”*

Ao término do Ensino Médio ele estava planejando prestar o concurso de vestibular em uma das modalidades de políticas de ações afirmativas, mas estava muito em dúvida sobre qual curso escolher, então procurou uma mãe de santo negra que fazia sociologia na universidade federal para jogar búzios e ao conversarem ela disse a ele que o seu perfil era de quem deveria cursar Administração Pública Social. Após esse episódio ele foi conversar com a mãe da amiga que o aconselhou a tentar, e ele passou e atualmente está na universidade pública estudando para ser administrador social.

### **8.12.1. Administrando mudanças: relações sociais**

Em relação a sua vida afetiva, ele menciona que sempre foi muito difícil, e que os afetos são bem complicados, e que na adolescência só se relacionava como se fosse escondido, e não tinha perspectivas de ter algo sério e constante com ninguém. Ele nunca teve um relacionamento sério e duradouro, e foi só depois dos 18 anos, já na faculdade quando começou a sair à noite com os amigos e colegas é que ele realmente conseguiu “ficar” (beijar) com alguém.

*[...] é aquela coisa, tu não é visto, tu não é objeto de desejo, tu não é assim o que tá primeiro na lista ali, o mais bonito da sala, então tu pena, até tu conseguir uma coisa, né, então. Olha, nunca namorei, nunca namorei nunca tive assim nenhum relacionamento afetivo [...]*

Contudo hoje em dia ele aponta que as coisas já melhoraram um pouco e que já se vê como um alvo de desejo por parte de pessoas negras, principalmente quando frequenta a região da Cidade Baixa, bairro central de Porto Alegre, e que agora as circunstâncias já são diferentes.

Em paralelo, ele conta que sempre foi muito aberto e que não “pegava” ninguém, mas olhava para todo mundo, e ainda que tenha se apaixonado por um menino preto na adolescência, e que tenha preferência por meninos negros, de vez em quando ele sai com meninos brancos também, pois não está fechado para relacionamentos interracialis. Contudo, Wilson relata que percepção de que a sociedade sempre coloca um empecilho, ou acha algum ponto de tensão quando se fala de afeto de pessoas pretas.

Atualmente ele relata que costuma ir em bares da Cidade Baixa mais econômicos e que nesses espaços com pessoas de diferentes classes econômicas, níveis de conhecimento distintos e identidades diversas sente que tem liberdade e se sente mais confortável em locais não elitizados. Nesse contexto ele expõe que tem frequentado uma balada de jovens negros, e que quando vai, diz sentir uma leveza, por ser um espaço majoritariamente negro, e que se sente em paz.

*[...] em sua grande maioria é gente preta, é um rolê preto, né? Então a gente sabe que ali, por mais que seja um curto período de tempo comparado a tudo que a gente vive, a gente sabe que ali, a gente tá, vamos dizer, acima, né? Que a gente tá na nossa casa, então não tem muito essa coisa de pensar que algum momento pode rolar alguma coisa estranha, um olhar torto. E quando eu digo em paz assim, eu digo uma leveza, né, é de sentir um sentimento de pertencimento mesmo, uma coisa assim de estar com os meus, de poder ficar com pessoas que são parecidas comigo, de conversar, criar amizades com pessoas que são como eu, e é nítido assim, porque [...] é uma coisa que eu não tinha reparado assim que eu pensava que era uma coisa minha da minha cabeça assim. “Ah, eu tô bêbado. Tô viajando”, e ouvir as minhas amigas dizendo lá tu fica com uma paz inabalável.*

Sobre suas práticas de consumo midiático ela relata que sempre assistiu de tudo, e que sempre foi fã de desenhos da Disney. Ele expõe que foi nos eventos da sua família preta. Em que ele aprendeu a escutar e gostar de samba e pagode, e na sua opinião esses estilos musicais se encaixam muito bem em um churrasco de domingo em casa com a família.

Ainda em relação à música, ele diz que escuta muito as músicas da cantora Beyoncé e músicas de artistas negros e negras. Ele ainda relembra que a Beyoncé foi um marco para ele, que sempre a como um espetáculo, mas que se identifica muito com as músicas e trajetórias da cantora *Linn da Quebrada*, pois se vê em algumas músicas dela. Inclusive ele parafraseia uma canção e narra que assim como na letra da melodia diz que sempre se arrumou para ser aplaudido, mas que as pessoas até agora só deram risadas, e que os homens gays negros são sempre colocados em uma posição em que têm de ser engraçados e que nunca serão objetos de desejo. Com isso ele compreende que em algum momento passou a se amar mais e trabalhar acerca de seu amor-próprio.

Por ser uma pessoa fenotipicamente negra e de pele clara, para ele é difícil ser chamado de *sarará*. Segundo Wilson, essa identidade é frequentemente apontada na comunidade negra, e que isso não faz parte do discurso de pessoas brancas.

Atualmente trabalhando em um cargo de confiança do governo do estado do Rio Grande do Sul, ele relata que usa uma outra persona nos espaços de trabalho, e que como é um lugar mais formal, assim como nos espaços elitizados, ele costuma exibir um sorriso, mas que por dentro se sente triste por não poder e nem conseguir expressar verdadeiramente seu estado de espírito e suas opiniões para assegurar sua permanência naquela posição.

A partir disso ele conta que já passou por algumas situações constrangedoras e preconceituosas. Certa vez Wilson estava trabalhando em uma sala e uma de suas colegas que ocupava um cargo superior ao dele teve uma atitude preconceituosa.

*[...] entrou um outro preto dentro da sala, a gente nem tinha muito contato. Eu tava fazendo um trabalho, aí ela assim “Esse aqui é o Fulano. Fala com ele e ele também gosta dessas coisas assim de racismo, de gays”, e eu fiquei assim, gosta? Aí esperei ele sair da sala e falei: “olha só vou te dizer uma coisa isso é racismo institucional, tá? Então eu espero que tenha um pouco de cuidado porque não é só porque tu coloca preto no mesmo lugar que a gente fala de racismo, né? Nem tenho intimidade com ele para fazer essas coisas. Ela disse: “Aí não foi minha intenção, pensei que né se você quisessem discutir sobre”. Eu falei se eu quisesse discutir, eu tinha chegado eu falado “e aí”. Aí fiquei puto, né? Ela morreu pedindo desculpa, e até hoje não me olha direito.*

Para ele esse tipo de situação é um absurdo, e se questiona, até que ponto, enquanto minoria, ele precisa aceitar esse tipo de discursos para continuar trabalhando honestamente, pois para as pessoas brancas esse tipo de discurso e atitude não é um problema e nem os afeta.

Por fim, Wilson conta sobre suas práticas religiosas e dia que, assim como a avó e a família paterna segue a doutrina de religiosidade de matriz africana, e se considera batuqueiro por influência da familiares do pai biológico. Ele relata que sua mãe se mantém espírita porque ela sempre teve uma certa mediunidade, mas que na época em que era casada com o seu pai biológico costumava gostar, mas que depois que se separou e se casou com o seu padrasto se afastou bastante. Entretanto, ela nunca interveio em suas crenças religiosas porque sempre compreendeu seu interesse e entusiasmo pela religião, pois segundo Wilson, ele nasceu para bater sineta e acender vela, e que devido ao fato de a avó ter uma crença e religiosidade muito forte, a religião acaba sendo um amparo que o fortalece e o direciona, pois acredita que os Orixás têm uma intenção e um caminho para cada um e é por isso que ele se sente inabalável.

**Quadro 17:** Práticas socioculturais Wilson Tibério

Tema	Passado	Presente
Cultura Negra	O contato com a família preta de Wilson aproximou ele do universo cultural da negritude, contudo ele também vivenciava os modelos brancos da família da mãe.	A religião de matriz africana é um dos grandes conectores dele com a cultura negra, além da sua própria busca por produtos culturais negros.
Reconhecimento	Ainda que a avó e a mãe falassem que ele era negro, por vezes ele entrou em conflito, e ora achava que era negro, ora achava que era branco.	Preto dentro da comunidade negra e pardo no âmbito institucional.
Círculo Social/ Eventos	A maioria dos amigos eram brancos e não refletia racialmente sobre a constituição racial dos ambientes. Mas ao mudar de escola e passar a fazer parte de um grupo de amigos negros, juntamente com o convívio da família paterna, se sentia mais confortável com a negritude.	Reside com a avó preta, tem amigos majoritariamente negros, e frequenta ambientes que busquem valorizar a cultura negra, ou que pelo menos sejam economicamente acessíveis.
Estética	Escondia os cabelos com capuz	Lida bem com a sua estética negra e se fortalece entre os pares.

Fonte: Elabora pela autora

## Dimensões e desdobramentos do relato de Wilson Tibério

### *Passado*

Durante a infância e parte da sua juventude – enquanto os pais eram casados, e mesmo depois da separação, devido aos movimentos da avó –, Wilson esteve em contato direto com a cultura negra, seja por meio de práticas religiosas ou por meio dos eventos da família paterna. O convívio com os familiares negros possibilitou a ele experienciar relações sociais sem a carga da diferença racial, criando assim uma memória afetiva de bem-estar e conforto na infância.

Em paralelo, ele também participava da cultura da branquitude com a mãe e os familiares brancos, e durante o período em que esteve afastado da família paterna ele conta que passou por conflitos identitários. Ainda que a mãe estivesse ciente às marcas das diferenças do filho, as práticas culturais e as referências da branquitude da família materna, em conjunto com as relações sociais em espaços majoritariamente brancos que ele vivenciava, provavelmente suprimiam a espontaneidade de Wilson. Dentre os diversos desdobramentos das diferenças

culturais entre as famílias, uma delas resultou no fato de Wilson ser visto como uma criança muito levada, quando provavelmente, na verdade, a conduta singular dele era oriunda da matriz cultural negra, cujas práticas eram supostamente diferentes na família materna.

A partir do relato de Wilson fica subentendido que um dos motivos que levaram ao seu afastamento da família preta se aportava em uma medida punitiva por seu comportamento levado, assim como no estímulo e tentativa de encaixe aos padrões e regras da família materna. Essa determinação o impactou em diversas dimensões, muitas delas subjetivas e psíquicas.

Ainda que ele estivesse ciente das suas características fenotípicas, o fato dele reproduzir a conduta esperada da matriz cultural branca o conduziu a uma assimilação da branquitude, que conseqüentemente o aproximavam da mãe, do padrasto e dos outros sujeitos de seu círculo social. Como consequência, esse conflito fez com que Wilson passasse, inclusive, a negar, e conseqüentemente buscar a ocultação estética afro de seus cabelos através do uso de capuz, pois ainda que não compreendesse, sabia que a sua feição não era contemplada naqueles espaços.

Porém o retorno do contato com a família preta e a criação de novos vínculos e participação em círculos sociais negros na nova escola proporcionaram a ele um (re)encontro com a sua identidade. E, a compreensão de que se sentia mais confortável em espaços da negritude, fossem eles familiares ou não, foram fundamentais para ele sair da zona identitária conflituosa em que viva.

### ***Presente***

A saída da casa da mãe, ainda que bastante motivada por questões relacionadas à orientação sexual, permitiu ao jovem experienciar diversas (re)aproximações à cultura negra. Ainda que frequentasse a religião de matriz africana com a avó desde criança, atualmente sua crença religiosa tem um papel importante na sua compreensão de negritude.

Foi possível perceber que o culto ao batuque gaúcho, uma das muitas vertentes religiosas de matriz africana, é um motivo de orgulho e afirmação de Wilson na família preta, e mesmo que ele não tenha comentado se os outros familiares negros também são adeptos à crença, a menção à figura da avó mostra a sua compreensão em relação às heranças culturais da matriarca. Por intermédio desse ritual religioso, o jovem acaba tendo contato direto com a cultura da negritude, e isso resulta tanto em fortalecimento cultural, como na afirmação e criação de laços culturais, no campo material e no simbólico.

Atualmente Wilson, se reconhece como preto dentro da comunidade negra, mas externamente, no que concerne questões institucionais, ele conta que se autodeclara pardo. Esse movimento nos mostra que ele compreende e percebe as diferenças entre pretos e pardos, mas

para além disso, que o jovem, mesmo estando diretamente inserido em um processo de compreensão identitária acerca da declaração de pretos e pardos, ele está atento às possíveis implicações que envolvem e afetam as políticas públicas direcionadas para a negritude.

A troca de escola no Ensino Médio trouxe mudanças significativas, uma vez que havia uma dinâmica mais leve de músicas como samba e pagode nos intervalos das aulas, possibilitando assim a presença e desenvolvimento da cultura negra naquele espaço. Novos colegas e amigos, majoritariamente negros, resultaram no fortalecimento de sua identidade. A escola, enquanto local de sociabilidade, ao compreender e possibilitar aos estudantes negros a criação de e desenvolvimento de práticas culturais, através da música, foi essencial na trajetória para que Wilson pudesse se sentir confortável para ser espontâneo. E isso reverbera até hoje, tendo em vista que ele busca frequentar eventos majoritariamente negros, pois é nesse espaço que ele se sente em paz para ser quem ele é.

São muitos reflexos desse movimento da escola, e no caso de Wilson, possibilitou que ele colocasse a negritude no centro das suas relações sociais. Os impactos dessa época ainda reverberam, e desde então o jovem conta que lida bem com a sua estética e fenótipo negro, inclusive narra que desde que passou a se relacionar com pessoas negras, ele aceitou em muitos âmbitos, inclusive conta que, na existência de críticas se precisar parte para o embate.

Podemos presumir que, no futuro, Wilson Tibério dará continuidade à prática religiosa que compartilha com a avó, não apenas devido à forte relação que eles têm, mas também porque possa vir a compreender que essa é uma das heranças que a ancestralidade negra deixou para ele.

## 9. DESVENDANDO SENTIDOS: análise dos relatos

Neste bloco iremos realizar uma análise de conteúdo (BARDIN, 2016) para apreender os sentidos existentes nos relatos. Isso porque “o objetivo de toda análise de conteúdo é o de assinalar e classificar de maneira exaustiva e objetiva todas as unidades de sentido existentes no texto (Oliveira *et al.* 2003, p. 6), e essa investida visa interpretar os resultados obtidos em relação ao contexto desta investigação.

A análise de conteúdo será realizada através do software *Iramuteq* e busca-se alcançar esse resultado e compreender os principais elementos relacionados a negritude suscitados pelos interlocutores, e para isso dividimos os relatos a partir do recorte de classe, conforme apontado no capítulo metodológico. O *Iramuteq* realiza análises que visam identificar coocorrências entre as palavras indicando as conexões entre os contextos para que seja possível identificar na estrutura do *corpus* textual tanto os cenários em comum, como as especificidades das representações (CAMARGO; JUSTO, 2013).

É importante destacar que, a espessura das linhas sinaliza o grau de intensidade/frequência das palavras dentro do conjunto determinado. Ou seja, quanto mais espessa for a linha, mais associações e coocorrências foram identificadas entre as os grupos lexicais.

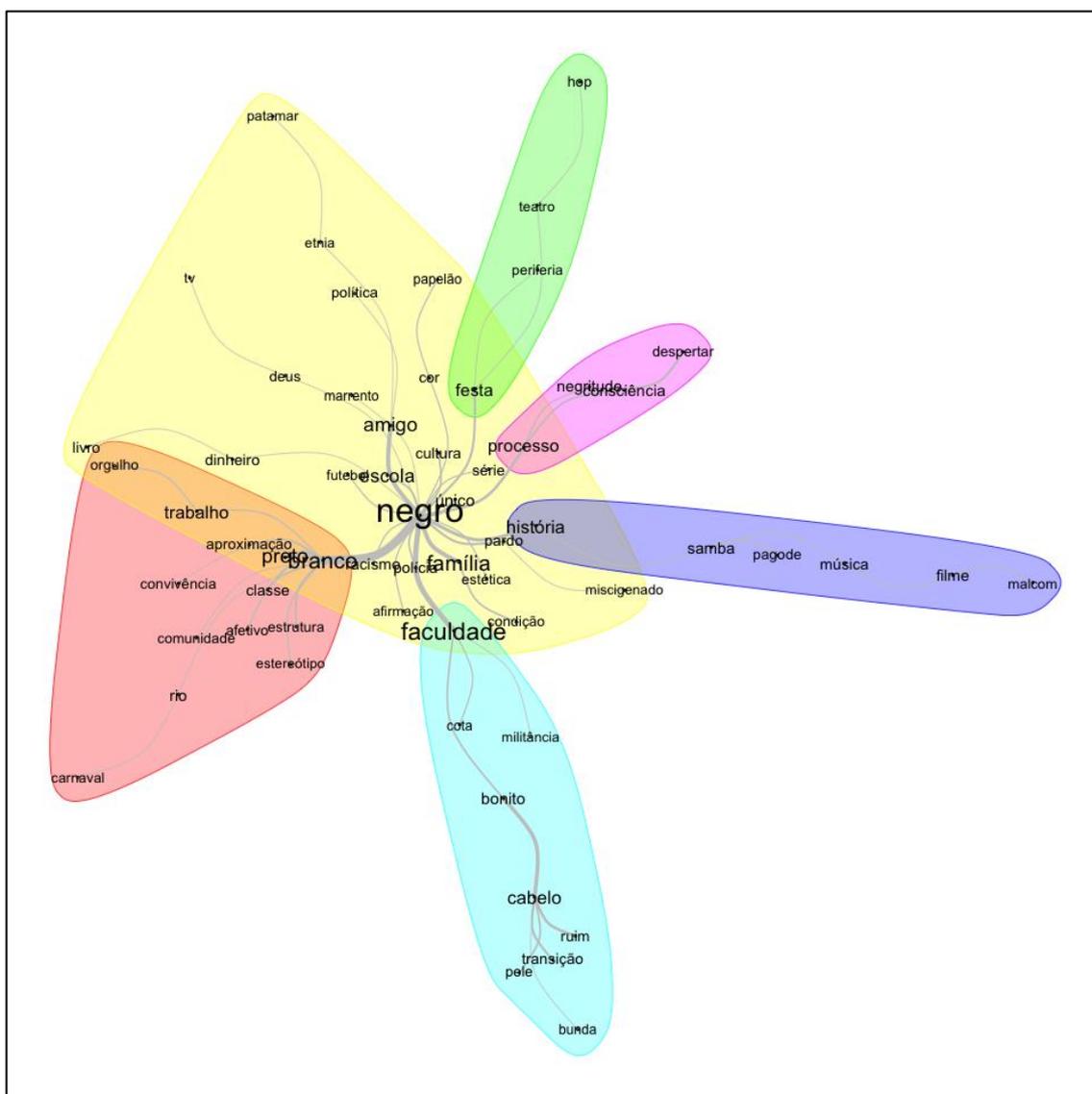
Em paralelo, o software possibilita através da função *comunidades* destaca as formas lexicais ao realçar grupos de palavras que estão mais relacionadas, assim como a função *halo* que realiza círculos entre as comunidades lexicais. Sendo assim, as palavras que se encontram dentro de cada círculo foram agrupadas pelo programa a partir da aproximação contextual dos relatos.

Posto isso, serão apresentadas as interpretações acerca dos dados em articulação com relatos e os quadros de práticas socioculturais de cada sujeito, apresentados no capítulo 8, tendo em vista que, os dados gerados em softwares devem servir para colaborar na compreensão dos fenômenos.

### a) Classe alta

A análise a seguir foi realizada a partir dos relatos de Ruth de Souza, Cassiano, Maria Auxiliadora e Henrique Alves de Mesquita, localizados no grupo da classe alta.

**Figura 16** – Análise de similitude classe alta.



**Fonte:** elaborado pela autora através do software Iramuteq.

O software gerou seis grupos semânticos, e apresenta o termo **negro** destacado ao centro, e interligado a diferentes contextos através de linhas de diferentes espessuras. O termo **negro** (cor amarela) se conecta a outros cinco grupos semânticos: **branco** (cor salmão), **faculdade** (cor azul turquesa), **história** (cor lilás), **processo** (cor rosa) e **festa** na cor verde.

O núcleo **negro** apresenta no seu interior termos como *pardo*, *único*, *estética*, *polícia*, *afirmação*, *racismo*, *futebol*, *dinheiro*, *escola*, *marrento*, *cultura*, *cor* e *série*, entre outros, entretanto serão abordadas as coocorrências de maior relevância no grupo semântico. Em relação às linhas de conexão, que mostram as coocorrências, os termos **negro** e **branco** apresentaram uma ligação mais intensa e com isso gerou uma linha mais espessa, ainda que

*faculdade* e *família* tenham sido mencionadas mais vezes, conforme pode ser visto na tabela 2, que apresenta as 10 palavras mais frequentes.

**Tabela 2** – Coocorrências de palavras classe alta

Palavra	Quantidade de ocorrências
negro	<b>112</b>
faculdade	<b>60</b>
família	<b>52</b>
branco	<b>48</b>
cabelo	<b>41</b>
preto	<b>39</b>
lugar	<b>38</b>
amigo	<b>35</b>
escola	<b>32</b>
história	<b>25</b>

**Fonte:** desenvolvido pela autora a partir do *Iramuteq*.

As intersecções e aproximações dos halos ao termo *negro*, conforme podemos observar na figura 17, apresentam uma grande coesão dos grupos semânticos, revelando um padrão discursivo, uma vez que todos eles estão interseccionados e conectados ao termo referido. Em articulação com os relatos, de certa forma, a centralidade do termo *negro* revela a existência de uma relação dos sujeitos com a raça, cultura e/ ou identidade negra, seja no âmbito positivo, negativo ou neutro. A sobreposição dos halos ao termo *negro*, mostra que, a negritude é o ponto de partida para os sujeitos nos campos sociais apontados. Assim como também demonstra a importância de instituições sociais como família e escola no reconhecimento e desenvolvimento da consciência acerca da identidade negra, seja ela favorável e benéfica, ou não.

No âmbito das instituições, o termo *família* apresenta um número expressivo de ocorrências. Bastante mencionada, a família apresenta um lugar de constituição de costumes, da visão de mundo e do próprio reconhecimento de negritude, ainda que temas como racismo ou preconceito não tenham sido objeto de debate ou ensino em casa, nesse espaço que os sujeitos passam a compreender como devem se comportar nos lugares em que permeiam. A partir do comportamento e dos hábitos gestados no seio familiar os interlocutores buscam uma aproximação ou afastamento da negritude. E o que ficou evidenciado é que, ainda que houvesse uma consciência de negritude, os interlocutores tomam a referência familiar como exemplo a não ser seguido no contexto socioeconômico. Com uma única ramificação que se estende à palavra *condição*, essa linha revela o medo da vulnerabilidade social como mote de mobilização

dos sujeitos em relação às suas condições financeiras historicamente estabelecidas aos sujeitos negros.

**Cassiano**

*[...] eu queria mudar de vida, eu queria sair de onde a gente morava, tirar minha família da condição que a gente vivia. Não tem nenhuma glamourização da pobreza.*

O termo *escola*, cuja linha de conexão apresenta um grau médio, nos possibilita compreender a importância dessa instituição para a construção da subjetividade desses sujeitos. O desdobramento da linha para o termo *amigo* – que apresenta uma quantidade de ocorrências considerável, contudo se mostra afastado do termo *negro* –, cuja disposição revela coerência entre os dados e os relatos, uma vez que todos sujeitos do grupo expuseram que suas relações de amizade se constituíram em ambientes majoritariamente populados por pessoas brancas, e com isso, conseqüentemente, a negritude acaba não sendo um elemento de importância nas relações sociais, ainda que as diferenças sejam percebidas. Para a classe alta as relações de amizade estão bastante conectadas aos espaços que eles frequentam e ao *status* social que a aproximação à branquitude fornece. E as ramificações do termo para a palavra *política*, *etnia* e *patamar* revelam a incidência dessas relações no campo profissional.

**Ruth de Souza**

*Eu sou amiga de todos. Eu digo que eu tenho amigos Colors of Benetton, sabe? O arco-íris da Benetton, a propaganda da Benetton que pegava todas as etnias, [...] esse é o meu leque de amizades, né? São pessoas, independente de credos, independente de política [...]*

*[...] essas pessoas brancas que me chamam, me contratam, se identificam comigo, pela pessoa que eu sou, né? E pelo trabalho que eu realizo [...] O pessoal me levou pra Recife pra fazer fotos, sabe? E quando eu cheguei lá eu estava ali quase que num pedestal [...] estão fazendo questão que eu esteja, e me colocaram num patamar mais elevado. Não, não tinha me dado conta disso, né? E ele disse que eu sou atração.*

Em paralelo, essa visão e aproximação recai em uma objeção de algumas pessoas negras em relação aos sujeitos que tem na branquitude um modelo de sucesso. E a ramificação do termo *marrento*, localizado próximo à palavra *amigo*, contudo partindo do termo *negro*, revela o embaraço que essa situação proporciona nas relações entre os sujeitos negros.

**Cassiano**

*[...] Minhas interações nas redes sociais são poucas, mas toda vez que eu publiquei inevitavelmente os comentários que eu recebo são “olha que marrento” [...]. Eu fui fazer uma agenda em Nova York, e eu postei uma foto, e os comentários eram “ah que marra”. Mas as coisas que eu posto são fruto do meu trabalho, das coisas que eu passo do meu dia a dia. E aí, às vezes, quando tu recebe isso dos teus, das pessoas que são mais parecidas contigo, né? Ou que tiveram histórias parecidas com a tua é mais difícil.*

O termo *único* se refere ao fato dos sujeitos da classe alta, com exceção de Maria Auxiliadora, mencionarem que habitualmente são as únicas pessoas negras nos espaços que frequentam. Devido ao fato delas estarem frequentemente em espaços majoritariamente

populados por pessoas brancas, em razão das relações sociais que elas estabelecem por conta das funções que elas exercem profissionalmente, ou apenas pelas práticas relacionadas ao poder aquisitivo delas.

**Ruth de Souza**

*Isso de ser o único, uma das únicas pretas no rolê é fato. Tipo casamentos, eu fiz um casamento pra família negra até hoje, desses onze anos que eu sou fotógrafa. Uma única família negra. As outras famílias são todas brancas.*

**Cassiano**

*[...] não existia esse tipo de interação ou espaços da negritude, não existia isso na minha época. Nunca isso nos lugares onde eu vivia, de modo que tu vai aprendendo ao longo do tempo, a ser cada vez mais único, né? Então assim começa lá no colégio. Tem alguns coleguinhas, eles vão ficando pelo caminho, e tu vai ficando sozinho ali, até chegar na faculdade, que eu era único negro da minha sala de aula. Entende? Então, tu vai te habituando e se adaptando a ambientes onde tu é o único. É complicado...*

O termo *parda*, que apresenta um fio levemente espesso, está relacionado às frequentes menções dos sujeitos à classificação racial entre pretos e pardos, nenhum deles mencionou a pauta do colorismo. Ainda que localizados em polos opostos, os termos *pardos*, *cor* e *papelão* se interrelacionam nos relatos a partir da palavra *negro*, contudo “cor de papelão”, como podemos ver abaixo, emerge apenas do relato de Ruth de Souza. O que talvez explique o distanciamento, uma vez que apenas a fotógrafa sinaliza que realmente não enxerga nenhuma diferença nem na sua subjetividade e nem entre os amigos negros e brancos. Todavia, todos os outros interlocutores reconhecem que apesar de terem amizades com pessoas brancas percebem as diferenças, mesmo que implicitamente.

**Ruth de Souza**

*[...] a mãe na declaração dela lá de nascimento está parda. Porque realmente ela era cor de papelão assim. Né? Agora que pegou uma corzinha, e o pai também era cor de papelão.*

**Maria Auxiliadora**

*[...] é curioso, porque em Recife tem uma população majoritariamente negra, e no geral a população é muito mais miscigenada do que aqui no sul. Mas lá não tem uma população mais parda ou muito misturada, miscigenada com a população indígena. [...] O racismo é diferente lá, sabe? É uma coisa mais entranhada, eu acho menos explícito.*

**Henrique Alves de Mesquita**

*[...] não tinha muito essa coisa de pardo, sabe? Sempre me declarei negro, né? Desde a infância assim. Sou negro. Nunca teve essa esse conflito de identidade étnica.*

O termo *polícia* aparece nos relatos em dois contextos diferentes. O primeiro deles, em um âmbito neutro, está relacionado ao fato de Ruth de Souza ter atuado como guarda municipal, assim como Henrique Alves de Mesquita que é oficial da Brigada Militar, e da mãe de Maria Auxiliadora trabalhar no hospital da Polícia Militar. Já o segundo apresenta uma carga negativa, e é oriundo da exposição de Cassiano sobre o tratamento truculento frequente sofrido pelos negros, incluindo ele mesmo que foi abordado e revistado no portão de casa quando estava

chegando da faculdade. O advogado relata que nunca viu a polícia como aliada, muito menos como um sistema de proteção social.

**Cassiano**

*[...] eu não cresci aprendendo a que a polícia da minha aliada, que a polícia representava para mim um sistema de proteção social para minha segurança, pelo contrário sempre ia se aproximando como alguém quisesse me ferrar, porque era assim dentro da minha comunidade. Eu já tomei os ataques lá de ter revistado na parede no portão da minha casa, voltando da faculdade.*

O termo *racismo*, posicionado próximo à palavra *branco*, foi abordado por todos os interlocutores. Para Cassiano o racismo não é algo fácil de transacionar, pois ele percebe os olhares e atitudes preconceituosas das pessoas nos espaços, contudo diz que procura ignorar porque se não se torna algo esquizofrênico, tendo em vista que o racismo está em todos os lugares. Ruth de Souza ao abordar o tema, lembra de uma situação na escola e para ela não passou de um “*bullying* de racismo”. A fotógrafa também menciona o “racismo inverso” sofrido pelo marido em sua família que não o recebeu de forma calorosa, pois eles duvidavam das intenções dele no começo do namoro.

**Ruth de Souza**

*[...] quando a gente começou a namorar a questão do racismo foi inverso. Não foi o racismo da parte da família dele, foi racismo da parte da minha família com ele. Então assim foi bem pesado porque a família estava pensando [...] que ele iria vir fazer uns namoriscos e largar fora, sabe? Usou, jogou fora. Meio nesse sentido assim.*

Já Henrique Alves de Mesquita aborda o assunto do racismo a partir da sua opinião de que racistas devem ser presos e retirados do convívio social, uma vez que a sociedade tem debatido frequentemente esse tema, mas parece não estar adiantando. E, Maria Auxiliadora aborda o tema do racismo em diversos momentos. No contexto da sua cidade natal, Recife, ela menciona que muitas pessoas negras da cidade buscam se embranquecer esteticamente e se aproximar da identidade branca, e têm a prática de criticar a estética negra com frequência. O outro contexto em que ela abordou o tema em relação à sua vida afetiva, pois hoje ela percebe que o preterimento das mulheres negras nos relacionamentos amorosos, está diretamente associado às lógicas do racismo, ao qual ela mesma também acabou sofrendo.

**Maria Auxiliadora**

*Existe essa questão [em Recife] das pessoas que não são exatamente lidas como negras, e elas tentam sempre se aproximar de serem brancas, quando elas são negras sabe? Mas então assim tem essas sutilezas, vamos dizer assim do racismo, que é diferente. É difícil às vezes até de definir isso, né?*

O núcleo que mostra a palavra *branco* apresenta a disposição das origens dos fios condutores de forma bastante confusa. Ao darmos *zoom* na imagem é possível identificar que o ponto de origem da palavra *preto* parte da palavra *branco*, o que nos mostra a complexidade

das relações sociais entre estes dois grupos raciais. Em paralelo, o forte grau de intensidade e coocorrências ao termo *preto* se confunde com a *branco*, nos levando a entender os motivos pelos quais o fio condutor apresenta uma espessura acentuada em contraste aos outros círculos devido à conexão de ambas as palavras a *negro*. Dando continuidade à composição do conjunto deste grupo semântico, é possível observar a presença de *estereótipo* e *classe* localizadas mais próximas a *branco*, revela a compreensão dos sujeitos acerca do estabelecimento da hegemonia branca nas disposições sociais.

**Cassiano**

*[...] na época eu não percebia que o baixo interesse das meninas por mim tinha um elemento racial como mote, porque eu não era o estereótipo da estética dominante na época. Então os meninos brancos, de uma certa forma, se davam melhor do que eu.*

**Maria Auxiliadora**

*Em Recife parece que é melhor a questão racial, mas não é bem assim, sabe? Ainda mais dependendo do círculo que você tá, e esse círculo de pessoas de classe média e médicos e pessoas brancas isso era bem complicado.*

Aparentemente o termo *afetivo* parece estar relacionado à *classe*, quando na verdade sua origem parte da palavra *preto*, assim como a palavra *aproximação*, constatando que a visão da classe alta acerca de sujeitos pretos está relacionada à afeição. Os termos *convivência*, *comunidade*, *trabalho* e *orgulho* se originam na palavra *branco*, e podem estar relacionados ao sentido de exaltação dos sujeitos da classe alta à ascensão socioeconômica por meio do trabalho. O sentido parece estar implicitamente relacionado ao sentimento de orgulho dos sujeitos que, através do desenvolvimento de suas atividades profissionais conseguiram alcançar posições relevantes no mercado de trabalho, muitas delas habitualmente ocupadas por pessoas brancas.

A presença de *carnaval*, assim como *rio*, que se refere à cidade do Rio de Janeiro, expõe a complexidade acerca da apropriação de produtos culturalmente negros pela lógica capitalista branca, tendo em vista que, as menções dos sujeitos à cidade estão diretamente às práticas de consumo de produtos culturais da negritude como o carnaval, entre outros. Esse grupo semântico mostra, de certa forma, a relação dos sujeitos da classe alta com os valores culturais brancos, e revela que, ainda que eles tenham uma certa consciência negra, suas práticas partem da lógica da branquitude, assim como suas aspirações pessoais.

Os impactos dos estigmas acerca da negritude se expandem para diversos campos, e um dos reflexos se localiza no âmbito do consumo cultural de espaços e territórios que visam o entretenimento. Nos relatos, foi possível identificar que os eventos ou produtos culturais direcionados à comunidade negra apresentam diversos estigmas, assim como a visão de que esses espaços oferecem estruturas de baixa qualidade, precárias e medíocres. Isso porque muitas

peessoas esperam encontrar as mesmas estruturas e organizações ofertada e disponibilizadas à branquitude.

**Henrique Alves de Mesquita**

*O pai me levava me levava na Imperadores [...] e o pai e a mãe assistiam o carnaval na tv, então sempre teve esse lado assim de muito contato com o Carnaval. Eu vivia escutando e cantando samba-enredo, sempre amei o Carnaval de Porto Alegre, né? E acho lamentável o jeito que está [...]. Antes era alto nível, a estrutura que se tinha. Hoje é ruim de chegar lá, é no meio do nada, né? Nem se compara [...] mas tiveram bons carnavaís, bons espetáculos, no Porto Seco né?*

**Cassiano**

*Eu fui 3 noites na Sapucaí esse ano e não fui no Porto Seco, e vi a Restinga na televisão em casa. Quem disser que eu tô errado, fique à vontade.*

**Maria Auxiliadora**

*Eu tava lembrando esses dias que, eu tenho uma tia gostava muito de ver aqueles desfiles do Rio de Janeiro, das escolas de samba, e de ver aqueles eventos que tinham da escolha da musa, e aí tinha várias concorrentes sambando e dançando e eu lembro que os comentários dela, das primas, das pessoas ali eram “olha que horrível, essa aí parece uma macaca”, ou então “ah, essa aí ó esse nariz, esse cabelo, que cabelo horrível, ruim, ou então “ah, essa aí é...como era... Raimunda, feia de cara e boa de bunda” e era muito difícil ouvir aquilo.*

Ainda dentro do halo amarelo, que abrange as palavras diretamente conectadas a *negro*, é possível perceber a presença do termo *dinheiro*, próximo à palavra *trabalho*, localizada em outro grupo semântico, e sua ramificação se estende ao termo *livro*. Esse eixo alcança pelo menos dois sentidos, o primeiro está relacionado às práticas e visões dos sujeitos sobre a destinação do dinheiro que eles recebem. E o segundo está relacionado à compra de livros e gibis, uma vez que para muitas famílias negras que se encontram em uma situação financeira mais apertada, os gastos com esses tipos de produto podem ser considerados supérfluos.

**Cassiano**

*Eu gosto de ir no samba, eu vou, mas eu gosto de ir num bom restaurante. Então assim, o que que a gente está consumindo, pra onde tá indo nosso dinheiro? [...] meu sócio falou, cara, não dá só para a gente querer ficar rico, tem que fazer os nossos também ficarem, né? E isso é uma característica muito própria da negritude [...]. O crescimento do branco do ponto de vista profissional e de remuneração é mais rápido, porque aquele branco tem uma postura individual muito mais marcada. O negro quando chega, inevitavelmente parte da trajetória dele é de puxar outros.*

**Maria Auxiliadora**

*Eu gostava muito de ler, e lembro que gibi era de difícil acesso, e a minha mãe não podia comprar muito livros, mas eu lembro que ela ia no sebo e trazia um monte para mim. Até os livros da escola ela comprava no sebo. Nunca faltou nada de material, mas era um sacrifício. [...] eu lembro que nas férias, a gente apagava os livros, passava corretivo antes das aulas começarem, né? Então teve essa dificuldade, mas ao mesmo tempo não era aquele desamparo completo. Sabe eu vivia dentro daquele desconforto, mas era um pouco confortável.*

O núcleo *faculdade* apresenta linhas de conexão de espessura intensa em relação à palavra *negro*. No primeiro momento parece estar interligado com o âmbito da educação, entretanto expõe as experiências dos sujeitos negros no ensino superior. *Militância* e *cota* foram

mencionadas em diferentes sentidos e expuseram a visão que muitos sujeitos negros têm sobre as cotas. Ruth de Souza, Cassiano e Henrique Alves de Mesquita.

**Ruth de Souza**

*eu saí da UFRGS num momento muito certo, em 2016, porque 2017 daí começou aquela peso das cotas, eu não entrei por cota, né? Na UFRGS eu não entrei por cota. Eu entrei por mérito meu né? Estudo enfim eh*

**Henrique Alves de Mesquita**

*[...] eu dei pé frio. Os concursos que eu fiz foram todos antes da política de cotas, então eu tive que ir pro pau mesmo com os brancos, o que tornou a minha vida um pouquinho mais difícil. Mas não sou contra as cotas, pelo contrário, mas não utilizei por que ainda não tinha política de cotas. Os concursos que eu fiz foram todos antes da política de cotas,*

**Cassiano**

*Na faculdade eu fazia movimento infantil, então tinha muita consciência crítica ali, e num perfil de esquerda, mas a pauta racial não era a ordem do dia, né? Tinha outras questões na militância, porque eu não fazia militância racial, né? Não fazia movimento negro, por exemplo, então a minha ordem do dia estava voltada para outras coisas. Eu não pego o período de ProUni, nem crédito educativo, nem FIES tinha na minha época. [...] eu dei pé frio.*

Ainda que indiretamente, Maria Auxiliadora versa sobre a questão das cotas ao relatar que a sua turma da faculdade era muito diversa, e a partir do seu relato é possível realizar conexões com o outro contexto que se apresenta no núcleo *faculdade*. Os termos *bonito, cabelo, ruim, transição, pele e bunda*, mais afastados dialogam diretamente com a experiência da médica no ambiente acadêmico.

**Maria Auxiliadora**

*[...] na faculdade eu usava aquelas químicas, meio que para diminuir o volume, né? [...] e aí eu lembro que tinha uma menina negra em outra turma, que usava o cabelo alisado, e ela tava na transição. E aí ela cortou o cabelo e tava usando o cabelo dela natural. Depois disso uma outra menina também passou pela transição. E aí depois eu cortei o meu cabelo também, tirei a química, né? [...]. Porque eu acho que fortalecia um pouco ver outras pessoas naquele espaço usando também, né?*

O termo *bunda*, partir da fala de Maria Auxiliadora expõe uma situação complexa, porém recorrente e sexista em relação à objetificação dos corpos de mulheres, mas principalmente de meninas negras.

**Maria Auxiliadora**

*[...] eu sinto que desde pequena meu corpo também era muito objetificado, por essa questão de formas das negras e da bunda. É normal ter fotos, de você nua quando criança, mas tem muita foto da minha bunda. Isso era uma coisa que era muito valorizada ali na família. E desse jeito mesmo hoje, olhando era muito problemático, sabe de objetificação enfim. E de ouvir coisas as pessoas dizerem para minha mãe que eu ia dar trabalho quando crescesse, esse tipo de coisa sabe...*

Em paralelo, o termo *estética*, cuja linha de conexão se interliga ao termo negro versa sobre situações e visões relacionadas à estética da negritude em diferentes contextos. A palavra localizada próximo aos termos *família, faculdade e condição*, revelando, de certa forma, que

parte da insegurança surge, tanto no seio familiar, como nas relações que se estabelecem nos espaços como a faculdade durante a juventude. Simultaneamente, também mostram como a exigência de adequação aos padrões da branquitude afeta a autoestima e a subjetividade dos sujeitos.

**Maria Auxiliadora**

*Eu acho que foi na faculdade que eu desenvolvi minha consciência racial. [...] porque eu passei pelo processo de transição, né? Eu nunca alisei o cabelo e essa coisa da negritude, da consciência racial veio muito na coisa da estética mesmo, [...] porque a minha família é negra, mas não se vê exatamente assim.*

**Cassiano**

*Eu cresci com toda aquela carga de dos estereótipos. para as pessoas negras, entendeu? Não tinha uma afirmação estética [...]. Eu não era a estética da época, né? Não tinha essa coisa do gostar da estética negra. Então eu dei uma penada no período escolar para me relacionar com outras meninas, e era o cara meio patinho feio da história sabe?*

O núcleo **processo** que contém as palavras *negritude*, *consciência* e *despertar* interligadas à palavra *negro* indiretamente, mas cujas linhas possuem traços acentuados em relação ao centro, nos permite interpretar que os sujeitos negros da classe alta compreendem que no Brasil tornar-se negro passa por um processo de despertar da consciência, conforme aponta Neuza Santos Souza (1983). Esses dados nos mostram que a ressignificação da identidade negra tem dado importantes resultados no que se refere à compreensão e apreensão dos discursos da negritude acerca da cultura negra.

**Cassiano**

*[...] a questão da negritude ela era ora motor, ora dificultador, mas ela sempre presente, né? Só que a digamos assim a “o despertar de uma consciência racial”, ela já vem um pouquinho mais tarde, né? Ela já vem assim com um período de formação. Digamos ali 14, 15, 16 anos, onde tu já começa a ter consciência de que algumas coisas que acontecem contigo são reflexo da cor da tua pele, né?*

Considerando que a idade dos sujeitos da classe alta varia entre 43 e 26 anos, e que os interlocutores nasceram, cresceram e vivenciaram a 2ª fase do Movimento Negro, apontada por Domingues (2007), em que parte da própria negritude concordava com a política de branqueamento, subjugava seus próprios pares, e que era preciso ocultar a própria identidade para viver em sociedade, em um período de intensos discursos negativos sobre a negritude e suas próprias identidades e corpos. Portanto, o entendimento de que é preciso querer envolver-se e desenvolver, de alguma forma, a aceitação sobre o próprio “eu”, ainda que continuemos a viver mergulhados pelas lógicas do racismo pode ser considerado um ponto minimamente positivo.

O núcleo **história** composto pelas palavras *samba*, *pagode*, *música*, *filme*, *Malcom* (que se refere ao produto cinematográfico e à história do ativista Malcom X), e o eixo  **festa**, que

comporta as palavras *periferia*, *teatro* e *hop*, que se refere ao estilo musical *hip-hop*, cuja palavra foi suprimida pelo software apresentam sentidos similares. Ambos mostram que, ainda que os sujeitos não tenham contato direto com a comunidade negra, por meio da arte também é possível interagir e se aproximar do discurso da negritude. Portanto, percebe-se aqui a relevância do fortalecimento e promoção dos produtos culturais que representam a negritude.

No âmbito musical, a partir dos relatos de Cassiano e Maria Auxiliadora é perceptível a importância do gênero para compreensão da realidade negra do passado e da atualidade. Nos relatos, Cassiano e Henrique Alves de Mesquita sinalizaram que tanto o samba, como o pagode e o carnaval tiveram papéis importantes na criação de vínculos e relações com a cultura negra. Nos relatos, com exceção de Henrique Alves de Mesquita, os homens, assim como a médica Maria Auxiliadora mencionaram a importância do rap e do *hip-hop* nos seus processos identitários, tanto no passado como na atualidade. Cassiano relata:

*[...] os Racionais foi um fenômeno que eu curti em 1992, 93, 94 que é bem surgimento desse movimento [...] E aí tu começa a ter acesso a literatura, né? Às leituras negras, começa a ler sobre o Malcom X, sobre Martin Luther King, Steve Biko, Mandela. Nessa época o Spike lança o filme sobre o Malcom X, um clássico, né? Então esse diálogo entre cinema, a literatura, o hip-hop e tal foi criando um caldo, uma afirmação identitária como pessoa negra e começa a desvendar as barreiras colocadas pela questão racial, né?*

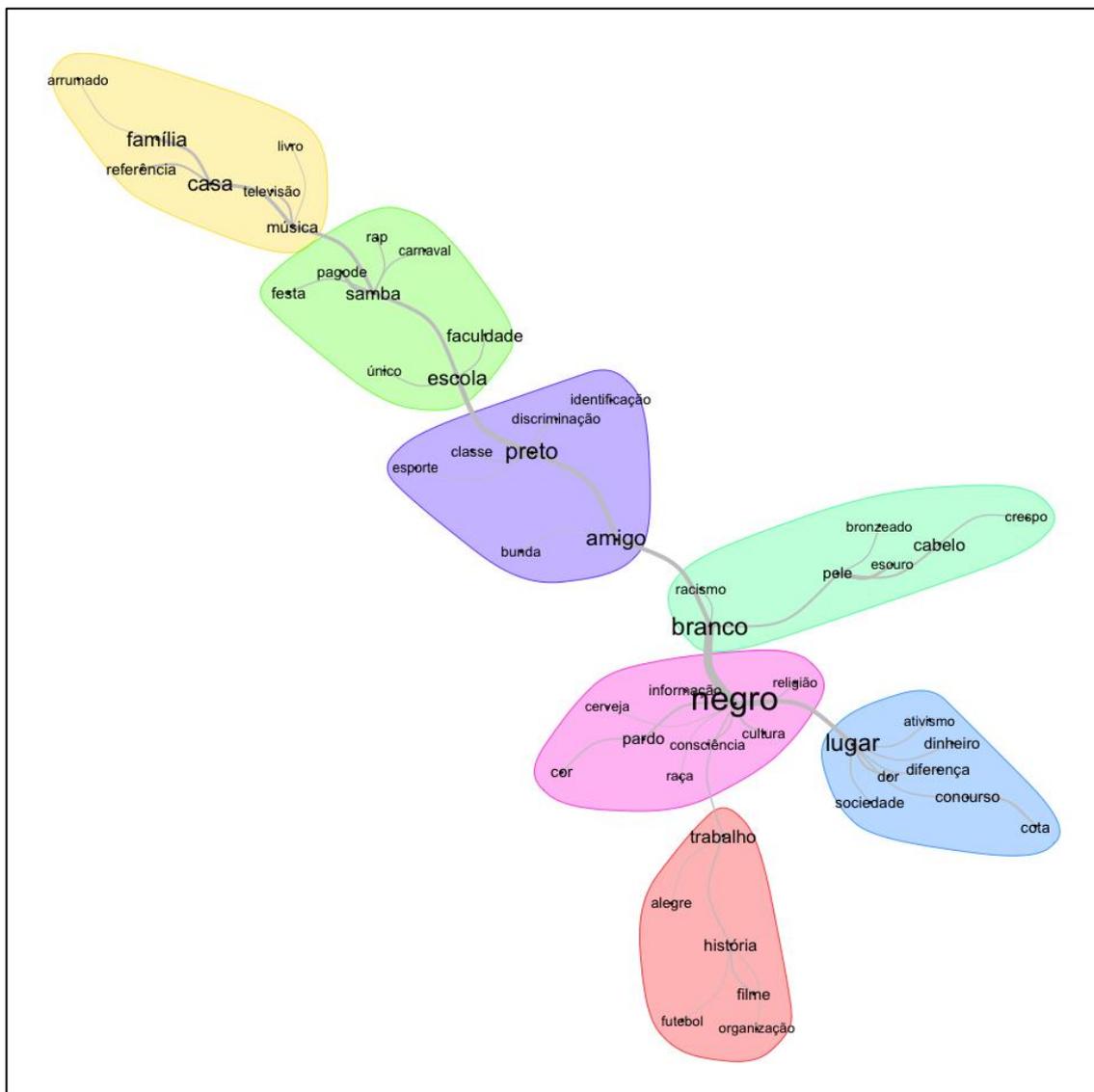
Ainda que Cassiano tenha mencionado que ele e os amigos sentiam um certo temor ao frequentar eventos e festas de *rap* e *hip-hop*, devido à forma como a cultura do gênero era tratada pela mídia e pela sociedade, ele não expõe nenhuma ocorrência de violência, pelo contrário, sua memória é nitidamente positiva e nostálgica.

Apresentadas as interpretações dos relatos em articulação com os dados gerados é possível considerar que, Ruth de Souza e Henrique Alves de Mesquita, ainda que se considerem negros, por estarem imersos em universos majoritariamente brancos, encontram-se em deslocamento parcial da negritude, ainda que não seja intencional. Para Neuza Santos Souza, os negros imersos na ideologia dominante branca tendem a endossar um discurso para se aproximar ou se encaixar no modelo.

## **b) Classe Média**

A análise abaixo foi organizada a partir dos relatos de Jovelina Pérola Negra, Jamelão, Patápio Silva e Elizeth Cardoso, localizados no grupo da classe média.

Figura 17 – Análise de similitude classe média.



Fonte: elaborado pela autora através do software Iramuteq.

O software gerou sete grupos semânticos, sendo eles: *negro* (cor rosa), *trabalho* (cor salmão), *lugar* (cor azul), *branco* (cor verde), *preto* (cor lilás), *escola* (cor verde) e *casa* (cor amarela). A análise da classe média apresenta uma disposição descentralizada acerca do grupo semântico e sem intersecções. Como é possível ver na imagem não há um núcleo central, uma vez que eles são praticamente independentes.

A dispersão dos halos mostra que não há uma coesão entre os entre os grupos semânticos, revelando uma descentralização discursiva, uma vez que os círculos se interligam através das linhas de conexão e alguns deles se mostram afastados. Podemos identificar que, o termo *negro* se conecta diretamente a três núcleos: *branco*, cuja espessura de conexão é

bastante acentuada; *lugar* com fio de espessura média; e *trabalho* em que a linha de conexão é regular. Apesar dos núcleos apresentarem tamanhos similares, é possível compreender que o destaque se localiza na palavra *negro*, uma vez que ela se interliga com estas outras três categorias, e, também porque o termo lidera o ranking de coocorrências, na tabela 3 abaixo.

**Tabela 3** – Coocorrências de palavras classe média

Palavra	Quantidade de ocorrências
negro	<b>103</b>
branco	<b>51</b>
lugar	<b>46</b>
preto	<b>45</b>
amigo	<b>40</b>
escola	<b>38</b>
casa	<b>36</b>
família	<b>31</b>
samba	<b>26</b>
faculdade	<b>22</b>

Fonte: desenvolvido pela autora a partir do *Iramuteq*.

A descentralização dos halos, ainda que o termo *negro* demonstre relevância, revela conflitos identitários da classe média em relação à importância da identidade étnica nas relações sociais. Isso pode ser reflexo tanto dos discursos de classe, como de raça. Os halos ao redor do termo *negro* demonstram que o trabalho é a única instituição social em que o “ser negro” possui uma certa relevância, mas ainda assim a apreensão dos seus sentidos apresenta uma complexidade tendo em vista que os relatos apresentam pouca ou nenhuma coesão.

Dentro do núcleo *negro*, temos os termos: *informação, religião, cultura, consciência, raça, pardo, cor e cerveja*. O termo *pardo*, que apresenta uma espessura levemente atenuada, é o único no interior do halo que possui uma ramificação, esta que se estende até a palavra *cor*. Em paralelo, em menor intensidade há coocorrências entre as palavras: *religião, consciência, raça, cerveja e informação*. Em articulação com os relatos iremos compreender os contextos e sentidos destas coocorrências para a classe média.

Posicionada na parte mais distante do halo, a palavra *pardo* é bastante mencionada pelos sujeitos no âmbito do colorismo, e na identificação da existência de diferenças entre os sujeitos negros, principalmente por Elizeth Cardoso, que se descobriu parda há poucos anos. A advogada relata que por quase toda a sua vida ela se sentiu em um limbo, pois sabia que não

era branca, mas devido ao fato da sua pele não ser retinta tinha dúvidas se realmente poderia ser declarar negra.

**Elizeth Cardoso**

*Baixei um livro daqueles de mestrado, sobre colorismo para ler [...] Ah se tu é americano, tu é branco ou preto e ponto, né? E aqui a gente fica nessa nesse arco-íris assim de marrons. E aí foi muito engraçado que quando eu comecei a participar dos encontros lá com o pessoal da instituição [...] e tava conversando com a fulana e disse “ah, porque eu sempre me declarei parda” e a fulana deu uma gargalhada e me disse “pardo é cor de papel”. E aí eu nunca tinha pensado sobre isso porque para mim era a minha qualificação misturada, entendeu? Porque eu sempre me vi desse jeito.*

O termo *informação* se relaciona com a prática de aproximação dos sujeitos às comunidades negras que fornecem ferramentas para compreender questões relacionadas à identidade negra, racismo, entre outros temas. Com exceção de Patápio Silva, que consome a partir de um viés mais político pautado entre esquerda e direita partidária, os outros interlocutores da classe média apontaram que a essa relação com a negritude também é uma busca por informação.

**Elizeth Cardoso**

*Eu não sabia que eu era negra, ser parda sempre foi uma identidade para mim, entendeu? Porque assim, eu sempre me olhei misturada, né? Eu nunca me enxerguei uma branca, nem nada [...]. Eu me vi sendo criada num ambiente que nos olhava como se a gente fosse brancas assim, e aí eu só fui me reconhecer como uma mulher negra depois que eu comecei a procurar informações sobre isso.*

**Jamelão**

*[...] eu fui atrás, me aprofundei, comecei a comprar livros, biografia do Mandela. A questão da escravidão no Brasil, que é uma coisa que tu vê na escola, e na realidade é outra coisa que tu vê ou tu ouve, né? E agora está muito mais fácil, entendeu?*

A palavra *cerveja* apareceu em coocorrência com o contexto festivo, contudo é possível constatar que seu contexto está relacionado à distinção. Elizeth Cardoso conta que, devido ao fato de o avô morar em um bairro de classe média alta, as festividades da família costumavam ser mais reservadas e silenciosas, ao contrário das festas na casa do primo negro que tinham cerveja, música alta e bastante barulho. Isso revela

**Elizeth Cardoso**

*O vô convivia muito com um primo, visivelmente uma pessoa negra, que também era super simpático e tal, [...] mas me lembro que aí ele com a família era mais assim de tipo se juntar todo mundo de tomar cerveja, sabe e na casa do vô não tinha muita história de tomar cerveja.*

A linha de conexão do termo *cultura* não apresenta nenhuma ramificação, se relaciona com os costumes e relações dos interlocutores, e possui sentidos diversos. Jovelina pontua a importância da educação na busca pela valorização e visibilidade da cultura negra, e Jamelão conta que ano início de sua carreira profissional no ramo da Engenharia teve contato com a cultura de judeus e alemães, e aprendeu muito sobre como lidar com dinheiro, para o engenheiro o Brasil é multicultural, mas as pessoas não se abrem para aprender uma com as

outras. Já Elizeth revelou que mesmo o avô sendo negro as relações da família com a negritude nunca foram abordadas.

**Elizeth Cardoso**

*Eu tenho um avô negro, mas a gente nunca foi criada, com nada que fosse relacionado às religiões de matriz africana cultura negra, e nunca se falou muito sobre isso*

O termo *religião*, o único posicionado do lado direito, trata das crenças religiosas dos interlocutores. Apenas Patápio e Jovelina abordaram o tema. A pedagoga contou que ela e a mãe são adeptas de religiões de matrizes africanas, ambas jogam búzios e praticam seus rituais em casa E, com um certo desconforto inicial, Patápio mencionou que é católico mas é umbandista, revelando que ainda é frequente o receio de algumas pessoas na abordagem às praticas e crenças em religiões oriundas de matriz africanas. Isso de certa forma, mostra é reflexo do preconceito cenário acerca das práticas e crenças às religiões de matriz africanas.

**Patápio Silva**

*Eu sou católico, mas eu sou umbandista e pratico a umbanda, né? Assim é sou católico, mas eu pratico a umbanda, né?*

*[...] O meu avô ele era tamboreiro, e eu amava ir nas sessões com ele, com a minha avó e com a minha bisavó. Mas praticante mesmo foi a partir de 2018. [...] eu sempre eu me apego a todas as religiões possíveis e impossíveis, mas assim, eu não vou à igreja, não que eu não vá, mas dificilmente vou à igreja, a última vez que eu fui na igreja foi na missa de 30 dias de falecimento da minha da minha avó. Então é assim, eu não pratico como eu vou na umbanda assim, sabe?*

O termo *consciência* está fortemente relacionado ao termo *raça*, contudo ambos foram abordados poucas vezes pelos interlocutores e se relacionam com o fato de no passado eles não terem a consciência racial que eles têm na atualidade. De forma implícita é nítido a presença de um certo pesar dos sujeitos que muitas vezes acreditavam que a origem da rejeição social nos espaços majoritariamente brancos estava interligada a subjetividade deles e não às lógicas do racismo.

**Jamelão**

*[...] nas festas da escola eu me sentia meio rejeitado, porque na minha época a gente tirava as meninas pra dançar, e eu nunca conseguia dançar com ninguém, aquela coisa, até uns quinze, dezesseis anos. Então me sentia meio assim, e nos outros ambiente ou quando tinha festa lá na no meu bairro, onde eu morava, daí já era diferente. Isso aí eu tenho consciência só hoje.*

Partindo para a análise de outro núcleo, o que aborda o termo **trabalho**, que apresenta um grau de intensidade baixo em relação às ocorrências ao termo *negro*, vemos que ele apresenta dois eixos. O primeiro, o termo *alegre*, se refere à cidade de Porto Alegre, e está bastante interligado ao fato de os sujeitos residirem na capital gaúcha, assim como, ao desenvolvimento de suas atividades profissionais na região. Já o termo *história* se ramifica em três eixos diferentes: *futebol, filme e organização*. A palavra *história* apresentou um sentido bastante nostálgico e relevante acerca da importância de conhecer a trajetória dos sujeitos

através da oralidade das pessoas mais velhas. Em paralelo, mostra que muitas situações vivenciadas pela negritude apresentam diversas semelhanças, principalmente no que concerne os conflitos identitários.

**Jovelina Pérola Negra**

*[...] eu sou uma griô, uma contadora de histórias, né? Assim como as idosas lá na África dos baobás, contando as histórias, mas ainda sujeita, né? Sujeita dessas histórias, e que tem potência e que tem muita luta por trás [...]*

*O eixo que aborda o termo filmes mostrou duas práticas diferentes. Uma relacionada ao pertencimento e identificação dos sujeitos acerca das narrativas negras, e a outra sobre a irrelevância da identidade durante o consumo de produtos audiovisuais.*

**Jamelão**

*[...] meu filho brinca “bah pai, tu só vê filme de negrão agora”, daí ele fica brincando, né? Não, eu quero ver filme de negrão aí e tal.*

**Patápio Silva**

*hoje normalmente eu procuro ver um filme que tenha uma história um enredo consistente, né? Às vezes nem precisa ser um elenco famoso, mas que tem um enredo interessante e que aborde um tema interessante também, né? Eu assim eu gosto muito de filmes atuais. Não é que eu não goste de filmes do passado, de história, mas é que eu gosto mais desses filmes mais reais.*

O núcleo **branco**, cuja linha de ligação tem uma espessura maior em relação à *negro*, apresenta as seguintes palavras e contextos: *racismo*, que se relaciona com as situações e compreensões acerca das lógicas do racismo e preconceito.

**Patápio Silva**

*a gente consegue perceber, consegue ver que tem alguma coisa [...] às vezes quando eu ia fazer algum trabalho, conhecer algum lojista ou quando eu falava com lojista pelo telefone e depois ia visitar a loja e eu me apresentava as pessoas: “ah, mas tu que é o gestor? Tipo mais ou menos assim, mas... a pessoa está surpresa porque eu sou muito jovem, ou é porque tipo esperava um cara Branco, sabe? Né, então fica na naquilo, né? Mas explicitamente assim nunca.*

**Jovelina Pérola Negra**

*[...] nunca me esqueço que uma eu tinha uma colega que caminhava comigo da escola até a nossa casa [...]. E um dia a mãe dela, um dia muito quente e disse assim, fulana vai colocar um chapéu, senão tu vai ficar preta que nem a Jovelina. E aí eu olhei assim, né? A mãe dela tão preta que nem eu, e ela um pouco mais clara e aí eu comecei a me dar por conta que nós tínhamos tons de peles diferentes e que isso nos identificava.*

O termo *pele*, cujo eixo se divide em *bronzado*, *escuro* e *cabelo*, que se estende até *crespo*, foi abordado apenas pelas mulheres da classe média, que relataram suas percepções acerca das diferenças dos tons de pele de pessoas negras, assim como as suas práticas em relação aos cuidados e valorização da estética capilar negra.

**Elizeth Cardoso**

*os cabelos, eu acho que é um marcador muito grande, e eu fui cortar o cabelo em um salão negro bem famoso e tem um monte de gente que vai lá também. E aí, uma vez eu voltei para casa mega crespa, [...] Eu tinha ido com a minha mãe, e eu adorei porque ficou bem crespo, bem solto e eu voltei para casa me sentindo super bem e meu marido ficou assustado e disse “eu sei que*

*tu é crespa, mas não tanto” [...], mas assim não me fez sentir diferente, mas eu achei engraçado porque a gente cria uma expectativa nas pessoas de se manterem do mesmo jeito.*

As coocorrências do núcleo **lugar** gerou os termos: *diferença*, *dor* e *concurso*, que se estende à *cota*. A palavra *diferença* se relaciona com as percepções dos sujeitos sobre as mudanças acerca das posições profissionais que as pessoas negras conseguem ocupar atualmente, e que raramente tinham oportunidade no passado, e com as formas como eles se relacionam com seus familiares. O termo *dor* remete ao sofrimento oriundo do racismo e do preconceito sofrido pelos sujeitos.

**Jovelina Pérola Negra**

*[...] eu associo essa dor ainda do racismo, né? Porque ele é cruel, ele mata, né, além de excluir ele mata [...]*

**Elizeth Cardoso**

*Meu filho com 4 anos se identificou como o mais preto da sala e ele não ele é assim é igual a mim, entendeu? Causa dor ainda sem necessidade, sabe e então estar nesse grupo assim conviver com pessoas negras para mim, tem sido um presente sabe e poder oferecer para minha mãe também um outro lugar para pessoas negras estarem também é muito bom, mas ao mesmo tempo para ela causa muita dor porque ela não conseguiu se proteger desse lugar de exclusão, sabe?*

O termo *diferença*, localizado próximo à palavra *dor*, remete ao contexto das diferenças entre os sujeitos pretos, pardos e brancos. Jamelão relata uma situação ocorrida na escola, após uma fala racista de um colega.

**Jamelão**

*o frei me levou em todas as salas de aula, da sexta série até o segundo grau, falando que era pra me respeitar, porque a única diferença era a cor da minha pele [...]*

O termo *ativismo* está correlacionado à *sociedade*, e ambos tratam das mudanças e processos sociais em relação a forma como os sujeitos acabaram ressignificando sua visão racial após

**Elizeth Cardoso**

*eu já tava trabalhando, estudando e olhando para como a sociedade olha para um lugar pejorativo da mulher negra, [...] parece que agora que tá todo mundo querendo reconhecer seus ativismos. [...] as pessoas estão aprendendo a respeitar, não todas, a gente sabe. Mas eu estou me identificando com uma mulher negra, porque tá tendo um monte de incentivos e tal...*

O termo *dinheiro* trata da forma como esse grupo lida com seus ganhos.

**Elizeth Cardoso**

*Eu sempre me movimentei, e estudo para fazer concurso, mas ao mesmo tempo trabalhando, porque eu sempre me incomodei em não trabalhar eu sempre busquei a minha renda, ter o meu dinheiro para ter a opção do que fazer com ele.*

O termo *concurso* se interliga à *cota*, e a coocorrência se localiza nas incertezas do uso das cotas. Elizeth Cardoso conta que mesmo se identificando como parda e sabendo que tem direito a concorrer a uma vaga no concurso público pelo sistema de cotas, não se sente

confortável para exercer seu direito. E esse posicionamento é justificado por ela devido ao fato dela compreender que mesmo sendo negra, ela teve acesso à educação, e em paralelo, a cor da sua pele e suas características fenotípicas não são um impeditivo para que ela alcance uma posição no mercado de trabalho ou sofre preconceito explícito por ser negra.

**Elizeth Cardoso**

*[...] então eu me vejo muito nesse lugar de uma insegurança, ou de um não merecer [...]. Eu fiz concurso há dois anos atrás, me inscrevi para as cotas e fiquei me debatendo até fazer a prova, tentando fazer de conta que eu não tava olhando para isso. E se eu tivesse que chegar na banca de autoidentificação [heteroidentificação] como é que iam me ver, iam me questionar? Ai eu vejo essas coisas que fazem com as pessoas que se identificam. Claro que tem vezes que é fraude, né? Mas como é que eu ia lidar com essa coisa, se viessem me questionar. E aí daqui a pouco tu tá nas redes, e as pessoas falando “olha essa pessoa querendo se aproveitar das cotas e tal”. Então agora nessa vez eu não me inscrevi pras cotas. [...] Se eu tiver que passar eu vou passar vou entrar pela porta da frente, ninguém vai ficar dizendo que eu tô aproveitando.*

O núcleo lilás apresenta o termo **amigo e preto** mais destacadas e conectadas por um fio relativamente espesso, ainda que o fio que interliga *branco* à *amigo* seja menos intenso. Esse halo aborda o cenário de uma classe média que compreende as diferenças entre os tons de pele dos sujeitos negros, assim como a consciência de que pessoas pretas sofrem mais preconceito devido ao fato de terem a pele retinta. Em paralelo, esse halo expõe as relações dos sujeitos em seus círculos sociais, e a aproximação do termo *amigo* à palavra *racismo* revela a carga negativa dos relatos nos espaços de sociabilidade com pessoas brancas.

O termo *discriminação* apresenta um fio mais espesso em relação aos outros termos, e se refere aos diversos tipos de exclusão e marginalização da negritude na sociedade brasileira. A aproximação do termo *identificação* e *discriminação* à palavra *preto*, mostra que, independentemente de os sujeitos serem pretos ou pardos, eles percebem que as situações de discriminação são muito próximas, mesmo que apresentem maior ou menor intensidade.

O termo *amigo*, localizado entre a palavra *branco* e *preto*, cuja ramificação se estende para a palavra *bunda* revela o cenário complexo das relações e círculos sociais dos interlocutores. Ainda que exista uma busca por aproximação à negritude, para a os sujeitos do grupo da classe média, os círculos sociais ainda apresentam a mesma configuração. Contudo eles apontam suas percepções acerca dos discursos e das diferenças.

**Jamelão**

*[...] sempre debati com meus colegas, e quando eu estou lá no churrasco com a turma da engenharia que alguém fala alguma coisa, eu sei que alguns não falam porque eu estou ali, e daí eu me imponho, né?*

**Elizeth Cardoso**

*os meus amigos são mais majoritariamente brancos, mas desde que eu comecei a conviver com o pessoal da instituição mudou bastante as pessoas com quem eu convivo. Hoje eu convivo mais com pessoas negras, em função das ações todos os projetos que a gente vai fazendo juntos, mas assim as pessoas que frequentam a minha casa são majoritariamente brancas.*

O termo *bunda*, que se interliga à palavra *amigo*, foi abordado por Elizeth e trata dos discursos recorrentes nos círculos sociais em que ela permeia, que a classificavam como não-branca por conta do volume de seus atributos físicos. Esse dado revela que, ainda que as pessoas negras de pele clara não tenham características fenotípicas da negritude, ainda assim, a partir de estereótipos sexistas, mostram a complexidade acerca da objetificação dos corpos de mulheres negras.

**Elizeth Cardoso**

*[...] quando eu comecei a dizer que me declarava como parda, um juiz aposentado dizia “olha a minha pele é mais escura que a tua” [...]eu não podia nem pensar em dizer que era negra naquele ambiente. Eles falavam coisas da minha bunda de um jeito sutil, mas não sutil, né? Sabe umas coisas assim, mas eu não sentia uma discriminação porque eu não me posicionava num lugar de vítima, mas eu ali, eu comecei a perceber assim como como a gente se movimenta como sociedade [...]*

A palavra *esporte*, suscitada apenas pelos homens, aborda a percepção de um estranhamento social na prática de esportes que demandam investimento financeiro, costumeiramente praticado por pessoas brancas de classes mais abastadas, resultando assim na proximidade ao termo *classe*.

**Patápio Silva**

*Eu faço futevôlei e querendo ou não, é um esporte de classe média, alta, e tu vê a galera preta assim nesse meio, e é bacana, eu fico feliz com isso, porque no Rio de Janeiro é muito mais né? Mas aqui [em Porto Alegre] quando as pessoas veem uma galera preta jogando futevôlei fica até meio que, entre aspas “surpreso”, por isso, né?*

O núcleo que trouxe os termos *escola* e *samba* destacadas apresenta uma espessura do fio de conexão intenso. O termo *escola*, que tem a palavra *único* em uma de suas ramificações mais próximas, assim como na classe alta, aborda a percepção frequente dos interlocutores serem habitualmente poucos negros presentes nos ambientes escolares e acadêmicos.

**Patápio Silva**

*[...] eu era o único negro na turma, na verdade não era o único, mas deveria ter mais um, ou dois colegas que eram negros, uma professora que era negra. Mas sempre tive um bom relacionamento com os meus colegas. Claro tinha aquelas brincadeiras, mas eram as brincadeiras que na época a gente não vê hoje. Se fizer uma brincadeira a gente vai entender que tenha tem uma conotação racista, mas na época a gente nem se ligava, nem dava bola para isso, né?*

**Jamelão**

*[...] até os dezoito anos toda festa que eu ia, era só eu de pretinho lá. Então realmente eu ficava meio assim né? Não tinha muita relação, eu comecei a ter mais quando eu comecei a sair os outros amigos com dezoito anos. Até então eu tinha namorada só onde eu morava. Entendeu? Aí são nichos diferentes. Uma coisa é na escola, nunca me relacionei com ninguém, e outra coisa é lá onde eu morava.*

O termo *samba*, cujas coocorrências se interligam à *rap*, *carnaval*, *samba* e  *festa*, expõem as relações dos sujeitos com os gêneros e estilos musicais que os aproximam da negritude, assim como o consumo de produtos culturais e manifestações artísticas.

**Patápio Silva**

*[...] hoje se tu me convidar para ir no show de rap ou em um samba, eu vou contigo no show de rap e não vou no samba, porque hoje talvez eu esteja mais inclinado a gostar mais de rap.*

**Jamelão**

*[...] com dezoito anos a minha irmã já ia pra festa, eu não era muito de sair e aí que ela começou a insistir vamos sair. Aí foi a primeira vez que eu me senti num lugar que cara vamos dizer assim que eu achei legal, e eu nunca vi tanto preto na minha vida num lugar só, foi uma vez que daí eu comecei a fazer amigos e amizade etc., mas até então eu não tinha nenhum amigo preto nenhum até os dezoito anos.*

O núcleo amarelo traz os termos *casa* e *família* destacados em relação aos outros, e aborda o contexto dos costumes e relações que os sujeitos desenvolveram com a cultura negra, ou não, a partir dos hábitos e discursos dos familiares em casa. Além disso, remete ao contexto das lembranças dos sujeitos em diferentes épocas de suas trajetórias, assim como o acolhimento recebido por pessoas negras.

**Elizeth Cardoso**

*E assim a partir do momento que eu comecei a me aproximar dessas pessoas negras, para mim foi muito legal, porque a sensação era de que eu estando com pessoas negras eu me sentia muito em casa, muito acolhida. Eu acho que é o lugar que a gente pode abraçar as pessoas, que no geral quando tá com pessoas brancas, é aquela coisa que me incomoda, é aquela coisa da competição, né?*

**Jamelão**

*[...] meus pais raramente falavam sobre negritude em casa, sabe? Hoje eu já falo mais com meu filho, com meu sobrinho, porque eu já tenho um entendimento melhor. Naquela época eu não tinha. Meu pai era de uma geração que ele não falava muito, sabe? Ele só me cobrava educação, ele era mais fechado esse tipo de assunto assim ele nunca e nem a minha mãe, sabe? Nunca falaram.*

O termo *referência*, que se origina a partir da palavra *casa*, trata dos padrões desenvolvidos pelos sujeitos a partir do que eles observavam em casa. O termo *família*, que se estende à *arrumado*, trata das orientações recebidas em relação a como se comportar nos locais.

**Elizeth Cardoso**

*[...] quando a gente ia em hotel ou em restaurante meu avô ia de terno, bem arrumado e chegava já dando uma gorjeta no início pro pessoal tratar ele e a família bem nos restaurantes*

E por fim, os termos *música*, *televisão* e *livro*, abordam as práticas de consumo midiático dos sujeitos. Apenas Patápio menciona que costumava escutar produtos musicais oriundos da cultura negra em casa. Jamelão só passou a desenvolver essa prática depois dos 18 anos, e Jovelina conta que não assiste canais de televisão aberta, e costumava escutar apenas os gêneros musicais tradicionalistas, quando ia às festas com a mãe, como vimos anteriormente. E devido aos hábitos da família, Elizeth cresceu afastada desse tipo de consumo.

**Elizeth Cardoso**

*[...] a minha avó materna, tinha um LP do Jimmy Cliff, e a gente ouvia bastante música [...], mas eu me lembro de não se ter o hábito ouvir pagode, ouvir samba, ouvir esse tipo de coisas em casa, no máximo música mais popular, MPB.*

Os dados gerados a partir dos relatos dos interlocutores deste grupo, revelam que a ascensão para a classe média foi acompanhada por um movimento de afastamento ou silenciamento da negritude pelos sujeitos negros. É possível presumir que parte disso está diretamente relacionado com a 2ª fase cultural do Movimento Negro (DOMINGUES, 2007).

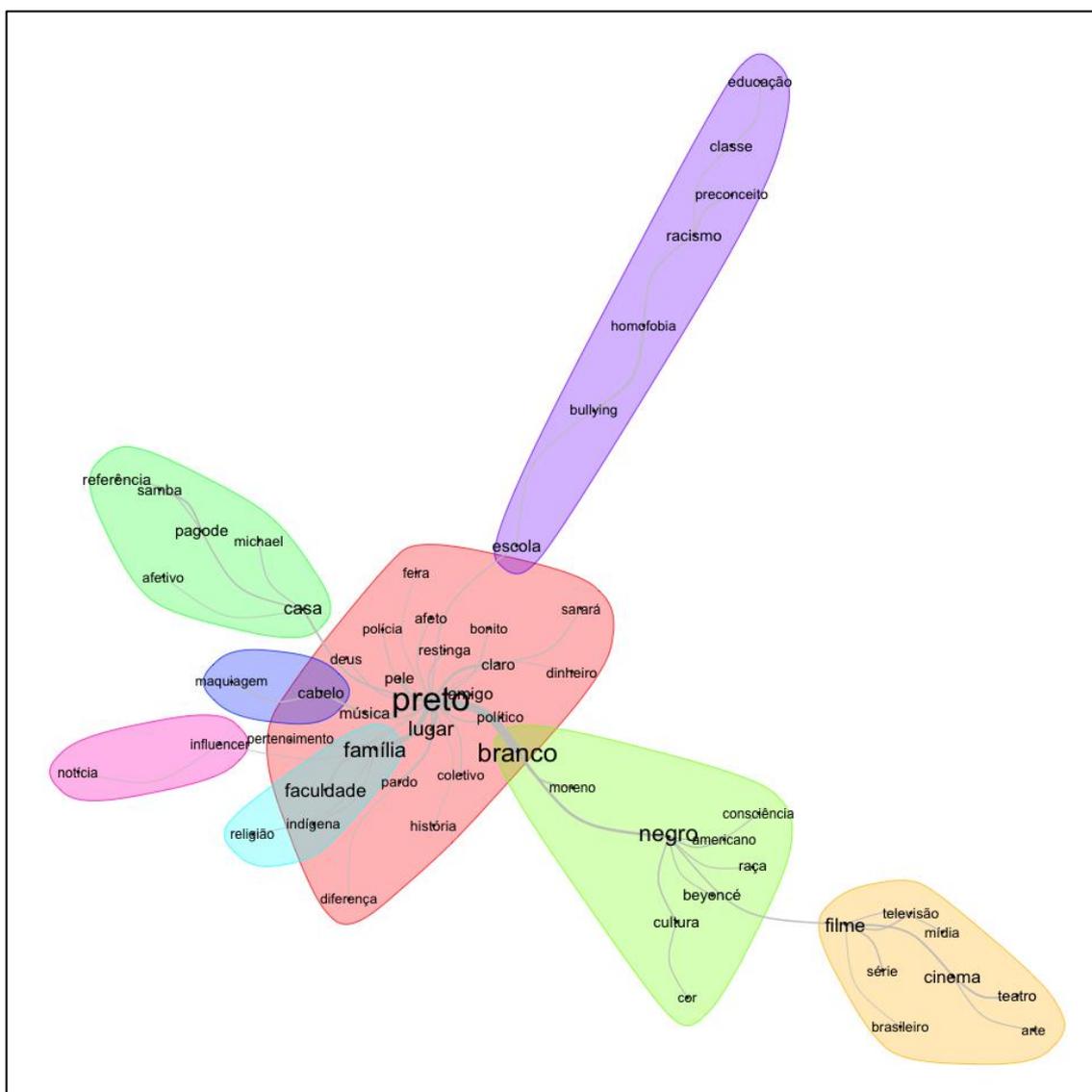
A partir do relato de Elizeth Cardoso podemos perceber a existência de um movimento de busca por identificação e aproximação dos sujeitos pardos à cultura negra material e imaterial, contudo é perceptível os conflitos identitários entre a cultura negra e branca de famílias miscigenadas. Jovelina Pérola Negra relata muitas situações de racismo e preconceito, cuja carga negativa poderia resultar em um afastamento da negritude, entretanto, através da educação ela busca se aproximar cada vez mais dos grupos minoritários, visando colaborar na compreensão das lógicas do racismo.

A articulação do relato e dos dados demonstra que Patápio Silva, ainda que busque estar próximo de pessoas negras, desenvolve suas práticas a partir do modelo hegemônico branco, diretamente relacionado com suas atividades profissionais, assim como Jamelão. Entretanto, o engenheiro mostra que a aproximação da negritude é um tipo de propósito de vida que ele visa passar para os filhos, uma vez que ele não teve isso em casa.

**c) Classe Baixa**

A análise abaixo foi organizada a partir dos relatos de Maria Firmina, Zózimo Bulbul, Elza Soares e Wilson Tibério, localizados no grupo da classe baixa.

Figura 19 – Análise de similitude classe baixa.



Fonte: elaborado pela autora através do software Iramuteq.

A partir do *Iramuteq* foram gerados oito grupos semânticos neste grupo. Conforme podemos ver o termo **preto** foi a que teve o maior número de coocorrências, e aparece em destaque, e se conecta diretamente a seis núcleos: *branco* (cor verde), *escola* (cor lilás), *casa* (cor verde), *cabelo* (cor azul), *influencer* (cor rosa) e *família* (cor azul turquesa). O núcleo *filme* (cor amarela) se interliga apenas ao termo *branco*. A disposição dos halos mostra uma certa coesão entre os grupos semânticos, apresentando um padrão discursivo relevante, tendo em vista que dos oito halos gerados, cinco deles estão totalmente interseccionados.

O núcleo **preto** pode ser considerado central devido à sua posição, e, também por ser o termo que se conecta a um número mais expressivo de palavras e halos. O termo **preto** se conecta diretamente aos termos: *amigo*, *político*, *coletivo*, *pardo*, que se estende até *diferença*,

*lugar, pertencimento, música, Deus, pele, policia, feira, afeto, Restinga, bonito, claro*, que se estende até a palavra *sarará* e *dinheiro*, além de se interligar com os halos: ***branco, escola, casa, cabelo, influencer e família***.

O software identificou que a palavra ***preto*** se relaciona com mais intensidade ao termo ***branco***, seguido por ***família*** e ***lugar***, cuja espessura da linha mostra a intensidade tão alta quanto os núcleos, demonstrando uma frequência de coocorrências considerável, conforme podemos ver na tabela 4.

**Tabela 4** – Coocorrências de palavras classe baixa

Palavra	Quantidade de ocorrências
preto	<b>124</b>
branco	<b>72</b>
negro	<b>59</b>
família	<b>54</b>
lugar	<b>42</b>
filme	<b>38</b>
faculdade	<b>32</b>
cinema	<b>29</b>
casa	<b>26</b>
amigo	<b>23</b>

Fonte: desenvolvido pela autora a partir do *Iramuteq*.

A conexão com o termo *claro* possui espessura média e se ramifica até a palavra *sarará*, e aborda o contexto do colorismo, pois é possível compreender que eles também percebem as diferenças sociais que surgem entre os pretos de pele mais clara e mais retinta.

***Wilson Tibério***

*Minha avó sempre disse “por mais que tu seja um sarará de olho claro, as pessoas vão saber que tu é um sarará de olho claro, não te ilude, que vão pensar que tu é branco. [...] é um processo bem complicado, porque tu fica sempre naquela dúvida, sabe? Será que sou? Será que não sou? E aí hoje em dia me enxergo como [sarará], mas entendo que isso faz parte da comunidade negra, né? Isso não tem no meio dos brancos.*

O termo *amigo*, muito próxima à palavra ***preto***, explica o fato de Wilson Tibério e Zózimo Bulbul exporem que, na atualidade, eles percebem que suas amizades com pessoas pretas são muito mais acolhedoras e afetivas, em comparação às amizades brancas. Maria Firmina relata que apesar de não olhar para a cor das pessoas nunca teve amigas brancas. A

configuração dos círculos sociais mostra que a juventude negra tem buscado construir relações e espaços de sociabilidade minimamente seguros para o desenvolvimento de suas identidades e demandas.

**Zózimo Bulbul**

*Na pandemia eu comecei a pensar de forma muito crítica e analítica sobre amizades, entender que a questão de aquilombamento e afrocentrar não passa só pela relação afetiva e de casal né mas também de amizades. E a partir disso eu comecei a construir uma rede de apoio, de amigos e afetos com pessoas que eu me via também. Hoje meus amigos mais próximos são pessoas negras, quase todos LGBTQIA+. Eu tenho amizades com pessoas brancas, com pessoas héteros mas é um pouquinho mais distanciado.*

**Maria Firmina**

*Olha tinha umas amigas que eram bem negras, outras já eram meio pardas, mas branca acho que eu nunca tive, sempre foi mais assim da raça mesmo sabe? Tinha uma que era bem escurinha, que era minha melhor amiga assim, depois tive outra que era mais parda, assim que nem nós né? Tipo eu e tu, que a gente é mais parda, né? Nunca foi pela cor, foi pela pessoa mesmo.*

O termo *lugar*, cujo fio apresenta espessura relevante, conforme mencionado anteriormente, se refere ao fato de que as pessoas negras da classe baixa, por vezes, ainda se questionam sobre o seu lugar na sociedade, assim como dos lugares que eles costumam frequentar e as percepções acerca das ocupações subalternas dos sujeitos negros nos ambientes de classe alta.

**Elza Soares**

*Eu fui com um amigo, que é preto, e o resto do grupo, brancos, e ele comentou: “olha em volta, o único preto tem aqui, ele está limpando o chão”. Sabe, tu não te inclui em nada ali. Fora que é um lugar extremamente caro, os preços são basicamente para quem tem dinheiro desde novinho, então para mim, não faz sentido estar lá. Eu não gosto.*

O termo *afeto* apresentou coocorrências em conexidade com o âmbito dos relacionamentos amorosos. Wilson Tibério e Zózimo Bulbul relataram a experiência de serem jovens negros e gays, e expuseram seus sentimentos em relação à negação de afeto.

**Zózimo Bulbul**

*Eu fui pego assim por essa onda, que eu acho ótimo, de gays pretos começarem a se valorizar e se enxergar mais, e se relacionarem entre si. E aí eu descobri o afeto. Eu considero que eu descobri o afeto quando eu comecei a ficar com homens gays pretos.*

O termo *dinheiro* esteve diretamente localizado no sentido da organização financeira e do poder aquisitivo. A palavra *coletivo* foi suscitada apenas por Zózimo Bulbul, uma vez que ele sinaliza a importância de estar próximo de grupos sociais e sujeitos que compartilham os mesmo interesses e objetivos.

O termo *pardo*, cujo fio de conexidade apresenta uma espessura levemente atenuada e se estende até o termo *diferença*, aparece no âmbito a autodeclaração e da forma como as pessoas fenotipicamente e culturalmente negras são lidas por elas mesmas e pelos outros. Elza Soares defende que não deixa de ser negra por ter a pele clara, pois ela entende que, mesmo

com a mãe branca, ela cresceu próxima à cultura do pai, e suas experiências são majoritariamente pretas. Maria Firmina se reconhece como parda, e revela através do seu relato a existência de uma confusão sobre a o ser pardo.

**Elza Soares**

*Eu acho que, a partir do momento que tu tem o teu pai ou a tua mãe preta, tu pode te autodeclarar pardo. E eu também acho que a pessoa pode se declarar tanto branco quanto preto. Para mim é claro, meio claro isso, sabe? Eu me vejo preta porque eu me enxergo assim. Eu fui talvez criada assim, o ambiente que eu vivi foi assim.*

**Maria Firmina**

*[...] na minha certidão eu tô parda né? Hoje em dia não se coloca mais isso.*

*[...] dos meus candidatos negros que eu votei acho que foi o Mourão<sup>28</sup>, né? que ele é mais para preto [...] eu não acho que ele é pardo, eu acho ele mais pra preto, pra branco ele não serve, mas não sei qual é a classificação que as pessoas fazem, né?*

**Wilson Tibério**

*[...] tem toda aquela discussão na hora do registro, né? Na questão das cotas, socialmente sempre me declaro preto, mas quando vou registrar, na universidade eu me registrei como pardo, mas entrando dentro da universidade eu me comecei a entender outras questões e hoje em dia me declaro como preto.*

O termo *pele*, localizado bem próximo à **preto** e com o fio de conexão de espessura atenuada se refere às reflexões sobre o tom de pele dos sujeitos. Na percepção dos sujeitos a questão da classificação da negritude apenas a partir do tom de pele é confuso e complexo, pois é possível compreender que, ainda que o tom da pele seja mais claro, é a partir da cultura e das referências familiares eles se sentem pertencentes à raça negra.

**Elza Soares**

*[...] é um paradoxo. Na verdade, não é porque as pessoas falam que tu tem a pele clara e porque não parece preta, que ela não é [...] e o que mais me chateou foi essa situação de ir num lugar que eu frequentei várias vezes, e a pessoa falou para mim, “tu não é preta, tem que sair daqui”.*

**Maria Firmina**

*Olha, primeiro que eu nasci numa família de negros onde meus avós, todo mundo era negro, então assim, eu sei que eu sou da raça negra, eu sei que eu sou preta, de pele um pouquinho mais clara. Mas eu sou preta, entendeu? Não tem nem questionar assim. Porque eu lembro assim, ó, quando a gente era criança que não tinha condições de estar cuidando de cabelo, eu lembro que o nosso cabelo era bem grudadinho na cabeça assim, sabe? De preto mesmo, então não tem nem o que questionar.*

O termo *história*, se refere às histórias que as tias de Wilson Tibério contavam ao retornarem dos eventos da negritude que elas costumavam ir quando eram jovens e que ele, ainda criança, adorava ouvir, pois era muito divertido. *Deus* foi suscitado como expressões, mas também no sentido religioso, conforme podemos ver no trecho do relato de Maria Firmina abaixo.

---

<sup>28</sup> Hamilton Mourão é um oficial militar e político que ocupou o cargo de vice-presidência do Brasil durante o governo de Jair Bolsonaro (2018-2022). No registro das eleições de 2018, ele se autodeclarou indígena no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), contudo, nas eleições de 2023, quando foi eleito senador pelo estado do Rio Grande do Sul, ele se autodeclarou branco.

**Maria Firmina**

*Meu marido é batuqueiro, se ele precisar alguma ajuda, eu auxilio, mas a crença dele é uma e a minha é outra, né? Eu acredito em Deus e é superior a tudo, então o resto tá abaixo de Deus, mas eu não critico nenhuma religião, cada um segue a sua crença.*

Os termos *polícia* e *Restinga*, bairro de Porto Alegre, foram mencionados por Elza Soares, contudo foram no sentido comparativo à uma série de televisão baseada em fatos reais, que ela estava assistindo na época dos relatos, e ela menciona que assim como na narrativa, no bairro porto-alegrense a polícia também não se importa com jovens pretos e homossexuais.

O termo *pertencimento*, expõe a prática de buscar estar próximo de sujeitos cuja realidade e são próximas. Em paralelo, ela se localiza próximo ao núcleo *influencer*, uma vez que os sujeitos mencionaram que, a maioria das atividades no ambiente digital e sites de redes sociais estão bastante ligadas à questão da identidade, mas também expõe que os sujeitos usam as redes sociais para se informarem.

**Wilson Tibério**

*apesar de ter sempre os brancos que se metem no rolê dos pretos, em um rolê preto, por mais que seja um curto período de tempo a gente sabe que ali não tem muito essa coisa do pensar que algum momento pode rolar alguma coisa estranha, um olhar torto. [...] dá pra sentir um pertencimento mesmo. [...] de conversar, criar amizades com pessoas que são como eu [...]*

O núcleo *branco*, assim como nos outros cenários, apresenta maior espessura, e dentro dele podemos encontrar uma ramificação até *negro*. A primeira ramificação à palavra *moreno*, está relacionada à cor da pele de pessoas brancas.

**Zózimo Bulbul**

*Na escola de inglês que eu trabalhava todos eram brancos. Tinha uma menina que era morena, mas ela era uma morena tipo Cristina Ranzolini<sup>29</sup> assim sabe? Uma pessoa branca de pele morena e cabelo preto, mas todos brancos Sim.*

**Maria Firmina**

*o meu marido ele é bugre assim, né? Ele é um meio termo, né? Ele não serve nem pra branco, nem pra preto. Ele é aquela... que nem ele tem a nossa cor assim, moreno.*

Dentro do núcleo *branco* ainda há a palavra *negro* cujas coocorrências também se mostram relevantes, e suas ramificações se estendem para *Beyoncé*, uma vez que a artista é citada como uma referência de empoderamento para Wilson Tibério e Zózimo Bulbul; assim como para o termo *americano*, que se refere às comparações estéticas, culturais e econômicas entre os negros dos Estados Unidos e os brasileiros.

**Zózimo Bulbul**

*[...] a partir do momento que a gente descobre o negro americano fica enlouquecido e tipo “ai eu quero ser esse negro”. E aí depois tu percebe que o movimento negro estadunidense está em um lugar que ainda é escasso na América Latina, no Brasil, e que também dialoga muito pouco comigo, tanto no sentido financeiro, no aquisitivo, no sentido de pessoa mesmo.*

---

<sup>29</sup> Jornalista e apresentadora do jornal local do Rio Grande do Sul.

O termo *raça* está bastante interligado ao sentido da cor da pele, e *consciência*, termo localizado próximo à palavra negro, se refere à compreensão dos interlocutores acerca do reconhecimento de sua negritude.

**Zózimo Bulbul**

*[...] eu cresci com consciência racial, sabendo que eu sou uma pessoa negra e também na minha família preta os que não são pretos são indígenas. Então eu cresci envolto de pessoas racializadas desde muito cedo.*

**Wilson Tibério**

*[...] apesar de tudo a minha mãe sempre foi uma branca consciente. Ela sempre me disse: não Wilson, tu é negro. Você é negro. Apesar de ser clarinho, é negro. E aí fiquei “Hum então sou negro, então tá!”*

A linha de conexidade que se estende ao núcleo *filme*, apresenta as críticas e práticas de consumo midiático dos interlocutores, e apresenta os termos *cinema*, *teatro*, *arte*, *televisão*, *mídia*, *série* e *brasileiro*. Com exceção de Zózimo Bulbul, que atua na área do Cinema, e com frequência procura eventos e manifestações artísticas, Elza, Maria Firmina e Wilson sinalizaram que, nesse âmbito frequentam salas de cinema de vez em quando. Em paralelo, Maria Firmina contou que gosta muito de novelas, mas assiste através de um canal de *streaming*, pois ela trabalha no período da noite.

**Zózimo Bulbul**

*E aí eu percebi ali no cinema também que parte ainda de uma hegemonia muito grande de um elitismo muito grande que todas as referências são brancas europeias [...]. E aí eu me atentei a questão da do conteúdo de massa né? Me abriu uma um leque de outras possibilidades, outros cinemas e entender o que está pra além da indústria. E aí dentro disso eu comecei a fazer as minhas próprias procuras.*

O núcleo *escola*, na cor lilás, aborda as experiências dos sujeitos nesses ambientes. A carga negativa dessas vivências, em especial aos jovens gays, foi um dos pontos levantados por Zózimo e Wilson nesses ambientes institucionais. Os termos *preconceito* e *homofobia* foram bastante suscitados por ambos os jovens durante o período escolar.

Em paralelo, o termo *racismo*, se conecta tanto aos sentidos de classe, como podemos ver a partir do relato de Elza Soares, como aos ensinamentos implícitos dos familiares.

**Wilson Tibério**

*Minha vó nunca disse “isso aqui é racismo”, né? Ela sempre deixou claro que existe, né? Tipo assim, ela nunca falou que isso vai acabar em algum momento, nunca falou quando começou, mas que sempre existiu e que eu sempre tinha que estar preparado para isso.*

**Elza Soares**

*[...] a questão do racismo ou preconceito em geral envolve também a educação, porque sabemos que a maioria das pessoas que estão na universidade federal, muitas vezes são pessoas brancas e de uma classe mais favorável. Então eu acho que a partir do momento que a gente fala do racismo, a gente também coloca em pauta a educação, e o que que está faltando para as pessoas de periferia, pessoas pretas que não tem acesso a isso.*

O núcleo *casa*, em verde, agrupa os termos, *Michael* (que se refere ao cantor Michael Jackson), *afetivo*, *pagode*, *samba* e *referência*. Isso porque, com exceção de Maria Firmina, os outros sujeitos pontuaram que aprenderam a consumir produtos midiáticos relacionados à cultura negra em casa. Em paralelo, Zózimo conta que cresceu

**Elza Soares**

*A minha construção musical pro lado do pagode, foi extremamente influenciada pelos meus pais, porque eles escutam pagode em casa, e desde nova eu gosto muito, gosto de frequentar rodas de samba, amo na verdade, e eu aprendi, eu comecei a escutar com eles [...].*

**Zózimo Bulbul**

*[...]eu também cresci com a sombra do Michael Jackson né? Meu pai comentava muito sobre Michael Jackson, James Brown e Racionais, sempre foi muito presente na minha casa por conta do meu tio, dos amigos dele. Então eu cresci com essas referências, mas com certeza Michael Jackson foi a minha primeira referência assim de ícone pop.*

O núcleo *cabelo*, sobreposto ao círculo da palavra *preto*, aborda as preferências e opiniões sobre cabelos, e se estende ao termo *maquiagem* que se refere às práticas de consumo nas redes sociais.

**Maria Firmina**

*Eu penso assim, a gente que é preto a gente normalmente tem cabelo ruim, né, assim cabelo crespo mais difícil, né?*

**Elza Soares**

*Eu sigo páginas de beleza, cabelo, maquiagem. Eu, eu gosto bastante dessa parte assim, de como as pessoas se vestem e tal, até como inspiração algumas vezes. [...], eu procuro pessoas que tenham o tom de pele parecido com o meu, o cabelo parecido com o meu. Até para cortes de cabelos, porque não adianta procurar um cabelo mega liso, escorrido, que um corte não vai ficar igual. Então, eu procuro influencers que se encaixem mais no meu estereótipo.*

Por fim, o núcleo *família*, cuja linha apresenta uma espessura mais intensa revelando um número maior de coocorrências, também está sobreposta ao núcleo *preto*. Para os sujeitos da classe baixa a família, ainda que para alguns interlocutores a família também tenha sido um lugar de violências, em geral a família tem um papel relevante no que concerne a compreensão da negritude.

**Zózimo Bulbul**

*Na minha família até a geração que eu conheço todos são negros, a minha vó e as irmãs dela, minhas tias maternas são todas mulheres negras de pele clara. E a família do meu avô são pessoas retintas. Por parte do meu pai são indígenas. Então o meu pai era bem bugrão assim que a gente conhece como bugre, e a minha vó também. Há pouco tempo ainda conversei com ela sobre e ela se enxerga uma mulher indígena.*

Ainda nesse núcleo, o termo *faculdade* expôs as percepções dos interlocutores acerca das diferenças de classe e culturais em comparação às realidades dos outros sujeitos com quem alguns deles dividem os espaços sociais.

**Elza Soares**

*Primeiro que eu conseguir o PROUNI só na Fapa [na zona norte], e eu moro na zona sul de Porto Alegre, não tem como ficar indo de Uber e voltando de Uber o tempo inteiro, [...]. Então*

*eu tinha que sair do trabalho, pegava 2 ônibus ir e para voltar 2 ônibus, chegava em casa quase meia-noite. E a maioria dos meus colegas não. A maioria ia de aplicativos de transporte escolar. Eu até fui ver uma kombi, mas era completamente fora da realidade para mim. E aí eu vi bastante isso, a diferença que as pessoas de classe. A maioria consegue se manter, pagando Uber, pagando kombi, pagando lanche todo dia, e é um valor que pesa no orçamento durante o mês.*

O termo *indígena* foi abordado tanto no contexto da miscigenação por Zózimo, cujo pai tinha pertença indígena, assim como sua busca por informações e notícias sobre os povos originários na atualidade. O termo *religião* foi abordado no contexto das crenças por Maria Firmina, que é católica, mas acompanha o marido nos rituais religiosos de matriz africana, e por Wilson Tibério, que menciona brevemente seus rituais de culto ao batuque junto à avó.

Apresentados os interlocutores da classe baixa, é possível perceber a partir dos dados gerados no *Iramuteq* em confluência com os relatos que, Maria Firmina, apesar de não ter dúvida alguma de sua negritude, e de pontuar que não tem amizades íntimas com pessoas brancas, não busca estabelecer nenhum tipo de vínculo com a cultura negra. Elza Soares, ainda que com a pele clara defende sua negritude e se autodeclara preta, uma vez que ela entende que foi criada dentro dessa cultura, entretanto suas percepções e leituras, e conseqüentemente práticas de consumo estão muito mais ligadas à classe do que propriamente à raça.

Apesar dos conflitos identitários é possível perceber que Wilson Tibério se sente muito mais confortável entre pessoas negras, e com isso ele busca equilibrar suas práticas de consumo entre classe e raça, nos espaços diversos em que ele vive. Zózimo mostra ser um jovem racialmente consciente acerca dos atravessamentos de classe, raça, política e até mesmo sobre aspectos geopolíticos que envolvem as questões da negritude, e por meio da arte busca explicitar suas compreensões e visões de mundo, e através da cultura negra têm buscado ferramentas para desenvolver uma consciência crítica acerca de tudo que consome.

### **9.1. O enredo da negritude: nuances, atravessamentos e interpretações**

Apresentados os dados gerados pelo *Iramuteq*, iremos realizar uma análise comparativa entre as três classes. A partir da figura 19 iremos pontuar as nuances, atravessamentos e interpretações. No primeiro momento iremos nos debruçar a compreender as disposições e possíveis sentidos capturados pelo software, e no segundo momento iremos relacionar as interpretações em articulação com os relatos dos interlocutores e suas práticas socioculturais, assim como as atividades de consumo.

Em relação aos grupos semânticos, a classe alta se mostra coesa ao apresentar todos os halos interseccionados ao núcleo central. Em relação às práticas de consumo do grupo em

conexão com a cultura e a identidade negra, constatou-se que, ainda os símbolos, tradições e hábitos tem uma carga de sentido pouco relevante durante as práticas.

Já a classe média se mostra mais dispersa, uma vez que os núcleos não apresentam intersecções entre si, e alguns deles apresentem uma distância considerável. Para além disso, o fio condutor que interliga os núcleos apenas os perpassa, entretanto o termo *negro* também aparece como núcleo central, assim como na classe alta. Em sintonia com os relatos, é possível constatar que os interlocutores da classe média pouco se conectam com a cultura e a identidade negra em suas práticas de consumo. A classe baixa se mostra um pouco menos coesa que a classe alta em relação à identidade negra, contudo cabe apontar que, diferentemente dos outros dois grupos, o núcleo central da figura apresenta o termo *preto*, ao invés de negro. Com exceção de Maria Firmina, os três outros sujeitos apresentam uma forte ligação à cultura e identidade negra durante as suas práticas de consumo.

Com isso podemos constatar que, a classe baixa é o grupo que mais promove o fortalecimento, costumes e consumo dos símbolos da cultura e identidade negra. Isso pode ser reflexo do fato de que a classe baixa, provavelmente devido ao território e/ou poder aquisitivo e/ou relações sociais é o grupo mais próximo de outros sujeitos pretos e pardos.

Em relação aos núcleos semânticos, termos e disposições geradas pelo *Iramuteq*, no que se refere ao termo família, para a classe alta a palavra surge dentro do núcleo *negro*, e próximo à palavra central, o que indica a importância da família para a compreensão da negritude dos sujeitos. Já na classe média, aparece distante do núcleo negro e de acordo com as palavras que compõem este núcleo, pode-se presumir que o sentido está atrelado às práticas relacionadas ao consumo midiático e relações sociais. O termo família, para a classe baixa, forma um núcleo cujo sentido pode estar relacionado ao apoio recebido dos familiares para o estudo, assim como às práticas sociais religiosas.

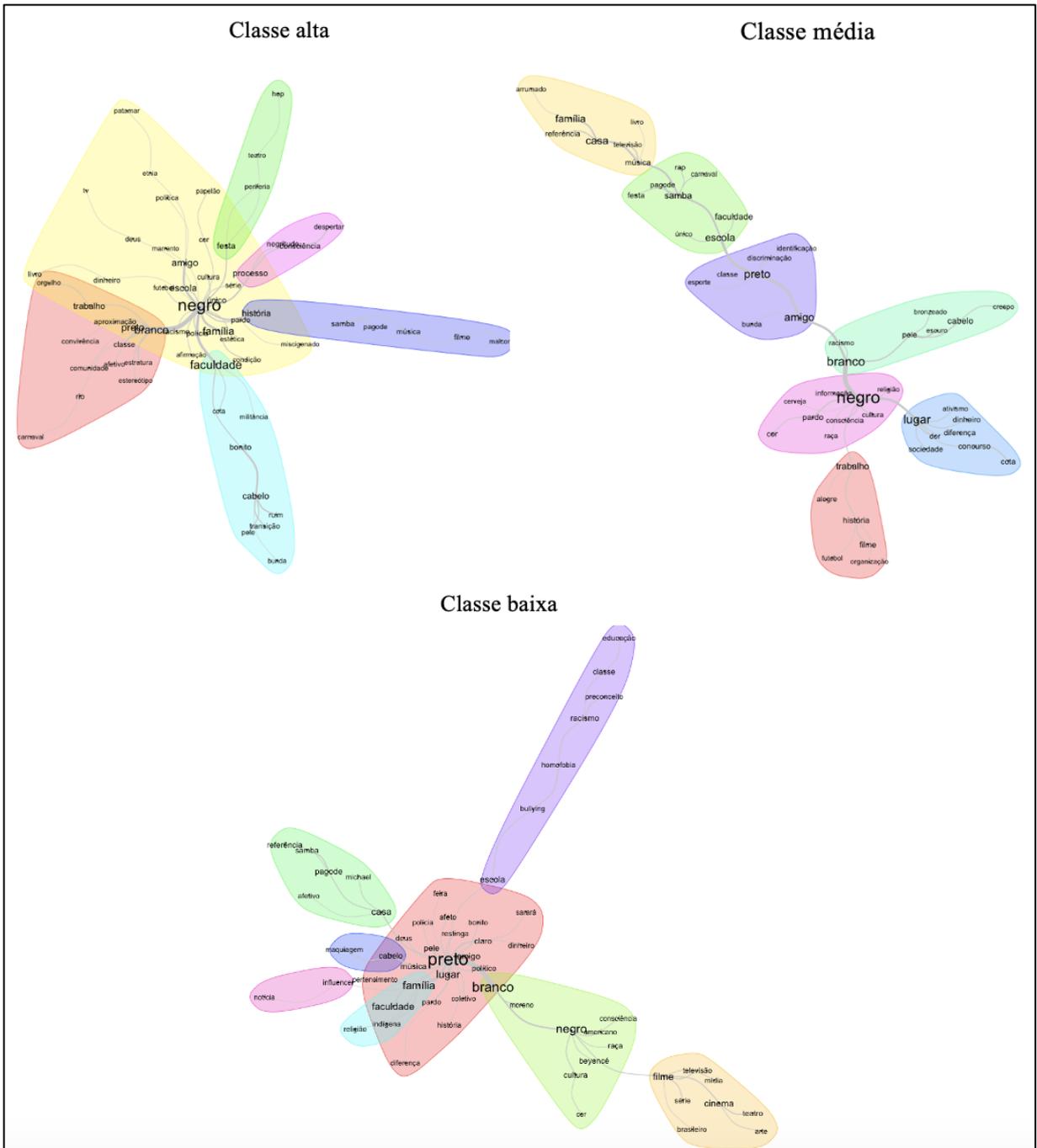
O termo branco apresenta um núcleo em todas as classes, e ora apresenta sentidos neutros, ora negativos, porém raramente positivos. Para a classe alta, a disposição das palavras se apresenta de uma forma ligeiramente confusa, uma vez que o termo *preto* se intersecciona com *branco*, porém às palavras mais próximas ao branco, além desta, são *estrutura*, *estereótipo* e *classe*. A classe média o núcleo *branco* apresenta o termo *racismo* fortemente conectado e próximo, mas também se expande para palavras que abordam características físicas através dos termos *pele*, *escuro*, *cabelo* e *crespo*. E a classe baixa apresenta o núcleo *branco* em intersecção com o núcleo central que apresenta a palavra *preto*. Em paralelo, a palavra *negro* aparece dentro deste núcleo, e a partir dela surgem conexões a termos como *consciência*, *raça*, *cultura* e *cor*.

O termo *escola*, apresentou diferentes posições. Na classe alta ele aparece dentro do núcleo *negro*, e está próximo da palavra central, contudo *faculdade* se configura como um núcleo, que abrange *cota* e *militância*, além de termos relacionados aos atributos físicos dos sujeitos. Já na classe média a palavra é geradora de um núcleo, posicionado mais distante do termo central, e apresenta os termos *faculdade*, *único* e palavras relacionadas à produtos culturais da negritude como *samba*, *pagode* e *carnaval*. Assim como a classe baixa, cujo termo *escola* gerou um grupo semântico, levemente interseccionado ao termo central, e apresenta palavras com carga de sentido negativos como *bullying*, *homofobia*, *racismo* e *preconceito*.

E, por fim, das principais diferenças percebidas entre as classes a partir da análise de similitude, dos termos que se relacionam com as instituições, dispositivos e produtos midiáticos podemos ver que, na classe alta eles estão posicionados majoritariamente dentro do núcleo *história*, entretanto a palavra *tv* está posicionada dentro do núcleo central, mas afastada do termo *negro*, assim como a palavra *livro*, que está atrelada ao termo *dinheiro*. Na classe média, a maioria deles eles se posicionam dentro do núcleo *escola*, contudo o termo *filme*, encontra-se no núcleo *trabalho*, e está atrelado à palavra *história*. E na classe baixa, é possível perceber uma divisão entre os produtos culturais da negritude, que se localizam no núcleo *casa*, como *samba* e *pagode*, e às mídias, que dão forma ao núcleo *filme* e são compostas pelas palavras *televisão*, *mídia*, *cinema*. *Teatro*, *arte*, *brasileiro* e *série*.

A partir da figura 19 iremos apresentar as percepções e os sentidos apreendidos nas principais instituições sociais que se relacionam com as práticas de consumo no âmbito cultural, assim como as diferenças observadas.

Figura 19 – Análise de similitude comparativa



Fonte: elaborado pela autora através do software Iramuteq.

### a) Percepções sobre a relevância da branquitude

Um ponto que chama bastante atenção, devido às complexidades das relações e configurações sociais é a relevância da branquitude para os sujeitos. Conforme podemos ver na figura 19, as três classes posicionam o termo *branco* entre os termos *negro* e *preto*.

Para as classes alta e média, ainda que a palavra *branco* apresente uma carga negativa, a partir dos relatos é perceptível a tentativa de ligação, adequação e inclusão destes dois grupos aos padrões culturais brancos nas instâncias sociais. Considerando que, a estrutura é o resultado de práticas produzidas pelos sujeitos que vieram antes (Hall, 2016), mesmo que haja a identificação das diferenças, devido ao fato de o sistema instituído e vigente da estrutura social brasileira ser estabelecida pela lógica branca e capitalista, não há como os sujeitos e grupos se desvencilharem desta condição social constituída ao longo de décadas através dos discursos e da produção de conhecimento que inferiorizou, escravizou e silenciou a presença da negritude na história da humanidade.

Os significados produzidos pela palavra *branco* residem na complexidade das relações sociais, individuais e coletivas desses sujeitos. E mesmo em uma escala menor, devido à identificação das diferenças e do racismo, os sujeitos conseqüentemente reproduzem essa lógica e buscam adequar-se no sistema vigente. Isso também reflete em suas práticas de consumo, uma vez que ao projetarem o ideal da branquitude acabam por fortalecer a estrutura social que coloca eles e seus pares em segundo plano.

Os dados das classes alta e média mostram o termo *negro* em primeiro plano, seguido de *branco* e depois *preto*. Para a classe alta, *preto* ainda que esteja no mesmo núcleo que o branco, apresenta proximidade a palavras como *aproximação*, *convivência* e *afetivo*, cujos sentidos poderiam ser considerados neutros ou positivos, dependendo do contexto. Já para a classe média as palavras que se aproximam da palavra *preto* apresentam uma carga de sentidos ligeiramente negativas.

Os dados da classe baixa mostram um cenário bem diferente dos outros grupos, ainda que algumas das palavras que aparecem nas coocorrências estejam dentro do mesmo grupo semântico que a classe alta e média. A classe baixa centraliza a palavra *preto*, entretanto no que se refere a *branco* realiza o mesmo movimento dos outros dois grupos., contudo o termo *negro* é acompanhado por palavras cujos sentidos se direcionam para outros campos e sem carga negativa. As coocorrências entre as conexões e proximidades das palavras nos mostram a partir dos relatos que, para parte do grupo as diferenças estão muito mais ligadas a uma esfera estética-cultural. Uma vez que o grupo, ainda que compreenda as diferenças, está mais voltado para as questões imateriais da negritude e para o sentido coletivo das representações. Em paralelo, ainda é possível identificar a menção à palavra indígena, o que nos mostra que, de certa forma, a classe baixa está mais atenta, ou próxima dos povos originários.

Considerando que, a complexidade sociocultural das palavras está relacionada à carga que os sujeitos dão a elas, podemos perceber que, a relevância dada à branquitude pelos três

grupos nas relações, no âmbito da representação sociais, está diretamente relacionada com o modelo cultural hegemônico da branquitude. Sendo assim, é possível constatar que, mesmo com cargas de sentido negativas em relação à branquitude, a disposição das palavras relacionadas à raça revela que os três grupos pautam a branquitude antes mesmo de seus próprios pares.

#### **b) Percepções acerca das instituições familiares**

A partir destas interpretações relacionadas à raça, em articulação com os relatos é possível identificar a importância da família na elaboração da identidade negra, assim como no pertencimento e desenvolvimento de práticas e costumes. Contudo, os atravessamentos mostram que os discursos negativos acerca da identidade negra na 1ª e da 2ª fase cultural do Movimento Negro, ainda refletem nas famílias negras brasileiras e podem ser percebidos através dos discursos na atualidade, e devido ao sistema social dominante tendem a continuar sendo reproduzidos e praticados se não houver uma ruptura de costumes. Conforme aponta Neuza Santos Souza (1983), a construção da identidade negra enquanto uma tarefa eminentemente política exige que se conteste até mesmo os costumes adquiridos através dos familiares que, às vezes impõem aos sujeitos negros tornar-se uma caricatura do branco para serem aceito ou ascenderem socialmente.

Os dados ao mostrarem que os sujeitos da classe alta têm na instituição familiar um exemplo a não ser seguido no âmbito socioeconômico, isso de certa forma, nos mostra a importância do afroconsumo cultural para a compreensão do fato de que, a vulnerabilidade social ao qual os sujeitos negros estão localizados não é oriundo da falta de esforços de pessoas negras, e sim uma condição historicamente construída. A falta de um diálogo que visa a compreensão desse contexto incide, muitas vezes, na construção de uma subjetividade negativa em relação às suas próprias famílias por estarem frequentemente localizados nos estratos sociais mais baixos da sociedade.

O sentido de família para a classe média está relacionado à referência e estímulo para ascensão social e econômica. Enquanto instituição social, a família representa um papel importante no desenvolvimento de comportamento nos círculos sociais, e a partir dos ensinamentos oriundos do seio familiar os sujeitos desenvolvem parte de suas práticas sociais e de consumo, assim como a visão de mundo, sobre o que é certo ou errado.

Os sujeitos da classe baixa parecem mais conformados e conscientes acerca das vulnerabilidades sociais de seus familiares, e a carga de sentido se mostra mais positiva, ainda que existam conflitos com alguns familiares específicos, principalmente na figura do paterna.

Mas enquanto instituição social, a família se mostra um espaço seguro, e produtora de uma memória relativamente positiva.

É possível identificar que um número considerável de interlocutores cujas figuras paternas são ausentes. Maria Auxiliadora e Cassiano, da classe alta, expuseram que não tiveram contato com os pais ao longo da vida. Na classe baixa, Wilson, apesar de ser muito próximo da família paterna expõe que o pai foi comprar cigarro e nunca mais voltou, e quando convidado a falar mais sobre o assunto no segundo contato, caso não tivesse problema, apesar de falar que essa é uma questão tranquila para ele, o jovem não abordou o assunto. E por fim, Zózimo expôs casos de violência doméstica durante a infância. A classe média não apresentou nenhuma ocorrência em relação à figura paterna.

No entanto, a presença das mães assume um papel de importância na constituição de suas identidades, assim como as avós. Nos três grupos é possível encontrar relatos que relacionam a figura dos avós diretamente à construção identitária dos sujeitos, uma vez que eles apresentam um grau de relevância considerável. Através dos ensinamentos dos avós parte dos interlocutores sinalizaram que parte da sua compreensão de negritude, ou não, é oriunda do discurso e da visão deles, suas relações com a comunidade negra e com o Movimento Negro no passado, como é o caso de Elizeth, Wilson e Cassiano.

### **c) Percepções acerca das instituições educacionais**

As instituições educacionais apresentaram sentidos diversos e disposições diversas nos três grupos. Para a classe alta, a educação foi uma forma de garantir acesso às possibilidades de ascensão social. Dos quatro interlocutores, apenas Ruth de Souza não se dedica diretamente à atividade profissional que estudou na faculdade e nem obtém sua renda a partir da sua formação. E Henrique Alves de Almeida ainda que não exerça a função de advogado diretamente, conquistou, por meio de um concurso público uma posição relevante e ascensão social devido ao fato de obter um diploma de curso superior.

Em paralelo, o sentido das instituições educacionais para mostrou-se conectado diretamente às relações e círculos sociais. Nesses ambientes ficou evidenciado que os sujeitos enfrentam algumas dificuldades que ultrapassam a questão profissional e alcançam suas subjetividades. Foi na universidade que Maria Auxiliadora passou a refletir sobre a sua identidade negra, contudo foi através de situações de carga negativa que ela compreendeu algumas diferenças. Cassiano menciona que na universidade fazia parte do movimento estudantil, mas devido ao fato das pautas estarem direcionadas para o âmbito partidário, ele

conta que a questão racial não fazia parte de sua agenda. Entretanto ambos os sujeitos apontaram que na universidade sofreram diversos tipos de discriminações, assim como também tiveram experiências negativas em relação à relacionamentos afetivos. Ruth e Henrique, pouco abordaram as suas experiências na universidade, ainda que a fotógrafa tenha mencionado que se diferenciava dos outros sujeitos negros pelo fato de ter entrado por mérito e não pelas cotas.

No grupo da classe média todos eles possuem curso superior, entretanto apenas Jovelina possui mestrado e está cursando doutorado. Jamelão se dedica à sua empresa, Elizeth está estudando para concursos públicos e Patápio não mencionou se deu continuidade aos estudos. Nenhum dos sujeitos abordou as experiências em relação à negritude, cultura e identidade negra durante o período em que passaram na universidade. Com isso, o sentido dessa instituição para o grupo pode ser considerado neutro, ou até mesmo positivo.

A classe baixa já apresenta uma configuração um pouco diferente. Maria Firmina é a única que possui apenas ensino técnico, entretanto, Zózimo e Wilson ainda estão cursando faculdade. Elza Soares, a única formada, direcionou seu olhar muito mais para as questões de classe, do que propriamente de raça, devido às diferenças entre ela e os colegas. O sentido apreendido pelos sujeitos da classe baixa em relação a esses espaços está mais relacionado à classe do que propriamente à raça, ainda que Zózimo tenha apresentado um olhar bastante crítico, e tenha exposto que nesse espaço colaborou para a sua percepção da hegemonia branca.

#### **d) Percepções acerca dos círculos sociais**

Os círculos sociais da classe alta são majoritariamente brancos, ainda que Cassiano busque se envolver com pessoas e instituições que busquem fomentar e desenvolver a cultura negra, o grupo apresentou uma configuração bastante coesa em relação às relações sociais. Ainda que, Cassiano e Maria Auxiliadora abordem a importância da cultura e da identidade negra, ambos, em conjuntos com Henrique e Ruth sinalizam que suas os espaços que eles frequentam são majoritariamente brancos, e ainda que frequentemente eles sejam os únicos, suas práticas se justificam pela qualidade dos serviços oferecidos nos espaços de cultura negra, ou não demonstram nenhum tipo de desconforto em estarem localizados nesse lugar de preto único, ou seja, de diferenciação.

A classe média apresenta a configuração de seus círculos sociais ligeiramente diferente, pelo fato de Patápio e Elizeth mencionarem que na atualidade buscam estar em contato frequente com sujeitos negros. Entretanto os sentidos produzidos mostram que o grupo está mais ligado ao fator da classe social do que da raça, e ainda que exista esse movimento de

aproximação seus círculos sociais continuam majoritariamente brancos, por conta do poder aquisitivo e dos espaços que eles frequentam.

E, por fim, a classe baixa se mostra diferente dos outros grupos, uma vez que a maioria dos sujeitos apontou que, mesmo convivendo em espaços em que há a predominância de pessoas brancas, eles buscam, com frequência, se aproximarem de pessoas negras. Com isso, podemos ver que a classe baixa é muito mais coesa em relação ao fortalecimento da cultura, identidade e espaços negros.

## **9.2. Desdobramentos do consumo cultural da negritude**

São inúmeros os contextos e possibilidades que os dados nos fornecem, contudo, devido ao recorte da pesquisa, no próximo momento nos direcionaremos para as reflexões acerca das práticas dos sujeitos em conjunto, buscando alcançar a prática de consumo cultural e traçar paralelos com o afroconsumo. A fim de obter-se informações determinadas, através da aplicação de um questionário, visamos captar práticas que eventualmente não foram abordadas pelos sujeitos durante os seus relatos, como por exemplo, o caso de Maria Auxiliadora, que em nenhum momento se referiu às suas práticas e crenças religiosas, uma vez que seu enfoque se direcionou para o âmbito dos afetos e relações.

É válido ressaltar que os questionários foram aplicados em torno de um mês após os relatos, entretanto os 12 sujeitos demoraram entre 1 dia e até mesmo mais de um mês para retornar todas as respostas. Foram realizadas diversas investidas acerca do consumo de bens, serviços e conteúdos midiáticos direcionados à negritude, entre outros temas, e o questionário completo pode ser visualizados no anexo desta pesquisa. Posto isso, neste bloco apresentaremos apenas os gráficos relacionados aos principais temas e abordagens da pesquisa.

Durante todo o percurso da investigação buscou-se aportes para explicar cientificamente uma prática que parece natural para parte dos sujeitos negros minimamente conscientes acerca das lógicas do racismo. Isso porque, o fato de uma pessoa ser negra não significa que ela está disposta a afroconsumir, ou sequer aproximar-se de sua própria identidade, e conforme vimos nos relatos há sujeitos que não enxergam cor, ainda que percebam o racismo.

São as experiências vivenciadas em diversos espaços de sociabilidade que dão forma à compreensão de mundo, assim como às aspirações e rituais dos sujeitos. As práticas culturais e as relações sociais são primordiais para as transformações constantes das identidades de qualquer sujeito, uma vez que elas fornecem elementos materiais e simbólicos, e no recorte à

negritude elas irão atuar diretamente em suas subjetividades e a levar os sujeitos para a aproximação ou distanciamento da sua própria identidade.

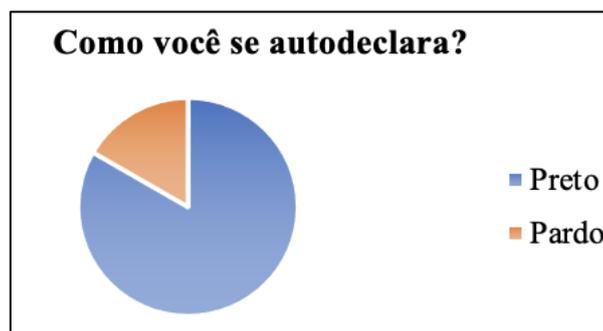
Esse processo complexo e fragmentado de construção das identidades se constitui a partir da socialização dos sujeitos que possuem identidades coletivas e individuais constantemente atravessadas por discursos oriundos de diferentes lugares. De acordo com García-Canclini “quase toda a sociabilidade e a reflexão sobre ela concentra-se em intercâmbios íntimos” (2019, p. 289), entretanto, frequentemente, a mídia substitui interações coletivas, uma vez que através das notícias ela coordena múltiplas temporalidades, assim como colabora diretamente na apreensão do sentido social e coletivo da cultura urbana.

García-Canclini aponta que os meios massivos colaboram diretamente na apreensão do sentido social e coletivo, coordenando múltiplas temporalidades, entretanto as tecnologias consideradas novas, assim como a televisão não são neutras, nem onipotentes e incidem em mudanças culturais cujos significados apreendidos vão depender dos usos que os sujeitos lhe atribuem (*Ibidem*, 2019). Para o autor, a opinião pública, as notícias, a publicidade, a política, a intelectualidade constroem um *jogo de ecos* que ressoam uma nas outras. Neste eco de debates que ocorrem na esfera pública se constroem muitas identidades difusas e diluídas. Sendo assim, para o autor a mídia, até certo ponto, pode ser vista como a grande mediadora e mediatizadora das práticas sociais. E partir desse diálogo, neste bloco verificaremos as atividades dos sujeitos em diferentes instâncias e áreas relacionadas às práticas de consumo dos interlocutores.

### **9.3. Quando me tornei negro: conflitos identitários**

Em termos de reconhecimento, quando perguntados como os sujeitos se autodeclaravam, em um primeiro momento muitos deles responderam que se autodeclaravam negros. Quando perguntados se eles se autodeclaravam pessoas pretas ou pardas, ainda que previamente alguns deles tenham se identificado como pessoas pardas, na resposta ao questionário, apenas dois deles, Henrique Alves de Mesquita e Elizeth Cardoso se autodeclararam pardos. Maria Firmina se reconhece como parda várias vezes durante o relato, contudo na resposta ao questionário se autodeclara preta.

Isso expõe que, mesmo que os sujeitos possuem um certo grau de letramento racial, os sujeitos ainda não sabem como se autodeclarar ao certo. Muitas dessas confusões e ou até mesmo inseguranças podem estar fortemente atreladas aos diversos discursos disseminados e consumidos em sites de redes sociais. O gráfico 1 expõe a problemática acerca da autodeclaração racial

**Gráfico 1** – Autodeclaração racial dos interlocutores

**Fonte:** desenvolvido pela autora

Talvez isso também seja reflexo da positivação, ressignificação e orgulho negro realizada pelos movimentos negros nas últimas décadas. Contudo, isso também pode ser reflexo das diferentes cargas de sentidos relacionadas ao termo *pardo*. Os processos sociais conflituosos em torno do reconhecimento de sujeitos como pardos é complexa. Fátima Oliveira sinaliza que, “de acordo com a convenção do IBGE, portanto, negro é quem se autodeclara preto ou pardo. Embora a ancestralidade determine a condição biológica com a qual nascemos, há toda uma produção social, cultural e política da identidade racial /étnica no Brasil” (2004, p. 58). Para a autora, ainda que confusa e arbitrária a classificação do instituto é de grande valia, pois colabora na investigação de doenças e morbidades da população negra, assim como colabora no desenvolvimento de políticas de combate ao racismo.

Carolina Pereira (2023) aponta que, as pessoas negras de pele clara sentem a necessidade de terem sua identidade negra reconhecida por outros sujeitos negros, e esse reconhecimento passa por diversas interpelações. Ainda que, por vezes as repercussões sejam positivas, a falta de discussões, ou até mesmo a invisibilidade do pardo, que historicamente moldou sua identidade e ideologia racial a partir do sistema cultural da branquitude, pode ser um dos motivos pelos quais os sujeitos pardos se autodeclararam pretos em muitas situações.

Nos relatos foi possível perceber inúmeras situações em relação à problemática e miscelânea de opiniões acerca da compreensão de preto e pardo. Wilson Tibério se autodeclara pardo nas instituições, uma vez que compreende que a sua mãe é branca, entretanto em seus círculos sociais ele se enxerga como preto. Elizabeth Cardoso contou que sabia que não era branca, mas não conseguia se autodeclarar negra porque as pessoas do seu círculo social eram majoritariamente brancas, e os seus familiares negros não abordavam o assunto. Maria Firmina em alguns momentos se autodenominava preta e em outros parda. Jamelão sempre soube sabia que era negro, mas ainda assim teve muitas dificuldades por não ter nenhuma identificação ou

referência. Henrique Alves de Mesquita que mesmo apresentando todos os traços fenotípicos da raça negra, e até mesmo a pele escura se autodeclarou pardo porque sua mãe é branca.

São inúmeras as possibilidades de reconhecimento da identidade racial, assim como a compreensão e visão de negritude, e nenhuma delas pode ser considerada errada. Contudo é preciso pontuar que, o simples reconhecimento e tentativa de busca e conexão com a cultura e a identidade negra pode ser considerado um ponto positivo na mirada dos sujeitos para o fortalecimento da negritude, mesmo que inicialmente apenas em um âmbito quantitativo. Em paralelo, a partir desses apontamentos podemos constatar que parte dessa mudança está diretamente relacionada com as práticas de afroconsumo dos sujeitos, que através do consumo de conteúdos e discursos identitários nas mídias passaram a se reconhecer como negros e conseqüentemente a consumir bens materiais e simbólicos da negritude.

A partir do consumo midiático no ambiente virtual podemos perceber muitas mudanças identitárias. Ao tratar a questão da identidade neste espaço Sodré aponta que os sujeitos são existencialmente atravessados por uma *exterioridade* puramente técnica, e sinaliza que essa modalidade existencial também atua como uma nova tecnologia da identidade, e coloca em crise a própria narrativa da subjetividade.

Ainda que o autor realize apontamentos relativamente negativos sobre espaço, e sinalize os diversos problemas para os sujeitos que dão prioridade a esse espaço em suas interações sociais, no âmbito da identidade negra, essa “crise” pode ser um dos aspectos que direcionam os sujeitos a buscarem maiores informações sobre si mesmos. Nos relatos, a maioria dos sujeitos apontou que suas identidades e relações com a negritude foram se construindo ao longo de suas trajetórias. Para muitos indivíduos o despertar da consciência negra iniciou a partir de algum episódio específico, ou pelo contato frequente com conteúdos e discursos que eles consomem nas mídias, mas principalmente nas bordas midiáticas.

#### **9.4. Negritude em rede: identificando consumidores negros**

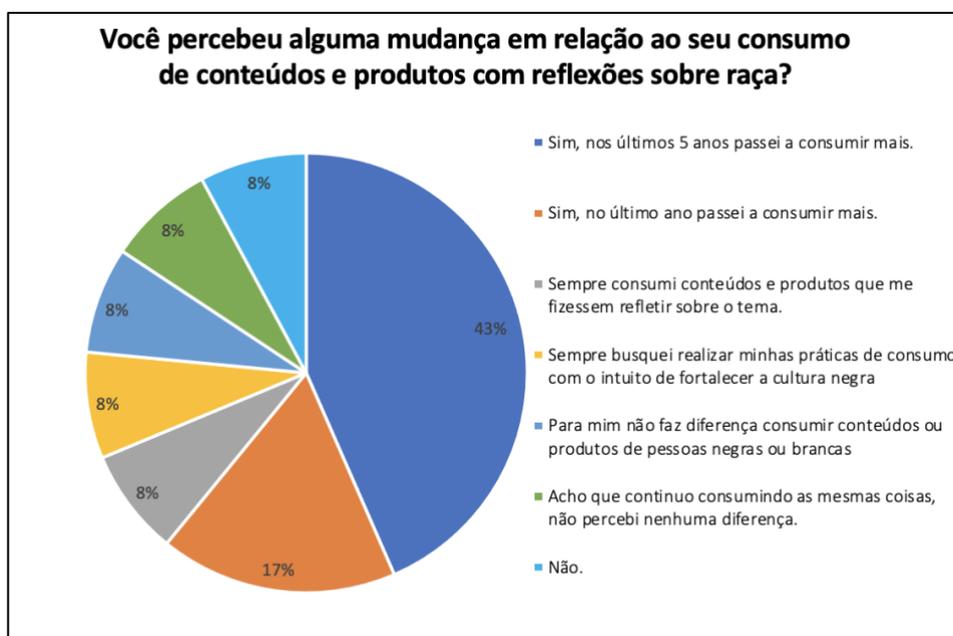
Em relação às práticas no ambiente virtual, constatou-se que todos os interlocutores possuem perfis em sites de redes sociais. Com isso, foi possível mapear as práticas do grupo, e esse mapeamento se fez necessário devido ao fato de que, na atualidade os novos recursos tecnológicos possuem uma importância significativa nas interações sociais das pessoas.

De acordo com Muniz Sodré (2010), esse espaço e forma de interação e vivência chamado de quarto *bios* é virtual e midiático, e nele ocorre uma virtualização do mundo. Para o autor, a mídia participa deste cenário realizando negociações discursivas e reconhece o valor

social dos sujeitos, e consente as mudanças por conta da ordem das dinâmicas de consumo na contemporaneidade. Sendo assim, a evolução tecnológica integra a realidade histórica e a virtual assumindo importância na identidade dos sujeitos que atuam na rede, ainda que atravessados pela distorção das representações. E, ainda, nesse espaço “a própria recepção ou consumo dos produtos midiáticos apresenta-se como atividade rotineira, integrada em outras que são características da vida cotidiana” (*Idbem*, p. 51).

A partir disso, no gráfico 2 é possível perceber as mudanças das práticas de consumo dos sujeitos em relação à raça. Jovelina, Patápio, Elizeth, Maria Auxiliadora e Cassiano, afirmaram que passaram a consumir mais conteúdos e produtos com reflexões de raça nos últimos 5 anos, enquanto Wilson Tibério e Elza Soares, passaram a fazer isso apenas há 1 ano. Zózimo aponta que sempre buscou consumir conteúdos e produtos que o fizessem refletir sobre o tema, assim como Jamelão, que sempre buscou fortalecer a cultura negra. Ruth afirma que para ela não faz diferença alguma consumir conteúdos ou produtos de pessoas negras ou brancas, Henrique Alves não percebeu nenhuma diferença e Maria Firmina não realiza nenhum tipo de reflexão sobre o assunto durante suas práticas de consumo.

**Gráfico 2** – consumo de conteúdos e produtos com reflexões de raça



**Fonte:** Elaborado pela autora

O gráfico acima mostra que a mudança nas práticas de consumo para parte dos interlocutores é uma atividade recente. Podem estar relacionados a isso as novas formas de consumo de mídia, bens e serviços direcionados ao público negro, difusão de informações, entre

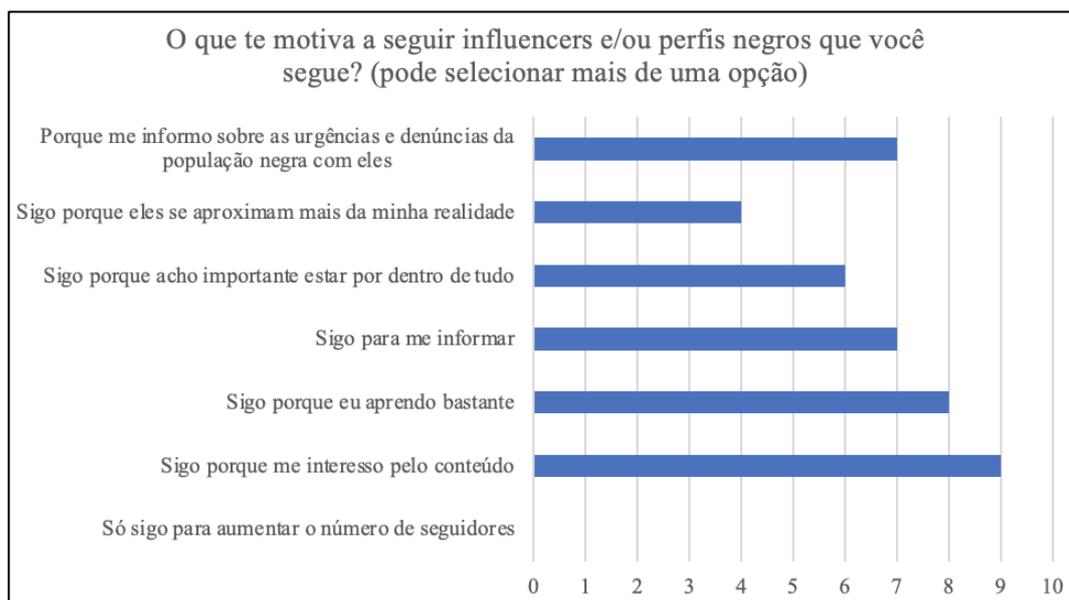
outros inúmeros aspectos, assim como o acesso de pessoas negras nas universidades através de políticas públicas e programas de incentivos.

Em relação ao nível de escolaridade dos interlocutores, nenhum deles tem apenas o Ensino Fundamental, Jovelina está cursando doutorado e Cassiano tem mestrado. Jamelão, Elizeth, Henrique e Maria Auxiliadora têm o nível de especialização, já Ruth, Patápio e Elza Soares têm ensino superior, Zózimo e Wilson estão cursando ensino superior e Maria Firmina cursou ensino técnico em enfermagem.

No âmbito das atividades interacionais no ambiente virtual, a maioria dos sujeitos afirmaram que seguem páginas e perfis nos sites de redes sociais que abordam questões étnico-raciais, porém apenas Maria Firmina indica que não tem esse hábito. Dentre as práticas de consumo nas redes sociais percebe-se que os interlocutores buscam compartilhar os conteúdos sobre negritude que eles julgam importantes para pessoas negras, assim como para as brancas. Dos 12 respondentes do questionário apenas Ruth, Maria Firmina e Henrique não compartilham posts sobre assuntos da negritude em seus perfis de redes sociais.

Conforme podemos abaixo ver no gráfico 3, Maria Firmina, a técnica de enfermagem aposentada, se sente motivada a seguir algum (a) *influencer* negro (a) apenas para se informar, mas não pauta ou pensa no âmbito racial em suas práticas de consumo nos sites de redes sociais, não procura debates sobre questões raciais nas redes sociais, e assim como Ruth e Henrique Alves de Mesquita, não compartilha nenhum tipo de conteúdo relacionado à negritude, ainda que oficial da brigada militar não tenha certeza se segue algum *influencer* negro, ou não. Contudo, ele segue esses profissionais, pois ele acha importante estar por dentro de tudo que acontece e Ruth também. Em paralelo, a fotógrafa, ainda busca seguir *influencers* negros com o intuito de fortalecer estes profissionais negros, contudo esse movimento pode se dar pelo fato de que ela compreende que também é uma profissional negra, e por conta da própria dinâmica de reciprocidade.

Ruth se sente motivada a seguir páginas, perfis e *influencers* negros (as) para se informar, além de se atualizar sobre as urgências e denúncias da população negra, e, também porque se interessa pelo conteúdo. As práticas de consumo nas redes sociais não apresentam padrões rigorosos, pois na comparação das motivações, Zózimo, que apresenta um perfil que poderia ser interpretado como totalmente diferente de Ruth, se sente motivado a seguir *influencers* ou perfis negros pelos exatos mesmos motivos que Ruth.

**Gráfico 3 – Motivação para seguir perfis de temática negra nas redes sociais**

Fonte: Elaborado pela autora

Analisando cada opção disponibilizada no gráfico 3 e no cruzamento dos dados vemos que, o correspondente a 67% dos participantes, Patápio, Wilson Tibério, Elizeth, Cassiano, Maria Auxiliadora, Elza Soares, Jovelina e Jamelão, acham que aprendem bastante através do conteúdo produzido pelos influencers negros (as) nos sites de redes sociais; Ruth, Jamelão, Patápio, Elizeth Zózimo, Wilson, Maria Auxiliadora Cassiano e Elza Soares seguem esses perfis porque se interessam pelo conteúdo, mas Jamelão, assim como Jovelina e Henrique não busca se informar através destes perfis.

Apenas Maria Auxiliadora, Elza Soares, Patápio Silva e Wilson Tibério se sentem motivados a seguir produtores de conteúdos negros porque acreditam que eles se aproximam de suas realidades. E ainda, Jovelina, Zózimo Ruth, Elizeth, Cassiano, Patápio e Wilson Tibério seguem esses perfis porque é uma forma de se informar sobre as urgências e denúncias que envolvem a população negra.

García-Canclini (2019) diz que desde os estudos sobre efeitos da televisão, há um consenso de que os novos recursos tecnológicos não são neutros, nem onipotentes, e implicam em mudanças culturais. Contudo, segundo o argentino, são os usos dos agentes que irão definir o significado final deles, e ainda que a tecnologia remodele as práticas sociais nem sempre esse movimento é de cunho negativo. Para o autor, mesmo que os usos sejam contraditórios, a apropriação por múltiplos grupos e sujeitos e usos democratizadores possibilitam até mesmo transformações e reorganização de vínculos entre grupos e sistemas simbólicos, pois os sentidos

das tecnologias se constroem conforme os modos pelos quais se institucionalizam e se socializam” (*Ibidem*, p. 308).

Com isso, a partir dos cruzamentos dos dados é possível interpretar que, para Maria Firmina e Henrique Alves os discursos sobre negritude nas redes sociais não apresentam nenhuma relevância acerca de suas identidades. Inclusive no gráfico 14 (ver no anexo) em que os interlocutores são questionados sobre suas opiniões sobre os debates de temática negra nas redes sociais, Maria Firmina diz que sempre tenta evitar, e Henrique diz que acha chato, e ambos afirmam que no recorte da negritude seguem apenas perfis relacionados à música negra, mas o oficial sinaliza que além do conteúdo musical ele também gosta de perfis que tenham vídeos engraçados. Juntamente com Patápio, ambos os interlocutores afirmaram que nunca pararam para pensar se alguma vez já se sentiram invisibilizados em narrativas midiáticas.

Esses dados revelam que ainda que o espaço virtual apresente uma gama de possibilidades de interação e consumo para a negritude, nem todo o sujeito negro busca ou tem interesse em consumi-los. Um outro ponto relevante neste ambiente para os sujeitos mais inclinados ao afastamento da negritude, é a ausência de um padrão de consumo de conteúdos relacionados à temática negra neste ambiente.

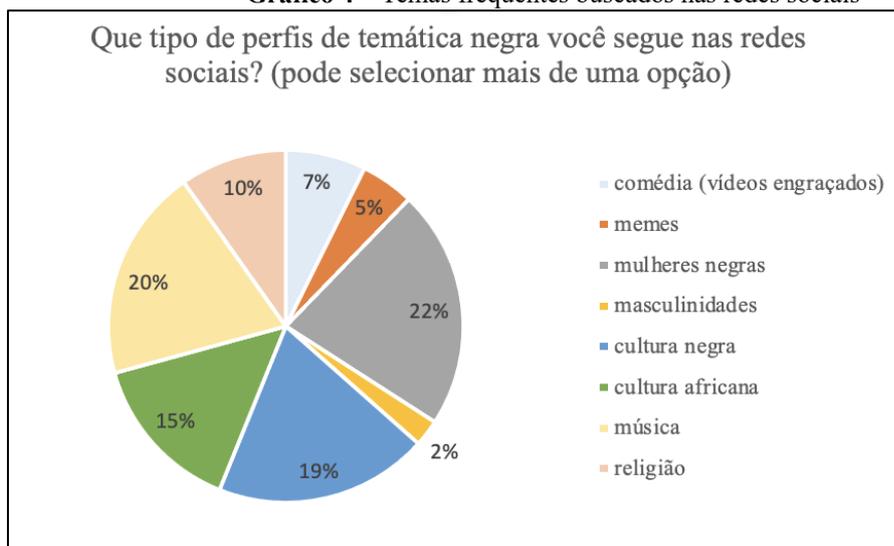
Em articulação com as interpretações dos relatos, no âmbito das redes sociais podemos considerar que, Maria Firmina, Henrique Alves e Ruth de Souza são consumidores negros. Isso porque, para eles a identidade e a cultura negra não apresentam nenhuma relevância durante suas práticas de consumo ou apenas são acionadas com fins de entretenimento, uma vez que a identidade negra é tratada apenas um acessório identitário.

Dentre as diversas práticas e percepções acerca das práticas dos sujeitos no ambiente virtual, as explorações do gráfico 4 revelam os números absolutos das 8 categorias apontadas. Os números revelam que a categoria *mulheres negras* é a temática mais buscada nas redes sociais, pois dos 12 interlocutores, 9 deles buscam consumir esse conteúdo, enquanto apenas 3 deles não têm o costume de consumir esse assunto. Como mencionado anteriormente Maria Firmina e Henrique não buscam consumir muitas temáticas relacionadas à negritude, e Jamelão se interessa apenas por cultura negra e africana.

Os temas relacionados à *cultura negra* e *música* foram apontados por 8 sujeitos. Além de Jamelão, Maria Auxiliadora, Ruth Jovelina, Patápio e Zózimo mostram interesses por perfis que abordam as ligações com a cultura. O tema *religião* desperta atenção de Jovelina, Patápio, Wilson e Zózimo, que inclusive apontou que não tem nenhuma religião; *comédia* por 3, *memes* por 2 e masculinidades apenas pelo cineasta.

Durante a fase de exploração do tema da pesquisa, foi possível constatar nas pesquisas que compõem o estado da arte do afroconsumo, assim como do afroempreendedorismo, o protagonismo e a participação ativa das mulheres negras em diversas frentes. O papel atribuído e desenvolvido por essas mulheres tem sido fundamental para os movimentos negros, contudo, a invisibilidade dessas mulheres

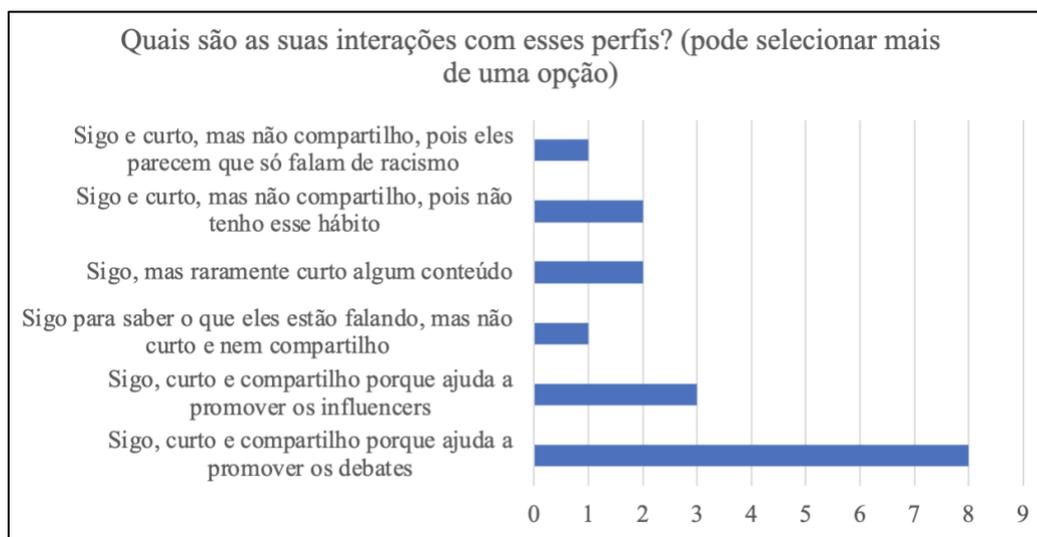
**Gráfico 4 –** Temas frequentes buscados nas redes sociais



Fonte: Elaborado pela autora

Em relação à interação com esses temas a partir de páginas e perfis não especificados existentes nos sites de redes sociais, conforme podemos ver no gráfico 5, a maioria dos sujeitos costuma replicar e escalar os conteúdos e postagens pelas quais se interessam, uma vez que na compreensão dos sujeitos é uma forma de promover debates de diversas naturezas. Elizeth, Zózimo e Elza Soares escolheram apenas essa opção, e Jovelina, Patápio e Wilson apontaram que além dessa prática também procuram promover os trabalhos realizados pelos *influencers*. Juntamente com a maioria, Jamelão compartilha algumas postagens que julga relevante, mas nem sempre compartilha, pois só quer saber o que está sendo falado, assim como Maria Auxiliadora, que tem a mesma prática, contudo não compartilha, pois parece que as pautas da negritude e *influencers* negros falam de racismo o tempo inteiro.

Ruth e Cassiano seguem e curtem as postagens, mas não compartilham por não terem esse hábito, e Maria Firmina e Henrique seguem, mas raramente compartilham entre seus amigos virtuais.

**Gráfico 5** – Práticas interacionais nas redes sociais

Fonte: Elaborado pela autora

As atividades de interação e consumo nas redes sociais são parte de um ecossistema horizontal de práticas organizadas por algoritmos<sup>30</sup>. Raquel Recuero (2015) sinaliza que, aquilo que é visto por cada usuário no ciberespaço, de certo modo, é determinado pelas ações de centenas de outros indivíduos que viram/ reproduziram ou não essas informações antes do sujeito que está visualizando uma postagem. De acordo com a autora, as conexões se estabelecem, ou não, entre perfis e informações que os indivíduos consomem apresentam valores diferentes e são medidas através da intensidade das interações que os sujeitos criam nesses ambientes.

Simultaneamente, o consumo midiático nesses espaços também é atravessado pelas estruturas e dinâmicas da sociedade. Tarcízio Silva (2019) sinaliza que, as interfaces e sistemas são capazes de materializar de forma análoga os fluxos semânticos da sociedade e ao serem desenvolvidas por homens brancos acabam por replicar o padrão e a compreensão de sociedade pela branquitude nos processos de aprendizagem das máquinas e sistemas utilizados por sujeitos ao redor do mundo. Com isso, a “identidade padrão da internet” torna-se branca, masculina e de classe média (BROCK, 2020), e assim como nas mídias tradicionais, reproduzem a ideologia de que o modelo e práticas a serem seguidas partem da referência da branquitude.

<sup>30</sup> No campo da computação é uma sequência de ações detalhadas a serem executadas cujos comandos visam a realização de uma tarefa ou resolução de um problema (MEDINA; M. FERTIG, C. Algoritmo e programação. São Paulo: Novatec Editora, 2006).

Posto isso, é possível compreender por que as práticas de consumo midiático no ambiente virtual de alguns interlocutores como Jamelão, Patápio, Elza Soares e Cassiano apresentam resistências entre os relatos e suas práticas nas redes sociais. Ainda que alguns deles busquem consumir e se aproximar da negritude, a configuração majoritariamente branca de seus círculos sociais irá reproduzir no ambiente online, os conteúdos e imagens compartilhadas e consumidas pelos sujeitos mais próximos deles, e com isso, conseqüentemente, o padrão que eles passam a tomar como referência, acaba sendo o modelo da branquitude. Contudo, vale ressaltar que algoritmos são treinados e irão responder e se configurar a partir de nossos interesses e práticas, portanto, é possível direcioná-los.

### **9.5. Leitura, museus e filmes de “negão”: atividades culturais populares e acessíveis**

Dentre as muitas práticas de consumo dos interlocutores, também foram abordadas aquelas relacionadas às práticas de consumo de filmes, livros e museus. Jamelão, Maria Auxiliadora e Cassiano responderam que leem um ou mais livros por mês, Patápio lê um por semestre, Ruth exercita a leitura de livros uma vez ao ano, Maria Firmina não tem esse hábito, e os outros costumam ler um livro por trimestre. Os gêneros literários não foram abordados, contudo os dados em relação com os relatos revelam que, de certa forma, a leitura quando exercitada no contexto de busca por informação e conhecimento, conforme aponta García-Canclini (1995) também pode estar relacionada à cidadania.

Em relação a ida a museus, no gráfico 6 abaixo podemos verificar que não é uma prática muito frequente para a maioria dos sujeitos. De acordo com a pesquisa JLeiva/ Datafolha (LEIVA, 2018) os sujeitos brancos vão mais a museus, cinemas e teatros, enquanto os negros frequentam mais shows e festas populares. Em paralelo, o estudo aponta que os negros participam expressivamente de manifestações populares ligadas à identidade étnica que dependem de pouca estrutura e financiamento, assim como as que demandam de baixo investimento dos consumidores. A pesquisa constata que essas preferências estão diretamente relacionadas com o sentimento de pertencimento às expressões culturais da negritude.

Gráfico 6 – Museus

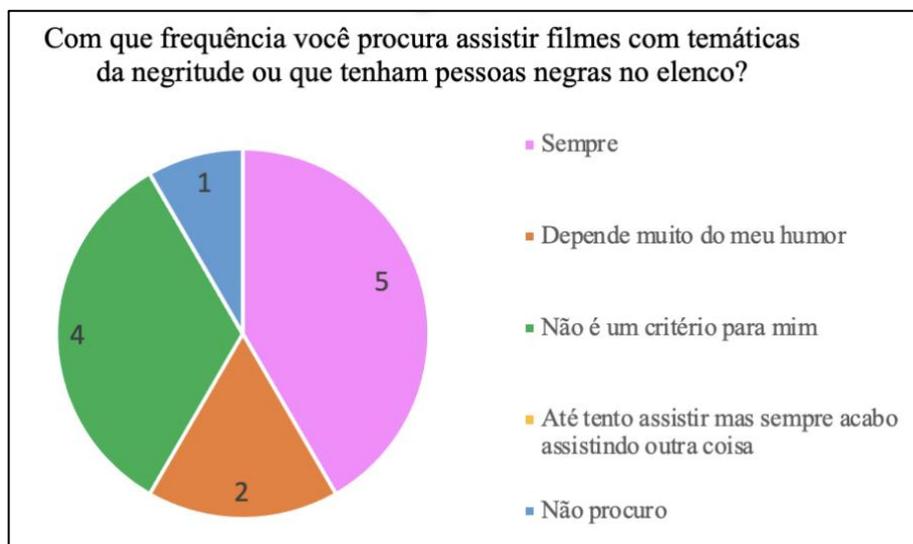


Fonte: Elaborado pela autora

Em relação ao cinema, 6 respondentes apontaram que não tem o costume de ir ao cinema, já Jovelina, Zózimo, Maria Auxiliadora e Elza Soares costumam ir ao cinema mensalmente, Jamelão vai uma vez a cada 6 meses e Cassiano aponta que não foi mais após a pandemia. Em paralelo, quando estão em casa, Ruth, Jamelão, Patápío, Elizeth, Maria Auxiliadora e Elza Soares apontam que na hora de escolher um filme para assistir, o critério utilizado é a temática do filme. Nos relatos é possível perceber que suas práticas que eles realizam pouca ou nenhuma reflexão crítica sobre os produtos audiovisuais que consomem. Maria Firmina e Cassiano apontaram que não possuem critérios específicos, contudo Cassiano aponta que na sua juventude parte da sua percepção sobre as diferenças identitárias entre eles e os amigos foi formada assistindo filmes como os do cineasta Spike Lee.

Henrique se sente atraído pelo título, Zózimo, que é cineasta é mais criterioso e escolhe os filmes a partir da direção, Jovelina diz que hoje em dia se sente atraída por filmes que apresentem pessoas negras no cartaz, e Wilson assiste os filmes por conta da popularidade, críticas e indicação de amigos. Conforme podemos ver no gráfico 7, Jamelão, Jovelina, Patápío, Elizeth e Wilson afirmam que sempre procuram assistir filmes com temáticas da negritude ou que tenham pessoas negras no elenco. Para Ruth, Maria Firmina, Cassiano e Elza Soares isso não é um critério relevante, já para Zózimo e Maria Auxiliadora a escolha por filmes com temáticas negras dependem do humor que eles estão no dia, e Henrique não procura assistir filmes levando esse fator em consideração.

Gráfico 7 – Filmes com temáticas negras



Fonte: Elaborado pela autora

Cassiano, Maria Auxiliadora, Jamelão, Zózimo e Wilson se sentem invisibilizados nas narrativas midiáticas na maioria das vezes. Ruth, Jovelina, Elizeth e Elza Soares se sentiram invisibilizadas, mas poucas vezes. No cruzamento com seus relatos foi possível perceber que, as quatro frequentam espaços mistos tanto no passado, como no presente e atualmente todas elas estão em um relacionamento afetivo com homens brancos (Ver anexo gráfico 34).

Os interlocutores Henrique e Maria Firmina, ambos autodeclarados pardos, nunca pararam para pensar nisso, e assim como Patápio, mencionaram em seus relatos que nunca perceberam diferenças em seus círculos sociais, contudo apenas Maria Firmina apontou que nunca sofreu nenhum tipo de preconceito. A partir dos relatos é possível constatar que os 3 mencionaram que no passado costumavam a não perceber as diferenças raciais nos espaços em que frequentavam, ainda que eles fossem majoritariamente brancos.

Dentre os relatos, destacamos as reflexões de Zózimo, um jovem cineasta em formação, e suas práticas de consumo e recepção de produtos audiovisuais.

*Se a academia e o cinema não me fornecem algumas coisas, eu vou procurar, porque agora sei que existe outras coisas que estão pra além do que Globo Filmes e Hollywood [...] dentro do que eu procuro hoje, sempre ou quase sempre, são questões ligadas a narrativas e realizadores indígenas, pretos e asiáticos. É de onde eu parto. Eu descobri muito cinema negro, cinema de baixa renda [...] tem tanta coisa sendo feita e tanta coisa interessante que fala sobre o nosso momento e que dialoga muito mais com a nossa realidade, sabe? Por exemplo, eu acho que “Ó pai ó” fala muito mais comigo do que o filme do Godard, sabe? Por não me sentir representado por essas figuras que eu comecei a fazer essas outras procuras.*

Para ele, esse movimento reside tanto na vontade de conhecer outros cinemas como na necessidade de ter referências de produções e realizações cinematográficas acessíveis e possíveis. A fala do jovem expõe as diversas problemáticas que envolvem o âmbito da produção, consumo e recepção cinematográfica no que recorte de raça.

No âmbito da produção algumas pesquisas expõem a falta de realizadores negros no cinema. Ao analisar os dados das produções audiovisuais lançadas, as pesquisas da Agência Nacional do Cinema (ANCINE, 2016; 2018) sobre diversidade, gênero e raça no Brasil revelaram a disparidade na presença de pessoas negras no campo audiovisual. Os dados refletem bastante a estrutura social e não trazem nenhuma novidade, contudo na época expuseram que, na intersecção de gênero e raça o campo audiovisual ainda é estruturalmente problemático e opera sob as lógicas do racismo.

As autoras Edileuza de Souza e Ceíça Ferreira (2017) falam que as múltiplas assimetrias como gênero, raça e desigualdades sociais são determinantes para o deslocamento espacial e trajetória profissionais das mulheres negras. Em paralelo, Ferreira, aponta que, ainda que os cenários sejam escassos “alguns indícios de mudanças têm emergido nos últimos anos, especialmente no cinema de curta metragem, que vem sendo usado por várias cineastas negras” (2017, p. 177). Edileuza Penha de Souza e Marcus Mesquita ao pesquisarem mostras e festivais de cinema negro constataram o crescimento da participação de profissionais negros na área, contudo sinalizam que “o Cinema Brasileiro tem sido, antes de tudo, um processo de realização de filmes de pessoas brancas” (PENHA; MESQUITA, 2022).

No campo dos estudos de recepção e consumo cinematográfico, Regiane Ribeiro, Valquíria M. John e Henrique Lucas (2017) no levantamento de teses e dissertações nos programas de pós-graduação em comunicação no Brasil de 2010 a 2015, expõem o cenário desolador de pesquisas que se debruçam a estas áreas. E, no recorte de raça o cenário se torna ainda mais crítico, pois das nove pesquisas encontradas – três delas sobre recepção cinematográfica, quatro identificadas como consumo midiático e duas de consumo cultural –, nenhuma delas aborda a temática de raça (*ibidem*).

A exposição de Zózimo mostra que além dos sujeitos buscarem consumir produtos audiovisuais a partir das indicações e discussões pautadas nas bordas midiáticas. E, em articulação com o gráfico 7 é possível constatar que partes dos sujeitos têm buscado assistir produções com a participação de pessoas negras, revelando que a prática de afroconsumo também se faz presente neste campo. O afroconsumo apresenta determinações de ordem contextuais, e a competência cultural dos espectadores colabora e determina a sua interpretação, assim como os marcadores sociais, como raça, classe e gênero (Ferreira, 2016).

Contudo, alguns motes que levam a essa prática se aportam no campo da recepção cinematográfica, que conforme aponta Mahomed Bamba (2013) comporta os usos e apropriações das obras a partir das interações entre os filmes e os contextos sócio-históricos e instituições sociais.

Na atualidade é possível perceber o aumento gradativo de produtos audiovisuais com a presença pessoas negras e diferentes temáticas da negritude, contudo, é válido lembrar que esse crescimento não é resultado apenas das disputas pela apropriação do produto social, uma vez que os produtores encontram no afroconsumo novas possibilidades de aumentar o seu próprio lucro. Pois conforme aponta Nei Lopes (2019), em entrevista à BBC News Brasil Nei a presença de negros na mídia está mais relacionada ao consumo do que à representatividade.

### **9.6. Arte negra: práticas culturais e sociabilidade**

Neste bloco iremos explorar as relações dos sujeitos com espaços de sociabilidade, assim como suas práticas de consumo midiático. Para Jovelina, Patápio, Elizeth, Zózimo, Maria Auxiliadora e Cassiano frequentar espaços com grande presença de pessoas negras é essencial, além disso, com exceção de Maria Auxiliadora que frequentou espaços negros pela última vez há 3 meses. Todos os outros que foram mencionados anteriormente, e Elza Soares, apontaram que procuram frequentar espaços negros com frequência. Ruth, Jamelão, Wilson e Elza Soares acham um pouco menos importante frequentar espaços negros. Para Maria Firmina é uma bobagem, e ela assinala que não vai nos espaços pensando nisso, assim como para Henrique, que frequentou espaços da negritude pela última vez há mais de um ano (Ver gráfico 19 e 20 no anexo).

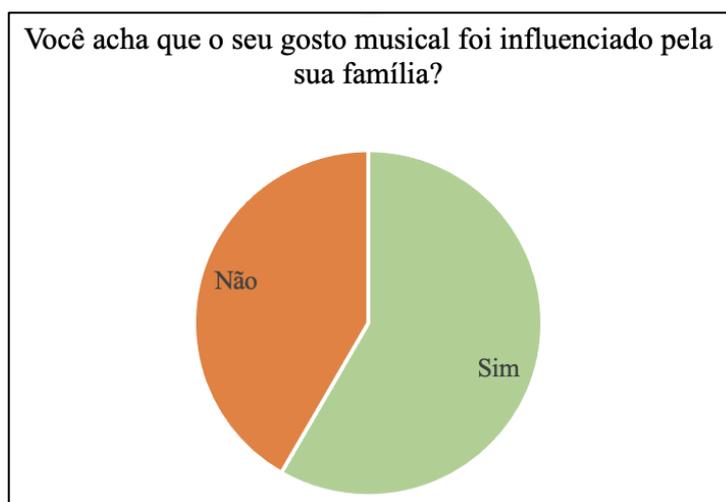
Os espaços que promovem produtos musicais da negritude como samba, pagode e escolas de samba demonstram a complexidades acerca das resistências de alguns sujeitos em relação ao consumo e fortalecimento desses locais. Ainda que Maria Auxiliadora e Elizeth sinalizem nos relatos que buscam se aproximar da cultura e da identidade negra, apontaram que as chances de irem em rodas de samba e pagode é pouco provável para a médica e nada provável para a advogada, assim como para Maria Firmina. E para as três, suas presenças em escolas de samba não seria uma atividade realizável.

Jamelão, Ruth e Wilson Tibério acham que é pouco provável a ida em uma escola de samba. Contudo, o engenheiro, assim como Patápio e Ruth, acha bem provável frequentar rodas de samba e pagode, e Jovelina, Zózimo, Henrique, Cassiano e Elza Soares apontam que a ida nesses eventos é uma atividade muito provável (ver gráfico 22 e 23 no anexo). É válido lembrar

que a publicitária apontou que a ida a eventos de samba e pagode, assim como o hábito de escutar artistas deste gênero é uma atividade que ela aprendeu a realizar em casa.

O apontamento de Elza Soares nos leva ao gráfico 5, que buscou mapear a influência da família no desenvolvimento das práticas de consumo midiático dos sujeitos. Além da publicitária, outros 6 interlocutores, Ruth, Patápio, Elizeth, Henrique, Maria Auxiliadora acham que seus gostos musicais sofreram influências da família. E isso, de certa forma, constata a existência, assim como, a importância da instituição familiar na elaboração, estabelecimento e reprodução de práticas de consumo relacionadas à cultura negra. Segundo Lourdes Silva, a instituição familiar é fundamental nas significações que refletem na constituição das identidades, assim como colabora na construção de hábitos, costumes e tradições, e forma um repertório simbólico compartilhado, a partir de saberes e referências culturais não midiáticas que colaboram na construção das percepções de mundo dos sujeitos, uma vez que, “o consumo cultural e midiático têm significado não somente no entretenimento, mas como aprendizado” (2012, p. 195).

**Gráfico 8** – Influência familiar no consumo musical



Fonte: Elaborado pela autora

Em paralelo, é válido apontar que Elizeth, Wilson Henrique e Cassiano sinalizaram que preferem buscar socializarem em reuniões sociais com os amigos. Ruth, Vera e Maria Auxiliadora preferem ficar em casa, Jovelina e Patápio gostam de festas religiosas, Jamelão e Zózimo preferem ir a bares, e apenas Elza Soares apontou que quando quer se divertir procura ir em rodas de samba.

Ainda que a maioria dos sujeitos tenha apontado que gostam muito de gêneros como samba, pagode, *hip-hop*, *rap*, entre outros produtos musicais da negritude, e que através do consumo desses produtos culturais, por vezes, eles se conectam com a cultura negra, e até

mesmo refletem sobre as suas identidades e existências, é possível perceber que, no que concerne o consumo e fortalecimento dos espaços e produtores de forma presencial apresenta uma resistência considerável. E isso pode estar relacionado a inúmeros fatores.

Segundo Deivison Campos (2014), ao pesquisar a festa *Negra Noite*, um evento icônico de *Black Music* para a negritude em Porto Alegre, os efeitos da presença é um dos aspectos fundamentais do universo afro, uma vez que o corpo mantém as marcas da comunidade de pertencimento. Em diálogo com García-Canclini, o autor sinaliza que as mídias sonoras negras colaboram na reelaboração das identidades, produzem sentidos e configuram uma relação de apropriação e uso visto que essas práticas “oferecem novas modalidades de encontro e reconhecimento” (GARCÍA-CANCLINI, 2007, p.159).

Simultaneamente, Campos defende que, as interações no consumo coletivo de música negra podem ser vistas como parte constituintes não apenas da cultura e da experiência, mas também como de pertencimento. E são inúmeros os gêneros e estilos musicais que compõem o universo musical e cultural negro, todos eles apresentando importância em diferentes campos e dimensões na sociedade e na cultura brasileira.

Conforme foi possível acompanhar nos relatos, diversos tipos de gêneros musicais e artistas negros foram apontados pelos sujeitos como fundamentais no despertar, construção e desenvolvimento da identidade negra. Tanto o samba e o pagode, como o rap e o *hip-hop* surgiram nos relatos e nos dados gerados na análise de conteúdo, revelando assim a importância da arte negra para os sujeitos. Os interlocutores Jamelão, Cassiano, Zózimo Bulbul, Wilson Tibério, Maria Auxiliadora e Patápio Silva ao mencionarem o rap e do *hip-hop* como uma forma de conexão à negritude, expõem a relevância e os diálogos que se estabelecem entre os sujeitos e arte musical negra no cotidiano.

São diversas as manifestações culturais e artísticas negras, e a importância da arte negra não se restringe apenas ao campo musical. Os artefatos da cultura africana e da negritude em diáspora têm sido cultuados e expostos em diversos museus ao redor no mundo, e no Brasil eles ajudaram a construir aquilo que conhecemos como cultura popular.

A capoeira, para uns arte-luta reconhecida como prática social de origem pluriétnica (FALCÃO, 2004) mundialmente conhecida como um esporte brasileiro, para outros é “[...] uma rica expressão artística (mistura de luta e dança) que faz parte do patrimônio cultural afro-brasileiro” (FRIGERIO, 1989, p.85). O samba é “um instrumento efetivo de luta para afirmação da etnia negra no quadro da vida urbana brasileira” (SODRÉ, 1998, p.16), e tanto o samba de roda do Recôncavo Baiano, “um tipo de música e dança praticado sobretudo por afro-brasileiros no estado da Bahia” –declarado pela Unesco em 2005 como Obra-Prima do Patrimônio Oral e

Imaterial da Humanidade –, como o samba de terreiro, partido-alto e samba enredo do Rio de Janeiro, são produtos culturais reconhecidos e registrados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (BRASIL, 2010). Assim como estes, as Baianas do acarajé, também tiveram suas atividades reconhecidas como publicamente como Patrimônio Cultural do Brasil, no Livro dos saberes pelo IPHAN (2004).

O valor e a contribuição da negritude, por meio da arte, da culinária, do esporte, da dança, entre outros para a sociedade brasileira são imensuráveis. Não há como falar de afroconsumo sem falarmos de arte negra, pois foi através dela que a cultura da negritude, muitas vezes por meio da oralidade, foi cultuada, popularizada e disseminada entre os brasileiros. Para além disso, a arte possibilitou a presença, debates, denúncias, entre outros elementos que possibilitaram a inserção e manutenção de pessoas negras em diferentes espaços sociais.

A arte negra, seja ela material ou imaterial, a partir das especificidades do afroconsumo mobilizam o campo econômico, a disputa pela apropriação do produto social, a distinção, a comunicação integrativa, a objetificação dos desejos e por fim o ritual. Por vezes, é através dela que o afroconsumo passa a ser praticado e popularizado.

O que torna a arte tão popular é a sua acessibilidade a todos. O que torna a arte tão grande é a sua possibilidade de tocar até mesmo aqueles que parecem ser intocáveis, até mesmo aquilo que parece nem ser, mas é. É no campo da filosofia que a arte se torna objeto de reflexão, mas é no cotidiano que ela passa a ter sentido.

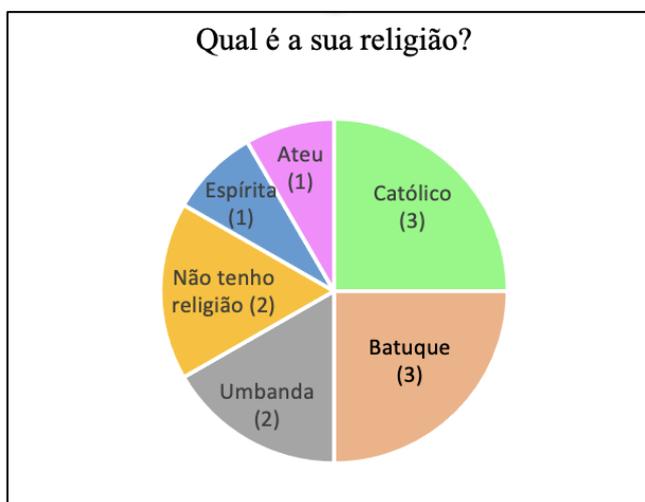
### **9.7. Práticas religiosas: consumo e ritual**

Durante a investigação nem todos os sujeitos mencionaram suas práticas religiosas, contudo no questionário buscamos abordar essa temática, uma vez que compreendesse que a prática religiosa também acaba sendo uma atividade importante para os sujeitos. Durante a investigação nem todos os sujeitos mencionaram suas práticas religiosas, contudo no questionário buscamos abordar essa temática, uma vez que compreendesse que a prática religiosa também acaba sendo uma atividade importante para os sujeitos.

O gráfico 9 mostra que em termos religiosos não existe nenhuma disparidade entre uma crença e outra. Jamelão, Elizeth e Maria Firmina são católicos, Jovelina, Zózimo e Wilson afirmaram que cultuam o batuque, mas Zózimo também disse que não tinha uma religião específica, Patápio e Henrique apontaram que são umbandistas, porém Zózimo mencionou que também era católico. Ruth é espírita, Cassiano é ateu, mas no seu relato contou que costumava

frequentar macumbas com a avó, e Maria Auxiliadora e Elza Soares mencionaram que não tem religião e não costumam frequentar nenhum tipo de celebração religiosas.

**Gráfico 9 – Religião**



**Fonte:** Elaborado pela autora

Jamelão, Jovelina, Wilson e Henrique afirmaram que costumam participar de celebrações e ritos religiosos pelo menos uma vez ao mês. Patápío e Zózimo apontam que costumam participar de ritos religiosos, mas agora eles não têm ido. Elizeth e Maria Firmina afirmaram que não frequentam nenhum evento relacionado ao tema, e Ruth participa somente em datas comemorativas, contudo menciona que realiza a compra de velas, incensos e defumação em lojas de artefatos religiosos frequentemente, assim como Jovelina, Patápío e Wilson.

Jamelão e Zózimo compram algumas coisas, mas raramente. O cineasta adquire produtos específicos para cada ocasião, e Jamelão costuma comprar correntes. Elizeth e Maria Firmina não compram nada, e Henrique só visita lojas especializadas e adquire produtos direcionados para rituais religiosos quando precisa de algum objeto ou elemento muito específico.

Jovelina e Wilson afirmaram que compram artigos religiosos em geral, ou seja, tudo aquilo que for necessário para a realização dos rituais. Considerando que, os produtos são mediadores simbólicos, ainda que muitos elementos utilizados façam parte do cotidiano dos sujeitos no momento do ritual eles possuem valores distintos (GUIMARÃES, 2011, SOLOMON, 2001), e assumem uma dimensão superior carregada de simbolismos e significados conferindo aos objetos o um caráter sagrado durante a prática religiosa (BARBOSA, O. *et al.*, 2016).

Conforme mencionamos no terceiro capítulo, as práticas de consumo neste cenário são parte de processos ritualísticos, compostos por diferentes práticas que iniciam na aquisição dos produtos para realização da oferenda, e terminam bem depois do rito. Além disso, elas envolvem diferentes racionalidades do consumo cultural, uma vez que demandam a aquisição de produtos, e estes também atuam como elementos de diferenciação. Neste cenário, os *axós* (vestimentas) podem buscar denotar o poder aquisitivo dos praticantes assim como as posições hierárquicas religiosas, por meio dos fios de contas, roupas e acessórios. Assim como também agem no âmbito subjetivo e dialogam diretamente com a objetificação dos desejos, e por meio do uso de roupas e objetos frequentemente também integram e comunicam o pertencimento dos sujeitos. E por fim, por vezes devido ao preconceito religioso, as religiões de matrizes africanas, frequentemente demandam disputas pela apropriação do produto social, uma vez que devido à intolerância religiosa, em alguns locais as práticas e desenvolvimento destas crenças precisam ser constantemente defendidas dos estigmas sociais.

A disseminação de saberes e discursos positivos acerca das religiões de matriz africana nas mídias, assim como a circulação de informações, notícias, publicação de vídeos e rituais nos perfis e páginas nos sites de redes sociais têm atuado no fortalecimento da comunidade negra religiosa. E conforme é possível ver no gráfico 4, no ambiente virtual *religião* é um dos temas que os sujeitos buscam consumir nesses espaços, e isso nos mostra que a prática de afroconsumo também se interrelaciona neste cenário, ainda que muitas vezes ocorra pelas bordas e de forma silenciosa.

### **9.8. Afroconsumo: considerações finais**

O afroconsumo é uma prática sociocultural realizada por afroconsumidores, ou seja, aqueles sujeitos que privilegiam suas premissas identitárias durante as transações de consumo, e combinam a racionalidade econômica, a sociopolítica, a estético-sociológica, a comunicativa e integrativa, a psicossocial e a antropológica. Ou seja, as transações que sistematizam todas as racionalidades do consumo cultural propostas por García-Canclini (1997), no âmbito da negritude dão forma ao afroconsumo, e nesse movimento consequentemente a dimensão simbólica dos produtos acaba prevalecendo sobre os valores de uso e troca, uma vez que eles levam em consideração a identidade negra, as práticas culturais e visam o fortalecimento da comunidade negra.

Já os consumidores negros, que são aqueles que não consideram as especificidades da negritude durante a atividade de consumo. Isso porque, o consumo negro ou étnico é aquele

cujas especificidades identitárias da negritude são ignoradas ou tratadas apenas como um nicho de mercado. O viés de consumo negro é uma medida de mercado estanque e ilusória, pois os mecanismos dos sistemas da esfera econômica praticamente restringem a possibilidade de participação negritude na função de produtor, tendo em vista que historicamente a racionalidade econômica do consumo sempre esteve relacionada aos ciclos de produção e reprodução social estabelecidos pela branquitude, e opera em confluência com a exclusão de grupos sociais minoritários. Sendo assim, o que se observa é que, no consumo negro, a negritude nada mais é do que um token que permite a propagação de mensagens e discursos superficiais pela publicidade.

As medidas de empresas, marcas e produtores que desconsideram as reais necessidades e demandas da população negra acerca dos produtos e bens utilizam as contestações e discursos dos movimentos negros apenas como informação para operacionalização a atualização de suas práticas de mercado. Os enunciados da embalagem de consumidor negro continuam a estabelecer e consolidar os modelos de comportamento e consumo da branquitude. Em contraponto, o afroconsumo é desenvolvido por sujeitos que estabelecem suas práticas de consumo a partir de discursos de instituições, marcas, produtores entre outros, que reconhecem a existência dos diversos atravessamentos sociais, históricos e psicossociais da população negra. Vale ressaltar que nem todo o sujeito negro irá afroconsumir, ao mesmo tempo em que, indivíduos de outras etnias também participam deste cenário, dando à prática um sentido que se localiza no antirracismo.

Baudrillard (1995) assinala a partir da noção de necessidade e o princípio de satisfação que, todos os sujeitos são iguais diante ao valor de uso dos bens, ainda que se encontrem em posições desiguais perante o valor de troca. Contudo, o consumo enquanto atividade do cotidiano está intimamente ligado à ideia de que os bens e produtos proporcionam qualidade de vida. E, segundo Sahllins (2003), os produtores, ainda que busquem explorar o máximo de diferenciações sociais, ou seja, grupos de consumidores, atuam a partir da ordem cultural da sociedade capitalista, que opera a partir de um código baseado na lógica social de demanda. E a lógica social organiza os bens e produtos de qualidade superior para os ricos e os de propriedades inferiores para os pobres, criando assim uma estratificação social por meio dos bens, mas essa lógica não se sustenta de forma sem ser contestada, e conseqüentemente, por vezes acaba sendo permeada por indivíduos de outros grupos.

A inserção dos sujeitos das classes menos favorecidas na cultura do consumo, de acordo com Martins Filho, em parte, se dá em recorrência aos impactos da globalização e na construção de novas e múltiplas identidades, que ao serem mediadas pelo consumo e estendidas resultaram

na compreensão de um poder compartilhado de consumo (2012, grifo do autor). No âmbito da negritude, o autor aponta que isso ocorreu devido às lentas mudanças culturais do grupo em relação à própria raça. Isso porque, o reconhecimento das diferenças e a dissociação dos valores negativos, assim como o discernimento acerca da participação no mercado do consumo proporcionaram à negritude uma mirada para os produtos ofertados a ela.

Ao analisar alguns trechos e discursos de positivação da negritude a partir da revista *Raça Brasil* entre outros veículos de comunicação negros publicizados nas bordas midiáticas como *Portal Afro*, *Black People*, *Raizes*, *A Cor do Ébano e Negro Cem Por Cento*, na década de 1990 e nos anos 2000, ancorado em Marshal Sahlins, Martins Filho (2012) assinala que os valores simbólicos atribuídos ao consumo dessa parcela da população mudaram. A descoberta dos negros, sobretudo os da classe média que compreenderam que, através do consumo também é possível exercer a cidadania e realizar ações políticas fez com que eles passassem a requerer produtos direcionados para as suas características (MARTINS FILHO, 2012).

Mas esse processo não ocorreu de forma simples e orgânica. Foi, e ainda é preciso um embate, de cunho político na esfera pública, e que muitas vezes se dá a partir do consumo dos discursos articulados nas bordas midiáticas. Para além da representação nos anúncios publicitários e em embalagens, os sujeitos negros compreenderam que era possível demandar produtos específicos para as suas realidades, para suas peles e cabelos, entre outros. Essa articulação, que ocorre de forma coletiva e não individual poderia ser o que Martins Filho chama de poder compartilhado de consumo.

A partir da aproximação de sujeitos que compartilham as mesmas identidades e trajetórias próximas surge a compreensão da existência de uma demanda e da inexistência de uma oferta, e o movimento de contestação, majoritariamente figurado por mulheres negras, foi fundamental para que os embates por direitos, reconhecimento e representatividade pudessem ser articulados. No campo da estética, mais precisamente dos produtos para os cabelos afro, é possível identificar a existência da racionalidade do consumo cultural que trata a prática também como um lugar de disputas entre classes e grupos que competem pela apropriação do produto social.

Em torno do discurso acerca da importância social, simbólica e material da expressão estética negra, mulheres negras se movimentaram para contestar politicamente as suas invisibilidades e pleitear o reconhecimento de suas diferenças estéticas e necessidades pelos produtores. Mas para além disso, a partir do consumo relacionado ao uso de produtos estético capilares é possível identificar a articulação de práticas de afroconsumo na esfera do discurso, assim como as relações que se estabelecem com os outros modelos propostos por García-

Canclini. Partindo deste exemplo podemos observar como cada modelo de consumo opera na apropriação e uso dos produtos em conjunto, dando assim, forma aos processos socioculturais, conforme aponta o autor.

A percepção de que as mulheres negras continuavam sendo invisibilizadas pelas marcas e produtores, em conjunto com a legitimação do poder de compra através de pesquisas institucionais (modelo 1: econômico); a embate discursivo acerca do direito ao bem-viver e à qualidade de vida (modelo 2: disputas pela apropriação do produto social); a busca pela distinção tanto em relação às mulheres brancas, como dentro do próprio grupo (modelo 3: diferenciação); a necessidade de comunicar a pertença à negritude e valoração da identidade negra através das simbologias em torno dos cabelos crespos (modelo 4: comunicação); a busca pela satisfação dos desejos de viver em uma sociedade sem racismo que permita a elas serem reconhecidas como sujeitos belos e iguais (modelo 5: objetificação dos desejos); e por fim, a reprodução ritualística de embelezamento feminino socialmente estabelecido na sociedade brasileira.

Entretanto, todas elas estão interrelacionadas ao consumo dos discursos de conscientização e valoração da negritude no campo da Comunicação, tanto pela linguagem, como pelas mídias. É o caráter educacional da comunicação alternativa, independente e/ou livre, que se encontram nas bordas midiáticas, que os movimentos negros se debruçam a desenvolver e propagar manifestações acerca do estilo de vida da negritude. No exemplo citado acima vemos que, é a articulação de diferentes campos e seus elementos que dá forma ao afroconsumo, mostrando assim que a prática se localiza no âmbito sociocultural.

Como vimos ao longo das análises, é possível atribuir um sentido social ao consumo. Além disso, sob a perspectiva de que o consumo é um elemento relevante para a existência e reconhecimento dos sujeitos, e que ele incide diretamente no âmbito da cidadania e dos direitos, a partir do momento em que a negritude compreende o seu potencial é possível identificar que o afroconsumo reside, por vezes em uma busca por emancipação social das estruturas dominantes e hegemônicas. Na atualidade, por meio de um movimento coletivo e do poder compartilhado de consumo resultante de ações diversas e de diferentes sujeitos, muitas vezes fomentadas através dos conteúdos que circulam nas bordas midiáticas, é possível identificar a potência da negritude no que se refere às questões sociais, políticas, culturais etc.

A visibilidade das urgências e dos debates da negritude tem movimentado algumas estruturas midiáticas e, com isso, acaba incidindo e gerando uma abertura de espaços para a atuação de novos atores sociais. E o reflexo disso pode se estender a diversos campos, como o político.

Segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) (2020), nas eleições municipais de 2020, pela primeira vez na história o número de candidatos autodeclarados negros foi maior do que as candidaturas de pessoas brancas no Brasil. Em um recorte à cidade de Porto Alegre, local em que tivemos olhar mais atento, de acordo com os dados do último Censo (2010) e da Revista do Observatório da Cidade de Porto Alegre, a capital gaúcha apresentou os seguintes números relativos à autodeclaração racial: 79,23% branca, 20,24% preta (negras e pardas), 0,23% indígena e 0,29% amarela. Com isso, podemos constatar que Porto Alegre é uma cidade majoritariamente composta por pessoas brancas.

Contudo, nas eleições municipais de 2020, os eleitores elegeram cinco vereadores negros para atuar na Assembleia Legislativa da capital com números expressivos. Nas eleições de 2016 apenas uma pessoa negra, Tarcízio Flecha Negra (PSD), havia sido eleita. Entretanto, nas eleições de 2020, a candidata negra Karen Santos (PSOL), foi a vereadora mais votada da cidade, com 15.702 votos, referentes a 2,47% dos votos contabilizados. Assim como ela, Matheus Gomes, também do PSOL, Laura Sito do PT, Bruna Rodrigues e Daiana Santos, ambas do PCdoB, também foram os candidatos negros eleitos. Esses dados mostram que existe um movimento de afroconsumo que lentamente alcança diversas estruturas da sociedade, e que pode alcançar e movimentar diferentes campos e setores.

## CONCLUSÃO

Dado que, foram esgotadas as articulações do tema neste momento, e que durante o processo analítico muitas constatações foram apontadas na análise dos relatos, retomo a discussão para concluir alguns apontamentos e reflexões relevantes. Uma das proposições dessa investigação era alcançar o âmbito sociocultural do consumo. Segundo o próprio autor García-Canclini, era necessário encontrar “princípios teórico e metodológicos transversais” (1993, p. 33) que combinassem os modelos propostos por ele.

Visto que, Sunkel (2002) assinala que, ainda que seja um projeto inacabado, mas em pleno desenvolvimento, o consumo cultural proposto por García Canclini e por Martín-Barbero, desde a década de 1990, tem orientado e influenciado muitas investigações da sobre cultura e comunicação. Entretanto, durante o percurso investigativo desta tese, nenhum modelo efetivo havia encontrado pelo autor ou por outros pesquisadores. Posto isso, esta tese apresenta um modelo resolutivo da noção de consumo cultural de García-Canclini.

No âmbito teórico-metodológico, a partir dos dados empíricos vimos que, são inúmeros os aspectos acionados durante as práticas de consumo cultural de pessoas negras. Sendo assim podemos dizer que alcançamos o objetivo de pesquisa, que era compreender as dinâmicas e motivações que levam jovens e adultos negros (as) às práticas de afroconsumo, ainda que nem todos os sujeitos pratiquem o afroconsumo por conta dos inúmeros reflexos socioculturais que atravessam a negritude na sociedade brasileira.

Em relação à pergunta central da pesquisa, através das inúmeras investidas aos dados empíricos em articulação com a noção de consumo cultural foi possível ver que, as práticas de consumo cultural e midiático de jovens e adultos negros (as) se configuram em algumas situações a partir da combinação das seis racionalidades de consumo propostas por García-Canclini. Com isso, chega-se à reflexão de que, o único problema da noção foi ela nunca ter sido olhada e pensada a partir de um recorte de raça.

Portanto, defendo que, ao visualizarmos o consumo em um âmbito sociocultural percebe-se que o afroconsumo, possibilita a identificação de inúmeros elementos para reflexão, miradas, perspectivas e diálogo com campos diversos. E, sinalizo aqui que, possivelmente, apenas parte do conhecimento e desdobramentos do afroconsumo foram apresentados e desenvolvidos durante esta investigação, e é possível que o tema sirva de base para a produção de pesquisas e reflexões de diversas naturezas.

Como foi visto ao longo da pesquisa, são diversos os temas que atravessaram e emergiram durante a investigação acerca das práticas de afroconsumo. Diversas discussões de

caráter sociológico como a solidão da mulher negra, disputas políticas, colorismo, classe, entre muitos outros debates importantes, implicações e desdobramentos acerca das mudanças práticas de pessoas negras e seus contextos socio-históricos em articulação com o afroconsumo apareceram nos relatos, contudo, esses temas e discussões ainda que frutíferas e reflexivas ultrapassam os limites desse trabalho que se propõe a pensar as práticas de consumo de pessoas negras, assim como do campo.

No que concerne aos relatos, foi possível perceber que muitas das práticas dos sujeitos da pesquisa, para além do poder aquisitivo, estão ligadas às emocionalidades historicamente construídas de forma estruturada à exclusão do negro. E, para que possamos alcançar a completude dos atravessamentos desse campo na análise dos relatos de forma efetiva, é preciso compreender que as lógicas do racismo agem psiquicamente em todos os setores e relações que os sujeitos negros estabelecem com a sociedade e resultam, em um complexo sentimento de inferioridade, que por vezes se estabelece no campo das emoções, mas que se estrutura a partir da estratificação de classe, que no Brasil também é articulada pelo fator racial.

A partir das exposições dos interlocutores e das observações em torno das racionalidades foi possível compreender que, as práticas de consumo no âmbito sociocultural são frequentemente gestadas a partir do entendimento de que, tanto produtores, como consumidores, precisam desenvolver mecanismos para transpor as categorias sociais pré-estabelecidas pela lógica cultural dominante. Não é o produtor quem estabelece as regras e decide quem vai usar ou não algum produto, ainda que ele tenha um certo poder, assim como não é o consumidor quem vai ditar o que o mercado irá produzir por conta de suas demandas, é o embate da esfera pública que vai forçar a organização e talvez possibilitar uma negociação social, e parte dessa discussão ocorre a partir do discurso gestado, consumido e popularizado nas bordas midiáticas.

Em paralelo, todos os pseudônimos utilizados nesta investigação foram minuciosamente pensados e escolhidos a partir de uma prática de resgate às figuras negras invisibilizadas, e talvez isso tenha chamado a atenção dos leitores, talvez não. Contudo, esse movimento buscou relacionar cada relato à uma expressão artística negra que se interrelaciona com diferentes âmbitos da pesquisa e do afroconsumo. Talvez esse movimento não precisasse ser explicado não fosse o rigor metodológico da pesquisa, e a necessidade de trazer à luz o que há muito tempo ficou às escuras.

Acredito que foi através da arte negra que o afroconsumo passou a ser praticado e popularizado. O discurso da arte negra, muitas vezes, é a porta de entrada para o afroconsumo. Tantos ritmos, tantas belezas e realidades expressadas através de manifestações

artísticas imortalizadas por sujeitos que resistiram, ou não, às inúmeras violências das lógicas do racismo, um sistema cruel, sistematizado pelas instituições que resultaram no questionamento do negro sobre si mesmo e seus pares.

A (in) visibilidade da arte negra ao longo da história do Brasil tem sido há muito tempo questionada dentro e fora da academia, e mostra que mesmo com contribuições artísticas e sociais importantes, a marginalização da negritude é prática recorrente em diversas áreas. É incontável o número de artistas e artes negras culturalmente apropriadas, economicamente fragilizadas, socialmente marginalizadas, artisticamente invisibilizadas, contudo graças ao afroconsumo, hoje em dia, elas têm sido exaltadas.

Trazer a reflexão da arte negra para uma pesquisa que versa sobre a prática cultural da negritude não é nada mais do que falar o óbvio. Foram os diferentes tipos de artes negras que fomentaram, sustentaram e alicerçaram o que no final desta pesquisa chamamos de afroconsumo. E muitas vezes, é na arte que repousa a esperança de dias melhores, ou a contestação de dias pesados.

A arte, provavelmente é a maior promotora do afroconsumo seja ele cultural, ou não. Sem a arte negra talvez não existisse afroconsumo, sem arte negra talvez não existisse nem mesmo negritude, porque a arte negra é resistência, é luta, é sonho, é alimento, é moeda de troca, é caminho, é pintura, é movimento, é disputa, é vitória, é cultura, é beleza, é ancestralidade, é alento, é conforto, é acolhimento, é cuidado, é nobreza, é conexão, é esperança. A arte negra é vida, a arte negra ainda que roubada, de nós jamais será tirada.

## BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Wlamyra. **O jogo da dissimulação. Abolição e cidadania negra no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- ALONSO, L. E. Sujeto y discurso: el lugar de la entrevista abierta em las prácticas de la sociología cualitativa. In: DELGADO, J. M.; GUTIERREZ, J. **Métodos y técnicas cualitativas de investigación em ciencias sociales**. Madrid: Editorial Síntesis, 1995.
- AZEVEDO, Lídia Michelle Damaceno. **Beleza como negócio: a construção econômica e tecnologia das influenciadoras digitais negras**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.
- ANCINE. **Diversidade de Gênero e Raça nos Longas-metragens Brasileiros Lançados em Salas de Exibição**. 2016. Disponível em: [https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/informe\\_diversidade\\_2016.pdf](https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/informe_diversidade_2016.pdf). Acesso em: 29/08/2020.
- ASANTE, Molefi K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.) **Afrocentricidade. Uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Ed. Selo Negro, 2009. p. 93-110.
- BACCEGA, MARIA. BACCEGA, M. A. Construindo a cidadania nas interrelações comunicação, educação e consumo. In: **Conexiones. Revista Iberoamericana de Comunicación**, 2010.
- Bachelard, G. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. 9a ed. Rio de Janeiro: Contraponto; 1996.
- BAHIA, Charles Nunes. **Apropriação cultural antropofágica e as máscaras brancas do racismo indigesto**. Complexitas - Rev. Fil. Tem., Belém, v. 3, n. 2, p. 40-53, jul./dec. 2018.
- BAILLEN, Amparo H. **Retos para la investigación del consumo cultural digital**. In: Tendencias de la Comunicación II: El Ecosistema Mediático Contemporáneo – Discusiones sobre audiencias, estrategias de comunicación y resultados. Universidad Técnica Particular de Loja: Madrid, 2020.
- BALDISSERA, Rudimar; LOCK, Matheus. **Conversações políticas online e seus efeitos na opinião pública**. Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura / Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação. v. 1, n. 1 (2003) – Salvador, UFBA, FACOM, 2012.
- BARBOSA, Lívia; CAMPBELL, Colin. O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas. In: **Cultura, consumo e identidade**. (Orgs.) Lívia Barbosa e Colin Campbell. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BARBOSA, O. T.; MATOS, M. B. de A.; MELO, F. V. S.; BARBOSA, M. de L. de A.; FARIAS, S. A. de. DO BATUQUE DO ATABAQUE À DECISÃO DE COMPRA: Pais e Mães de Santo Podem Influenciar no Consumo Sagrado e Profano de Seus Seguidores?. **Perspectivas Contemporâneas**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 63–78, 2016. Disponível em: <https://revista2.grupointegrado.br/revista/index.php/perspectivascontemporaneas/article/view/2144>. Acesso em: 13 ago. 2023.
- BASTIDE, Roger. **A Imprensa Negra do Estado de São Paulo**. In: BASTIDE, R. Estudos afro-brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BELK, R. W.; GER, G.; ASKEGAARD, S. **The fire of desire: a multisited inquiry into consumer passion**. Journal of Consumer Research, 30, 2003, p. 326-351.
- BENTES, Raimunda Nilma de Melo. **Negritando**. Belém: Graphitte, 1993.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSFUGUEL, Ramón. **Decolonialidade e perspectiva negra**. Sociedade e Estado. Brasília, v. 31, n. 1, p. 15-24, 2016. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922016000100015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000100015&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 14 jun. 2020.

BERTEAUX, Daniel. **Los relatos de vida: Perspectiva etnosociológica**, Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2005.

BIERNACKI, P., & WALDORF, D. Snowball sampling: Problems and techniques of chain referral sampling. **Sociological Methods & Research**, 41(4), 2013, 367-387.

BONIN, Jiani. **Processos e percursos de construção de pesquisas em recepção: algumas reflexões epistêmico-metodológicas**. Revista Conexão Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul – v. 17. Dossiê 2018, p.13-25.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2.ed. rev. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

BRAGA, A.; GASTALDO, E. **Variações sobre o uso do skype na pesquisa empírica em comunicação: apontamentos metodológicos**. Contracampo, Niterói, v. 24, n. 1, 2012.

BRAGA, Juliana B. **A mulher negra nas embalagens de cosméticos para cabelos crespos e cacheados**. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Espírito Santo, 2020.

Brasil. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Os sambas, as rodas, os bumbas, os meus e os bois: princípios, ações e resultados da política de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil, 2003 – 2010**. 2. ed. Brasília: IPHAN; 2010.

BRASIL. Lei no 12.711, de 29 de agosto de 2012. **Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 30 ago. 2012. Seção 1, p. 1.

BRASIL: Violência, pobreza e criminalização ‘ainda têm cor’. **Nações Unidas**. São Paulo, 15 mar 2016. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/brasil-violencia-pobreza-e-criminalizacao-ainda-tem-cor-diz-relatorada-onu-sobre-minorias/>

BROCK, André. Análise crítica tecnocultural do discurso. In: SILVA, Tarcízio. **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiaspóricos** / Organização e edição: Tarcízio Silva. LiteraRUA – São Paulo, 2020.

BRONCKART, Jean-Paul. 1999. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. Por um interacionismo socio-discursivo. Editora da PUC-SP, EDUC, São Paulo.

CÁCERES, Luis Jesus Galindo. **Sabor a ti: Metodología cualitativa em investigación social**. Universidade Veracruzana, 1997.

CAMARGO, Brigido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, dez. 2013. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2013000200016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2013000200016&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 18 jul. 2023.

CARNEIRO, Gustavo. **Corporeidade, consumo e identidades políticas: estratégias de empoderamento feminino negro realizadas pelo coletivo das pretas na cidade de Vitória/ES (2017)**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo. 2017.

CAROLINE, Joselaine; BRUM, Enéias. **Negritude, periferia e (in)visibilidades: reflexões sobre os atravessamentos socioculturais da agência Resposta**. XXIX Encontro Anual da Compós, 2020, online. Anais... Campo Grande: COMPÓS, 2020. Disponível em: [http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos\\_arquivo\\_M2N482A3SN5KHOOY7QZ6\\_30\\_8772\\_01\\_03\\_2020\\_18\\_36\\_04.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_M2N482A3SN5KHOOY7QZ6_30_8772_01_03_2020_18_36_04.pdf) Acesso em 28 jul. 2021.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis, Vozes, 1994.

CHAGAS, Juliana Silva. **As formas de autoinscrição na moda afro fortalezense**. Dissertação (Mestrado) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2021.

- COELHO ROCHA, Ana Raquel; MOREIRA CASOTTI, Leticia. **Reflexões sobre o consumidor negro brasileiro**. Revista Pensamento Contemporâneo em Administração, vol. 11, núm. 2, abril-jun, 2017, pp. 47-62.
- COGO, Denise; MACHADO, Sátira. **Redes de negritude: usos das tecnologias e cidadania comunicativa de afro-brasileiros**. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Anais... Caxias do Sul, 2010.
- CUNHA, Felipe Gibson. **Comunicação e identidades: um estudo sobre as práticas culturais da comunidade quilombola de Capoeiras no Rio Grande do Norte**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia. Natal, 2018.
- CUTI (Luiz Silva). **Literatura negro-brasileira / Cuti** - São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DOMINGUES, Petrônio. (2007). **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. Revista Tempo, Niterói, v.12, n.23, p.100-122, 2007.
- DOUGLAS, Mary e ISHERWOOD, Baron. **O Mundo dos Bens: Para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2004.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais – Uma versão latino-americana**. Ed. on-line – Belo Horizonte: Autêntica, 2010
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D.. **Néstor García Canclini: Notas sobre um autor latino-americano**. Comunicação e Sociedade 27, 1997, p. 103-121.
- ESPÍRITO SANTO JÚNIOR, Carlos Alberto do. **A influência das variáveis étnico-raciais na inclusão social subjetiva dos consumidores negros brasileiros**. Tese (doutorado) –Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.
- ETNUS. **Afroconsumo: Pesquisa sobre comportamento e hábitos de consumo dos afrodescendentes da cidade de São Paulo**. 2016. Disponível em: [https://irpcdn.multiscreensite.com/4e69c2ec/pdf/ETNUS\\_Afroconsumo\\_SP\\_102016\\_v7\\_LOW.pdf](https://irpcdn.multiscreensite.com/4e69c2ec/pdf/ETNUS_Afroconsumo_SP_102016_v7_LOW.pdf). Acesso em: 10 ago. 2020.
- FALCÃO, J. L. C. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. 2004.Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- FEATHERSTONE, Mike. **Cultura do consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel,1995.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas "estado da arte"**. Educ. Soc., Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, Aug. 2002.
- FIGUEIREDO, A. **Fora do jogo: a experiência dos negros na classe média brasileira**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 23, p. 199–228, 2016.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Negras movimentam R\$ 704 bi por ano, mas são escanteadas pela publicidade**. Reportagem 06 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/10/negras-movimentam-r-704-bi-por-ano-mas-sao-escanteadas-pela-publicidade.shtml> Acesso em: 19 de abril de 2021.
- FRIGÉRIO, A. **A capoeira: de arte negra a esporte branco**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, v.4, n.10, p. 85-98, Jun. 1989.
- FONTOURA, N.; REZENDE, M. T., MOSTAFA, J., LOBATO, A. L. **Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça – 1995 a 2015**. Brasília, DF: IPEA, 2015. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/170306\\_retrato\\_das\\_desigualdades\\_de\\_genero\\_raca.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/170306_retrato_das_desigualdades_de_genero_raca.pdf)
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. **El consumo sirve para pensar**. Diálogos de la comunicación, n. 30, México: Revista de la FELAFACS, 1991.

\_\_\_\_\_. **Los estudios sobre comunicación y consumo: el trabajo interdisciplinario en tempos neoconservadores**. Dialogos de la comunicación, Felafacs. n. 32, 1992.

\_\_\_\_\_. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

\_\_\_\_\_. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

GAÚCHA, ZH. **Depois de boneco do Star Wars crianças negras fazem campanha: “não me vejo, não compro”**. Reportagem [ONLINE] 20 Jan., 2016. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2016/01/depois-de-boneco-do-star-wars-criancas-negras-fazem-campanha-nao-me-vejo-nao-compro-cjpl5q9ce0002pbcn9xf0cfx8.html>.

GOELLNER, Rene. **A PUBLICIDADE NA “TERRA DO NUNCA”: As relações entre consumo, juventude e escolha do curso de Publicidade e Propaganda**. 585p. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Comunicação. Doutorado em Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 23, p. 75-85, Aug. 2003.

\_\_\_\_\_. **Alguns Termos E Conceitos Presentes No Debate Sobre Relações Raciais No Brasil: Uma Breve Discussão. Histórica**. Coleção para todos. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Brasília: Ministério da Educação – 2005.

\_\_\_\_\_. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019a.

GOMES, Laurentino. **Escravidão – Da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de dom João ao Brasil**. Vol. II. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021.

GOMES, Laurentino. **Escravidão – do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares**. Vol. I. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019b.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GOOGLE. **Dossiê BrandLab: A Revolução dos Cachos. São Paulo: 2017**. Disponível em <<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/advertisingchannels/v%C3%ADdeo/revolucao-dos-cachos/>>. Acesso em 18 jun. 2020.

GROHMANN, Rafael. **Plataformização do trabalho: entre a dataficação, a financeirização e a racionalidade neoliberal**. Revista Eptic, v. 22, n.1, jan-abr, 2020.

GRISA, Jairo Angelo. **Histórias de ouvinte: a audiência popular no rádio**. Itajaí: Univali, 2003.

GUIMARÃES, R.S. **Objetos, Sistema Culinário e Candomblé: o patrimônio das ‘baianas do acarajé’. Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 227-242, 2012.

HABERMAS, Jürgen. 1992. Further reflections on the public sphere. In: CALHOUN, Craig (ed.). **Habermas and the Public Sphere**. Cambridge: MIT PRESS. pp. 421-462.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e Mediações culturais**. Org. Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2019.

- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- IBGE. **População jovem no Brasil** / IBGE, Departamento de População e Indicadores Sociais. – Rio de Janeiro: IBGE, 1999.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **O quesito cor no Censo de 1970**. Rio de Janeiro: IBGE, 1970.
- \_\_\_\_\_. **Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira 2014**. Rio de Janeiro, 2014.
- IBGE. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 2019.
- IPEA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ... [et al.]. - 4a ed. - Brasília: Ipea, 2011.
- IPEA. **Atlas das periferias no Brasil: aspectos raciais de infraestrutura nos aglomerados subnormais** / Fernanda Lira Goes ... [et al.]. – Rio de Janeiro : Ipea : 2021.
- JACKS, N. et al. (Coords.) **Meios e audiências III: reconfigurações dos estudos de recepção e consumo midiático no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2017.
- JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela. Jovens brasileiros e convergência midiática. Espiando o cenário nacional. In: CAMPANELLA, Bruno, BARROS, Carla (org.). **Etnografia e consumo midiático. Novas tendências e desafios metodológicos**. Rio de Janeiro. E-papers, 2016.
- JACKS, Nilda; TOALDO, Mariângela M.; OIKAWA, Érica. **Práticas Culturais e Ciber culturais – para pensar a relação com as tecnologias**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.19, n.1, jan/abr. 2016.
- JACKS, Nilda; TOALDO, Mariângela M.; SCHMITZ, Daniela et. al.... **Uso de softwares na abordagem qualitativa: a experiência da pesquisa “Jovem e Consumo Midiático em Tempos de Convergência**. *Questões Transversais*, São Leopoldo, Brasil, v. 4, n. 7, 2016. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/12492>. Acesso em: 14 jun. 2021.
- JACKS, Nilda ET AL., M. M. T. Uso de softwares na abordagem qualitativa: a experiência da pesquisa “Jovem e Consumo Midiático em Tempos de Convergência”. *Questões Transversais*, São Leopoldo, Brasil, v. 4, n. 7, 2016. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/12492>. Acesso em: 05 jun. 2023.
- JAMESON, F. **Pós-Modernidade: A lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1997.
- KOWARICK, Lúcio. **Trabalho e Vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- LAMONT, M.; MOLNÁR, V. **How blacks use consumption to shape their collective identity**. *Journal of Consumer Culture*, London, v. 2, n. 1, p. 31-45, 2001.
- LEITÃO, Débora Krische; PINHEIRO MACHADO. O luxo do povo e o povo do luxo: consumo e valor em diferentes esferas sociais no Brasil. **Antropologia e consumo: diálogos entre Brasil e Argentina**. Porto Alegre: Age, 2006.
- LEIVA, João. **Cultura nas capitais: como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e arte**. Rio de Janeiro: 17Street Produção Editorial, 2018.
- LIBARDI, Guilherme. **Os sentidos da diversidade no Brasil polarizado: impasses e afinidades entre minorias progressistas e conservadoras**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, 2021.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do efêmero – a moda e seus destinos na sociedade moderna**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

LOPES, M. I. V. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. 4 ed. São Paulo: Seelo Negro, 2011.

LOPES, Nei. Presença maior de negros na mídia tem 'mais a ver com consumo do que representatividade', diz Nei Lopes. [Entrevista concedida a] Luiza Franco. **BBC News Brasil**, São Paulo, 2019.

LOZANO, Jorge. **La Historia oral y de vida: del recurso técnico a la experiencia de investigación**. In: GALINDO CÁCERES, Jesús Luis. (Coord.). Técnicas de investigación en sociedad, cultura y comunicación. México: CNCA/Addison Wesley Longman, 1998.

LYRA, Bernadette. **Cinema Periférico de Bordas**. Revista Comunicação, mídia e consumo. Vol. 6, n. 15, p. 31-47, mar, 2009. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/145>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. **A deliberação a longo prazo no espaço de visibilidade mediada: O Bolsa-Família na mídia impressa e televisiva**. Estudos em Jornalismo e Mídia, 2010.

\_\_\_\_\_. **Aspectos teórico-metodológicos do processo comunicativo de deliberação online**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 6. Brasília, julho - dezembro de 2011, pp. 19-40.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens**. In: BORELLI, S. H. S.; FREIRE FILHO, J. (Orgs.). Culturas juvenis no século XXI. São Paulo: EDUC, 2008. p. 9-32.

\_\_\_\_\_. **De los medios a las prácticas. In: OROZCO, Guillermo (Org.). La comunicación desde las prácticas sociales. Reflexiones en torno a su investigación**. Cuadernos de Comunicación y prácticas sociales, n. 1. Mexico: Universidade Iberoamericana, 1990.

\_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2015.

FILHO, J. M. RAÇA E CONSUMO: A identidade do negro na nova realidade do negro na nova realidade do mercado e dos meios de comunicação. **Cadernos Zygmunt Bauman**, [S. l.], v. 2, n. 4, 2012. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/1657>. Acesso em: 6 fev. 2023.

MATOS, Suelen Karini Almeida de. **Feira cultural e do afroempreendedorismo: uma etnografia das relações entre economia feminina e resistência negra em Curitiba**. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Arqueologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

MCCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. The agenda-setting function of mass media. **Public Opinion Quarterly**, vol. 36, nº 2. New York, 1972, pp. 176-87.

MENDES, Joel Nemon. **Paradoxo da palavra negro no Brasil: identidade social injúria racial, violência simbólica**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, 2022.

MILLER, Daniel. **Consumo como cultura material**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 13, n. 28, dez, 2007.

MIGNOLO, Walter D. "La opción descolonial". **Letral**, n. 1, p. 4-22, 2008.

MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO. **Programa de Ação. Discutido e aprovado no III Congresso Nacional do MNU**. Belo Horizonte, abr. 1982.

MUNANGA, K. **Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades**. Revista de Antropologia, São Paulo, n. 33, 1990.

\_\_\_\_\_. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** Cadernos PENESB (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira). UFF, Rio de Janeiro, n. 5, p. 15-34, 2003.

\_\_\_\_\_. **Negritude: usos e sentidos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MURPHY, Demetrius Miles. **Doing Business in the Black: Afro-Brazilian Entrepreneurship as Resistance to Anti-Blackness in São Paulo, Brazil.** Master of Arts Degree. Vanderbilt University 2019.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo.** Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras; Relações raciais, quilombolas e movimentos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Eliane Quintiliano. **Afroempreendedorismo como estratégia de inclusão socioeconômica.** Anais do Seminário de Ciências Sociais, v. 3, 2018.

NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639.** Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.

O GLOBO. **Em 2020, mercado editorial viveu 'boom' de autores negros, mas ainda falta diversificar a cadeia de produção do livro.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/em-2020-mercado-editorial-viveu-boom-de-autores-negros-mas-ainda-falta-diversificar-cadeia-de-producao-do-livro-24811565>. Acesso em 20 de março de 2020.

OLIVEIRA, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. **Revista Estudos Avançados**, 2004, p. 57-60.

OLIVEIRA, Natália Araújo de. **Turismo diaspórico, teste de DNA e cozinhas: experiência gastronômica de consumidores de uma agência de turismo afrocentrada.** Revista Ágora, v.23, n.1, p. 99-114, janeiro-junho, 2021.

OLIVEIRA, Taís Silva. **Redes Sociais na Internet e a Economia Étnica: um estudo sobre o afroempreendedorismo no Brasil.** Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do ABC, Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais, São Bernardo do Campo, 2019.

OLIVEIRA, Lorrara Silvy Imagawa de. **Não é só vender, é passar a história negra: um estudo com afroempreendedores capixabas.** Dissertação (mestrado em Administração). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

PEREIRA, Carolina. **Pessoas negras de pele clara: um olhar para a identidade racial.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2023.

PEREZ, Clotilde. 2020. **Há limites para o consumo?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2020.

PINTO, Ana F. M. **De pele escura a tinta fresca: a imprensa negra no século XIX.** Brasília, 2006. Dissertação [Mestrado em História] – UnB.

PIOVESAN, Flavia. Ações Afirmativas na perspectiva dos Direitos Humanos. In: SILVA, Petrolina Beatriz Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter Roberto. **Educação e Ações Afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica.** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003. p. 35-46.

PRATES, Dinamara da Silva. **Empreender e resistir: as trajetórias de mulheres negras empreendedoras na cidade de Porto Alegre.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2021.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Relatos orais: do "indizível" ao "dizível".** In: Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil [S.l: s.n.], 1988.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, E. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clasco, 2005.

RECUERO, Raquel. **O capital social em rede: como as redes sociais na internet estão gerando novas formas de capital social**. *Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura / Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação*. v. 1, n. 1 (2003), Salvador, UFBA, FACOM, 2012.

\_\_\_\_\_. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2021.

RIBEIRO, Regiane; JOHN, Valquíria Michaela; LUCAS, Henrique Denis. Uma (necessária) agenda para os estudos da audiência fílmica. In: JACKS, Nilda et al. (org.). **Meios e Audiências III: reconfigurações dos estudos de recepção e consumo midiático no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

ROOK, Dennis W. **Dimensão ritual do comportamento de consumo**. *Revista de Administração de Empresas, São Paulo, Fundação Getúlio Vargas*, v. 47, n.1, p.81-98, jan./mar. 2007.

SAHLINS, M. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SALVIATI, M. E. **Manual do aplicativo Iramuteq. Planaltina, 2017**. 93 p. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabeth-salviati>. Acesso em: 2 fev. 2019.

SANSONE, Livio. **Os objetos da identidade negra: consumo, mercantilização, globalização e a criação de culturas negras no Brasil**. *Mana, Rio de Janeiro*, v. 6, n. 1, p. 87-119, Apr. 2000.

\_\_\_\_\_. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil**. Salvador: Edufba; RJ: Pallas, 2007.

Santaella, Lucia; Nöth, Winfried. A linguagem das mercadorias. **Signos do Consumo**, vol. 1, núm. 1, enero-junio, 2009, pp. 21-43

SANTOS, Jocélio Teles dos. **O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos**. *Revista Estudos afro-asiáticos*, n.38, Rio de Janeiro, 2000.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANTOS, Lucas Vinícius Correa dos. **Uma escuta a afroempreendedores: meandros e as interfaces do empreendedorismo de pessoas negras**. 2017. 64 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SANTOS, Fernando de Oliveira dos. **Pós-abolição e a luta pela cidadania negra na cidade de São Paulo (1891-1930)**. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras: Assis, 2020.

SANTOS, Ana Caroline Moraes dos. **Grana Preta: por um afroempreendedorismo sustentável na internet**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru, 2021.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Feira de Afroempreendedores – Análise de um mercado emergente no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: SEBRAE, 2017.

SCHMITZ, Daniela M. **Consumo, sentidos, usos e apropriações nas pesquisas de recepção: nem tão sinônimos, nem tão distantes**. *Revista Intexto*. Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p.255-275, set./dez. 2015.

SIERRA, Francisco. **Función y sentido de la entrevista cualitativa en investigación social**. In: GALINDO CÁCERES, Jesús Luis. (Coord.). *Técnicas de investigación en sociedad, cultura y comunicación*. México: CNCA/Addison Wesley Longman, 1998.

SILVA, A. S. **Afro-ntando: Compreendendo as construções/desconstruções e disputas de identidades de mulheres negras a partir de seus cabelos**. 2018. 103 f. Dissertação (Mestrado em e Cultura e Territorialidades) – Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018a.

- SILVA, Lourdes Ana Pereira **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 36, p. 63-83, maio/ago. 2016.
- SILVA, Tarcízio. **Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código**. In: Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiáspóricos. Org. Tarcízio Silva; Consultoria Editorial: LiteraRUA – São Paulo, 2020.
- SILVA, Tatiana Dias. Mulheres negras, pobreza e desigualdade de renda. In: **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil** / organizadoras: Mariana Mazzini Marcondes ... [et al.].- Brasília: Ipea, 2013.
- SILVA, Vanderléia Ricardo da. **A inserção do festival Feira Preta no calendário de turismo de eventos na cidade de São Paulo: o capital intelectual como força propulsora na “difusão” do movimento da população negra afroempreendedora**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, 2021.
- SOARES, Charlene Carvalho. **Raça e Mercado: os casos de afroempreendedorismo no Rio de Janeiro**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.
- SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro brasileira**. Rio de Janeiro: Imago Ed.; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.
- SODRÉ, M; PAIVA, R. Comunitarismo e sociedade incivil. **Revista Famecos**, Porto Alegre/RS, v. 26, n. 1, jan/abril. 2019. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/33027>>. Acesso em 12/10/2021.
- SOLOMON, M. R. **O comportamento do consumidor: comparando, possuindo e sendo**. 9 ed., Porto Alegre: Bookman, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear em rede**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** 2. ed rev. e ampl. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- SOUZA, Jessé. A invisibilidade da luta de classes ou a cegueira do economicismo. In: BARTELT, Dawid Danilo (Org.) **A “nova classe média” no Brasil como conceito e projeto político**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013. pp. 55-68.
- SOUZA, Edileuza P.; MESQUITA, Marcus. Encontros, Festivais e Mostras - caminhos para construção do cinema negro brasileiro. **Avanca**, 2022.
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- STROZENBERG, Ilana. O apelo da cor: percepções dos consumidores sobre as imagens da diferença racial na propaganda brasileira. **Comunicação Mídia e Consumo**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 199–220, 2008. DOI: 10.18568/cmc.v2i4.43. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/43>. Acesso em: 6 nov. 2023.
- SUNKEL, G. **El consumo cultural en la investigación en comunicaciones en América Latina**. Contornos: signo y pensamiento, v. 12, n. 45, p. 9-24, 2004.
- TOALDO, Mariângela; JACKS, Nilda. **Consumo midiático: uma especificidade do consumo cultural, uma antessala para os estudos de recepção**. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, Anais... Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2013.
- THOBIAS JR., **A democratização do crédito e a participação dos afroempreendedores**. In: **Desenvolvimento e empreendedorismo afro-brasileiro: desafios históricos e perspectivas para o século 21** / João Carlos Nogueira (org.). – Florianópolis: Atilênde, 2013.
- TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Número de candidatos pardos e pretos supera o de brancos nas Eleições de 2020**. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2020/Outubro/numero-de-candidatos-pardos-e-pretos-supera-o-de-brancos-nas-eleicoes-de-2020>. Acesso em: 16 de nov de 2020.

VENTURINI, Anna Carolina; Feres, João. **Política de ação afirmativa na pós-graduação: o caso das universidades públicas**. Cadernos de Pesquisa [online]. 2020, v. 50, n. 177 [Acessado 5 Junho 2022].

WOODWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, T. T. da.; Hall, S.; WOODWARD, K. (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis - RJ: Vozes, 2011, p. 73–102.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

## ANEXO

## Questionário Afroconsumo

A presente pesquisa é parte de uma pesquisa de doutorado realizada no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cujo intuito é analisar as práticas de consumo cultural e midiático de pessoas negras no Brasil.

\* Indica uma pergunta obrigatória

---

1. Qual é o seu nome?

---

2. O valor da sua renda bruta mensal é de\*

*Marcar apenas uma oval.*

- até R\$ 1.245,00
- entre R\$ 1.245,00 e R\$ 2.330,00
- entre R\$ 2.330,00 e R\$ 5.496,50
- R\$ 5.496,50 e R\$ 16.509,50
- acima R\$ 16.509,50

3. Você é homem ou mulher?\*

*Marcar apenas uma oval.*

- Homem
- Mulher
- Não-binário

4. Qual é o seu nível de escolaridade?\*

*Marcar apenas uma oval.*

- Ensino fundamental
- Ensino Médio
- Ensino Técnico
- Ensino Superior
- Especialização
- Pós-graduação Mestrado
- Pós-graduação Doutorado

5. Você se autodeclara?\*

*Marcar apenas uma oval.*

- Pardo (a)
- Preto (a)
- Indígena
- Branco (a)
- Amarelo (a)
- Não sei dizer ao certo

6. Você já sofreu algum tipo de preconceito racial?\*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Talvez
- Provavelmente, mas não percebi

Religião

7. Qual é a sua religião? (pode marcar mais de uma opção)\*

*Marcar apenas uma oval.*

- Católica
- Evangélica
- Batuque
- Candomblé
- Umbanda
- Outra religião de matriz africana
- Espírita
- Budista
- Ateu *Pular para a pergunta 11*
- Não tenho religião, mas vou à festas religiosas
- Não tenho religião e nem o hábito de frequentar festas religiosas *Pular para a pergunta 11*
- Outro: \_\_\_\_\_

#### Festas religiosas

8. Você costuma participar de festas e celebrações religiosas com que frequência?\*

*Marcar apenas uma oval.*

- De 1 a 2 vezes na semana
- 1 vez por semana
- 1x por mês
- Costumava frequentar mas agora não estou
- indo Somente em datas comemorativas
- Não frequento
- Outro: \_\_\_\_\_

9. Você costuma realizar compras em lojas de artefatos religiosos?\*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim, mas pouco frequente
- Sim, frequentemente
- Só quando eu preciso de algo muito específico
- Não compro (*Pular para a pergunta 11*)
- Outro: \_\_\_\_\_

Religiosa específica

10. Que tipo de artefatos religiosos você costuma comprar?\*

\_\_\_\_\_

Território

11. Você acha que o bairro onde você mora atualmente influencia nas suas atividades de consumo?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

12. Você já migrou de bairro?\*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não *Pular para a pergunta 19*

13. Por quê?\*

*Marcar apenas uma oval.*

- Minha família melhorou de vida e mudamos para um bairro melhor
- Por questões econômicas tivemos que ir para um bairro mais humilde Queria ter mais qualidade de vida
- Nunca migrei *Pular para a pergunta 19*
- Mudei porque me casei
- Mudei porque saí da casa da minha família
- Outro: \_\_\_\_\_

14. Você acha que essa mudança lhe suscitou alguma reflexão sobre a sua identidade e relações?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim, antes eu me sentia mais confortável convivendo com pessoas parecidas comigo.
- Sim, antes eu me sentia menos confortável convivendo com pessoas parecidas comigo
- Eu me sinto melhor no lugar atual.
- Eu me sentia melhor no lugar antigo.
- Sim, sinto que as pessoas me tratam diferente porque sou negro (a).
- Sim, inclusive já passei por situações de preconceito no bairro novo.
- Sim, inclusive já passei por situações de preconceito no bairro antigo.
- Não, nada mudou para mim.
- É a mesma coisa.

15. Você já migrou de cidade?\*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

16. Você já migrou de país?\*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

17. Você acha que a mudança para outro bairro, cidade ou país mudou a sua perspectiva de vida e/ou profissional? Se sim, o que mudou?

*Marque todas que se aplicam.*

Passei a ter mais ambição e querer ganhar mais

Passei a ter mais qualidade de vida

Passei a gastar mais

Acabei abandonando alguns hábitos que hoje considero nocivos

Passei a ver que tenho outras possibilidades na vida

Outro: \_\_\_\_\_

18. Você acha que sua mudança de bairro, cidade ou país mudou seus hábitos de consumo? Se sim, o que mudou?

---

---

---

---

---

Redes Sociais

19. Você percebe alguma diferença/mudança no seu comportamento de consumo nos últimos 5 anos?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim, nos últimos anos sinto que tenho me informado mais
- Nos últimos anos percebi que tenho conversado mais com meus familiares e amigos sobre as notícias por causa da internet.
- Consumo bastante, mas não converso com familiares e amigos sobre o que eu vejo
- Não, continuo com as mesmas práticas

20. E em relação ao seu consumo de conteúdos e produtos com reflexões sobre raça?\*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim, nos últimos 5 anos passei a consumir mais.
- Sim, no último ano passei a consumir mais.
- Sempre consumi conteúdos e produtos que me dessem rejeição sobre o tema.
- Sempre busquei realizar minhas práticas de consumo com o intuito de fortalecer a cultura negra
- Para mim não faz diferença consumir conteúdos ou produtos de pessoas negras ou branca
- Acho que continuo consumindo as mesmas coisas, não percebi nenhuma diferença.
- Não.

21. Alguma vez você já se sentiu invisibilizado nas narrativas midiáticas, como filmes, programas de tv?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim, na maioria das vezes
- Sim, mas poucas vezes
- Não, me sinto contemplado (a)
- Nunca parei para pensar nisso.

22. Você compartilha posts sobre assuntos da negritude nas suas redes sociais? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Só quando é para denunciar casos de
- racismo De jeito nenhum

23. **Os perfis e páginas que você segue nas redes sociais debatem questões raciais?\***

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Nunca parei para pensar isso
- Não tenho redes sociais *Pular para a pergunta 29*

24. Você segue influencers negros nas redes sociais?\*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim, sigo para ajudar a fortalecer profissionais negros
- Não sigo nenhum perfil utilizando esse critério *Pular para a pergunta 29*
- Talvez, mas não tenho certeza

25. O que te motiva a seguir influencers e/ou perfis negros que você segue? (pode selecionar mais de uma opção)

*Marque todas que se aplicam.*

- Só sigo para aumentar o número de seguidores
- Sigo porque me interessa pelo conteúdo
- Sigo porque eu aprendo bastante
- Sigo para me informar
- Sigo porque acho importante estar por dentro de tudo
- Sigo porque eles se aproximam mais da minha realidade
- Porque me informo sobre as urgências e denúncias da população negra com eles

26. Quais são as suas interações com esses perfis? (pode selecionar mais de uma opção)\*

*Marque todas que se aplicam.*

- Sigo, curto e compartilho porque ajuda a promover os debates
- Sigo, curto e compartilho porque ajuda a promover os influencers
- Sigo para saber o que eles estão falando, mas não curto e nem compartilho
- Sigo, mas raramente curto algum conteúdo
- Sigo e curto, mas não compartilho, pois não tenho esse hábito
- Sigo e curto, mas não compartilho, pois eles parecem que só falam de racismo

27. Que tipo de perfis de temática negra você segue nas redes sociais? (pode selecionar mais de uma opção)

*Marque todas que se aplicam.*

- Comédia (vídeos engraçados)
- Memes
- Mulheres pretas
- Masculinidades
- Cultura negra
- Cultura africana
- Música
- Religião

28. Você já seguiu algum influencer/ perfil que aborde majoritariamente temáticas da negritud por indicação de amigos e/ ou familiares?

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

#### Sessão Espaços Negros

29. Você costuma ou busca frequentar espaços de cultura negra intencionalmente? (Ex: Feiras, escolas de samba, museus, etc. ...)

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

*Pular para a pergunta 31*

30. Quando foi a última vez que você foi a um evento cultural de temática negra?\*

*Marcar apenas uma oval.*

Eu procuro frequentar espaços negros com frequência

Há mais de 3 meses

Há mais de 6 meses

Há mais de 1 ano

Eu não vou aos lugares pensando nisso

Nunca frequentei, pois não penso nisso

#### Seção Filme, Música e Literatura

31. Com que frequência você lê livros?\*

*Marcar apenas uma oval.*

- 1 ou mais por mês
- A cada 3 meses
- A cada 6 meses
- Anualmente
- Não tenho o hábito de ler livros

32. Em quais canais você busca se informa? (pode selecionar mais de uma opção) \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Jornais impressos
- Sites de jornais
- Jornais televisivos
- Rádio
- Instagram
- Facebook
- Twitter

33. Que estilo (tipo) de música que você mais ouve? \*

\_\_\_\_\_

34. Você acha que o seu gosto musical foi influenciado pela sua família?\*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

35. Com que frequência você vai ao cinema?\*

*Marcar apenas uma oval.*

- Semanalmente
- Mensalmente
- Semestralmente
- Não tenho muito costume
- Nunca fui ao cinema
- Outro: \_\_\_\_\_

36. **Qual seu critério de escolha para assistir um filme?\***

*Marcar apenas uma oval.*

- Título
- Atores
- Direção
- Hoje em dia se tiver pessoas negras no cartaz me sinto mais atraído (a)
- Temática do filme
- Popularidade, críticas, indicação de amigos
- Não tenho critérios específicos

37. Com que frequência você procura assistir filmes com temáticas da negritude ou que tenham pessoas negras no elenco?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sempre
- Depende muito do meu humor
- Não é um critério para mim
- Até tento assistir mas sempre acabo assistindo outra
- coisa Não procuro

38. Você acha que atualmente existem mais produtos midiáticos de temática negra no mercado?

*Marcar apenas uma oval.*

- "Sim, acho que aumentou bastante
- Aumentou um pouco, mas não muito
- Não
- Se aumentou eu não percebi

39. O que você acha sobre os debates de temática negra nas redes sociais?\*

*Marcar apenas uma oval.*

- Acho extremamente importante.
- Acho importante porque é uma forma de educação e conscientização da população.
- Acho uma perda de tempo porque não vai mudar nada.
- Acho chato.
- Eu sempre tento evitar

40. Com que frequência você vai a museus?\*

*Marcar apenas uma oval.*

- Semanalmente
- Mensalmente
- Semestralmente
- Anualmente
- Nunca fui a um museu.
- Outro: \_\_\_\_\_

41. Se você frequenta museus, qual foi a última exposição que você viu, e o que lhe chamou atenção.

---

---

---

---

---

42. Com que frequência você vai ao teatro\*

*Marcar apenas uma oval.*

- Semanalmente
- Mensalmente
- Semestralmente
- Anualmente
- Nunca fui ao teatro

43. Lugares que você prefere ir para se divertir. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Baladas
- Roda de samba
- Festas religiosas
- Bares
- Escolas de samba
- Reunião social com os amigos
- Eu gosto de ficar mais em casa

## 44. Roda de samba e pagode\*

*Marcar apenas uma oval.*

- Nada provável
- Pouco
- provável
- Provável
- Bem provável
- Muito provável

## 45. Escolas de samba\*

*Marcar apenas uma oval.*

- Nada provável
- Pouco
- provável
- Provável
- Bem provável
- Muito provável

## 46. Festas fechadas (balada) \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Nada provável
- Pouco
- provável
- Provável
- Bem provável
- Muito provável

47. Festas públicas e/ou abertas \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Nada provável
- Pouco
- provável
- Provável
- Bem provável
- Muito provável

Serviços

48. Que tipo de serviços de pessoas negras você procura?\*

*Marcar apenas uma oval.*

- Todo o tipo de serviço.
- Serviços de pessoas conhecidas
- Apenas serviços de profissionais indicados
- Não é um critério relevante para mim

49. Quão importante é para você consumir/ comprar em locais e/ou de pessoas negras? \*

*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/>				
Acho isso bobagem			Essencial	

50. Quão importante é você estar em espaços com uma grande presença de pessoas negras

*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/>				
Acho isso bobagem			Essencial	

## Identidade

51. Você já teve dificuldade para encontrar produtos específicos para o seu tom ou tipo de pele?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não, sempre encontrei
- Nunca parei para pensar nisso
- Antigamente eu tinha mais dificuldades, mas agora encontro alguns
- Outro: \_\_\_\_\_

52. Você já teve dificuldades para encontrar produtos para o seu cabelo?\*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim *Pular para a pergunta 53*
- Não *Pular para a pergunta 54*
- Antigamente eu tinha mais dificuldades, mas agora encontro alguns  
*Pular para a pergunta 53*
- Outro: \_\_\_\_\_

## Produtos

53. Selecione produtos que você teve dificuldade para encontrar \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Shampoo
- Condicionador
- Creme de pentear
- Protetor solar
- Acessórios para cabelo
- Maquiagens
- Acessórios diversos
- Outro: \_\_\_\_\_

#### Política

54. Você localiza suas preferências políticas e sociais mais da: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Esquerda
- Direita
- Centro-esquerda
- Centro-direta
- Centro
- Esquerda radical
- Extrema direita
- Nenhum

55. Você votou nas últimas eleições? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não.
- Não, apenas justidquei.

56. Nas últimas eleições você levou em consideração às pautas sociais e raciais?\*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim, considerei ambas as pautas
- Não pensei nisso
- Sim, mas os candidatos não apresentaram pautas raciais, apenas sociais
- Pensei apenas nas questões sociais

57. Nas últimas eleições você votou em algum (a) candidato (a) negro (a)?\*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

58. Por quê?\*

*Marcar apenas uma oval.*

- Acredito que é fundamental ter a presença de pessoas negras em cargos de poder público.
- Por causa das propostas
- Por causa da representatividade
- Porque dentre as possibilidades era a menos pior
- Primeiramente porque era negra (a), mas também porque apresentava boas propostas
- Não votei em pessoas negras porque não acho isso relevante.
- Votei em um (a) candidato (a) negro (a), mas a questão racial não era relevante.
- Porque estava todo mundo falando sobre isso
-

59. Você acha que votar em candidatos(a) negros (as) pode ajudar na mudança de cenário das desigualdades sociais e raciais no Brasil?

*Marque todas que se aplicam.*

- Sim, porque acho que votar em sujeitos diferentes abre o leque de possibilidades para pensar as desigualdades sociais e raciais.
- Porque acho importante fortalecer pessoas negras em cargos de poder.
- Votei em um (a) candidato (a) negro (a) mas não acho que mudará muita coisa.
- Sim, acredito que pessoas negras na política também é uma forma de lutar contra o racismo
- Não

60. Seu candidato (a) se elegeu?\*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Não sei

---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

**Google** Formulários